

**UM ESTUDO VARIACIONISTA DE *AÍ, DAÍ, ENTÃO* E *E* COMO  
CONECTORES SEQUENCIADORES. RETROATIVO-  
PROPULSORES NA FALA DE FLORIANÓPOLIS**

por

**MARIA ALICE TAVARES**

Curso de Pós-Graduação em Lingüística

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Curso de Pós-  
Graduação em Lingüística da  
Universidade Federal de  
Santa Catarina como requisito  
para a obtenção do título de  
Mestre em Lingüística.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Edair Maria Görski**

**FLORIANÓPOLIS - 1999**

**UM ESTUDO VARIACIONISTA DE AÍ, DAÍ, ENTÃO E E COMO  
CONECTORES SEQÜENCIADORES RETROATIVO-  
PROPULSORES NA FALA DE FLORIANÓPOLIS**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Lingüística e aprovada em sua fase final pelo Curso de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina.

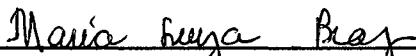


Coordenadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)


**Banca Examinadora:**



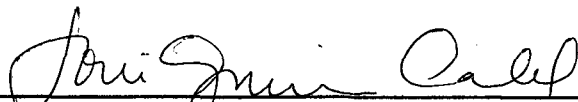
Prof<sup>a</sup> Dra. Edair Maria Görski (UFSC)  
(Orientadora)



Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Luiza Braga (UNICAMP)



Prof. Dr. Paulino Vandresen (UFSC)



Prof<sup>a</sup> Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

À professora Edair M. Görski, “orientadoramiga”, pelo auxílio em todas as etapas da realização desta pesquisa e pelo carinho e confiança “propulsores” sempre demonstrados.

Aos professores Izete L. Coelho e Paulino Vandresen, pela amizade e apoio manifestos desde o período em que fui bolsista do Projeto VARSUL.

Ao povo da sociolingüística, mestrandas e doutorandas - Adriana, Ângela, Diomara, Juçá, Mariléia, Márluce, Marisa, Tatiana e Tereza - pelo companheirismo em todas as aventuras por que passamos juntas.

Aos bolsistas e ex-bolsistas do VARSUL - Ana Luzia, Carla, Diane, Isabel, Márcio, Marcos, Murialdo, Raquel, Rosa e Simone - pela alegria e carinho contagiantes, que fazem do grupo uma família.

À Juçá F. V. Dias, pela ajuda com o *abstract*, apenas mais uma prova de amizade.

A Manoel, Danila, Regina e Aline, pela torcida de sempre e pela “força” nos momentos difíceis.

A CAPES, pelo suporte financeiro.

Agradeço.

## RESUMO

Nesta pesquisa, tratamos da função que denominamos "seqüenciação retroativo-propulsora", responsável pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, servindo o primeiro de base para o que será dito no segundo. Consideramos a função de seqüenciação retroativo-propulsora como uma das etapas do processo de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, processo que os têm transportado de empregos adverbiais para empregos gramaticais.

Unindo pressupostos teóricos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria Variacionista, analisamos as formas codificadoras da seqüenciação retroativo-propulsora, *aí*, *daí*, *então* e *e*, como variantes, verificando como se dá a influência de fatores lingüísticos e sociais sobre o seu emprego. Utilizamos dados extraídos do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul).

Os resultados obtidos por meio de análise quantitativa apontam possibilidades de especialização de *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores em contextos sociolingüísticos específicos. Esses resultados também fornecem indícios acerca dos estágios do processo de gramaticalização das formas investigadas e nos permitem aventar a hipótese de mudança em andamento, no sentido de as formas mais recentes no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora gradualmente virem a substituir as formas mais antigas.

## ABSTRACT

In this research we deal with the function we designate "seqüenciação retroativo-propulsora", which is responsible for establishing a link between a past statement and a future one. We consider the function of "seqüenciação retroativo-propulsora" as one of the stages to the process of grammaticalization of the lexical items *aí*, *daí*, *então* e *e*, a process that has conveyed these items from adverbial usages to grammatical ones.

Through the combination of theoretical presuppositions of Linguistic Functionalism and of Variacionist Theory, we analyse the codifier forms of the "seqüenciação retroativo-propulsora", *aí*, *daí*, *então* e *e*, as variants, trying to verify how they are affected by linguistic and social factors. We make use of speech data from The VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul) Project Data Base.

Our results are obtained through quantitative analysis and they show possibilities of specialization of the items of sequence *aí*, *daí*, *então* e *e*, in specific sociolinguistic contexts. These results also show some evidence about the steps of the process of grammaticalization of the forms investigated here, and allow us to assume the hypothesis of change in progress in which the newer forms of "seqüenciação retroativo-propulsora" can gradually substitute the older ones.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO 10

## CAPÍTULO I - FOCALIZANDO O FENÔMENO

1. As funções semântico-discursivas de <i>aí</i> , <i>daí</i> , <i>então</i> e <i>e</i> : itens super atarefados	12
1.1 Usos adverbiais: dêiticos e anafóricos	13
1.1.1 Dêiticos locativos	13
1.1.2 Anafóricos	15
1.1.2.1 Anafóricos locativos	15
1.1.2.2 Anafóricos temporais	15
1.2 Anafóricos discursivos	16
1.3 Modificadores	18
1.3.1 Modificadores de sintagma nominal	18
1.3.2 Intensificadores	18
1.4 Conectores	19
1.4.1 Sequênciação retroativo-propulsora	19
1.4.1.1 Sequenciadores temporais	19
1.4.1.2 Introdutores de efeito	20
1.4.1.3 Finalizadores	20
1.4.1.4 Alternativos	21
1.4.1.5 Inferidores	21
1.4.1.6 Sequenciadores textuais	22
1.4.1.7 Retomadores	24
1.4.1.8 Emprego de dois sequenciadores conjugados	25
1.4.2 Adversão	26
1.4.3 Adição	27
1.5 Outros usos	28
1.5.1 Preenchedores de pausa	28
1.5.2 Fáticos	28
1.5.3 Interjeições	29
1.5.4 Expressões diversas	29
2. Possibilidades de variação: recortando o objeto	31
3. Marcadores discursivos: um saco de gatos	31
3.1 Os três níveis de atuação de <i>aí</i> , <i>daí</i> , <i>então</i> e <i>e</i>	33
3.1.1 Nível oracional	33
3.1.2 Nível textual	34
3.1.3 Nível interacional	36
3.1.4 Outros usos interacionais	36
3.2 Possibilidades de classificação: ajustando o foco	37
4. Objetivos e hipóteses	42
4.1 Objetivos gerais e específicos	42
4.2 Hipóteses gerais e específicas	42

## **CAPÍTULO II: QUADRO TEÓRICO - EM BUSCA DE LUZ**

- 1. O funcionalismo lingüístico 44
  - 1.1 O processo de gramaticalização 46
    - 1.1.1 Metáfora *versus* metonímia 47
    - 1.1.2 A gramaticalização e o significado 50
    - 1.1.3 Os princípios da gramaticalização 51
    - 1.1.4 A discursivização 53
- 2. A teoria da variação lingüística 54
  - 2.1 A extensão 55
    - 2.1.1 Prós e contras 56
    - 2.1.2 Mais prós e contras 57
- 3. A gramaticalização e a variação 58

## **CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS - FECHANDO O CERCO**

- 1. Delimitação da variável: a questão do significado 62
- 2. Seleção das variantes: restrições 65
  - 2.1 Seqüencialidade 65
  - 2.2 Continuidade e consonância 67
  - 2.3 Presença de marca formal 68
  - 2.4 Posição 69
  - 2.5 Substituição 70
- 3. A variável dependente e as variáveis independentes 72
- 4. O *corpus* e a análise quantitativa 72

## **CAPÍTULO IV - RUMOS DA VARIAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO OU DESAPARECIMENTO?**

- 1. Variáveis lingüísticas 74
  - 1.1 Função semântico-discursiva específica 77
    - 1.1.1 Caracterização e hipóteses 77
    - 1.1.2 Resultados e discussão 81
  - 1.2 Tipo de discurso 85
    - 1.2.1 Caracterização e hipóteses 85
    - 1.2.2 Resultados e discussão 87
  - 1.3 Nível de articulação discursiva 91
    - 1.3.1 Caracterização e hipóteses 91
    - 1.3.2 Resultados e discussão 96
  - 1.4 Graus de conexão 99
    - 1.4.1 Caracterização e hipóteses 99
    - 1.4.2 Resultados e discussão 102
  - 1.5 Traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector 105
    - 1.5.1 Caracterização e hipóteses 105
    - 1.5.2 Resultados e discussão 105
  - 1.6 Aspecto verbal da oração introduzida pelo conector 107
    - 1.6.1 Caracterização e hipóteses 107
    - 1.6.2 Resultados e discussão 108

2. Variáveis sociais	109
2.1 Idade	109
2.1.1 Caracterização e hipóteses	109
2.1.2 Resultados e discussão	110
2.2 Sexo	113
2.2.1 Caracterização e hipóteses	113
2.2.2 Resultados e discussão	114
2.3 Escolaridade	116
2.3.1 Caracterização e hipóteses	116
2.3.2 Resultados e discussão	117
3. Conclusões parciais	119

## **CAPÍTULO V: ONDE IRÃO PARAR *AÍ*, *DAÍ*, *ENTÃO* E *E*?**

1. Percursos de mudança	125
1.1 O percurso de gramaticalização do <i>aí</i>	127
1.1.1 <i>Aí</i> rumo à modificação de sintagmas nominais	129
1.1.2 <i>Aí</i> rumo à conexão textual	131
1.1.3 <i>Aí</i> rumo à anáfora discursiva	134
1.1.4 Preenchedores de pausa e fáticos: discursivização	136
1.2 O percurso de gramaticalização do <i>por aí</i>	138
1.3 O percurso de gramaticalização do <i>daí</i>	139
1.4 O percurso de gramaticalização do <i>então</i>	143
1.5 O percurso de gramaticalização do <i>e</i>	147
1.6 Os empregos conjugados de <i>aí</i> , <i>daí</i> , <i>então</i> e <i>e</i>	150
1.7 Conectores interacionais	151
2. O destino de “apontar para”	152
3. Do espaço externo para o espaço textual	154
4. O percurso no plano da conexão textual: rumo à abstratização	155

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

159

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

164

## **ANEXOS**

170



# LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

## QUADROS

- Quadro 1:** Funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* na fala de Florianópolis
- Quadro 2:** Níveis de codificação lingüística
- Quadro 3:** Recorte de um ponto de variação ao longo do contínuo de mudança
- Quadro 4:** Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais
- Quadro 5:** Distribuição de *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto à marcação
- Quadro 6:** Distribuição das funções semântico-discursivas quanto à marcação
- Quadro 7:** Distribuição de *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto às funções semântico-discursivas específicas
- Quadro 8:** Distribuição dos tipos de discurso quanto à marcação
- Quadro 9:** Fragmentação em tópicos, subtópicos e segmentos tópicos de parte da entrevista FLP 18
- Quadro 10:** Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto ao fator idade
- Quadro 11:** Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir dos resultados obtidos na análise dos grupos de fatores lingüísticos
- Quadro 12:** Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir dos resultados obtidos na análise dos grupos de fatores sociais
- Quadro 13:** Percurso de gramaticalização do *aí*
- Quadro 14:** Percurso de gramaticalização do *por aí*
- Quadro 15:** Percurso de gramaticalização do *daí*
- Quadro 16:** Percurso de gramaticalização do *então*
- Quadro 17:** Percurso de gramaticalização do *e*
- Quadro 18:** Etapas da gramaticalização de *aí*, *daí* e *então* rumo à conexão textual
- Quadro 19:** Distribuição das funções semântico-discursivas quanto à abstração e a complexidade
- Quadro 20:** Distribuição dos conectores e subfunções seqüenciadoras em estudo quanto ao grau de gramaticalização

## TABELAS

- Tabela 1:** Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *aí*
- Tabela 2:** Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *daí*
- Tabela 3:** Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *então*
- Tabela 4:** Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *e*
- Tabela 5:** Rodada enéaria para a função semântico-discursiva específica de *aí*, *daí*, *então* e *e*
- Tabela 6:** Influência do tipo de discurso na escolha da variante *aí*
- Tabela 7:** Influência do tipo de discurso na escolha da variante *daí*
- Tabela 8:** Influência do tipo de discurso na escolha da variante *então*
- Tabela 9:** Influência do tipo de discurso na escolha da variante *e*

**Tabela 10:** Rodada eneária para o tipo de discurso

**Tabela 11:** Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *aí*

**Tabela 12:** Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *daí*

**Tabela 13:** Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *então*

**Tabela 14:** Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *e*

**Tabela 15:** Rodada eneária para o nível de articulação discursiva

**Tabela 16:** Influência dos graus de conexão na escolha da variante *aí*

**Tabela 17:** Influência dos graus de conexão na escolha da variante *e*

**Tabela 18:** Influência do traço semântico verbal na escolha da variante *aí*

**Tabela 19:** Influência do traço semântico verbal na escolha da variante *e*

**Tabela 20:** Influência do aspecto verbal na escolha da variante *aí*

**Tabela 21:** Influência do aspecto verbal na escolha da variante *então*

**Tabela 22:** Influência da idade na escolha da variante *aí*

**Tabela 23:** Influência da idade na escolha da variante *daí*

**Tabela 24:** Influência da idade na escolha da variante *então*

**Tabela 25:** Influência da idade na escolha da variante *e*

**Tabela 26:** Rodada eneária para o fator "idade"

**Tabela 27:** Influência do sexo na escolha da variante *aí*

**Tabela 28:** Influência do sexo na escolha da variante *daí*

**Tabela 29:** Influência do sexo na escolha da variante *então*

**Tabela 30:** Cruzamento entre sexo e idade para o *aí*

**Tabela 31:** Cruzamento entre sexo e idade para o *então*

**Tabela 32:** Comparação da influência do sexo no uso de *aí*, *daí* e *então*

**Tabela 33:** Influência da escolaridade na escolha da variante *aí*

**Tabela 34:** Influência da escolaridade na escolha da variante *então*

**Tabela 35:** Influência da escolaridade na escolha da variante *e*

**Tabela 36:** Comparação da influência da escolaridade no uso de *aí*, *então* e *e*

## GRÁFICOS

**Gráfico 1:** Comparação da influência da função semântico-discursiva no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

**Gráfico 2:** Comparação da influência do tipo de discurso no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

**Gráfico 3:** Comparação da influência do nível de articulação discursiva no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

**Gráfico 4:** Comparação da influência da idade no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*

## INTRODUÇÃO

*Aí, daí, então* e *e* são muito recorrentes na fala, como atestam as entrevistas pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul). Desempenham diversas funções semântico-discursivas, como apontamento dêitico, apontamento anafórico, modificação e intensificação de itens lingüísticos, manutenção de turnos, conexão entre orações ou partes maiores do texto, uso em que indicam relações como seqüenciação, adição e adversão entre informações, entre outras.

O fato de *aí, daí, então* e *e* terem uma origem adverbial e de partilharem funções constitui-se em indício de que passaram por um mesmo processo, o processo de gramaticalização, pelo qual seus vários empregos gramaticais derivam dos empregos adverbiais. A gramaticalização é um processo de mudança lingüística que pode ser entendido no sentido clássico de Kurylowicz: “A gramaticalização consiste no aumento do grau de avanço de um morfema de um *status* lexical para um gramatical ou de um *status* menos gramatical para um mais gramatical” (1965, apud Heine et alii, 1991:3). É possível também que os itens lingüísticos em questão estejam sofrendo um processo de discursivização, que se segue ao de gramaticalização, levando-os a perderem características gramaticais rumo a um nível mais interacional.

Ao longo das trajetórias de gramaticalização e discursivização, prevemos a existência de diversos pontos de variação entre as formas sob enfoque: as quatro passam por percursos semelhantes de mudança, adquirindo algumas funções em comum, e tornam-se, assim, interessantes candidatas para um tratamento variacionista. Dada a possibilidade de haver mais de um uso em que *aí, daí, então* e *e* estejam em variação, optamos por delimitar um deles para estudarmos mais aprofundadamente: os usos conectivos, definindo como variável a seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala, isto é, a seqüenciação de informações pelo estabelecimento de uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, servindo o primeiro de base para o que será dito no segundo. Propomo-nos, portanto, a tratar as formas codificadoras da seqüenciação retroativo-propulsora como variantes, realizando um estudo variacionista no âmbito sintático-discursivo, com a análise das influências de fatores lingüísticos e sociais sobre o emprego desses mecanismos gramaticais de organização textual.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dados referentes ao *corpus* da região urbana do município de Florianópolis, um dos *corpora* integrantes do Banco de Dados do Projeto VARSUL. Analisamos trinta e seis entrevistas de trinta e seis informantes nativos de Florianópolis, estratificados de acordo com as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade.

Organizamos esta dissertação em cinco capítulos. No primeiro, descrevemos e exemplificamos a multiplicidade de funções de *aí*, *daí*, *então* e *e*. A seguir, apresentamos as razões que nos motivam a optar por uma delas, a seqüenciação retroativo-propulsora, como objeto de estudo mais específico desta pesquisa. Além disso, discutimos a controversa questão da definição e denominação dos itens sob enfoque quando desempenhando funções no plano da conexão textual e propomos sua distribuição em três níveis de atuação: oracional, textual e interacional. Delineamos, ainda, os objetivos e hipóteses que guiam nossa investigação.

O segundo capítulo leva a cabo a tarefa de apresentar o quadro teórico em que se insere esta pesquisa, constituído pela associação de postulados do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria Variacionista. O Funcionalismo Lingüístico amplia os níveis de abrangência da gramática, possibilitando-nos reunir conectores oracionais e textuais, e prevê a possibilidade de variação como consequência da gramaticalização. A Teoria Variacionista permite-nos descrever fenômenos de variação e mudança lingüística, buscando seus fatores condicionantes.

O terceiro capítulo é dedicado à delimitação das variantes a partir do estabelecimento de restrições de naturezas diversas, que servem para barrar possíveis formas concorrentes à variação que possam se caracterizar como casos duvidosos ou mesmo como não variantes. Em seqüência à delimitação das variantes, especificamos os grupos de fatores condicionadores a serem testados e caracterizamos o *corpus* selecionado para esta investigação. Descrevemos rapidamente o programa VARBRUL 2S (Pintzuk, 1988), que forneceu os resultados estatísticos nos quais baseamos nosso estudo quantitativo.

No quarto capítulo, analisamos, a partir de tratamento estatístico, o fenômeno de variação lingüística entre as formas codificadoras da função de seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala. Levantamos os fatores condicionadores de natureza lingüística e social que influenciam o aparecimento das formas seqüenciadoras, caracterizando e discutindo os contextos de emprego preferenciais de cada uma delas. Buscamos também averiguar se o fenômeno investigado comporta-se como variação estável ou se há indícios de que se trata de um caso de mudança em tempo aparente.

Finalmente, no quinto capítulo, descrevemos possíveis percursos seguidos por *aí*, *daí*, *então* e *e* em sua passagem pelo processo de gramaticalização e pelo processo de discursivização, refletindo acerca das mudanças por que passam esses itens até seu uso como seqüenciadores retroativo-propulsores, objeto mais específico deste trabalho, bem como mudanças que ocorrem a partir desse uso seqüenciador. Identificamos também propriedades em comum a todas as funções desempenhadas por *aí*, *daí*, *então* e *e*, oriundas das funções-fonte adverbiais.

## CAPÍTULO I - FOCALIZANDO O FENÔMENO

Neste capítulo inicial, recebe destaque a multiplicidade de usos de *aí*, *daí*, *então* e *e*, com a descrição e exemplificação de suas diferentes funções semântico-discursivas mapeadas em nosso *corpus*. Subseqüentemente, definimos qual das funções tomaremos como objeto do estudo variacionista. A par disso, discutimos a controversa questão da definição e denominação dos itens sob enfoque. Apresentamos, ainda, os objetivos e hipóteses que guiarão esta investigação.

### 1. As funções semântico-discursivas de *aí*, *daí*, *então* e *e*: itens super atarefados

Iniciamos a focalização do nosso objeto de estudo apresentando a classificação das formas *aí*, *daí*, *então* e *e* de acordo com as gramáticas normativas. Nas que pesquisamos, encontramos definições do *e* como conjunção aditiva<sup>1</sup> e do *então* como advérbio de tempo<sup>2</sup>, palavra denotativa de situação<sup>3</sup>, conjunção conclusiva<sup>4</sup> e conjunção aproximativa.<sup>5</sup> Em relação a *aí* e *daí*, as gramáticas nada informam sobre usos que fujam ao escopo adverbial. *Aí* é considerado somente como advérbio de lugar<sup>6</sup> e *daí* sequer é mencionado.

Entretanto, mapeamos, na fala de Florianópolis, *aí*, *daí*, *então* e *e* atuando em diversas funções semântico-discursivas, a maioria não abordada pelas gramáticas normativas. Descrevemos e ilustramos, a seguir, tais funções. Nos casos em que uma delas não é desempenhada pelos quatro vocábulos, exemplificamos apenas com aquele(s) que a desempenha(m). Apresentamos também alguns dados criados por nós, referentes a funções existentes na língua portuguesa, mas não em nosso *corpus*, funções que são importantes para o estudo do processo de gramaticalização das unidades linguísticas em análise.

Descrevemos inicialmente os dêiticos locativos, os anafóricos locativos e os anafóricos temporais (funções adverbiais), a que se seguem os anafóricos discursivos. Passamos então ao modificador de sintagma nominal e ao intensificador (funções modificadoras). Na seqüência, apresentamos as funções desempenhadas pelas formas sob pesquisa no plano da conexão textual: seqüenciadores temporais, introdutores de efeito, finalizadores, alternativos, inferidores, seqüenciadores textuais e retomadores. Destacamos também o emprego conjugado de dois conectores, bem como usos conectivos não seqüenciadores: conectores adversativos e aditivos. Além disso, descrevemos

<sup>1</sup> Cegalla, 1977; Cunha, 1994; Rocha Lima, 1972.

<sup>2</sup> Cegalla, 1977; Cunha, 1994; Rocha Lima, 1972.

<sup>3</sup> Cunha, 1994; Sacconi, 1976; Savioli, 1980.

<sup>4</sup> Savioli, 1980; Silveira Bueno, 1963.

<sup>5</sup> Silveira Bueno, 1963.

<sup>6</sup> Cegalla, 1977; Rocha Lima, 1972; Sacconi, 1976.

os usos como preenchedores de pausa, fáticos, interjectivos e em expressões diversas.

## 1.1 Usos adverbiais: dêiticos e anafóricos

*Aí, daí* e *então* advérbios são empregados nos planos dêitico e anafórico, como indicadores de lugar e/ou tempo. Segundo Schiffrin (1987:246), dêiticos temporais relacionam o tempo da fala ao tempo da proposição, ao passo que anafóricos temporais marcam a conexão temporal entre dois eventos lingüísticos. Definição semelhante pode ser dada aos dêiticos e anafóricos locativos: dêiticos locativos relacionam a proposição a um espaço exterior ao texto, enquanto anafóricos locativos relacionam a proposição a um espaço interno ao texto. Enfim, dêiticos apontam para o mundo, para as circunstâncias da fala, e anafóricos apontam para um elemento mencionado anteriormente no texto.<sup>7</sup>

### 1.1.1 Dêiticos locativos

No papel de dêitico locativo, encontramos apenas o *aí*, que transmite uma circunstância espacial à proposição, localizando pontos no espaço como próximos ao ouvinte, com valor de *nesse lugar* (1); indicando o espaço em que o falante e ouvinte estão, com valor de *aqui, neste lugar* (2); ou apontando genericamente para o mundo, com valor de *no mundo, em qualquer lugar do mundo* (3). Junto à preposição *por*, indica percurso que se inicia em algum ponto situado próximo ao ouvinte ou próximo a falante e ouvinte (4) ou indica um percurso ou lugar genérico, com valor de “por qualquer lugar”, “por qualquer caminho” (5). Vejam-se:<sup>8</sup>

(1) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto.  
Eu disse: “Meu filho, [não]- não senta **Aí** que tu não estás com equilíbrio bom.”  
(FLP 13, L 831)

(2) Outra vez trouxemos **Aí** o pessoal [da]- do Conselho Estadual de Entorpecentes, com vários técnicos. Inclusive trouxemos aqui a professora I., lá da Universidade, e outro pessoal da área social pra participar também. (FLP 21, L 1012)

<sup>7</sup> Ressaltamos que a distinção entre dêiticos e anafóricos não é pacífica. Por exemplo, Marcuschi (1997) considera aquilo que denominamos ‘anáfora discursiva’ como ‘dêixis discursiva’ (cf. seção 1.2 a seguir). Optamos por considerar dêiticos itens que apontam para lugar ou tempo do mundo externo e anafóricos itens que apontam para lugar ou tempo antes mencionados no texto, bem como itens que apontam para informações mencionadas anteriormente. Essa opção vai ao encontro de uma das etapas da gramaticalização de conectores proposta por Heine et alii (1991a:182), segundo a qual elementos dêiticos costumam originar elementos anafóricos. Temos por hipótese que os empregos anafóricos discursivos de *aí* e *daí* sejam oriundos do seu emprego como anafóricos locativos, por sua vez advindos dos empregos dêiticos locativos (cf. quinto capítulo), em um percurso ‘dêixis locativa → anáfora locativa → anáfora discursiva’. Se optássemos pela denominação de dêiticos discursivos, teríamos um percurso ‘dêixis locativa → anáfora locativa → dêixis discursiva’, o que parece ir de encontro à proposta de Heine et alii, pois haveria um retorno da anáfora para a dêixis.

<sup>8</sup> O código que segue o trecho da entrevista a identifica. Por exemplo, (FLP 18, L 1057) = informante de Florianópolis, entrevista número 18, linha 1057.

(3) F: É, mas se você souber [a cau-->]- a causa disso, [o]- o mundo hoje estava-

E: Seria outra coisa, né?

F: Seria outra coisa. Não poderíamos, de jeito nenhum, a transformação que a gente está vendo AÍ. Então não há mais respeito por mais nada. (FLP 13, L 1250)<sup>9</sup>

(4) Pra ir pra praia é POR AÍ. Segue esta rua, que chega lá num instante. (dado nosso)

(5) Eu não te quero mais aqui dentro de casa, e, se não saíres tu, saio eu. Eu passo a mão nas crianças e saio, saio POR AÍ. Nós vamos dormir até debaixo [de um]- da ponte. (FLP 03, L 745)

*Aí*, com valor de *nesse lugar*, também pode ser empregado junto a outro locativo, como em (6), caso em que parece atuar como um especificador do adjunto adverbial ao qual acompanha, intensificando o caráter dêitico deste; ou como em (7), em que o locativo que se segue a *aí* parece especificá-lo. Ou seja, se *aí* ocupa a primeira posição no sintagma adverbial, é o item especificado, se ocupa a última posição, é o especificador.

(6) Não, [aqui tem]- aqui tem, mas tem que tomar cuidado. A senhora não vai (inint) andar com um mundo de dinheiro (inint) dentro DESSA BOLSA AÍ. Tem que segurar a bolsa. (FLP 06, L 510)

(7) Eles estavam fazendo renda, daqui a pouco saía aquela barulhada, aquelas gargalhadas, aí ela diz que ia (inint): “Quem que está AÍ NA RUA?” (FLP 08, L 500)

Há usos de *aí* e *por aí* dêiticos locativos genéricos com o significado de “abandonado”, “ao léu”, como em (8) e (9):

(8) Ela sempre avisava pra mim: “Porque depois eles te arranjam um filho e te deixam AÍ, tu ficas AÍ, precisas de nós. Com filho, com criança pequena e sozinha AÍ.” (FLP 08, L 771)

(9) Ela assim: “Tu não vens namorar com esses mata-cachorros aí, com esses mata-cachorros, (inint) filho, vão te deixar POR AÍ.” (FLP 08, L 793)

<sup>9</sup> E é o código que identifica o entrevistador e F é o código atribuído ao informante.

## 1.1.2 Anafóricos

### 1.1.2.1 Anafóricos locativos

*Aí* anafórico locativo está em relação de correferência com um lugar mencionado anteriormente no discurso, com valor de *nesse lugar* (antes referido) (10). Junto à preposição *por*, aponta para um percurso já referido (11), revelando, em alguns casos, incerteza por parte do falante quanto a certa localização antes nomeada (12). Seguem-se os exemplos:

(10) Onze e pouco da noite. Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. *Aí* procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, *Aí* que ele estava. (FLP 03, L 889)

(11) Pega a SC 401 e segue, entra no túnel. Após passar o túnel, dobra à direita, chegando na Estrada Geral do Cacupé. Então segue essa Estrada até a primeira rua à direita. No centro dessa rua fica a Colônia de Férias do SESC. *POR AÍ* é mais fácil chegar no SESC do que passando por Santo Antônio. (dado nosso)

(12) F: (...) mas nós éramos muito pequenos, a gente ia pra lá assim- Então [não]- não lembro. E hoje ela não tem mais, né?

E: É lá pro lado [do]- da Enseada de Brito, depois?

F: É, eu acho que é mais ou menos *POR AÍ*. (FLP 01, L 1095)

### 1.1.2.2 Anafóricos temporais

*Aí* e *então* anafóricos temporais apontam para um passado nomeado anteriormente (valor de *nesse/naquele tempo/momento*, *nessa/naquela época/ocasião*). Ou seja, indicam a relação temporal entre as proposições, revelando a conexão temporal entre eventos internos ao discurso. Exemplos:

(13) *Aí*, quando eu soube, *aí* eu faltei o serviço. Eu não tinha dinheiro, arrumei dinheiro [pra]- pra pegar ônibus, né? e até pra comprar alguma coisa pra ele lá. Mas, até *Aí* eu não estava sabendo diretamente que ele tinha amante. (FLP 03, L 877)

(14) Depois que ele morreu, né? Que *Aí* elas já eram mais ou menos moças, né? Tinham os seus quinze, dezesseis anos, *Aí* que começaram a namorar. (FLP 18, L 1161)

(15) Fui até o DETRAN, ele me levou, chegou lá, me mostrou, não me apresentou, me mostrou como é que tinha que fazer a papelada. "Ó, é assim, é assado", e coisa. Que eu também era marinho de primeira viagem [até]- até *ENTÃO*. (FLP 02, L 1269)

(16) Na infância, entre os catorze, quinze anos, *ENTÃO* a gente não tinha, assim, como [essas<crian->]- essas pessoas que têm malícia na cabeça, né? (FLP 10, L 775)



Os anafóricos temporais podem ser distinguidos em subtipos, conforme apontem para um passado mencionado anteriormente de modo mais ou menos pontual. Por exemplo, em (14), o primeiro *aí* recupera uma informação específica - “depois que ele morreu” - como marco temporal para “elas já eram mais ou menos moças”. Já em (13), *aí* recupera uma série de informações - “quando eu soube, *aí* eu faltei o serviço. Eu não tinha dinheiro, arrumei dinheiro [pra]- pra pegar ônibus, né? e até pra comprar alguma coisa pra ele lá” - como marco temporal da informação “eu não estava sabendo diretamente que ele tinha amante”, ou seja, trata-se de uma indicação temporal constituída não por um elemento específico, mas por uma série de informações não identificáveis em um ponto específico do discurso.

## 1.2 Anafóricos discursivos

Anafóricos discursivos apontam para algo não pontualmente identificável, orientando o foco de observação e atenção do leitor para partes do discurso. Neste papel, *aí* (exemplo 17) e *daí* (exemplo 18) apontam para uma informação mencionada anteriormente, colocando-a em destaque (valor de *nessa situação, nesse caso*).

(17) E: O que que precisaria acontecer no Brasil pra te tocar, doer?

F: O quê? **Aí** não sei. *Aí- É [tão]- tão difícil me fazer chorar.* (FLP 07J, L 1267)<sup>10</sup>

(18) É, o certo seria dar uma educação pra essas pessoas, né? e mostrar [que]- que se eles quiserem não adianta só [pegar]- [é]- [um monte]- pegar e tirar a água do poço, deixar o poço secar, tem que tirar aos poucos, [tem que]- tem que, no caso- Tinha que ter um preço mais baixo, porque **DAÍ** ganhava agora, todo mundo ganhava e no ano que vem ganhava também. (01J, L 1216)

Os anafóricos discursivos recuperam informações anteriores não específicas, semelhantemente a um dos subtipos da anáfora temporal (cf. exemplo (13) em 1.1.2.2). No entanto, a natureza da informação recuperada é diferente: anafóricos temporais apontam para eventos que representam uma localização temporal, ao passo que anafóricos discursivos apontam para situações narradas pelo falante ou opiniões emitidas por este.

Junto à preposição *por*, *aí* anafórico discursivo pode indicar um ponto no discurso - um evento, um argumento (como em (19)), ou apontar para tudo o que foi dito anteriormente (como em (20)), com valor de *o que eu penso é* (ou *não é*) *por aí*.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> A letra J após o número da entrevista significa que o informante pertence à faixa etária de 15 a 24 anos (jovem).

<sup>11</sup> *Aí* e *por aí* também podem ter valor de *acerca de, por volta de*. Exemplo: “(...) a vida, **Aí** uns setenta, [<an->]- cem anos atrás era dura.” (FLP 08, L 1137); “Na década de sessenta, ou seja, **Aí** entre sessenta e quatro a setenta, o Saco dos Limões construiu o Clube Cultural e Recreativo Limoense.” (FLP 21, L 770); “Até crescer, depois tem que- Já está [com]- com recheio, **daí** ainda cresce ainda, acho que é por uma hora, **POR AÍ**.” (FLP 07J, L 1039)

(19) Acho que melhorou bastante. (inint) Melhorou em tudo, tudo, tudo. Melhorou no trabalho, que as mulheres não trabalhavam, né? Começando POR AÍ. (FLP 08, L 1026)

(20) E: Aí também pode ficar um ciclo, né? Eu mato alguém, alguém me mata.

F: É, é claro. Pra matar alguém porque ele matou o meu irmão, não tem? Mas (hes) coisa vem do lado de lá, porque eu matei ele- Então isso aí [não]- não é POR AÍ. (FLP 14, L 390)

O *aí* junto a pronomes demonstrativos como *isso*, *essa*, *nisso* constitui uma expressão anafórica discursiva que põe em foco um ponto do texto antes referido, por exemplo, um argumento, um fato. O *aí*, neste caso, reforça o caráter focalizador do pronome demonstrativo.

(21) Tu queres ver, [outro]- outro canal, mostrar um filme [mais]- mais forte, aí a [outra]- outra novela é mais forte pra trazer o público. ISSO AÍ, eu acho que está muito errado, que ela está pensando no público que analisa a televisão, e não no público infantil, que vê a coisa totalmente diferente. Eu acho que alguém teria que mexer NISSO AÍ. (FLP 14, L 321)

(22) Eu até- Eu [dou]- dou apoio (hes) nessa situação, no caso, os dois trabalharemos juntos. Mas têm muitos que não admitem ISSO AÍ. Eu admito, mas muitos não admitem. (FLP 19, L 1328)

A estrutura formada pelo pronome demonstrativo *isso* mais o *aí* junto ao verbo *ser* serve para indicar concordância do falante relativamente a algo dito por seu interlocutor, como em (23); e para marcar o encerramento de um tópico até então em curso na fala, como em (24):

(23) E: Todo mundo trabalha junto.

F: É ISSO AÍ. É, assim, na cozinha, pra mexer ali mais na coisa de cozinha tem só um moço ali. (FLP 07, L 1118)

(24) E a carne, tu compras um quilo e tu comes duas vezes, né? e o peixe não. O peixe é aquilo ali, num instantinho vai e pronto. É ISSO AÍ. (FLP 11, L 1117)

O *daí* anafórico discursivo tem usos peculiares, com valor de *dessa questão/argumento/fato segue-se que/vem...*

(25) I: Agora, A., o fechamento sempre existiu. Porque eu digo pelo casamento (inint) tanto a N.

F: A irmã do meu avô.

I: A irmã do teu avô. Tanto a N. como a mamãe, que era a irmã, elas foram mais marcadas.

F: Ah, isso foi, é. Discriminação.

I: [Aceitação]- aceitação da família. Mamãe sempre dizia: "Vocês casem (inint)."

F: [É daí]- **DAÍ** também esse (“entroncamento”) que houve, né? na família. **DAÍ** veio isso. Eles não procuravam pessoas assim estranhas, porque as que tinham procurado tinham levado na cabeça. (FLP 22, L 769)<sup>12</sup>

(26) [A]- a mulher não tem, nem pai nem mãe, não tem autoridade sobre os filhos. **DAÍ** que vai se formando essa geraçãozinha cada vez [mais]- mais (hes) perversa, né? perversa, perversidade. (FLP 22, L 1188)

### 1.3 Modificadores

#### 1.3.1 Modificadores de sintagma nominal

*Aí* desempenha função modificadora do sintagma que o antecede, com valor de *qualquer, comum*. Na verdade, faz parte do sintagma nominal ao qual modifica, o que pode ser comprovado mediante a alteração da posição ocupada pelo sintagma nominal na oração: *aí* sempre o acompanha.

(27) Era coisa gostosa. Hoje, se você vai numa festinha **AÍ**, numa festinha de rua **AÍ**, a gente vê é safadeza, é avacalhação. (FLP 04, L 597)

(28) Pelo seguinte: porque eu casava como marinheiro e ia destacado por um lugar **AÍ**, [ia <via->]- viajava na [terceira classe]- terceira classe. Mulher lá não. (FLP 06, L 621)

(29) Eu [dizia pra eles]- chegava pra eles, dizia: “Não, eu peguei um bicozinho **AÍ** pra uma pintura de uma casa, são dois pintores” “Sim, e o outro?” “O outro está aí.” (FLP 13, L 977)

#### 1.3.2 Intensificadores

*Então* intensificador “intensifica”, isto é, ressalta uma informação acerca do elemento que possui por escopo, relativamente a outros elementos. Apresenta valor de *mais ainda/ainda mais* ou *principalmente*. Nos exemplos a seguir, *então* intensifica o que se fazia na Marinha em comparação ao que se fazia na casa da avó (30), a opinião do avô em relação à opinião do pai (31), o uso de carros em relação ao uso de ônibus e microônibus (32):

(30) Avó é avó, gosta dos seus netos, bastante neto, né? Mas era muito auê, muito auê. E era bacana. Na Marinha **ENTÃO**, o que a gente fazia, nossa! Isso quando nós não íamos, de manhã cedo, tomar café na Marinha, com ovo. (FLP 01, L 1368)

(31) Minha mãe às vezes não gostava muito não, mas o meu pai achava lindo, maravilhoso. O meu avô **ENTÃO** achava maravilhoso, coisa mais linda do mundo. (FLP 01, L 245)

<sup>12</sup> I é o código usado para marcar a fala de um indivíduo interveniente, isto é, não se trata do entrevistador nem do entrevistado.

(32) Aqueles profissionais lá ganhavam três por um. E ainda têm condução. Iam, voltavam, iam e voltavam, condução: ônibus, microônibus, né? carros ENTÃO, credo! (FLP 06, L 486)

## 1.4 Conectores

*Aí, daí, então* e *e* conectam orações ou partes maiores do discurso, desempenhando as seguintes funções semântico-discursivas: seqüenciação retroativo-propulsora, adversão, adição. Algumas dessas funções são comuns aos quatro conectores.

### 1.4.1 Seqüenciação retroativo-propulsora

*Aí, daí, então* e *e*, em grande parte de seus usos como conectores, ao mesmo tempo em que introduzem informações<sup>13</sup> no discurso, seqüenciam-nas, estabelecendo uma ponte entre um enunciado passado e um futuro, no sentido em que o primeiro serve de base para o que será dito no segundo. Ou seja, apontam para trás para estabelecer sucessão entre eventos, idéias, tópicos, ações.<sup>14</sup> Essa "(...) invariável ancoragem em instância preliminar do discurso, viabilizando a continuidade deste sempre em perfeita consonância com uma seqüência informacional já posta" (Risso, 1996:431), presente nos empregos conectivos de *aí, daí, então* e *e*, é responsável pelo efeito de previsibilidade obtido pela sua utilização: eles geram a expectativa de que algo novo será posto no discurso, em continuidade e consonância com o já dado: realizam uma seqüenciação retroativo-propulsora.

São conectores seqüenciadores retroativo-propulsores os *aí, daí, então* e *e* seqüenciadores temporais, introdutórios de efeito, finalizadores, alternativos, inferidores, seqüenciadores textuais e retomadores. Esses subtipos de seqüenciadores retroativo-propulsores, descritos a seguir, foram depreendidos e receberam sua denominação no decorrer da análise dos dados.

#### 1.4.1.1 Seqüenciadores temporais

*Aí, daí, então* e *e* seqüencializam temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo (valor de *a seguir, depois*), isto é, indicam que o evento B acontece depois do evento A. Os eventos encadeados pelos seqüenciadores temporais seguem-se imediatamente um ao outro sem a intervenção de digressões, diferenciando-se assim dos retomadores (cf. 1.4.1.3).

<sup>13</sup> Por informação compreendemos fatos/eventos e argumentos/idéias.

<sup>14</sup> Eventos, idéias, tópicos e ações são relacionados temporalmente porque manifestam uma ordem linear de acordo com alguma propriedade que exibem. Eventos, por exemplo, são ordenados temporalmente de acordo com o momento em que ocorrem no mundo real; tópicos ou idéias podem se preceder ou seguir logicamente um ao outro; ações podem produzir um certo resultado somente se desempenhadas numa ordem particular (Shiffrin, 1987:262).

(33) “Ela está lá na casa da Maria dos Anjos”, disse uma outra amiga minha. Aí ela foi lá na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava na casa da Maria dos Anjos. (FLP 08, L 831)

(34) Daí a gente não ficou nem cinco minutos no shopping. Aí na porta a gente viu um monte de gente assim, polícia parada, o corpo de bombeiros, ambulância. DAÍ a gente parou o carro e atravessou pra ver o que era, né? pegando a Via Expressa, perto do Angeloni. (FLP 08J, L 1067)

(35) Botava o espetinho, assim, dentro do fogão á lenha, que na época não existia fogão a gás. Botava, assim, deixava assar aquela manta de carne seca. ENTÃO ela passava a mão, dividia aquele alguidar em- Lógico, ela não botava até em cima, botava até certa altura. (FLP 02, L 1081)

(36) Aí a gente vai costurando assim: “Mas eu quebrei aqui a perna, machucada assim.” Que a gente botava nem (inint). “Carne quebrada, que foi?” E a pessoa responde, a pessoa que está machucada: “Carne quebrada”, né? “Carne quebrada eu coso, eu descoso, em nome de Deus e de São Bertuoso.” (FLP 08, L 619)

#### 1.4.1.2 Introdutores de efeito

*Aí, daí, então* e e introdutores de efeito introduzem informações que representam consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente (valor de *por isso, portanto*) - relação de implicação entre eventos ou argumentos. Consideramos a introdução de efeito como pertinente à sequenciação retroativo-propulsora, estando a idéia de sequência embuída na relação de precedência da causa sobre a consequência.

(37) Eles botaram ela, assim, num monte de aparelhos, sabe? Aí ela deu uma melhorazinha. (FLP 03, L 1222)

(38) Daí cada semana, porque é toda segunda-feira, aí cada segunda um aluno que dá aula. DAÍ vai ficando uma coisa diferente, vai ficando legal, não vai ficando uma coisa chata, monótona. (FLP 08J, L 659)

(39) Ah, tu estás com fome, tu estás olhando, ENTÃO agora tu vais comer. Agora tu vais comer tudo. (FLP 01, L 488)

(40) A população nativa, do interior da Ilha, não foi alertada pra isso, não foi educada pra isso. E hoje assistimos várias famílias nativas de Florianópolis na miséria porque venderam [o seu]- as suas terras por preços insignificantes, né? (FLP 21, L 702)

#### 1.4.1.3 Finalizadores

*Aí, daí, então* e e sequenciadores finalizadores introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico, podendo manifestar idéia de conclusão (como um introdutor de efeito). Geralmente, ocorre em tal oração a

presença de elementos anafóricos (como “isso”, “essa”, etc). Seguem-se os exemplos:

(41) É “Mulheres sem dono”. É prostituição mesmo, assim. É mulher que- Até está lá em casa. Até vou trazer pra tu leres um dia. Deixa eu terminar que ainda não terminei o livro. Mas é baseado em prostituição, não tem? A mulher do cara viaja, ele vai encontrar com ela. Aí ela estava [no]- [no]- [tipo]- Como é que [ela]- ela veste? Aí é baseado nisso aí. (FLP 16, L 1019)

(42) Tem que ir bem correndo, assim, né? Daí os carros atrapalham a gente, dão muita volta, tem que esperar. DAÍ isso é ruim, né? (FLP 03J, L 1313)

(43) Eu, por exemplo, tinha uma senhora de uns setenta anos que comprava comigo, era minha cliente. Não comprava com outra pessoa a não ser comigo. Ela acostumou. (...) Pessoa de idade é assim: ela gosta duma pessoa, e se pega a firmeza naquela pessoa, ela- ENTÃO o comércio era assim. (FLP 04, L 985)

(44) F: Ela até tinha um irmão que tocava, tocava bandolim. E ele gostava muito de serenata, então diz que amanheciam na rua fazendo aquelas serenatas.

E: Mas era qualquer pessoa?

F: É, mas decerto não iam, assim, na casa de um amigo, né? Os moços faziam pras namoradas. E era assim. (FLP 15, L 978)

#### 1.4.1.4 Alternativos

*Então* alternativo introduz, juntamente com a conjunção *ou*, uma informação que representa uma opção, uma outra possibilidade em relação a uma informação dada anteriormente (*A ou então B*). Neste papel, *então* intensifica a articulação disjuntiva das orações que exprimem as duas opções, acentuando a idéia de exclusão de uma delas. Risso (1996:430) considera a estrutura em que aparece o *então* alternativo como síntese final de uma estrutura que, em sua forma plena, traria explícita a mesma relação estabelecida pelo *então* conclusivo, algo como “ou x, ou se não x, então y” (isto é, “se p, então que”). Neste caso, tratar-se-ia um seqüenciador retroativo-propulsor: a conclusão se segue à informação anterior.

(45) São sete gatos, a minha mãe adora gato, dorme tudo com ela, OU ENTÃO dorme tudo comigo, sempre assim. (FLP 05J, L 953)

#### 1.4.1.5 Inferidores

O *então* seqüenciador inferidor introduz uma informação que representa uma inferência, uma conclusão feita pelo falante a partir da fala de seu interlocutor, levando o discurso a sua continuidade. A informação não fora mencionada anteriormente, mas depreendida do que foi dito, isto é, constitui uma conclusão extraída das palavras do interlocutor, tendo também por base o fundo de conhecimento comum entre os participantes da conversa, oriundo da experiência compartilhada no mundo sócio-cultural. Geralmente a sentença

introduzida pelo inferidor possui entonação interrogativa: o falante, ao mesmo tempo em que infere, solicita a confirmação de sua inferência. O *então* inferidor, por seu caráter conclusivo, pode ser definido como um introdutor de efeito interturno. Exemplo:

(46) E: A senhora tem filhos?

F: Tenho. Tenho cinco filhos.

E: É? Qual a idade deles?

F: Olha, eu tenho uma filha [com]- [ela vai fazer]- é, não, eu acho que ela fez trinta e oito anos. E tenho um filho com trinta e seis, tenho outra filha com trinta e quatro, outro filho com trinta. Eu já disse quatro, né? e tem o mais moço [com]- vai fazer vinte e nove anos.

E: **ENTÃO** a senhora já tem netos?

F: Ah, já. Tenho nove netos. Eu tenho um neto com doze anos. (FLP 15, L 076)

Pedidos de confirmação de inferência com o *então* podem ser empregados em contextos argumentativos em que um dos participantes encontra uma justificativa para sua própria opinião na fala do oponente, pondo em xeque afirmações deste. Segundo Risso (1996:445), este *então* pode servir para que o falante tente direcionar argumentativamente as afirmações do parceiro, tirando conclusões próprias, ou fazendo declarações e perguntas escoradas naquilo que o parceiro vinha afirmando. Exemplos:

(47) Dizia ela, a mãe dela, era uma senhora antiga, disse: "Olha, não sei o que, porque as vizinhas..." "Ah, **ENTÃO** a senhora vai atrás de vizinho." (inint) Aí eu disse pra velha: "E olha, marinheiro, já sabe, marinheiro, em cada porto que chegar, quer uma mulher." (FLP 06, L 613)

(48) Esses dias eu estava conversando com [uma]- uma senhora, aí [eu <conver->]- eu estava falando nesse negócio, assim, de aborto, e de [moça]- mãe solteira, isso tudo. "Ah, mas no tempo que eu me criei não era assim, não." Eu disse: "Ah, menina! Não era o quê? (hes) Toda vida existiu perdição, não sei que." Ela disse: "Não, não era assim, não." "**ENTÃO** só se era no teu tempo que era diferente do meu, mas no meu não era." (FLP 08, L 998)

#### 1.4.1.6 Seqüenciadores textuais

*Aí, daí, então* e *e* assinalam a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente (valor de *dando seqüência, continuando*). Atuam, assim, como retroativo-propulsores do discurso,<sup>15</sup> introduzindo uma nova idéia ou argumento numa exposição argumentativa ou introduzindo um evento em

<sup>15</sup> Duas são as características básicas, comuns a todos os seqüenciadores retroativo-propulsores: a retroação e a propulsão, a que se acrescentam especificidades que determinam os subtipos de seqüenciadores: ordenação temporal = seqüenciador temporal, idéia de consequência ou conclusão = introdução de efeito, etc. O que estamos denominando "seqüenciador textual" é somente retroativo-propulsor, não acrescentando outra idéia ao discurso além da continuidade: o que será dito depois dele relaciona-se ao que foi dito anteriormente, tratando-se, por exemplo, de mais um argumento para levar a certa conclusão ou de mais um evento relacionado ao tema tratado.

uma narrativa. A informação que os seqüenciadores textuais introduzem não manifesta relação temporal ou de consequência/conclusão, sendo simplesmente encadeada com o que foi dito anteriormente no sentido de ser mais um evento ou argumento que se relaciona com informações já dadas. Como seqüenciadores textuais, está também a encargo de *aí*, *daí*, *então* e *e* indicar o início de novos tópicos relativamente ao tema tratado. Exemplos:

(49) Mas daí, quando eu perguntei o que que era e o que que estava acontecendo, desligaram o telefone. [Eu fiquei <preu>]- eu fiquei preocupado [com a]- com a situação, né? Disse: “Ué! Será que é doença que tem em casa? Alguma coisa está acontecendo?” Aí o engenheiro que estava comigo, ele estava fora. **Aí** quando ele chegou, eu estava no hotel porque ele saiu e foi a firma, foi levar ele, né? pra ele fazer o serviço, porque é negócio de projeto. Aí quando ele chegou, (...) eu disse: “Me leva [na]- na rodoviária que eu tenho que ir em casa imediatamente porque eu não sei o que que está acontecendo. Me telefonaram pra cá porque eu tenho que ir urgente em casa” (FLP 05, L 334)

(50) Quando eu estava [na]- acho que era no primeiro ano, teve uma campanha por causa da carteira de estudante, pra pagar meia entrada no cinema, teatro, essas coisas. Esse movimento [até]- até que a gente participou bastante. Talvez porque eu estudava aqui no Colégio de Aplicação e sempre foi universidade. O Colégio de Aplicação sempre foi meio revolucionário nessas coisas. **DAÍ** a gente foi até a Câmara [lá]- lá no centro tudo, fomos- A gente fez um monte de coisas, né? (FLP 07J, L 1198)

(51) Então eles acham que a gente tem que dar freqüência pra criança, porque a criança estava trabalhando. Mas não, a escola é uma coisa e o trabalho da casa é outro, né? **ENTÃO** foi assim, muito difícil de hospedagem. Primeiro ano me hospedei com meus tios, o segundo ano já me hospedei com a ex-diretora. (FLP 12, L 1254)

(52) Jogo do Palmeiras, esse que teve agora, o Palmeiras Júnior, não dos grandão não, dos adolescentes que tem Júnior, teve aquela briga, que tem um garoto do Palmeiras em coma, levou [uma <pau->]- uma paulada. **E** tem outro também que está sendo procurado porque deu uma paulada na cabeça de outro rapaz. Outro rapaz está com os lábios enormes, enorme, está com um negócio enfaixado na cabeça. (FLP 05J, L 1179)

A seqüenciação de informações que impulsiona o discurso pode se dar a partir das palavras do interlocutor, como em (53):

(53) F: A gente perdoa em termos, né? Não tem [aquela]- aquele amor [que Deus tem]- que Deus tem. Embora nós não mereçamos, né? [Nós]- nós não merecemos, mas ele nos dá.

E: **E** nos dá também a opção de escolher o caminho.

F: De escolher o caminho, de escolha. Aí é que está. (FLP 22, L 25)



### 1.4.1.7 Retomadores

Seguidamente o assunto em curso na fala é interrompido por digressões de proporções variadas. *Aí, daí, então* e *e* seqüenciadores retomadores recuperam o assunto assim interrompido, permitindo sua continuação. É possível que, no processo de retomada, a informação reapareça de forma literal, ou com a alteração de alguns vocábulos, ou apenas seja recolocada em foco pelo apontamento para trás realizado pelo conector, sem haver seu resgate textual. Quando a digressão é longa, pode ser caracterizada como um novo tópico. Neste caso, o seqüenciador retomador atua como reintrodutor do tópico interrompido.

(54) *Aí* elas espiaram pelo burquinho da porta, apagaram a luz de dentro de casa, { que era luz de querosene, e eles tratavam pomboca, aquela lamparina grande eles tratavam pomboca, porque não tinha luz elétrica. } Aí elas apagaram a tal de pomboca e aí ficaram espiando, assim, pela janela, diz que era [um]- [umas]- umas sete mulheres, uma vestida de branco, [outra]- outras sem roupas pegando uma canoa. (FLP 08, L 505)<sup>16</sup>

(55) F: Entramos debaixo [da]- da pilha de madeira e virou. Era desse tamanho assim, (inint). Eu quebrei o fêmur. A mãe quase se matando, gritando. A mãe do outro também, berrando a mãe do outro, porque eram [dois]- dois irmãos, né?

E: Eram os vizinhos?

F: Daí estávamos todos juntos. Sei que me levaram. { Naquele tempo tinha o SANDU, no Estreito. Hoje não existe mais o SANDU. SANDU é órgão do INPS. Ele ficava (hes) bem ali, próximo, ali no- Como é que eles chamam ali, assim? A SANDU ficava [um]- mais um pouco [à]- à frente. Nós passávamos muito pelo Estreito, né? } DAÍ parece que me levaram, só me deram calmante lá, um- Não sei, fiquei [<chap->]- dopado, no caso, chapado, né? Isso marcou. (FLP 19, L 1177)

(56) E dei um livro que eu ganhei dum amigo meu em São Paulo e ele levou pra lê-lo. { Então ali explica muita coisa: adolescente, (hes) tudo. Tudo assim pra uma criança [estava]- dos [<tre->]- doze, treze anos em diante pra, né? } ENTÃO isso aí eu dei pra ele. Ele leu, foi lá, conversou. (FLP 16, L 803)

(57) Contar o filme? Contar uma coisa só, né? Uma moça que ela era freira, era novica, né? { Eu adoro filmes assim. Realmente é dois- Eu gosto de filmes assim. Lã uma vez ou outra eu gosto [de <assis->]- de filmes de guerra, assim como Rambo, essas coisas assim. Mas não é filme que me atrai, né? } E ela é novica. [E ela]- [ela]- onde ela estava, que ela foi estudar, ela queria sair, ela queria conhecer a vida fora. (FLP 11, L 1325)

Os retomadores geralmente são seqüenciadores textuais, isto é, retomam informações para impulsionar o assunto para frente, como nos casos acima, mas podem revelar idéia de seqüencialidade temporal quando retomam a ordenação de eventos, interrompida por digressões. Quando temporal, o

<sup>16</sup> O símbolo {, acrescentado nos exemplos por nós, marca o início da digressão feita por F, e } marca o seu final.

retomador não costuma vir acompanhado do resgate textual da informação já dada, apenas retomando a linha da narrativa no ponto em que ela foi interrompida.

(58) Bom, eu tentaria ajudar, né? desaconselharia, né? Mandaria parar, que eu já tive uma colega que ela queria fumar [um]- [um]- um Bali. { Porque [<Ba->]- Bali é cinco por cento de não sei quanto, cinco por cento de não sei quanto. É mais ervas assim, né? } **Aí** eu disse: “Não, tu não és maluca de tentar botar isso na boca.” (FLP 17J, L 1058)

(59) F: E o tratamento era o seguinte: é hora de janta, é hora de janta. Então senta todo mundo na mesa, { mas, como na casa de pobre não tem esse negócio muito de sentar na mesa, que hoje existe um pouco mais de exigência [nessa]- nesse tipo de coisa, mas na época não. } **ENTÃO** [a mamãe]- a mamãe [fazia]- apanhava um alguidar-

E: O que é isso? (FLP 02, L 1041)

(60) E a maioria daquelas pessoas morava longe. A minha mãe cozinhava uma panela bem cheia de feijão. { Ali dentro [<t->]- tinham muitas verduras, carnes, toucinho. E eu acho que isso aí é uma colaboração. } **E** a minha chamava [aquelas pessoas]- aquelas senhoras e [dava uma]- almoçavam junto com a gente. (FLP 12, L 1026)

Pode-se dizer que o retomador é uma espécie de seqüenciador temporal ou textual após uma digressão, que, ao mesmo tempo em que impulsiona o texto para a sua continuidade, reata elos com informações anteriores.

#### 1.4.1.8 Emprego de dois seqüenciadores conjugados

*Aí, daí, então* e *e* seqüenciadores podem ser usados combinados, dois a dois, nas funções de seqüenciação temporal (61), seqüenciação textual (62), retomada de informações (63), introdução de efeito (64), e finalização de tópico ou subtópico (65).

(61) Mas, quando se encontra: “Oh! Pa! Coisa. Tu te lembras daquela época [quando]- que nós jogávamos futebol? Aquele dia tu deste [aquela]- aquela canelada no cara.” [E]- **E Aí** vem aquele papo. (FLP 02, L 1200)

(62) Então a gente se reunia, três, quatro, ia de tarde buscar lenha. Então eu era menina, assim [com]- com os seus treze, catorze anos, eu ia também. **ENTÃO Aí** [os]- eles faziam molhinho mais leve, diziam assim: “Esse aqui é pra ti.” (FLP 08, L 1163)

(63) Ela esteve [um]- um mês e pouco no hospital. É, porque [ela deu um]- ela começou com uma alergia. Ela tinha ido tirar ostra, aqui embaixo, né? E ela, de vez em quando ela gostava de ir, e ninguém sabe se foi disso, ou se foi da água, ou se foi da ostra que ela comeu. (...) Que ela já estava com oitenta e poucos anos, daí ela- { Mas ela era uma pessoa forte, sabe? A Dona A. via, né, Dona A? Ela era uma mulher forte, de subir, descer, lavar roupa (...) Mas ela era uma boa pessoa, muito boa pessoa, né, Dona A? Boa demais de coração. Que

tirava o que tivesse do corpo dela, deixava de comer, pra dar pra qualquer pessoa. } **E DAÍ** deu aquela alergia nela, ela [foi]- foi medicada, ficou assim uns tempos. (FLP 03, L 1108)

(64) Aí ele mandou dar banho de alho, banho de arruda, e fazer um monte de coisas lá, **E AÍ** a menina ficou boa. (FLP 08, L 553)

(65) F: Tinha esta casa aqui, ali pelo Seu Vadico se encontrava mais uma base de umas três casas, depois da minha casa se encontrava mais umas duas e pronto. Depois eram só pastos, sapos, muito espinheiro. Não sei se tu conheces o que é espinheiro?

E: Não.

F: É uma árvore que contém muito espinho. **E ENTÃO** se encontrava isso aí. (FLP 12, L 859)

#### 1.4.2 Adversão

Aí e e adversativos acrescentam idéia de adversão entre os eventos ou idéias que relacionam, semelhantemente ao conector *mas*. Não consideramos que sejam seqüenciadores retroativo-propulsores conforme definido em 1.4.4, uma vez que, apesar de gerar a expectativa de que informações novas serão introduzidas no discurso, não transmitem idéia de continuidade e consonância destas relativamente a informações anteriores, mas sim de contraste entre o já dado e o que está por vir.

(66) Se já tinha morrido lá, já estava lá, [era assim]- nem precisava isso, né? Era só liberar, né? **AÍ** não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1349)

(67) E: E entre os vizinhos, também colaboram uns com os outros?

F: Olha, antigamente havia muita colaboração, **E** hoje é cada um por si. (FLP 12, L 1005)

(68) Eu gosto de fazer tricô, crochê. Só é pouco tempo porque [eu gosto]- (hes) [eu sou]- eu gosto, assim, de começar e terminar, e ver terminar. **E** falta tempo pra isso. (FLP 17, L 1173)

Aí e e podem introduzir idéia de adversão entre a informação que finaliza o turno de um dos interlocutores e a informação que inicia o turno do outro interlocutor:

(69) E: O problema é que não se pode obrigar as pessoas a trabalhar, né?

F: **E** eles têm que trabalhar. Não vão obrigar, não. Eles são obrigados a trabalhar. Se não trabalhar, não come. Só isso. (FLP 06, L 578)

(70) F: Me lembro da Revolução, a que tiraram as tábuas da ponte. (inint) Nesse tempo, ainda era solteira, logo no outro ano eu me casei. Então eles tiraram as tábuas (inint) que era proibido entrar. (...)

E: Isso foi em que ano?

F: Foi em mil novecentos e vinte e oito, né?

E: É, uns vinte, vinte e oito pra trinta. Ponte foi construída em vinte e seis, né? Quer dizer que arrancaram as tábuas da ponte pros gaúchos não passarem?

F: Aí eles botaram umas tábuas, assim, pra de qualquer jeito passar. De todo jeito, eles entraram. Todo jeito, eles entraram. (FLP 08, L 941)

### 1.4.3 Adição

São conectores aditivos oracionais: *e* e, raramente, *então*. Como aditivos, servem para ligar duas orações, cujo intercâmbio não altera o significado que expressam. Se as informações introduzidas forem referentes a eventos, tem-se a interpretação destes como ocorrendo simultaneamente.<sup>17</sup> Exemplos abaixo:

(71) Então, as pessoas [que não <de->]- que não descontam o Imposto de Renda E realmente recebem sobre um salário a dois salários mínimos, não deveria estar retido o dinheiro deles. (FLP 16, L 1062)

(72) Aí oito horas eu tinha que estar na aula, né? Então era uma dificuldade muito grande. Então- Que eu tinha um irmão mais velho- Eu era muito preguiçoso na aula, ENTÃO meu irmão mais velho era o mais estudioso, sabe? estudava mais. (FLP 18, L 091)

*E* também pode estabelecer relação aditiva entre sintagmas:

(73) Eu gosto [da praia]- da Praia Mole, dos Ingleses E da Joaquina, da Armação também. (FLP 08J, L 747)

(74) Outro dia estava eu, a minha irmã E o meu tiozinho sentado no chão. (FLP 17J, L 1176)

<sup>17</sup> Note-se que distinguimos a adição da seqüenciação temporal, reservando o primeiro termo para informações interligadas que não manifestam entre si relações temporais, e o segundo para as que manifestam tal relação. A gramática normativa costuma incluir os dois tipos de conexão sob o mesmo rótulo, a adição. Por exemplo, "(...) aditivas (expressam adição, seqüência de pensamento): *A doença vem a cavalo e volta a pé*" (Cegalla, 1977:250). Said Ali (1969:133), em sua *Gramática secundária da língua portuguesa*, considera a adição e a seqüenciação como pertinentes às orações copulativas: "Caracterizam-se as orações COPULATIVAS pelas partículas *e* e *nem* (= e não). Denotam fato ou acontecimento simultâneo ou sucessivo a outro", apresentando como exemplos "O marido trabalha no campo e a mulher cuida dos filhos." e "Eu li a carta e entreguei-a a Pedro."

## 1.5 Outros usos

### 1.5.1 Preenchedores de pausa

*Aí, daí, então* e *e* preenchedores de pausa são empregados com o intuito de se evitar o silêncio enquanto um novo trecho de fala é estruturado, isto é, atuam no processamento da fala e na manutenção de turnos. Sua pronúncia costuma ser alongada. É comum que um interlocutor tome o turno para si, interrompendo a fala do parceiro no momento em que este emprega o preenchedor de pausa. Seguem-se os exemplos:

(75) (...) aí nós fomos lá, lá no reitor, DAÍ- Aí ele passou já o cheque (inint), aí fui no banco. (FLP 05, L 420)

(76) F: Às vezes o próprio carteiro conversa com as pessoas pra ver se prendem o cachorro, aí eles dizem que o cachorro é manso. Ele é manso pro dono da casa, né? E-

E: Ou então colocar a caixinha do lado de fora, né? (FLP 14, L 153)

(77) Aí eu levei a cachaça, cheguei de noite, esquentei o chá e botei. AÍ- Mas a minha irmã e a minha prima dormiam comigo, aí elas perguntaram porque que eu estava tomando aquilo. (FLP 20, L 1054)

(78) Só o que ia dar luz [é]- é a vela benta, a vela benta que podia dar luz, senão ia ser escuridão plena mesmo, total. E- E foi isso que eu escutei, né? (FLP 11J, L 871)

### 1.5.2 Fáticos

O *aí* é empregado junto a verbos no imperativo, constituindo uma expressão de caráter fático, utilizada para prenunciar um aviso, com valor de “preste atenção”: *olha aí* (79); expressar um pedido: *fala aí, diz aí, conta aí* (80); denotam contrariedade por parte do falante: *espera aí, para aí* (81), tentam manter o turno: *espera aí* (82). O próprio *aí* pode ter uso fático, solicitando a atenção do interlocutor (83). Exemplos:

(79) Eu, depois da guerra, ganhei uma viagem como prêmio, volta ao mundo. Pra conhecer, a gente fazia, quando chegava num lugar desse, a gente fazia- O comandante dizia: “OLHA AÍ, eu quero que vocês façam [o]- o que vê pra contar, pra escrever.”, né? (FLP 06, L 98)

(80) Uma vez nós estávamos pegando carona com uns amigos, assim, quer dizer, eram amigos de uma amiga minha. E elas (inint), olha só: “CONTA AÍ, conta”. (FLP 01, L 916)

(81) “Tudo o que é teu já está tudo arrumado, você pode pegar tudo que é teu e ir-se embora porque eu não lhe quero mais aqui dentro de casa.” Porque, além de tudo ele ainda me chamava das piores coisas. Ah, ESPERA AÍ, (inint) estava

trabalhando honestamente, nunca pensei em enganar ele, ainda [eu recebendo um monte]- dizendo um monte de coisa (FLP 03, L 726)

(82) (...) aí bota o óleo, bota o sal, aí bota o arroz. Deixa eu ver o que mais. É assim que a minha mãe faz. **ESPERA AÍ**. Mas acontece que tem que deixar cozinhar, eu não suporto aqueles arroz papa, sabe? Tem que deixar cozinhando e deu, não pode ficar mexendo. (FLP 17J, L 1158)

(83) F: É, o meu avô tinha, não era relho, [como é que eles]- como é que se diz- Aquelas varas, mas não é vara de marmelo. Aquelas varinhas [de]- [aquelas]- **AÍ**, como é que falam?

E: Chicote. (FLP 01, L 407)

Há também um uso de *aí* junto a verbos em que aquele parece atuar como modificador destes, com um valor semelhante a “no geral”, “de qualquer modo”:

(84) Pelo que eu sei assim, né? porque pode ter outros cursos que eu não estou sabendo. As universidades é que estão se agüentando **AÍ**, né? E, assim, é um país [que não]- realmente, pode-se dizer, que não aplica em educação. (FLP 01J, L 1301)

### 1.5.3 interjeições

*Então* é usado como expressão denotativa de espanto ou admiração, podendo manifestar atenção ou assentimento do ouvinte ao falante. Exemplos:

(85) E: Que sorte, menina!

F: **ENTÃO!** Na época, no dia que eu fui ver, que eu meti a cara, estava [seis <bi->]- seis e quinhentos. Ele deixava por cinco e quinhentos pra mim. (FLP 20, L 658)

### 1.5.4 Expressões diversas

*Aí* e *e* constituem, juntamente com outros vocábulos, expressões cristalizadas de diferentes naturezas, como *aí tá*, *aqui e ali*, *coisa e tal*, *aí passou-se*, e *coisa*, e *não sei o quê*, e *pa-ra-ra*, e *pronto*, *estamos aí*, e *tal*, e *tudo*, *isso e aquilo*, *não estar nem aí*, *pra lá e pra cá*, *pra um lado e pra outro*, *umas coisas e outras*, *virou e mexeu*.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Também mapeamos em nosso *corpus* e em expressões indicativas de datas, horas e valores em dinheiro.

2. Possibilidades de variação: recortando o objeto

O quadro abaixo reúne as funções semântico-discursivas desempenhadas por *aí*, *daí*, *então* e *e*, apresentadas na seção anterior.

Quadro 1: Funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* na fala de Florianópolis

DÊITICOS/ANAFÓRICOS	MODIFICADORES	CONECTORES	OUTROS USOS
dêitico locativo anafórico locativo anafórico temporal (1) anafórico discursivo (2)	modificador de SN (3) intensificador	sequenciador ret/prop (4) <ul style="list-style-type: none"><li>temporal</li><li>introd. de efeito</li><li>alternativo</li><li>finalizador</li><li>inferidor</li><li>textual</li><li>retomador</li></ul> adversativo (5) aditivo (6)	preenchedor de pausa (7) fático interjectivo expressões diversas

Da multiplicidade de funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* mapeadas em nossa amostra, destacamos aquelas desempenhadas por dois ou mais dos itens em exame: (1) a anáfora temporal (*aí* e *então*); (2) a anáfora discursiva (*aí* e *daí*); (3) a modificação de sintagmas nominais (*aí* e *daí*); (4) a seqüenciação retroativo-propulsora (*aí*, *daí*, *então* e *e*), excetuando-se os usos como alternativo e inferidor, em que aparece apenas o *então*; (5) a adversão (*aí* e *e*); (6) a adição (*e* e *então*); (7) o preenchimento de pausa (*aí*, *daí*, *então* e *e*).

Formas diferentes desempenhando as mesmas ou semelhantes funções constituem-se em interessantes candidatas a um tratamento variacionista. Dada a dificuldade<sup>19</sup> de tratar aqui todas as possibilidades de variação levantadas, optamos por delimitar uma delas para estudarmos mais aprofundadamente: os usos como conectores seqüenciadores retroativo-propulsores, em que *aí*, *daí*, *então* e *e* são mais recorrentes em nossa amostra. Como todos eles partilham a função em questão, podem ser tratados conjuntamente.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Constituíram-se obstáculos para o tratamento de todas as possibilidades de variação entre as formas sob enfoque, entre outros, o limite de tempo e espaço e a existência de poucos dados relativos a alguns itens em determinadas funções, o que dificulta o estudo quantitativo.

<sup>20</sup> Há ainda um outro item, também de origem adverbial, que desempenha a função de seqüenciação retroativo-propulsora, em especial as sub-funções de seqüenciador temporal e seqüenciador textual: trata-se do *depois*. Decidimos excluí-lo de nossa análise por ser ele pouco recorrente como seqüenciador (cerca de 30 dados nas 36 entrevistas). Na seleção das variantes (terceiro capítulo), essa questão será retomada.

### 3. Marcadores discursivos: um saco de gatos

Uma vez delimitado o lugar de variação em que nos deteríamos, deparamo-nos com a questão das diferentes denominações e definições que têm sido atribuídas para *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores, algumas delas distinguindo de diversos modos aquilo que nos parece possível de ser tomado conjuntamente no exercício da mesma função, a seqüenciação retroativo-propulsora.

Apresentamos, nesta seção, algumas dessas denominações e definições, com destaque para a mais recorrente delas - 'marcadores discursivos', a qual não assumimos neste trabalho. Na seqüência, distribuímos os usos seqüenciadores de *aí*, *daí*, *então* e *e* em três níveis distintos da articulação discursiva, e, a título de comparação, fazendo também referência aos empregos em que o papel dessas formas na articulação textual mostra-se bastante reduzido, pois a dominância encontra-se no nível interacional (usos fático e interjectivo) ou no processamento da fala (preenchedores de pausa). Levantamos, a partir disso, diversas possibilidades de classificação, que, por destacar semelhanças e diferenças entre os elementos sob investigação, auxiliam-nos a especificar quais seqüenciadores retroativo-propulsores levaremos em consideração na análise variacionista.<sup>21</sup>

Embora não haja consenso quanto à sua classificação, *e* e *então* costumam ser considerados conjunções quando ligam orações (uso oracional) e marcadores discursivos quando ligam porções maiores de texto (uso interfrástico), ao passo que *aí* e *daí* são geralmente denominados marcadores discursivos (cf., por exemplo, Silva e Macedo, 1996; Silva, Tarallo e Braga, 1996; Urbano, 1997). O rótulo 'marcador discursivo' (ou 'marcador conversacional') é utilizado freqüentemente para designar palavras, expressões e sons lexicalizados que têm um papel de destaque na interação dialógica ou no controle do fluxo discursivo, interligando as informações liberadas ao longo da fala. Podem à primeira vista parecer desnecessários, mas uma análise mais aprofundada facilmente desvela sua multiplicidade de funções, bastante importantes para a transmissão e compreensão do conteúdo informativo do discurso.

São muitas as formas e múltiplas as funções apontadas como marcadoras, redundando num conjunto de itens tão diversos, que se torna confusa a sua definição: o que é afinal um marcador discursivo? Silva e Macedo (1996:11-12) propõem uma subcategorização dos marcadores discursivos (doravante MDs), levando em conta sua função e posição no discurso. Essa subcategorização, que ilustra grande parte dos 'gatos' que costumam ser colocados no 'saco' dos marcadores discursivos, inclui: (i) iniciadores de turnos, como *ah*, *bem*, *olha*; (ii) requisitos de apoio discursivo,

<sup>21</sup> Travamos discussão apenas acerca da classificação dos empregos seqüenciadores de *aí*, *daí*, *então* e *e*, pois são esses empregos que investigamos mais detalhadamente. Ressaltamos, porém, que pode não haver consenso também relativamente ao rótulo dado às demais funções desempenhadas pelas unidades sob pesquisa: dêiticos, anafóricos, modificadores.



como *né? tá? viu?*; (iii) redutores, que modalizam a postura do locutor, como *eu acho*; (iv) esclarecedores, como *quer dizer*; (v) preenchedores de pausa, como *assim, hã*; (vi) seqüenciadores, que marcam seqüência no discurso, como *aí, então*; (vii) resumidores, como *e tal, e tudo*; (viii) argumentadores, que iniciam argumentação contrária ao discurso precedente, como *agora, mas*; (ix) finalizadores, como *é isso aí, tudo bem*.<sup>22</sup> De acordo com essa proposta, os *aí, daí, então* e *e*, que são o foco de nosso interesse, podem ser agrupados sob o rótulo de marcadores discursivos seqüenciadores.

Risso, Silva e Urbano (1996:56) também apontam usos de *e, aí* e *então* como MDs, elementos que definem como “(...) mecanismos verbais da enunciação, atuam no plano da organização textual-interativa, com funções normalmente distribuídas entre a projeção das relações interpessoais - quando o foco funcional não está no seqüenciamento de partes do texto - e a proeminência da articulação textual - quando a dominante deixa de estar no eixo da interação”. Urbano (1997:85-86) salienta o caráter interacional dos MDs ou marcadores conversacionais, entre os quais considera o *e*: “são elementos que amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também enquanto estrutura de interação interpessoal. Por marcarem sempre alguma função interacional na conversação, são denominados marcadores conversacionais”.

Martelotta (1996:195) diferencia operadores argumentativos de MDs. Estes são empregados na reorganização das informações em nível de discurso, quando sua linearidade é perdida, por exemplo, por insegurança do falante ou falhas de memória, e, subsidiariamente, para organizar as relações textuais. Já os operadores argumentativos, além de desempenhar funções de caráter gramatical, ligam partes do discurso, auxiliando no estabelecimento de sua orientação argumentativa. Martelotta considera *aí* e *então* como operadores, mas salienta que “(...) é (...) impossível estabelecer uma nítida distinção entre elementos de função eminentemente textual como os operadores argumentativos e elementos basicamente interativos, como os marcadores discursivos”.

Silva e Macedo (1996:14) definem MDs como elementos envolvidos em macrofunções discursivas: a organização interna do discurso, a manutenção da interação dialógica e o processamento da fala na memória. Constatam que o *aí* comporta-se como uma conjunção coordenativa na língua oral. Contudo, apesar da função de conectivo temporal ou aditivo de *aí*, pelo seu critério de considerar como MDs as formas não categorizadas nas gramáticas, incluem-no como marcador (op. cit., p. 26). Já Abreu (1992:10), em um estudo variacionista, considera *aí* como elemento conjuntivo, à semelhança do *e*, item lingüístico com o qual é comparado, partindo a autora da hipótese de ser *aí* um articulador principalmente oral, ao passo que *e* seria um articulador da escrita. Conforme Abreu, elementos conjuntivos “fazem ligação entre orações e partes maiores do texto, tendo em vista a coesão textual.”

---

<sup>22</sup> Em seu estudo, Silva e Macedo (1996) utilizam dados da “Amostra Censo” (Rio de Janeiro).

### 3.1 Os três níveis de atuação de *aí*, *daí*, *então* e *e*<sup>23</sup>

Na análise de nossa amostra, verificamos que *aí*, *daí*, *então* e *e* sequenciadores interligam orações e porções maiores do discurso, possuindo funções em comum nesses estratos. A par disso, dividimos seus empregos em três níveis de articulação distintos, de acordo com a natureza da unidade que o conector possui por escopo: oracional, textual e interacional, abaixo caracterizados.<sup>24</sup>

#### 3.1.1 Nível oracional

É o nível dos conectores oracionais, ou conjunções, que podem ser definidos como vocábulos gramaticais que relacionam duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração.<sup>25</sup> As conjunções organizam a informação em nível lógico, promovendo, com nexos coesivos, a organização da estrutura frástica. *Aí*, *daí*, *então* e *e* são empregados em duas funções principais no nível oracional: sequenciação temporal de eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo; e introdução de efeito, expressando consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente. Seguem-se os exemplos, primeiramente os sequenciadores temporais (86 a 89) e, a seguir, os introdutores de efeito (90 a 93):

(86) (...) compramos um apartamento no Saco. Do Saco- Nós saímos do Saco, AÍ viemos pra esse aqui. (FLP 13, L 1043)

(87) Faz a massa, DAÍ deixa crescer um pouco. Daí faz uma bolinha, depois recheia com catupiri, fecha, deixa crescer. (FLP 07J, L 1014)

(88) Mas isso aí já não precisa estar só em cima, porque a pessoa já sabe. Então quando vem uma quantidade [de]- de verdura pro setor, pra ser preparada a salada, que não dá, a pessoa já está vendo que terminou, então vai na pessoa que é encarregada, ENTÃO diz a ela: "Está faltando uma caixa de tomate", ou "está faltando vinagre" ou "está faltando tal coisa". (FLP 07, L 475)

(89) E foi bem bom quando ele deu um tipo de um passe, né? que põe a mão na cabeça E dá um sopro, diz algumas palavras. (FLP 11J, L 1106)

<sup>23</sup> Levamos em conta na divisão em níveis de articulação que propomos somente os usos conectivos que definimos como sequenciadores retroativo-propulsores, desconsideramos *aí* e *e* adversativos e *e* aditivo.

<sup>24</sup> Rodrigues (1993), semelhantemente, propôs para o *mas* um nível oracional, um nível textual (que denomina de "intermediário") e um nível interacional.

<sup>25</sup> De acordo com Schiffrin (1987:247), os casos de conjunção são aqueles em que o conector liga palavras ou sintagmas, isto é, constituintes internos à frase. Assim, em "João foi à praia e nadou", *e* é conjunção, mas em "João foi à praia e João (ele) nadou" ou "João foi à praia e Maria foi ao shopping", *e* é marcador (em nossa denominação, conector textual). Já Hailiday e Hasan (1976, apud Abreu, 1992:28) não são tão restritivos, definindo a conjunção como um tipo de relação semântica na qual o que se segue é sistematicamente conectado com o que vem antes. O caráter textual das relações conjuntivas extrapola, segundo os autores, o limite da oração, pois elas podem interligar frases e blocos intermediários, ao passo que a conjunção, no sentido tradicional, encontra-se somente no âmbito da oração. Optamos por seguir a definição de conjunção da gramática normativa, não tão restritiva nem tão abrangente: "Conjunção é uma palavra invariável que liga orações ou termos da oração" (Cegalla, 1977:187). Ou seja, conjunção é o conector que atua em nível oracional.

(90) Eles sentiram que eu não ia deixar mais a filha deles também, AÍ começaram a dar mais liberdade. (FLP 04, L 729)

(91) Nós somos de menor, DAÍ nossa mãe vai com nós pra assinar, né? (FLP 03J, L 1784)

(92) Eles estão pagando essa mordomia, ENTÃO eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é? (FLP 22, L 1144)

(93) Eu estava, assim, bem indignada com ele por esse motivo. [Que ele tinha que dar um]- Lógico, ele fez bem, porque ele trancou E não teve o fracasso que teve no Plano Cruzado. (FLP 16, L 1045)

No nível oracional, temos também o *então* alternativo:

(94) (...) e à tarde fico assistindo, às vezes, o jornal, cuidando da V., OU ENTÃO vou pra casa da minha mãe, sabes? (FLP 11, L 870)

Gostaríamos de ressaltar os usos de *aí* e *daí* como conjunções, o que não costuma ser apontado. *Aí* e *daí* conjunções possuem até mesmo usos fortemente amarrados, sintática e semanticamente, caso de sua participação na estrutura de condicionalidade-consequência, como nos exemplos:

(95) [Se fosse confis->] se ficasse de comprar o carro depois do dia quinze, AÍ não daria mais. (FLP 10, L 1244)

(96) Então se eles perguntassem onde é que era, DAÍ eu ia ficar respondendo sempre a mesma coisa: que eu não sei. (FLP 03J, L 1221)

### 3.1.2 Nível textual

Agrupamos aqui *aí*, *daí*, *então* e *e* conectores textuais, isto é, aqueles que não atuam no nível oracional, mas sim ligam porções maiores do discurso. Desempenham funções semelhantes às do nível oracional: seqüenciação temporal (97 a 100) e introdução de efeito (101 a 104):

(97) Me acordo é às [dez pras seis]- dez pras seis, quinze pras sete mais ou menos eu [estou]- já estou de pé. AÍ [eu]- eu coloco a água no fogo, vou na padaria, compro pão. (FLP 10, 1021)

(98) É, porque [ela]- a gente diz: “E o-” Pergunta [pra ele]- por ele, né? DAÍ ela diz que não sabe onde que ele está, então a gente acha [que ela]- que ele está separado de novo, né? (FLP 03J, L 1425)

(99) É, eu conheço o Boi de Mamão, e conheço [e <co->]- O Terno de Reis, que eles saíam, assim, pelas portas, né? tarde da noite. E a gente estava dormindo. A gente se acordava com aquela cantoria, né? gaita, outros violão. ENTÃO [a]- o pessoal se levantavam, davam um dinheiro, né? pras pessoas e depois elas saíam dali. (FLP 15, L 935)

(100) Cheguei em casa, fiz uma comidinha bem rápida pros guris, e disse pro J. assim ó: “Tu ficas com as crianças que [eu vou <co->]- [eu vou ficar]- vou passar a noite com a mãe”. E desci. (FLP 03, L 1254)

(101) Não adianta, não, porque não dá pra gente namorar, não, porque ela não quer. Eu também, depois vou andar por aí escondida, não posso também, né? Aí nós se deixamos. (FLP 08, L 857)

(102) Daí cada semana, porque é toda segunda-feira, aí cada segunda um aluno que dá aula. DAÍ vai ficando uma coisa diferente, vai ficando legal, não vai ficando uma coisa chata, monótona. (FLP 08J, L 659)

(103) Que eu achava, assim, que [elas]- Depois, quando casa, a gente vai fazer isso tudo, né? Então eu achei que elas não deveriam ter feito agora. ENTÃO hoje, eu também não posso reclamar disso aí. (FLP 11, L 896)

(104) A professora tinha o interesse de que os pais conhecessem como é que estava a situação do aluno. E, até por ser [um]- uma coisa mais fácil, o contato mais fácil, quando o pai não ia na escola saber, a professora ia na casa dos pais, né? (FLP 21, L 1115)

No nível textual, *aí*, *daí*, *então* e *e* possuem também a função de seqüenciação textual. Ilustramos com um *aí* seqüenciador textual.<sup>26</sup>

(105) É, ali tinha o Rox, Cine Rox, e tinha o Cine Ritz também. Mas só o Cine Ritz também. (inint) hoje, né? existia naquela época também. Aí o Cine Ritz só [<ti->]- tinha cinema pra criança, mas era só durante a tarde, e à noite não podia ir, né? É porque naquela época a censura não era dezoito anos, era vinte e um anos. (FLP 18, L 1109)

Também destacamos como seqüenciadores retroativo-propulsores em nível textual os empregos das marcas lingüísticas em análise como retomadores, com a recuperação do assunto interrompido por digressões (106), e o emprego como finalizadores de tópico ou subtópico (107).

(106) Ele me apareceu em casa. Aí, tá. Aí, parece que andou brigando. { Não sei bem como é que foi o negócio, porque ele nem de brigar ele era. } Aí parece que ele andou brigando, tinham machucado ele. Peguei, fiquei com pena, botei ele dentro de casa. (FLP 03, L 780)

(107) E a cabo de uns anos [foi <te->]- terminou a venda e o meu pai sempre falava que a venda terminou porque ela dava quase tudo pra pobreza. ENTÃO a luta dela foi essa. (FLP 12, L 802)

<sup>26</sup> Não exemplificamos as funções de finalização, seqüenciação textual e retomada com todos os conectores que as desempenham por economia de espaço. Tais exemplos podem ser conferidos nas seções 1.4.1.3, 1.4.1.6 e 1.4.1.7.

O *então* alternativo também apresenta usos textuais:

(108) E ali tinha também, ali onde construíram o Palácio do Governo, a residência do governador - aquilo ali pra mim não devia ter, deviam ter feito ali o orfanato, né? pra botar as meninas, né? [ou então]- **OU ENTÃO** eles tivessem construído ali uma fábrica, uma qualquer coisa pra empregar, né? (FLP 15, L 433)

Assim, no nível textual, *aí*, *daí*, *então* e *e*, além de seqüenciarem temporalmente informações e introduzirem idéia de efeito e alternância, como no nível oracional, também atuam na abertura e encaminhamento de tópicos (seqüenciadores textuais), retomada de informações - inclusive reintroduzindo tópicos (retomadores) - e finalização de tópicos ou subtópicos (finalizadores).

### 3.1.3 Nível interacional

*Aí*, *daí*, *então* e *e* conectores interacionais, à semelhança dos textuais, interligam porções maiores do discurso. Porém, envolvem a dinâmica das relações inter-turno, colaborando na organização das trocas entre os participantes da conversação e na manutenção ou tomada de turnos. Ou seja, atuam mais fortemente no nível interacional. Destacamos como funções interacionais a seqüenciação (temporal ou textual) a partir das palavras do interlocutor (109) e a introdução de efeito/inferência, em que o conector introduz uma conclusão inferida das palavras do interlocutor (110).

(109) F: A gente perdoa em termos, né? Não tem [aquela]- aquele amor [que Deus tem]- que Deus tem. Embora nós não mereçamos, né? [Nós]- nós não merecemos, mas ele nos dá.

E: **E** nos dá também a opção de escolher o caminho.

F: De escolher o caminho, de escolha. **Aí** é que está. (FLP 22, L 25)

(110) F: E a gente ia pra praia e eu não ia nadar. Era um escândalo, era um desacerto. Brincava de se afogar, não sei o que, ih, todas as coisas.

E: Mas não aprendeste a nadar, **ENTÃO**?

F: Não, quando pequena, não. [Não tinha]- não tinha jeito. (FLP 01, L 1260)

### 3.1.4 Outros usos interacionais

Apontamos também empregos de *aí*, *daí*, *então* e *e* que se dão em nível da interação ou do processamento da fala, mas que não envolvem diretamente articulação de partes do texto: os preenchedores de pausas, que atuam no processamento de informações, indicando hesitação e/ou planejamento textual (111); os fáticos (112 e 113); os sinalizadores de atenção ou assentimento do ouvinte ao falante (114):

(111) Porque era uma vez lá na igreja, estava eu e o meu sobrinho, aquele outro que veio aqui, que eu conversei com ele da bicicleta, **Aí**- E um colega nosso que veio morar aqui, ele era de Tubarão, [fica a uns]- do lado dessa casa **aí**, ele já não conhecia ninguém, né? (FLP 12J, L 955)

(112) E: A A. me disse que tu tinhas, assim, uma história triste, né? [do teu]- da tua infância?

F: Ah, é, porque eu- [[É que eu fui]]-

E: **[CONTA AÍ]**, então, pra gente.]

F: Sou filha adotiva.

E: Ah, tu és filha adotiva? (FLP 03, L 35)

(113) É um horário que em casa a gente [não]- não tem nada pra fazer, nem televisão, que televisão não se tira nada que presta. Aí eu disse: "**AÍ**, faz o seguinte: eu vou entrar na aula, vou fazer o segundo, vou terminar o segundo grau (...)." (FLP 14, L 300)

(114) E: Que sorte, menina!

F: **ENTÃO!** Na época, no dia que eu fui ver, que eu meti a cara, estava [seis <bi->]- seis e quinhentos. Ele deixava por cinco e quinhentos pra mim. (FLP 20, L 658)

### 3.2 Possibilidades de classificação: ajustando o foco

Como vimos, *aí*, *daí*, *então* e *e* atuam em três níveis de articulação discursiva: oracional, textual e interacional. Manifestam semelhanças nestes três níveis: interligam informações, constituindo entre elas nexos coesivos. Também manifestam diferenças: conectores oracionais relacionam proposições em nível lógico, conectores textuais interligam informações distribuídas em porções maiores do texto, e conectores interacionais ligam informações entre turnos de fala, contribuindo com a interação dialógica. Ou seja, parece haver um desenvolvimento crescente dos usos, primeiro em direção a um escopo cada vez maior - da oração a grandes blocos textuais com o conseqüente afrouxamento dos elos sintático-semânticos das informações, e, segundo, em direção à interação, com o acréscimo de papéis voltados ao ajuste entre os interlocutores.

Levantamos, então, a questão: como *aí*, *daí*, *então* e *e*, nos três níveis, a par das especificidades dos usos intra e interfrásticos, atuam como conectores, articulando o discurso, poderíamos postular uma classe de conectores abarcando conectores oracionais, textuais e interacionais, ao invés de considerar alguns usos coesivos como conjunções e outros como MDs? Não são os conectores mais semelhantes entre si do que semelhantes a unidades como *percebe? ah! ãh? e tal?*

Silva e Macedo (1996) e Risso, Silva e Urbano (1996) distinguem dois planos de atuação dos MDs, nos termos dos autores: organização textual-interativa (ou manutenção da interação dialógica) e articulação textual (ou organização interna do discurso). Tais planos, todavia, podem ser compreendidos não como caracterizadores de uma mesma classe, mas o primeiro como pertinente aos MDs e o segundo aos conectores. Assim, MDs seriam definidos como itens que atuam predominantemente na interação dialógica, ao passo que conectores seriam definidos como articuladores textuais, o que validaria a proposta de distingui-los dos MDs e agrupá-los sob o mesmo rótulo. Vai ao encontro dessa proposta a caracterização feita por

Martelotta (1996) de MDs como itens empregados na reorganização das informações cuja linearidade foi perdida devido à insegurança do falante ou a falhas de memória, e de operadores argumentativos (os conectores) como realizando a interligação de partes do discurso.

Face à proposta de divisão entre organização textual e interação dialógica, podemos considerar conectores aqueles em que predomina a primeira função, como *aí*, *daí*, *então* e e conectores oracionais, textuais e interacionais, e MDs aqueles em que predomina a segunda, caso do *né?*, *hum*, *hum*, *quer dizer*, bem como de *aí*, *daí*, *então* e e preenchedores de pausa, *aí* fático e *então* sinalizador de atenção (interjectivo).

Entretanto, surge daí outra questão: os conectores interacionais têm, somado a seu foco articulador, e mesmo constituindo-o, seu papel na interação dialógica, uma vez que envolvem a administração dos turnos na conversação. Martelotta (op. cit., p. 195) afirma que é difícil distinguir nitidamente entre elementos proeminentes na função textual daqueles proeminentes na função interativa. Os seqüenciadores interacionais enquadram-se entre os elementos com proeminência em ambas as funções. Poderíamos, assim, propor a separação entre os conectores, amalgamando os conectores oracionais e textuais, que atuam menos diretamente na interação, e incluindo os conectores interacionais entre os MDs, de forte carga interacional.

Vai em direção à essa distinção a definição de Urbano (1997:97) de MDs como elementos que marcam sempre alguma função interacional na conversação. O autor aponta a existência de elementos de caracterização como marcadores conversacionais mais problemática, caso dos nossos conectores interacionais, classificados pela gramática tradicional como conjunções, "(...) mas que assumem funções de conectores pragmáticos, ligando unidades lingüísticas enquanto atividades de fala", e opta por incluí-los entre os MDs.

O que não nos parece válido, a princípio, é propor a desvinculação dos conectores textuais e oracionais, usos em que há o predomínio da função de interligação textual, ressaltando as diferenças de escopo: os oracionais ligam orações, os textuais ligam unidades de escopo variado, havendo desde aqueles que se confundem com as conjunções (escopo menor) até os introdutórios de tópico (escopo largo). Uma vez que conectores textuais não possuem grande destaque no nível interacional, diferenciam-se dos MDs e são mais próximos às conjunções. Parece-nos contraproducente identificá-los estreitamente a itens como *né?*, *hum*, *hum*, *quer dizer*, itens de natureza bastante diferenciada daqueles com foco na função de interligação textual. Entretanto, poderíamos, se pretendêssemos separar o nível oracional do textual, dividir a classe dos conectores em duas: a das conjunções e a dos conectores, entendidos enquanto tal somente os textuais. Neste caso teríamos *aí*, *daí*, *então* e e articuladores distribuídos em três classes: conjunções, conectores e MDs.

De outra parte, também é possível entender a classe dos MDs como envolvendo ambos os focos: articulação textual e interação (como propõem Silva e Macedo (op. cit) e Risso, Silva e Urbano (op. cit.), e, conseqüentemente, alojando sob o mesmo rótulo todos os conectores, incluindo-se como MDs também as conjunções ou, na hipótese de se desejar excluí-las, restando a difícil tarefa de distinguir entre conectores oracionais (classe das conjunções) e textuais (classe dos MDs), salientando-se que, pela proximidade entre um uso e outro, há vários casos de conectores situados entre ambos, isto é, ambíguos quanto a serem conjunções ou conectores textuais, assim como há dados ambíguos na fronteira entre a conexão textual e a conexão interacional. Tomemos alguns exemplos:

(115) Seu Dalro antigamente era o dono do Hospital de Caridade, ENTÃO ele que mandava naquilo tudo ali. (FLP 18, L 813)

(116) Então a gente não podia ir sempre, né? porque tinha que ir pra aula, esse negócio todo aí. Muitas vezes gazeávamos a aula E nós íamos pra sessão [da]-das moças, né? (FLP 18, L 1147)

(117) A gente pega um novelo de linha, né? E a gente tem que se concentrar, rezar e pensar em Deus, né? porque senão não adianta. (FLP 08, L 116)

(118) Aí arranjava um jeito de ir num ferreiro desses que ferrava cavalo, que ele trabalhava com coisa quente. Levava um pedaço de ferro, furava [o]- a ponta aqui assim, E furava a outra, AÍ já botava um prego, dois pregos ali, já trancava a rodinha. (FLP 02, L 997)

Em (115), temos um *então* introdutor de efeito interligando duas orações entre as quais o informante deixou uma pausa de alguns segundos. Tal pausa representa suficiente quebra da unidade frasal para que consideremos o conector como seqüenciador textual? O mesmo problema se aplica ao exemplo (116), em que há uma pausa entre a oração introduzida por *e* seqüenciador temporal e a oração precedente. Em (117) não ocorre pausa entre as orações interligadas pelo *e* seqüenciador temporal, mas um *né*? Isso faz do *e* um conector oracional ou textual? Em (118), temos duas orações em seqüência, uma encabeçada por *e* e outra por *aí*. São os dois conectores oracionais ou textuais? Ou um é oracional e o outro textual? A fronteira entre oração e partes maiores do texto é difícil de delimitar. Vejamos outros exemplos:

(119) F: Aí eu cheguei lá: o quilo da galinha, setenta paus. Coxa de peru, quarenta e cinco. { O que que a senhora vai comprar?

E: Coxa de peru.

F: Pois então. (Inint) É. } AÍ eu disse assim pra mulher: "Eu comprei coxa de peru". Ela: "Não, mas quanto está hoje?" (FLP 06, L 842)

(120) Bom, eu tentaria ajudar, né? desaconselharia, né? Mandaria parar. Que eu já tive uma colega que ela queria fumar [um]- [um]- um Bali. { Porque [<Ba->]-Bali é cinco por cento de não sei quanto, cinco por cento de não sei quanto. É



mais ervas assim, né? } Aí eu disse: “Não, tu não és maluca de tentar botar isso na boca.” (FLP 17J, L 1058)<sup>27</sup>

Em (119), o *aí* retomador seqüenciador temporal reata o elo da narrativa do falante, interrompida por este quando fez uma pergunta ao entrevistador, obteve sua resposta e a comentou. Ou seja, *aí* recupera a linearidade da narrativa após uma digressão que envolve a participação do entrevistador. Trata-se de um conector textual, já que o falante recupera sua narrativa, que ele próprio interrompera, ou trata-se de um conector interacional, uma vez que há trocas de turno e o elo é reatado em um novo turno do falante?

Temos, em (119) e (120), o mesmo movimento de retomada da narrativa e introdução da seqüência temporal entre uma informação já dada e uma nova informação, movimento esse marcado pelo conector. A diferença é que (119) envolve a interveniência do interlocutor. Poderíamos distinguir entre um caso e outro, considerando aqueles em que o movimento de interrupção e retomada da linearidade se dá no turno do falante como envolvendo um seqüenciador textual, e aqueles que envolvem a participação do entrevistador como envolvendo um conector interacional? A mesma dificuldade se manifesta nas tentativas de estabelecimento de distinção entre conectores textuais e interacionais introdutores de efeito, seqüenciadores temporais e textuais.

Outro problema trazido pela junção de todos os conectores aos MDs é que a classe, como vem sendo proposta, já é extensa demais, e, se acrescentássemos a ela os conectores, teríamos um saco de gatos maior ainda.

Enfim, há diversas possibilidades de classificação para *aí*, *daí*, *então* e *e*, todas com vantagens e desvantagens. O que impede que se tome uma decisão definitiva sobre o rótulo adequado e sobre qual a melhor definição para tais itens é, sobretudo, o contínuo que há entre seus usos, desde a conjunção até o conector interacional, sendo muitas vezes difícil diferenciá-los entre si. Defendemos, assim, a impossibilidade de determinar classes de palavras fechadas: elas são fluidas e, no caso em estudo, bastante fluidas, levando-se em conta os diversos usos dos conectores entre um nível de articulação e outro, tendo em comum o desempenho do papel de articulador entre informações.

A idéia de fluidez entre categorias e de contínuo entre os conectores oracionais, textuais e interacionais, e a própria existência das múltiplas funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* (advérbios, modificadores, conectores...) são índices de que eles passam pelo processo de gramaticalização, responsável pela migração de uma forma lingüística de uma categoria para outra, rumo à gramática. Conforme Hopper & Traugott (1993:01), a gramaticalização evoca questões sobre como surgem e são usadas as formas gramaticais, bem como questões voltadas para a não-discretude das categorias lingüísticas, o fixo e o

---

<sup>27</sup> O símbolo {, acrescentado nos exemplos por nós, marca o início da digressão feita por F, e } marca o seu final.

fluido na língua, mudança e variação, questões que se relacionam ao fenômeno que estamos focalizando.

A fluidez entre as categorias poderia se constituir em obstáculo para um estudo variacionista, que pressupõe a delimitação criteriosa de uma variável. Contudo, é possível delimitar, no contínuo entre as funções, pontos de variação, como a seqüenciação retroativo-propulsora, mediante critérios para lidar com os dados ambíguos, isto é, os “entre” categorias, conforme é discutido durante a seleção das variantes, no terceiro capítulo. Antecipamos acerca da seleção das variantes, porém, que, neste estudo, focalizamos os seqüenciadores retroativo-propulsores oracionais e textuais, deixando de lado os interacionais. Essa exclusão é explicada pela necessidade de controle, em análise variacionista de itens interacionais, de fatores relativos ao componente voltado para a interação, envolvendo troca e disputa de turnos, o que não é necessário no caso dos demais seqüenciadores. Pretendemos limitar nossa investigação, portanto, ao nível oracional-textual.

Não se entenda por essa limitação que os conectores oracionais e textuais eximem-se de papéis no nível interacional: eles fornecem pistas de como o ouvinte deve interpretar a relação entre informações dadas pelo falante, porém não estão tão diretamente envolvidos na interação dialógica quanto os conectores interacionais. Além disso, contribui para a exclusão dos conectores interacionais a natureza do *corpus* de que nos utilizamos, que apresenta poucos diálogos, pois o entrevistador atua como orientador e estimulador do falante, não participando ativamente da troca. Parece-nos que, se cumpridas as exigências de seleção de *corpus* mais voltado à conversação e de atenção a fatores ligados à troca de turnos, é possível proceder a um estudo variacionista envolvendo os três tipos de conectores.

## 4. Objetivos e hipóteses

A partir das considerações feitas nas seções anteriores, propomos agora nossos objetivos e lançamos nossas hipóteses.

### 4.1 Objetivos gerais e específicos

#### Objetivo geral

- » Descrever um fenômeno de variação entre formas plenas - *aí*, *daí*, *então* e *e* - na interface sintaxe-discurso, a partir de dados de informantes florianopolitanos, pertencentes ao Banco de Dados do Projeto VARSUL, contribuindo para a descrição do português falado na Região Sul e possibilitando futuras análises comparativas com resultados obtidos em pesquisas em outras regiões do país.

#### Objetivos específicos

- » Discutir a possibilidade de *aí*, *daí*, *então* e *e* se comportarem como variantes na função lingüística de seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala, levantando os fatores condicionantes (lingüísticos e extra-lingüísticos) do uso das formas e caracterizando os contextos preferenciais do emprego das variantes.
- » Verificar se o fenômeno investigado se comporta como variação estável ou se é possível caracterizá-lo como mudança em tempo aparente.
- » Buscar indícios de que *aí*, *daí*, *então* e *e* vêm sofrendo transformações num percurso de gramaticalização, dando origem, a partir de empregos adverbiais, a usos como conectores e qualificadores (modificadores/intensificadores) e, num percurso de discursivização que se segue ao de gramaticalização, a usos interacionais, podendo atuar como variantes em diversas funções originadas em diferentes pontos desses percursos.

### 4.2 Hipóteses gerais e específicas

#### Hipótese Geral (A)

- » As formas plenas *aí*, *daí*, *então* e *e* atuam como variantes na articulação oracional/textual, como seqüenciadores retroativo-propulsores de informação, sofrendo influências de fatores lingüísticos e sociais.

#### Hipóteses específicas:

- » As variantes *aí*, *daí*, *então* e *e* sofrem influências de fatores lingüísticos de diferentes níveis: (a) semântico-discursivo, que abrange a função semântico-discursiva específica dos conectores (seqüenciação temporal, introdução de efeito, finalização, seqüenciação textual, retomada), o tipo de discurso, o

nível de articulação tópica (inter-oracional/tópico) e a (des)continuidade referencial e de tempo/aspecto; (b) morfo-sintático/semântico, que abrange o traço semântico do verbo e categorias verbais (tempo e aspecto).

- ✂ As variantes sofrem influências dos fatores sociais: (a) escolaridade: *aí* e *daí* devem ser mais recorrentes na fala de informantes de nível de escolaridade primário, e *então* e *e* na fala de informantes de nível colegial, pois os usos não adverbiais de *aí* e *daí* costumam ser considerados vícios de linguagem pelos professores de língua portuguesa em geral, e, à medida que a escolarização avança, sua recorrência deve diminuir; (b) idade: o uso das quatro variantes está diretamente correlacionado à faixa etária: *daí*, que parece ser a forma mais inovadora, deve ser mais empregado por informantes de 15 a 24 anos, *aí* por informantes de 25 a 50 anos e *então* e *e* por informantes com mais de 50 anos de idade. O fato de os indivíduos mais velhos privilegiarem uma das formas e os mais jovens as outras pode se constituir em um indício de mudança em tempo aparente. (c) sexo: *então* e *e* devem ser mais empregados pelas mulheres, e *aí* e *daí* pelos homens, pois as formas consideradas de maior prestígio costumam ser mais utilizadas pelas mulheres que pelos homens (Fischer, 1958, apud Paiva, 1991a:101).

### Hipótese Geral (B)

- ✂ *Aí*, *daí*, *então* e *e* vêm sofrendo transformações num percurso de gramaticalização, dando origem, a partir de empregos adverbiais, a usos como conectores e qualificadores (modificadores/intensificadores) e, num percurso de discursivização que se segue ao de gramaticalização, a usos interacionais, podendo atuar como variantes em diversas funções originadas em diferentes pontos desses percursos.

## CAPÍTULO II: QUADRO TEÓRICO - EM BUSCA DE LUZ

Apresentamos aqui o quadro teórico em que se insere esta pesquisa, constituído pela associação de postulados do Funcionalismo Lingüístico (cf. principalmente Givón, 1995; Heine et alii, 1991a; Hopper e Traugott, 1993) e da Teoria Variacionista (cf. especialmente Weinreich, Labov e Herzog, 1968; Labov, 1972, 1978, 1994). O funcionalismo prevê mudanças lingüísticas associadas ao processo de gramaticalização, processo possivelmente responsável pelos diversos usos de *aí*, *daí*, *então* e *e*, bem como prevê como consequência da mudança a possibilidade de variação, hipótese a ser averiguada relativamente aos itens sob estudo.

Uma vez encontrada a variação, temos de delimitar a variável, com especial atenção para a manutenção do mesmo significado e contexto, e buscar os fatores condicionantes da variação. Temos também de investigar se é um caso de variação estável ou se há evidências de mudança em tempo aparente, tudo sob os auspícios da Teoria Variacionista. É possível que os resultados quantitativos obtidos pela aplicação da metodologia variacionista apontem para os rumos que os processos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* possam vir a tomar.

### 1. O funcionalismo lingüístico

O funcionalismo lingüístico estuda a língua em uso, destacando a simbiose entre a gramática e o discurso: a gramática molda o discurso e o discurso molda a gramática. Ao mesmo tempo em que fornece padrões para a construção do discurso, é nele que a gramática emerge e muda, que a forma ajusta a si mesma para novas funções e estende seus significados - criativamente e sob influência do contexto. É também no uso que temos a variação e a indeterminação, partes necessárias do mecanismo que modela e remodela a gramática (Givón, 1995:07).

A gramática - dinâmica e emergente<sup>28</sup> - é resultante de regularidades advindas das pressões de uso. Portanto, nunca se estabiliza, nunca está acabada: ao mesmo tempo em que alcança regularidade pela eliminação de anomalias e variação, emergem novos padrões que introduzem novas anomalias e variação (Lichtenberk, 1991:76). A gramática exhibe, então, lado a lado, padrões rígidos e padrões fluidos, maleáveis em vários graus. É um "sistema adaptativo", modelada por pressões externas, isto é, discursivas, além de pressões da própria estrutura gramatical já consolidada, pressões essas em relação de "motivações em competição" (DuBois, 1984): influências discursivas competem com influências estruturais na construção da gramática.

---

<sup>28</sup> Hopper (1987, apud Heine et alii, 1991:21) afirma que não há gramática, ou ela é sempre emergente, igualando gramaticalização à gramática: "Não há gramática, mas apenas gramaticização - movimentos para a estrutura".

O quadro 2 abaixo mostra os níveis de codificação lingüística segundo o funcionalismo de base givoniana:

**Quadro 2: Níveis de codificação lingüística**

FUNÇÃO COGNITIVO-COMUNICATIVA	CODIFICAÇÃO
significação lexical	sistema sensório-motor
semântica proposicional	sistema gramatical
pragmática discursiva	sistema gramatical

No primeiro nível da codificação lingüística, o da significação lexical, as palavras codificam conceitos através de sons. Os níveis da semântica proposicional (estados, eventos) e da pragmática discursiva (concatenações multiestados/eventos) são codificados de forma articulada pelo sistema gramatical. A gramática codifica a informação proposicional em oração e a coerência textual das orações em seu contexto discursivo, abarcando não só as construções sentenciais, mas também o discurso multi-proposicional (Givón, 1993:25).

O aparato teórico funcionalista de base givoniana parece-nos o ideal para guiar a investigação, uma vez que apresenta uma concepção de gramática como instrumento de codificação lingüística que envolve a semântica proposicional e a pragmática discursiva, o que permite tratar os conectores oracionais (relacionados à semântica proposicional) e textuais (relacionados à pragmática discursiva) sem ter de isolá-los entre si (Givón, 1995:405). Tratamos, assim, da seqüenciação retroativo-propulsora como uma função semântico-discursiva.

A estrutura sintática de cada cláusula é mista: alguns de seus subcomponentes são usados primariamente para codificar a informação proposicional; outros subcomponentes são usados primariamente para codificar a função pragmático-discursiva, ou seja, a função comunicativa da cláusula e sua coerência dentro do texto/contexto discursivo (Givón, 1995:15). Podemos, portanto, encontrar especificidades relativas a cada um dos subtipos de conectores (oracionais e textuais), oriundas das pressões do nível específico do qual fazem parte os conectores, além do fundo de características comuns que mantêm entre si, advindas da codificação gramatical.

## 1.1 O processo de gramaticalização

**“(...) l'attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome”**

Antoine Meillet<sup>29</sup>

A visão de gramática como dinâmica pressupõe que as línguas estão em constante mudança, motivada pelas pressões de uso e pelas pressões do próprio sistema gramatical. O processo de gramaticalização<sup>30</sup> é um tipo de mudança lingüística, envolvendo o percurso de regularização gradual em que itens ou construções lexicais, devido a pressões de similaridade entre os contextos comunicativos em que são utilizados, adquirem, no curso do tempo, funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, podem continuar a desenvolver novas funções gramaticais (cf. Hopper e Traugott, 1993; Heine et alii, 1991a/b; Traugott e Heine, 1991; Sweetser, 1990; Neves, 1997).

Com uma proposta diferenciada em relação ao percurso ‘léxico > gramática’ apontado acima, Givón (1979:83) põe em relevo o papel da pragmática ao clamar que a sintaxe de hoje é a pragmática de ontem, aclamação que sublinha a reanálise de padrões discursivos como padrões gramaticais. O percurso ‘pragmática > sintaxe’ representa o início da onda cíclica que o autor apresenta para o desenrolar da gramaticalização: ‘discurso’<sup>31</sup> > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero’. Para Traugott e Heine (1991:05), não há inconsistência entre as perspectivas ‘item lexical > morfema’ e ‘discurso > morfossintaxe’, se consideramos que o discurso pressupõe o léxico, empregando itens lexicais de modo a dotá-los de significado pragmático. Sendo assim, as fórmulas ‘item lexical > morfema’ e ‘discurso > morfossintaxe’ podem ser combinadas como ‘item lexical usado no discurso > morfossintaxe’.

Se faz importante no âmbito deste estudo definir itens gramaticais e lexicais. Estes fazem referência ou descrevem coisas do universo biossocial - entidades, ações, qualidades. Incluem-se entre eles nomes, verbos, adjetivos e advérbios. Itens gramaticais são elementos funcionais que servem para organizar os itens lexicais no discurso: relacionam nomes (preposições), ligam partes do discurso (conectores), indicam se as entidades e participantes de um discurso já foram identificados ou não (pronomes e artigos), mostram se eles estão próximos do falante ou do ouvinte (demonstrativos), indicam tempo, aspecto, modo, gênero e número (morfemas verbais e nominais). É possível considerar á parte adjetivos e advérbios, como propõem Hopper e Traugott (1993:104), que dividem as palavras em três categorias: “Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]”.

<sup>29</sup> Trecho extraído de Meillet (1912, apud Hopper & Traugott, 1993).

<sup>30</sup> Heine et alii (1991a:03) apontam como termos alternativos à ‘gramaticalização’: reanálise, sintaticização, enfraquecimento semântico, desvanecimento semântico, condensação, redução, subdução, gramaticização e gramatização.

<sup>31</sup> Givón toma pragmática como sinônimo de discurso.

É na passagem do léxico/discurso para a sintaxe, isto é, na etapa inicial do percurso de gramaticalização, que se desenvolvem os conectores, caso de *aí*, *daí*, *então* e *e*. Dois mecanismos em especial têm sido considerados como responsáveis por tal desenvolvimento: transferência metafórica e pressão de informatividade (ou metonímia). Alguns teóricos defendem a presença simultânea de ambos, ao passo que outros afirmam a atuação de cada mecanismo em momentos distintos do processo de gramaticalização, conflito que abordamos a seguir, juntamente com a caracterização dos mecanismos.

### 1.1.1 Metáfora versus metonímia

De acordo com Heine et alii (1991a:29), a transferência metafórica é um dos principais mecanismos que subjazem ao processo de gramaticalização: "(...) o uso de um dado termo lingüístico para um novo conceito envolve um processo pelo qual dois conceitos diferentes são metaforicamente igualados e pelo qual o termo que é usado para um deles é também estendido para se referir ao outro".<sup>32</sup> Por meio da transferência metafórica, conceitos mais complexos são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Estes constituem, então, os conceitos fonte<sup>33</sup> da gramaticalização e, lingüisticamente, são codificados como lexemas, referindo-se a algumas das mais elementares experiências humanas, relativas ao estado físico, comportamento ou meio ambiente. Destacam-se como possíveis fontes, entre outros, os itens lexicais que designam partes do corpo; fenômenos naturais; verbos dinâmicos, de postura e de processos mentais; quantificadores; demonstrativos básicos (op. cit., p. 34).

A gramaticalização de domínios fonte em domínios alvo é guiada pela similaridade funcional entre fontes e alvos potenciais. Assim, a experiência não física é compreendida em termos da experiência física, o tempo em termos de espaço, a causa em termos de tempo, as relações abstratas em termos de processos físicos ou relações espaciais (op. cit., p. 51). Indicadores de pontos no espaço, como *aí* e *daí* dêiticos locativos, podem, portanto, passar a designar pontos no discurso, como dêiticos discursivos; e indicadores de tempo, como *então*, *aí* e *daí* anafóricos temporais, podem atuar como conectores sequenciadores temporais. O significado espacial e temporal é, neste caso, o significado mais concreto que serve de base para o surgimento de significados mais abstratos, que atuam na organização do discurso.

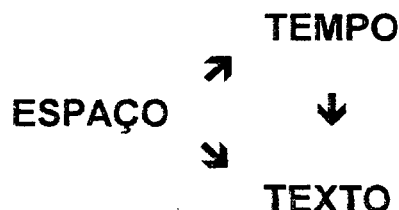
É possível descrever o processo de desenvolvimento de itens lexicais em itens gramaticais em termos de algumas categorias básicas, distribuídas, de acordo com um grau de abstração crescente, ao longo da escala de derivação

<sup>32</sup> As traduções são de minha responsabilidade.

<sup>33</sup> "Conceito fonte" é uma noção relativa, pois um conceito pode ser a fonte de outro conceito mais abstrato, o qual, por sua vez, pode ser a fonte de outro conceito ainda mais abstrato. Heine et alii (1991a:32) propõem a diferenciação entre "conceitos fonte básicos", que não podem derivar de outras entidades mais concretas (os que designam partes do corpo, por exemplo), e "conceitos fonte derivados", que, apesar de serem a fonte de outros conceitos, derivam dos "conceitos fonte básicos".



'pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade'<sup>34</sup>, que destaca a similaridade entre fontes e alvos. Cada uma dessas categorias inclui uma variedade de conceitos definidos perceptual e/ou linguisticamente, representando domínios de conceptualização importantes para a experiência humana. A relação entre as categorias é metafórica, sendo possível a cada uma delas conceituar a categoria a sua direita.<sup>35</sup> Considerando as últimas etapas da escala, Heine et alii (op. cit., p. 182) propõem um percurso de gramaticalização para os conectores, salientando a origem espaço-temporal da forma fonte, origem facilmente evidenciável no surgimento de diversos conectores.<sup>36</sup> A escala a seguir ilustra tal percurso:



Conforme a escala, elementos indicadores de espaço externo, por transferência metafórica, passam a ser empregados como indicadores temporais e, por fim, como organizadores do espaço textual, sendo possível um percurso do espaço externo diretamente para o espaço textual. Podemos relacionar a esse percurso de gramaticalização o desenvolvimento de *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores a partir de uma base adverbial.<sup>37</sup> Por exemplo, o *então* anafórico espacial<sup>38</sup> (sinônimo de *nesse lugar*), ao iniciar seu processo de gramaticalização no latim, torna-se um indicador de tempo (sinônimo de *nessa época* ou *nesse momento*), passando, a seguir, a exercer funções no nível da interligação textual, como a seqüenciação de eventos e a introdução de efeito.<sup>39</sup>

<sup>34</sup> A "qualidade" é a mais genérica e difusa das categorias, podendo se referir, entre outros, a situações estáticas em oposição a dinâmicas, a conceitos não físicos em oposição a físicos (Heine et alii, 1991a:49). É possível incluírem-se como "qualidade" funções como a seqüenciação retroativo-propulsora.

<sup>35</sup> A metáfora que está em jogo aqui é a categorial: a primeira categoria constitui o tópico e a segunda o veículo dentro da equação metafórica, por exemplo, 'tempo é espaço' (Heine et alii, 1991b:157).

<sup>36</sup> É possível que o desenvolvimento de conectores siga a escala completa 'pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade', mas, ao menos no caso dos conectores em estudo, é difícil perscrutar sua origem em busca de uma fonte designativa de pessoa ou objeto, por exemplo, pois já no latim possuíam usos espaço-temporais.

<sup>37</sup> A passagem de *e* de advérbio a conector é antiga. Barreto (1992:38) aponta que as conjunções latinas eram provenientes, entre outros, de antigos advérbios, caso do *et*, derivado de um antigo advérbio indo-europeu, presente também em *etiam* e *etsi*.

<sup>38</sup> No exemplo a seguir, extraído da *Coletânea de textos de Francisco José Lacerda e Almeida* (Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944:111), há um *então* locativo (uso bastante raro), que remete a um lugar, qual seja o ponto em que, depois das primeiras cem léguas do rio, os matos impedem a passagem dos barcos: "O rio Baures, que conflui no Guaporé pela margem austral e na distância de quatro léguas e três quartos para cima do forte do Príncipe da Beira, é navegável em botes de mediana grandeza pela distância de cem léguas, pouco mais ou menos: cheguei somente até este termo porque os matos, por entre os quais desde então corre o rio formando várias bocas ou canais estreitos, me obstaram a continuação da viagem (...)". Portanto, o uso do *então* como locativo ocorreu no português.

<sup>39</sup> Tomamos como exemplo de modo superficial somente o percurso do *então*, pois analisamos com maior detalhe o percurso de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* e suas implicações no quinto capítulo.

No percurso de gramaticalização, também é destacado o papel da metonímia, mecanismo de mudança cujas motivações estão no contexto lingüístico e pragmático de uso de uma dada forma: ocorre uma associação conceitual entre entidades de algum modo contíguas, de forma que o item lingüístico que é usado em referência a uma delas passa a ser usado também para a outra (Taylor, 1989, apud Heine et alii, 1991:61). A metonímia envolve a especificação de um significado em termos de outro que está presente no contexto, isto é, representa uma transferência semântica através da contigüidade, enquanto a metáfora envolve a especificação de um conceito, geralmente mais complexo, em termos de outro não presente no contexto, isto é, uma transferência semântica através de uma similaridade de percepções de sentido (Traugott & Köning, 1991:212).

Um mecanismo ligado à metonímia e, em especial, à gramaticalização de conectores, é o que Traugott e Köning (op. cit., p. 194) chamam de inferência por pressão de informatividade, designando o processo em que, devido à convencionalização de implicaturas conversacionais por meio de pressões do contexto de uso, o item lingüístico passa a assumir um valor novo, inferido do valor original. Quando uma certa implicação comumente surge com certa forma lingüística, pode ser tomada como parte do significado desta, podendo mesmo chegar a substituí-lo. Isso significa que, por exemplo, dado o contexto adequado, conceitos espaciais podem licenciar implicaturas temporais. Quando essa interpretação temporal se torna convencionalizada, o campo está preparado para uma interpretação de acordo com a qual o conceito que pode ser entendido espacial ou temporalmente é interpretado exclusivamente como temporal. Pode ser este o caso da passagem de, por exemplo, *então* anafórico locativo a anafórico temporal, passagem essa que, como vimos acima, também pode ser explicada com referência ao mecanismo metafórico. Ou seja, tanto a metáfora quanto a metonímia podem estar envolvidas no percurso de gramaticalização dos itens sob pesquisa.

Para Heine et alii (1991b:165-166), metáfora e metonímia são compatíveis entre si, pois, por um lado, a gramaticalização é feita sob uma escala de entidades contíguas que estão numa relação metonímica umas com as outras e, por outro lado, contém um número menor de categorias mais salientes e descontínuas, como espaço, tempo ou qualidade. A relação entre essas categorias é metafórica, mas pode também ser descrita como o resultado de um número de extensões metonímicas. Dessa forma, metáfora e metonímia coexistem como “parte e parcela” no processo de gramaticalização, embora uma possa ser mais proeminente que a outra, dependendo da função gramatical que estiver em jogo.

Contudo, Bybee et alii (1994:296) crêem que os mecanismos de mudança em questão ocorrem em diferentes estágios da gramaticalização. A metáfora só é possível nos estágios iniciais, quando o conteúdo semântico é bastante específico, e a metonímia é responsável pelas mudanças entre significados que já são mais abstratos, o que ocorre nas etapas posteriores do processo, quando uma forma gramaticalizada continua a adquirir funções

gramaticais. Ou seja, “quando o significado gramatical torna-se mais abstrato e mais eroso, torna-se menos sujeito à metáfora e mais sujeito às pressões contextuais que geram mudança por inferência” (op. cit., p. 285).

### 1.1.2 A gramaticalização e o significado

Se há grande discordância sobre a etapa da gramaticalização em que atuam os mecanismos metafórico e metonímico, há maior concordância de que a gramaticalização se trata de um percurso unidirecional relativamente ao rumo tomado pelo desenvolvimento das categorias. Ou seja, itens lexicais originam itens gramaticais, e não vice-versa; paralelamente, conceitos mais concretos derivam conceitos mais abstratos, e não vice-versa. A concepção básica é que há uma relação entre dois estágios A e B de modo que A ocorre antes de B, mas não vice-versa (Hopper & Traugott, 1993:95). Também cumpre apontar que a passagem entre os estágios A e B não é direta, havendo um estágio intermediário A-B, em que os significados estão sobrepostos e, em decorrência, a interpretação dos mesmos é ambígua. Assim, as categorias objeto, espaço, tempo e qualidade não estão completamente separadas umas das outras. A fase de ambigüidade é superada à medida que o significado fica mais transparente e se regulariza o novo uso.

Como, pelo processo de gramaticalização, somando-se empregos antigos e novos, uma forma pode assumir um vasto conjunto de significados, caso de *aí*, *daí*, *então* e *e*, surge o problema de caracterizar a relação entre esses significados. Segundo Hopper & Traugott (op. cit., p. 71), “(...) da perspectiva da gramaticalização, é metodologicamente essencial assumir a polissemia se há uma relação semântica plausível, pertencendo as formas ou não à mesma categoria sintática, pois, de outro modo, relações entre variantes mais e menos gramaticalizadas de uma forma não podem ser estabelecidas, nem diacrônica nem sincronicamente”. De acordo com essa visão, os itens que sofrem gramaticalização são polissêmicos, apresentando diversas acepções relacionadas umas com as outras. Contudo, itens que estão próximos uns dos outros na escala de derivação tendem a ser interpretados como polissêmicos, mas membros mais distantes são prováveis de ser interpretados como homônimos, já que a relação entre seus significados é mais difusa.

De qualquer forma, a relação de continuidade que há entre os significados dos itens envolvidos na gramaticalização torna difícil manter uma abordagem à descrição lingüística baseada em classes de palavras discretas: a dificuldade na segmentação do contínuo de significados reflete-se na distribuição dos itens em classe de palavras (cf. seção 3.2 do primeiro capítulo). O processo de gramaticalização coloca em dúvida a possibilidade da existência de classes discretas de palavras, já que os itens surgem uns dos outros por percursos de mudança que os transportam gradualmente por categorias como espaço e tempo, do que resulta que “uma boa parte do comportamento lingüístico acontece entre categorias lingüísticas, não dentro” (Heine et alii, 1991b:179) (grifo nosso).

### 1.1.3 Os princípios da gramaticalização

Hopper (1991:22) propôs os seguintes princípios para o processo de gramaticalização:

Estratificação (camadas): "Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas."

Divergência: "Quando uma forma lexical sofre gramaticalização em clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais ordinários."

Especialização: "Dentro de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível num estágio; quando ocorre a gramaticalização, essa variedade de escolhas formais estreita-se e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais."

Persistência: "Quando uma forma sofre gramaticalização de uma função lexical para uma gramatical, tanto quanto isso é gramaticalmente viável, alguns traços de seus significados lexicais originais tendem a aderir a ela, e detalhes de sua história lexical podem ser refletidos nas restrições de sua distribuição gramatical."

De-categorização: "Formas sofrendo gramaticalização tendem a perder ou neutralizar seus marcadores morfológicos e características sintáticas peculiares das categorias plenas nome e verbo, e a assumir atributos característicos de categorias secundárias como adjetivos, participios, preposição, etc".

Destes cinco princípios, interessa-nos mais diretamente o primeiro, estratificação, que afirma a existência de diferentes graus de gramaticalização em domínios funcionais similares, geralmente de formas lexicais completamente diferentes.<sup>40</sup> Em casos como esses, considera-se a hipótese de que as formas mais ligadas são mais antigas nas funções gramaticais que desempenham, e que as menos vinculadas são mais recentes (Hopper & Traugott, 1993:124). O princípio de estratificação faz sobressair a possibilidade de dois ou mais itens lingüísticos competirem pelo desempenho de determinada função em algum ponto de sua trajetória, caso de *aí*, *daí*, *então* e *e* conectores. Tal diversidade decorre do fato de que, quando uma forma ou conjunto de formas emerge em um domínio funcional, não substitui imediatamente um conjunto já existente de

<sup>40</sup> São exemplos de diferentes camadas de gramaticalização que convivem no mesmo plano semântico as formas do pretérito do inglês: *ablaut* ("They sang"), sufixação ("I admired it") e construção perifrástica ("We have used it") (Hopper, 1991:24). As mais ligadas, *ablaut* e sufixação, são as formas mais antigas.

formas funcionalmente equivalentes, sendo possível que nunca venham a substituí-lo.

Também é importante o princípio de especialização, que se refere à redução do número de formas passíveis de serem empregadas na expressão de uma certa noção gramatical. Este princípio está fortemente relacionado ao princípio da estratificação, segundo o qual mais de uma forma pode estar disponível em uma língua para servir a funções similares ou idênticas. Se, dentre as formas possíveis, uma (ou mais de uma) preponderar em uma dada função, esta pode especializar-se, vindo a adquirir um significado mais geral, o que pode acarretar a eliminação das formas que com ela competiam.<sup>41</sup> Portanto, a especialização, tendência dos estágios finais da gramaticalização, diminui ou extingue a competição - variação - entre itens lingüísticos. É possível que um (ou mais) dos conectores sob estudo esteja se especializando como seqüenciador retroativo-propulsor, em detrimento dos outros.

Urge ressaltar ainda o princípio da persistência, que prega a manutenção de traços do significado lexical original nas formas gramaticais resultantes do processo de gramaticalização. A função seqüenciadora retroativo-propulsora desempenhada por *aí*, *daí* e *então* conectores desvela traços herdados dos usos adverbiais dêiticos, qual seja o "apontar para". Os empregos de *aí*, *daí* e *então* como dêiticos locativos caracterizam-se pelo apontamento em direção a um espaço ou tempo do mundo exterior, apontamento esse que se manifesta nos usos anafóricos locativos direcionados para um lugar mencionado anteriormente no texto, e nos dêiticos discursivos como o apontamento para um lugar do texto. Nos conectores seqüenciadores retroativo-propulsores, a função de apontar é preservada: os itens apontam para trás (são "retroativos") para impulsionar o discurso para frente, para a sua continuidade.

Além disso, a carga de indicador temporal de alguns dos usos conectivos das formas sob análise, presente como um "a seguir", um "dando seqüência", em especial no seqüenciador temporal, em certos usos do retomador e menos marcadamente no introdutor de efeito, também pode ser compreendida como um resquício dos usos como dêiticos/anafóricos temporais das formas. O seqüenciador textual não interliga eventos que se sucedem temporalmente, mas mantém de certa forma traços oriundos da sucessão temporal de eventos: toma informações não como se seguindo temporalmente, mas sim textualmente.<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> Hopper (1991:26) exemplifica o princípio da especialização com o caso do *pas* negativo em francês. Historicamente, a partícula negativa era *ne* e nomes como *pas* ("passo") ligavam-se a verbos de movimento para enfatizar a negação, assim como nomes como *mie* ("migalha") ligavam-se a verbos como "dar" e "comer". No século XVI, somente *pas* e *point* ("ponto") atuavam como enfatizadores de negação e, deles, somente *pas* se tornou uma verdadeira partícula negativa, estendendo seus usos para outros verbos, não somente os de movimento. Ou seja, foi selecionado, dentre outras formas possíveis, para especializar-se como partícula negativa e adquiriu um significado mais geral.

<sup>42</sup> Maiores especificações acerca dos traços que se mantêm ao longo da gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e e são apresentadas no quinto capítulo.

### 1.1.4 A discursivização

O percurso de mudança de itens lexicais pode não acabar com o ganho de funções gramaticais referentes à organização interna do discurso, e dirigir-se também rumo ao ganho de funções pragmáticas, relativas à interação entre os interlocutores na conversação, bem como ao ganho de funções ligadas ao processamento da fala. As funções relacionadas à interação e ao processamento, por hipótese, decorrem do processo de discursivização,<sup>43</sup> pelo qual são geradas estruturas mais automáticas e repetitivas no discurso, por perderem suas restrições gramaticais (adquiridas em decorrência da gramaticalização). Tais estruturas marcam relações entre os participantes ou entre os participantes e seu discurso, sem estabelecer necessariamente relações entre elementos da gramática (Martelotta et alii, 1996:60). São os marcadores discursivos.

Os pontos de partida da discursivização costumam ser verbos de percepção, como *ver*; verbos dicendi, como *dizer* e *falar*; expressões como *olha aí* e *olha só*, que passam a servir como aviso ou pedido de atenção do ouvinte para o que vai ser dito; elementos dêiticos espaciais, etc. Tais itens, ao tornarem-se marcadores discursivos, revelam tendência de mudança em direção ao emprego como preenchedor de pausa, que reflete estágios mais avançados de discursivização, por ser o emprego que menos mantém traços de usos originais (op. cit., p. 71-74). Cremos que os usos como preenchedores de pausa/mantenedores de turno, que se realizam no nível do processamento da fala, bem como os usos interjectivos e fáticos (cf. seção 1.5 do primeiro capítulo), mais em nível interacional, representam os resultados do processo de discursivização envolvendo *aí*, *daí*, *então* e *e* (cf. sexto capítulo).

Enfim, o percurso de mudança pelo qual passam os itens em análise envolve, a princípio, a escala abaixo, que salienta a passagem do léxico para a gramática e, desta, para a interação. Ou seja, um elemento, inicialmente lexical, passa a ser usado com função gramatical, podendo assumir também a função de marcador discursivo.

(léxico-discurso) > gramaticalização (gramática) > discursivização (pragmática)

<sup>43</sup> Vincent, Votre & Laforest (1993) referem-se a esse processo com o termo "pós-gramaticalização".

## 2. A teoria da variação lingüística

Postulamos que *aí*, *daí*, *então* e *e*, ao passar pelo processo de gramaticalização, assumem diversas funções semelhantes ou idênticas (cf. primeiro capítulo), tanto no nível intermediário entre léxico e gramática, nos empregos como anafóricos temporais (*aí*, *daí* e *então*), quanto no nível gramatical, nos empregos como conectores (*aí*, *daí*, *então* e *e*)<sup>44</sup> e modificadores (*aí* e *daí*), e ainda nos níveis relativos à organização da interação e do processamento da fala, como marcadores discursivos (*aí*, *daí*, *então* e *e*). Quando desempenham as mesmas funções, podem, por hipótese, ser tomados como variantes lingüísticas. No presente estudo, restringimos a análise variacionista aos empregos situados no plano da conexão oracional e textual (cf. primeiro capítulo). Para estudar os empregos variáveis de *aí*, *daí*, *então* e *e* conectores, valemo-nos da teoria da variação lingüística ou sociolingüística variacionista.

Segundo seu precursor, William Labov (1972:xiii), o objeto da sociolingüística variacionista é "(...) a língua que é usada na vida diária por membros da sociedade, o veículo de comunicação com que discutem com suas esposas, trocam piadas com seus amigos, e ludibriam seus inimigos." E a língua em uso se caracteriza como fenômeno dinâmico, variável sincrônica e diacronicamente. "A variação em todo nível de organização do sistema lingüístico constitui o campo predileto da pesquisa sociolingüística. É essencialmente por meio da variação que se manifestam os parâmetros de diferenciação social, os processos dinâmicos de variação estilística e a interação de fatores do sistema lingüístico" (Cedergren, 1983, apud Bentivoglio, 1987:07).

A sociolingüística variacionista, estudando a estrutura e a evolução da língua dentro da comunidade de fala, busca as causas da variabilidade e da própria mudança lingüística, a qual se relaciona ao caráter de variação inerente à língua: "Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística envolve mudança, mas toda mudança envolve variabilidade e heterogeneidade" (Weinreich, Labov e Herzog, 1968:188). A variação e a heterogeneidade não são imotivadas nem ocorrem ao acaso, mas sim regidas por regras variáveis que podem ser mais ou menos aplicadas, dependendo do ambiente lingüístico e/ou do contexto social (sistema lingüístico de probabilidades).

As regras variáveis implicam a existência de formas lingüísticas alternantes, que são assim definidas por Tarallo (1985:6): "Variantes lingüísticas são (...) diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de "variável lingüística." A variabilidade lingüística em diferentes níveis gramaticais é regular, podendo ser sistematizada e analisada quantitativamente, com base no controle de grupos de fatores condicionantes de natureza lingüística e social, cada um deles contribuindo para a seleção de

---

<sup>44</sup> Nosso objeto de estudo - a seqüenciação retroativo-propulsora - envolve conectores oracionais e textuais. Quando utilizamos o termo "conector", estamos nos referindo a ambos. A referência a cada um separadamente é especificada: "conector oracional" e "conector textual".

uma ou outra das formas variantes que disputam determinado emprego. Ou seja, a escolha da forma alternante sofre influências de fatores externos bem como de estruturais.<sup>45</sup>

A sistematização dos dados dentro do modelo sociolingüístico se processa da seguinte forma: 1) levantamento de dados de fala (dados que reflitam o vernáculo da comunidade);<sup>46</sup> 2) descrição detalhada da variável dependente, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem (envelope de variação); 3) análise dos possíveis fatores condicionadores que podem estar favorecendo o emprego de cada uma das variantes; 4) encaixamento da variável no sistema lingüístico e social da comunidade; 5) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade, com a formulação de regras variáveis (Tarallo, 1985:10-11).

Os indícios de mudança lingüística são buscados pela sociolingüística quantitativa em estudos que envolvem dados de tempo real e/ou de tempo aparente, isto é, dados de épocas passadas (décadas, séculos) - o uso em tempo real; ou dados atuais, caso do nosso estudo, relacionando-se as variantes à idade dos informantes - o uso atual como reflexo do uso passado e fonte dos usos futuros (Labov, 1994). Se estamos lidando com mudança em progresso, possivelmente encontraremos diferenças nas frequências e pesos relativos das variantes entre os falantes mais jovens e mais velhos.

## 2.1 A extensão

Nos estudos variacionistas iniciais, desenvolvidos no campo fonológico, Labov realiza uma das principais descobertas da sociolingüística, ao comprovar que diferenças de formas (diferenças de pronúncia, como em /tia/ e /tjia/), consideradas até então como imotivadas e livres, são portadoras de significação social ou estilística, isto é, têm seu uso condicionado por fatores sociais como sexo, idade, escolaridade, e/ou pelo estilo (uma escala de estilos de mais formal a menos formal). Ou seja, as formas variantes são idênticas quanto à referência e valor de verdade, mas se diferenciam quanto à significação social e/ou estilística.

Logo tentativas de estender a análise variacionista para campos diferentes do fonológico foram efetuadas. Uma vez comprovada a existência da variação sistemática e quantificável na fonologia, por que não averigüá-la em outros níveis lingüísticos? No entanto, as tentativas de extensão do modelo para além da fonologia encontraram fortes dificuldades na questão da manutenção do significado das formas alternantes. Em níveis não fonológicos, seria possível postular que dois ou mais elementos se constituem em várias

<sup>45</sup> A variável em análise em uma pesquisa sociolingüística é dependente dos fatores condicionadores (pode ser chamada de variável dependente), os quais, por sua vez, não dependem da variável dependente e não precisam necessariamente ser dependentes entre si. Por isso são chamados de variáveis independentes.

<sup>46</sup> Conforme Tarallo (1985:10-11) o vernáculo é a "(...) enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o *que*), sem a preocupação de *como* enunciá-los. Tratam-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação".



maneiras de dizer a mesma coisa? Não seria o caso de termos duas formas diferentes dizendo coisas diferentes?

Dentre as tentativas de extensão, destacamos o pioneiro estudo de Weiner e Labov (1977), que toma como variável construções sintáticas. Nesse estudo, foram admitidas como variantes a passiva sem agente e a ativa com pronome sujeito genérico. Os autores não constataram grandes influências de fatores sociais no uso das variantes. A motivação encontrada foi fundamentalmente sintática: o paralelismo estrutural foi o fator condicionante de maior destaque. Weiner e Labov concluíram que, neste caso, os fatores lingüísticos e sociais não são interdependentes, uma vez que não houve diferença relativamente à forma de condicionamento do emprego das ativas e passivas nos diferentes grupos sociais testados. Esse resultado, portanto, coloca em destaque os fatores condicionantes lingüísticos em detrimento dos sociais.

### 2.1.1 Prós e contras

A partir do trabalho de Weiner e Labov sobre as passivas, Lavandera (1978:07-08) instaura um debate, apontando que alternantes não fonológicas têm cada uma significado referencial distinto. Sendo assim, uma vez que a variação pressupõe duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa, seria inviável sua ocorrência fora dos limites da fonologia. Além desses limites, os resultados deveriam ser tomados apenas como artifícios heurísticos, podendo-se inclusive tratar como “equivalentes” casos de comparabilidade funcional, por exemplo, “Por favor, feche a janela”, “Está frio aqui.”, “Como você consegue ficar sem casaco?” Temos aqui, então, duas possibilidades de estudos: alargamento, com o relaxamento da exigência de manutenção de mesmo significado, chegando-se inclusive à comparabilidade funcional, caso em que se investigariam estruturas oriundas de uma mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente de mesmo significado; ou restrição ao nível fonológico, pressupondo-se a variação sociolingüística propriamente dita, com alternantes portadoras de diferenças de significado de natureza sócio-estilística, mas não de significado referencial.

Labov (1978:02) rejeita ambas as propostas de Lavandera. Por um lado, discorda que unidades não fonológicas possuam cada uma um significado, e define-o como “estado de coisas”: dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas possuem o mesmo significado referencial. Caso nos restringamos a significado referencial assim definido, teremos facilitado o tratamento de formas além da fonologia, pois, se as variantes, mesmo apresentando nuances de sentido ou traços pragmáticos distintos, referirem-se ao mesmo estado de coisas, tendo, então, o mesmo significado referencial, poderão ser tratadas dentro da teoria variacionista como formas equivalentes.

Rejeitando, por outro lado, a idéia de alargamento do significado, Labov (op. cit., 08) substitui os conceitos de significado social e estilístico por, respectivamente, função de identificação do falante (como o falante estabelece

sua identidade por meio da fala) e função de acomodação ao ouvinte (como o falante modela sua fala tentando se adequar ao ouvinte). Assim, toda variável possui um significado: o referencial, e duas funções: identificação e acomodação. O autor salienta que a igualdade de significado referencial é que é o básico para a seleção das variantes. Os métodos da sociolinguística variacionista são precisos e confiáveis quando as variantes são duas formas com o mesmo significado. Quando enveredamos pelo caminho da escolha entre formas para cuja interpretação necessitamos fazer inferências (caso da comparabilidade funcional), os resultados são inconclusivos.

Lavandera (1978:09) menciona também outro problema: diversos estudos em torno de variáveis não fonológicas concluíram que algumas formas não carregam significado estilístico ou social, isto é, não há grande efeito em seu uso por parte de condicionantes externos, sendo sua escolha motivada apenas por fatores linguísticos. Conseqüentemente, tais formas não seriam variáveis sociolinguísticas, mas sim linguísticas. Todavia, segundo Labov (1978:13), ao realizar estudos em sociolinguística, não estamos presos aos efeitos dos fatores sociais, que podem não ter efeito algum. A sociolinguística é “sócio” não necessariamente porque lida com fatores sociais ou estilísticos, mas porque vê a língua como fenômeno social.

### **2.1.2 Mais prós e contras**

Não é apenas a questão do significado das formas alternantes que se põe como obstáculo à realização de trabalhos variacionistas nos campos diferentes do fonológico. Além da manutenção do significado, faz-se necessária a equivalência de contextos para que dois itens sejam identificados como variantes de uma mesma variável. É preciso, pois, um imenso cuidado no estabelecimento dos contextos possíveis de variação não-fonológica, o que não raro exige o isolamento e a definição dos elementos que variam ao longo da mesma dimensão respondendo ao mesmo estado de coisas, com a eliminação de todos os contextos em que duas alternantes contrastam, isto é, não dizem a mesma coisa (op. cit., 1978:05).

É possível seguir outro percurso que não o da análise de um fenômeno de contornos gramaticais bem definidos, mas de domínios mais abrangentes, procurando-se, por exemplo, investigar como um mesmo processo se manifesta através de expressões distintas, inclusive considerando-se como variantes itens de diferentes domínios gramaticais. Seguindo essa linha de pesquisa, fenômenos como causa, reiteração, seqüência, indeterminação, modalização, entre outros, começam a ser abordados sob uma perspectiva variacionista (Paredes da Silva, 1991a:40; Braga, 1991:96), podendo se considerar aqui também a nossa seqüenciação retroativo-propulsora. Como tais investigações mantêm o princípio da variação, a quantificação dos dados, o controle dos fatores sociais e a exigência de as construções possuírem o mesmo significado, são pertinentes à teoria laboviana.

No entanto, estudos em que se leva em conta a variação em domínios mais abrangentes trazem à tona a questão dos condicionamentos semântico-discursivos. Se as variantes apresentarem tendências semânticas diferenciadas, talvez não se tratem de formas equivalentes semântico-pragmaticamente. Para Naro (1996:01), tal fato não representa problema: "(...) podemos estudar fenômenos que implicam diferenças de sentido entre as variantes se levarmos em consideração esse fator, como qualquer outro fator relevante". Ou seja, temos como lidar com diferenças associadas a matizes semânticos ou a propriedades discursivo-pragmáticas, controlando-as através dos fatores postulados como condicionantes do fenômeno. Face a isso, ressalvamos, porém, que é essencial distinguir se o fator semântico ou discursivo em questão se apresenta como condicionante da variação ou se atua como determinante da escolha, caso em que não há variação, apenas distribuição complementar, como aponta Paredes da Silva (1991a:38).

### 3. A gramaticalização e a variação

Para mostrar a forte relação entre gramaticalização e variação, retomamos ora o princípio de estratificação de Hopper (1991:22): "Dentro de um domínio funcional amplo, novas camadas estão continuamente emergindo. Quando isso acontece, as camadas antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as novas camadas." Ou seja, há dois caminhos a serem seguidos por uma forma que adquiriu uma nova função em decorrência do processo de gramaticalização: substituir completamente as formas mais antigas no desempenho de tal função, ou coexistir com essas formas, talvez por um período de tempo considerável. Quando as formas gramaticais coexistem, podem se especializar para itens lexicais particulares, classes particulares de construções ou registros sociolingüísticos, e podem ser caracterizadas como tendo significados suavemente distintos ou como sendo apenas alternantes estilísticas (op. cit., p. 23). A possibilidade de existência de duas ou mais formas alternantes de mesmo significado e função, prevista pelo princípio de estratificação, aponta para o fenômeno da variação lingüística.

Indícios de que a variação lingüística está relacionada à gramaticalização também são perceptíveis na afirmação de Bybee et alii (1994:300-301) de que como "(...) o desenvolvimento de grans<sup>47</sup> individuais é independente, não nos surpreenderemos em encontrar alguma sobreposição na função dos grans (...)". Tais grans, conforme os autores, podem diferir em seu significado porque se desenvolvem de diferentes fontes e retêm traços de seus significados fonte; podem estar em diferentes estágios no mesmo percurso, e assim cobrir diferentes graus de significado; e necessariamente interagem com outros grans no mesmo domínio semântico, porque contrastam com eles (como o perfectivo contrasta com o imperfectivo) ou porque competem por algum dos mesmos usos (como *will*, *shall* e *be going to* competem por funções do futuro no inglês).

---

<sup>47</sup> "Gram" é o termo usado por Bybee et alii (1994:02) em referência aos morfemas gramaticais, categoria em que se incluem afixos, alterações no radical, reduplicações, auxiliares, partículas, construções complexas como *be going to*.

A competição de formas por determinados usos é um fenômeno característico da variação.

De acordo com Lichtenberck (1991:37), a "(...) maior virtude dos vários tipos de abordagem à mudança sintática é vê-la como gradual não apenas no que mostram da pervasividade da variação (isso pode ser demonstrado por estudos puramente sincrônicos), mas no que demonstram acerca da natureza da variação. A variação é uma consequência necessária da gradualidade da mudança lingüística". As formas mudam gradual e continuamente, podendo assumir múltiplos papéis, o que faz crescer as possibilidades de termos várias formas competindo pelas mesmos papéis. Ou seja, a relação de causa e consequência entre a mudança por gramaticalização e a variação pode ser assim descrita: como decorrência da gramaticalização, duas ou mais formas passam a atuar no mesmo domínio funcional, com funções sobrepostas, o que permite o uso variável de tais formas.

Contudo, Labov (1994) postula que a variação é o primeiro estágio da mudança lingüística: surgindo a alternância entre determinadas formas, pode ocorrer mudança no sentido de uma das formas suplantando a outra ou especializar-se em funções e/ou contextos distintos, eliminando-se assim a variação. Portanto, de acordo com a visão da teoria variacionista, a mudança decorre da variação. A perspectiva é a de estudar diferentes formas competindo por certa função. Por exemplo, tomando como formas alternates *aí*, *daí*, *então* e *e*, averigua-se se tais formas estão passando por um processo de mudança em andamento ou se estão em relação de variação estável relativamente a função que compartilham. Parte-se da variação em busca da mudança.

A precedência da variação sobre a mudança, como defendido por Labov, é invertida pelos trabalhos sobre a gramaticalização e pelo princípio da estratificação. A visão dos teóricos da gramaticalização é a de que a variação decorre da mudança. Averigua-se o percurso evolutivo individual de um dado item, que, no decorrer de sua evolução, adquire múltiplas funções/significados. Esse item pode vir a partilhar uma ou mais de suas funções com outros itens, passando a disputar com estes o direito ao desempenho da função. Neste caso, é possível a realização de um estudo variacionista. Podemos resumir, grosso modo, os objetos da Teoria Variacionista e dos estudos da gramaticalização da seguinte forma:

- **Variação** ⇒ uma função e as diferentes formas que a desempenham.
- **Gramaticalização** ⇒ uma forma que desempenha diferentes funções.

Há, portanto, um viés distinto nas duas perspectivas arroladas acima. Os estudos variacionistas têm por objeto a coexistência de formas em uma mesma função, ao passo que os estudos da gramaticalização têm por objeto o percurso de mudança de uma forma individual. Tal fato não representa um empecilho para nossa investigação, pois é possível correlacionar essas diferentes perspectivas, se assumirmos que "dado o caráter cíclico da gramaticalização, parece não haver contradição em afirmar que a variação é ao mesmo tempo o

ponto de partida e o ponto de chegada da mudança lingüística” (Ataliba, 1997:55) ou, inversamente, que a mudança é o ponto de partida e o ponto de chegada da variação.<sup>48</sup> Essa perspectiva imbrica fortemente os pontos de vista da Teoria Variacionista e dos estudos da gramaticalização, prevendo que, no percurso de gramaticalização individual de cada forma podem surgir funções que já são desempenhadas por outras formas. Haverá, então, um ponto de variação, passível de ser solucionado por especialização das formas ou pelo desaparecimento de uma ou mais das variantes, soluções essas relacionadas ao próprio percurso contínuo de gramaticalização individual das formas, o que permite-nos pensar, para cada uma das formas sob análise, em um percurso de mudança com estágios do tipo: ‘...variação  $\Rightarrow$  gramaticalização  $\Rightarrow$  variação  $\Rightarrow$  gramaticalização...’

Temos aí um ciclo contínuo: a variação pode ser solucionada devido a uma mudança por gramaticalização sofrida por uma ou mais das formas alternantes, a mudança por gramaticalização pode levar à nova variação, que pode ser solucionada devido a uma nova mudança por gramaticalização... De acordo com essa perspectiva, portanto, os fenômenos de variação e mudança podem decorrer um do outro. E cada uma das etapas de variação é passível de ser estudada de acordo com os pressupostos da Teoria Variacionista, como fazemos nesta pesquisa, ao recortarmos uma das etapas do processo de gramaticalização individual de *aí*, *daí*, *então* e *e*, aquela em que adquirem a função de seqüenciação retroativo-propulsora,<sup>49</sup> para estudar comparativamente as formas enquanto variantes na codificação da referida função. O quadro a seguir ilustra esse procedimento.

---

<sup>48</sup> Se o que surgiu primeiro foi a variação ou foi a mudança é uma incógnita. No caso da mudança por gramaticalização, temos um processo contínuo que pode envolver variação em várias etapas do percurso das formas ‘gramaticalizandas’ e que pode ele próprio ter sido desencadeado pela relação de variação entre formas. Conforme Heine et alii (1991a:23), o fator ou fatores motivadores da gramaticalização não foram ainda esclarecidos.

<sup>49</sup> Conforme apontado na segunda seção do primeiro capítulo, entre a multiplicidade de funções de *aí*, *daí*, *então* e *e*, há várias desempenhadas por dois ou mais das formas em exame. Essas funções representam possíveis etapas de variação. São elas: a anáfora temporal (*aí* e *então*); a anáfora discursiva (*aí* e *daí*); a modificação de nome (*aí* e *daí*); a adversão (*aí* e *e*); a adição (*e* e *então*); o preenchimento de pausa (*aí*, *daí*, *então* e *e*).

**Quadro 3: Recorte de um ponto de variação ao longo do contínuo de mudança**

✂

<i>aí</i>	→ → → →	gramaticalização → → → → gramaticalização...
...gramaticalização	↘	↗
	VARIAÇÃO	
<i>daí</i>	→ → → →	gramaticalização → → → → gramaticalização...
...gramaticalização	↘	↗
	VARIAÇÃO	
<i>então</i>	→ → → →	gramaticalização → → → → gramaticalização...
...gramaticalização	↘	↗
	VARIAÇÃO	
<i>e</i>	→ → → →	gramaticalização → → → → gramaticalização...
...gramaticalização	↘	↗
	VARIAÇÃO	

Por que prevemos que os pontos de variação possíveis de surgir no percurso de gramaticalização de itens lingüísticos serão solucionados? As variantes de uma variável tendem a se rejeitar mutuamente (Oliveira, 1987:31): é disfuncional uma situação em que duas formas, num mesmo contexto, dizem a mesma coisa. Ou seja, a variação pede mudança, e esta pode se dar por gramaticalização, conforme o ciclo apresentado acima.<sup>50</sup> As maneiras pelas quais situações de variação entre formas gramaticais são resolvidas devido à ocorrência de novas gramaticalizações são, por exemplo, (i) uma das variantes continua seu processo de gramaticalização até desaparecer (seguindo o ciclo proposto por Givón, que culmina no nível 'zero'); (ii) cada variante, uma vez gramaticalizada, continua a desenvolver novas funções gramaticais, do que podem resultar formas especializadas em funções distintas. A especialização é manifestada por preferências textuais, condicionadas por tipos semânticos, contextos sociolingüísticos, gêneros discursivos, e outros fatores (Hopper & Traugott, 1993:114). Buscamos, nos próximos capítulos, pistas da solução da variação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* e sequenciadores retroativo-propulsores: especialização ou desaparecimento?

<sup>50</sup> Salientamos que outros tipos de mudança envolvendo formas em variação que não a gramaticalização são possíveis, bem como há a possibilidade de haver períodos de variação estável: as formas convivem bastante tempo como alternantes, sem indícios de que uma delas vencerá a "competição".

### CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS - FECHANDO O CERCO

A investigação de um fenômeno variável pressupõe a definição da alternância básica: o que varia com o que. A busca de formas que conservem o mesmo significado no mesmo contexto não é uma tarefa simples no âmbito da sintaxe-discurso, pois não raro o que à primeira vista parecia “o mesmo”, depois de uma análise mais acurada, revela diferenças. Portanto, faz-se imprescindível a delimitação criteriosa das variantes pelo estabelecimento de restrições de naturezas diversas, com o intuito de barrar possíveis formas concorrentes à variação que possam se caracterizar como casos duvidosos ou mesmo como não variantes. Neste capítulo, delimitamos mais detalhadamente a variável dependente em estudo e especificamos, por meio de restrições, as suas variantes. Especificamos ainda os grupos de fatores condicionadores testados e apresentamos a caracterização do *corpus* averiguado e do programa estatístico VARBRUL 2S (Pintzuk, 1988).

#### 1. Delimitação da variável: a questão do significado

Como vimos no capítulo anterior, a concepção básica da Teoria Sociolinguística Variacionista é o fato de que a variação linguística não é imotivada, livre ou casual, mas sistemática, regida por regras variáveis. As regras variáveis implicam a existência de formas linguísticas variantes, que são diversas maneiras de dizer a mesma coisa em um mesmo contexto - o significado referencial (cf. Labov, 1978) do que é dito deve ser mantido, embora mude a forma de dizer.

Qual é o significado de um conector? “Se partículas como preposições, artigos e conectores têm significado (e se têm, que tipo de significado) tem sido um ponto de discussão desde a antiguidade” (Dik, 1968, apud Schiffrin, 1987:188). Os conectores não se relacionam ao universo biossocial, mas à articulação interna do texto: interligam segmentos da frase ou do texto. Desse modo, não têm em si um significado referencial, mas sim adquirem significado no contexto de uso. Schiffrin (1987:09) aponta que “Mecanismos coesivos em si não criam significado; são pistas usadas pelos falantes e ouvintes para encontrar os significados que subjazem aos enunciados de superfície.”

A questão está em se os conectores acrescentam algo ou são meramente traços redundantes que refletem relações semântico-discursivas já existentes. Ou seja, se podem induzir à busca de conexões que sem sua presença não seriam inferidas ou a preferir uma interpretação entre outras possíveis, ou se simplesmente servem para ressaltar o que poderia ser percebido sem sua presença. Qual é a contribuição do contexto discursivo e qual é a contribuição do significado da palavra em si?

Assumimos que os conectores têm valores semânticos que restringem o que pode ser conectado, valores esses que interagem com o significado das proposições conectadas. Eles definem “(...) a orientação que o falante imprime à natureza do elo seqüencial entre as entidades textuais” (Risso, Silva e Urbano, 1996:57). Os conectores são pistas que o falante fornece acerca de como deve ser interpretada a relação entre as idéias, tentando guiar o ouvinte para determinada conclusão.

É claro que a presença do conector não elimina a ambigüidade na interpretação da relação entre as informações interligadas,<sup>51</sup> mas sem dúvida a reduz, permitindo a distinção de matizes semântico-discursivos. Isso torna as relações entre as informações mais precisas, diminuindo, assim, o número de relações semântico-discursivas possíveis de serem estabelecidas. Afinal, não encontramos um dado conector em qualquer lugar. *Então* não é adversativo, *mas* não é introdutor de efeito, por exemplo. Alguns, como *aí* e *e* são mais polifuncionais, sendo usados em um número mais extenso de funções no plano da articulação, mas ainda assim não servem para cobrir todas as funções possíveis.

O significado de um conector não é léxico-referencial, mas sim relacional: fornece indícios de como deve ser entendida a relação entre determinadas informações. E qual o significado relacional de *aí*, *daí*, *então* e *e* enquanto conectores que os permite ser empregados em certos contextos semântico-discursivos em detrimento de outros contextos e que nos permite dizer que podem ser empregados paralelamente? É o valor de indicar um ponto passado, localizado para trás no discurso e, ao mesmo tempo, de indicar um ponto futuro, que se relaciona com o primeiro por se seguir a ele. Ou seja, um valor que direciona para frente, para a continuação do texto, evidenciando que o que foi dito anteriormente é uma fonte de informações para o que será dito depois: o significado é “retroativo-propulsor”.

O significado retroativo-propulsor se confunde com a própria função dos conectores, a seqüenciação retroativo-propulsora, pois ambos, significado e função de itens conectivos, são de natureza relacional. Trata-se então de um significado-função. Como *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores têm o mesmo significado-função, podem ser tomados como variantes.

A seguir, apresentamos seis exemplos, divididos dois a dois (cada dupla foi utilizada pelo mesmo informante), que demonstram o uso variável dos conectores seqüenciadores retroativo-propulsores. Além da possibilidade de intercambialidade entre os conectores sem alteração de seu significado retroativo-propulsor e sem alteração do valor referencial das informações interligadas por eles, a semelhança dos contextos dos exemplos (1) e (2), com conectores seqüenciadores temporais; (3) e (4), com conectores finalizadores

---

<sup>51</sup> Como exemplo de ambigüidade mencionamos a que resulta do contínuo entre as funções conectivas de *aí*, *daí*, *então* e *e*, como a seqüenciação temporal e a introdução de efeito. Muitas vezes é difícil definir se o conector é seqüenciador temporal ou introdutor de efeito.



de tópico; e (5) e (6), com conectores seqüenciadores textuais, ressalta o uso variável das formas:

(1) (...) ele viu que não tinha jeito, ficamos naquele (hes)- E ele: “Vou ficar.” “Não, tu não vais ficar.” E ele: “Eu não vou.” (FLP 03, L 741)

(2) Ou às vezes a gente vinha com o outro carro que se parava mais ali embaixo. Aí ele: “Ah, porque assim não dá, porque não sei o quê.” (FLP 03, L 800)

(3) Os outros soldados foram, que era uma expedição, né? com soldados e tudo, foram pra casa, e ele ficou, né? E esse aí foi um filme que me marcou. (FLP 01J, L 790)

(4) Tem outra figura junto lá também que eu não sei o nome, mas é muito engraçado, né? ENTÃO esses três filmes aí marcaram assim. (FLP 01J, L 818)

(5) Mas o que eu tenho me debatido, e isso eu acho que, pelo menos dentro do que eu imagino esteja defendendo realmente o interesse da cidade, é que o desenvolvimento do turismo não prejudique o florianopolitano. ENTÃO nós já assistimos (hes) ao longo dos anos, o prejuízo que o florianopolitano teve com isso, até por falta de esclarecimento. [O]- [a] (hes) a população (hes) nativa, do interior da Ilha, não foi alertada pra isso, não foi educada pra isso. E hoje nós assistimos várias famílias (hes) nativas de Florianópolis na miséria porque venderam [o seu]- as suas terras por preços insignificantes, né? (FLP 21, L 691)

(6) E também (hes) tenho debatido que se dê atenção ao turismo, que se faça tudo pelo turista, mas que não se esqueça os florianopolitanos. E ao longo dos anos nós temos assistido isso, embora eu tenha sido embora uma voz quase que isolada, mas tenho me debatido sobre isso. E é comum chegar, principalmente na época da temporada de verão, que a atenção é toda ao turista, e o florianopolitano- Fica as ruas sem capinar, sem limpeza e sem atenção. (FLP 21, L 711)

A seqüenciação retroativo-propulsora é um significado-função mais básico, englobando usos em que há a presença de traços de significado mais específicos. Os conectores classificados como seqüenciadores temporais têm traços<sup>52</sup> de temporalidade mais fortes; os introdutores de efeito têm traços de consequência/conclusão mais fortes; muitos finalizadores são introdutores de efeito - conclusivos - que encerram narrativas ou argumentações; os seqüenciadores textuais ou não apresentam traços de temporalidade e consequência/ conclusão, apenas introduzindo informações que impulsionam o texto para frente, ou os têm muito enfraquecidos; e os retomadores são um misto entre seqüenciadores temporais e textuais (que são por vezes difíceis de serem diferenciados), caracterizando-se pelo movimento de retomada e propulsão para o que virá a seguir.

<sup>52</sup> Na verdade, não são apenas os traços de significado do conector que são ambíguos, é seu contexto de uso que permite interpretações retroativo-propulsoras diferenciadas: seqüenciação temporal, introdução de efeito, seqüenciação textual, etc.

Controlamos essas nuances do significado retroativo-propulsor como fatores condicionadores, não analisando cada uma delas como variável independente diferenciada, pois há uma forte interligação entre elas, do que resulta que nem sempre é possível diferenciá-las categoricamente de acordo com as subcategorias de seqüenciação: há inúmeros casos de conectores situados entre uma e outra dessas subcategorias.<sup>53</sup> Assim, com o estabelecimento da função seqüenciadora retroativo-propulsora, podemos agrupar sob a mesma variável empregos de *aí*, *daí*, *então* e *e* como seqüenciadores temporais, introdutórios de efeito, finalizadores, seqüenciadores textuais e retomadores, bem como os que se situam entre esses subgrupos, pois o valor comum a todos é o significado-função retroativo-propulsor.

## 2. Seleção das variantes: restrições

Uma vez definida a função seqüenciadora retroativa-propulsora como nossa variável dependente, estipulamos alguns critérios para selecionar suas variantes e restringir casos de formas concorrentes à variação, isto é, usos não seqüenciadores de *aí*, *daí*, *então* e *e* que, no entanto, poderiam ser confundidos com estes.<sup>54</sup> São cinco critérios: seqüencialidade, continuidade e consonância, presença de marca formal, posição e substituição.

Como já mencionamos no primeiro capítulo, neste estudo focalizamos os seqüenciadores retroativo-propulsores oracionais e textuais, deixando de lado os interacionais: inferidores, seqüenciadores temporais e seqüenciadores textuais a partir das palavras do interlocutor. Não incluímos na análise quantitativa tais conectores pela exigência de controle de fatores voltados para a interação, envolvendo troca e disputa de turnos, o que não é necessário no caso dos demais seqüenciadores. Além disso, o *corpus* em que recolhemos nossos dados possui poucos diálogos, pois o entrevistador atua como orientador e estimulador do falante, não participando ativamente da troca, o que torna muito pequeno o número de seqüenciadores interacionais disponíveis.

### 2.1 Seqüencialidade

Os seqüenciadores retroativo-propulsores indicam sucessão temporal e/ou textual, introduzindo informações que manifestam relação de seqüencialidade relativamente a informações anteriores. Casos em que não ocorre tal relação são, portanto, descartados. Um desses casos é o dos anafóricos temporais, sujeitos a serem confundidos com os conectores seqüenciadores (temporais ou textuais) quando ocupam a posição inicial da frase. O evento descrito na frase encabeçada pelo *aí* ou pelo *então* anafórico temporal é concomitante ou anterior a um evento passado, e não seqüencial. Vejam-se:

---

<sup>53</sup> Os usos de conectores entre as subcategorias da seqüenciação retroativo-propulsora exigiram uma série de critérios para sua subdivisão, explicitados na seção 1.1 do quarto capítulo.

<sup>54</sup> Os empregos ambíguos entre seqüenciadores e outras funções, possivelmente resultantes da fluidez e da interligação entre as categorias oriundas do processo de gramaticalização, fizeram necessário o estabelecimento de critérios capazes de distingui-los para que se efetuasse a seleção das variantes.

(7) Então quando eu estava [muito]- muito despenteada, [aí]- Aí o meu primo cantava assim: “Um dia, certa vez lá em Curva, dançando na rua, disseram que a J. era arrepiada.” (FLP 01, L 1308)

(8) Apareceu na segunda feira. Aí eu já tinha vindo do serviço, estava passando uma vassoura na casa. (FLP 03, L 713)

(9) A gente pegava um pauzinho, fazia que era um revólver, Aí começava a atirar um no outro. (FLP 18, L 1232)

Em (7), *aí*, com valor de *nesse momento*, indica a simultaneidade temporal entre dois eventos: “estava muito despenteada” e “o meu primo cantava assim”. Em (8), também com valor de *nesse momento* (o momento em que alguém apareceu), indica que o evento “eu já tinha vindo do serviço” é anterior a “apareceu na segunda feira” e que “estava passando uma vassoura na casa” é simultâneo. Diferentemente, em (9), *aí* introduz um evento (“começava a atirar um no outro”) que se sucede temporalmente aos eventos anteriores (“a gente pegava um pauzinho, fazia que era um revólver”), ou seja, é um seqüenciador retroativo-propulsor.

Foram também excluídos dados de *aí* anafórico temporal junto a *e* ou *então* seqüenciadores, uma estrutura que facilmente se confunde com a dos empregos combinados de dois conectores retroativo-propulsores. Por exemplo, em (10) e (11), *e* e *então* são seqüenciadores textuais, mas *aí* é anafórico temporal, com valor de *nesse momento/época*: o momento em que o informante finalmente saiu, em (10), e a época em que os homens se reuniram para colocar uma repetidora no Morro da Cruz, em (11). Portanto, nesses casos, *aí* não indica seqüência, mas concomitância entre eventos. A título de comparação, (12) ilustra o uso conjunto de *então* e *aí* como seqüenciadores textuais, um dado incluso na análise.

(10) Todo mundo me aconselhava: “Não faz isso, não faz isso.” Eu disse: “Não, não quero! Não quero!” [E]- e enquanto eu não saí e virei as costas, eu não descansei. E Aí é que eu tomei na cabeça, né? Que aí o negócio entornava. (FLP 23, L 926)

(11) Então foi formado aqui em Florianópolis pelo Seu A. S, o Seu [A. <E->]- (hes) A. H. É, é A. H. Um outro A. também, D. L. e vários, inclusive comigo, pra conseguir botar [um]- uma repetidora no Morro da Cruz, hoje onde estão instaladas três ou quatro estações de- né? ENTÃO AÍ começou a nossa luta, nosso sacrifício pra subir aquele morro, levar- (FLP 23, L 993)

(12) Quando nós casamos, ela trabalhava no Estado. Então o meu dinheiro com o dela dava [pra]- pra gente viver bem. Não tinha problema nenhum. ENTÃO AÍ elas foram obrigadas a sair. Aí ficou uns sete, oito anos, dez anos fora. (FLP 13, L 1023)

Excluimos também os usos de *e* e *então* como conectores aditivos, que podem ser confundidos com os seqüenciadores textuais, uma vez que as informações introduzidas por estes, assim como as introduzidas pelos aditivos, não manifestam relação de tempo ou de efeito com informações anteriores. Contudo, devido ao caráter continuativo (valor de *continuando*), eventos ou idéias interligados pelos conectores seqüenciadores textuais não podem ser invertidas entre si, o que é possível com eventos e idéias interligados pelos conectores aditivos.<sup>55</sup> Não incluímos, assim, os conectores aditivos entre os seqüenciadores retroativo-propulsores: aqueles têm valor aditivo, não de seqüencialidade. Comparem-se o *e* aditivo em (13) e (14) com o *e* seqüenciador textual em (15):

(13) Mesmo assim ele ainda ficou em casa um mês e pouco, mas o H. dormia aí E ele dormia aqui. (FLP 03, L 982)

(14) Tem Jesus, né? Tem o quê? Um- Tem o Judas bom E tem o Judas mau, né? (FLP 05, L 584)

(15) É, era dura. Agora está tudo bom, tudo fácil, né? [O]- [o tempo]- O tempo que eu me criei não era fácil, não, era fogo. E a gente, às vezes, ainda tinha que buscar lenha até no mato. Às vezes não tinha lenha. O homem que a gente comprava lenha não trazia. (FLP 08, L 1144)

## 2.2 Continuidade e consonância

Muitos dos empregos dos conectores adversativos são seqüenciais - os eventos ou argumentos contrapostos sucedem-se temporalmente ou textualmente. Todavia, estes, ao contrário dos conectores seqüenciadores, transmitem a idéia de contraste, e não de continuidade e consonância entre uma informação dada e uma que está por vir. Por essa razão, não incluímos dados como (16) e (17) em nossa amostra:

(16) Se já tinha morrido lá, já estava lá, [era assim]- nem precisava isso, né? Era só liberar, né? Aí não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1349)

(17) (...) o sonho dele vai ser quando [uma]- uma menina entrar na Marinha. Ah, ele acha lindo! Imagina, né? Acha lindo, diz que o uniforme é maravilhoso, E ninguém quer nem saber. (FLP 01, L 1383)

<sup>55</sup> Segundo Camacho & Pezatti (1998:80), o critério de alteração da ordem de orações interligadas por um conector revela que, quando tal alteração é possível, trata-se de um conjunto simétrico, isto é, as orações interligadas são independentes entre si. Diferentemente, quando tal alteração não é possível, trata-se de um conjunto assimétrico: a mudança de ordem das orações resulta em interpretação diferente. Este é o caso das informações interligadas pelos seqüenciadores retroativo-propulsores, ao passo que as informações interligadas pelos aditivos manifestam relação de simetria. A distinção entre conectores simétricos e assimétricos deve-se a Lakoff (1971).

## 2.3 Presença de marca formal

É possível tratar como variantes no âmbito da conexão oracional/textual formas plenas, como *aí*, *daí*, *então* e *e*, desconsiderando a possibilidade da realização da articulação seqüenciadora independentemente de marca formal, isto é, sem a presença do conector? Alguns estudos têm adotado uma abordagem variacionista no estudo do *aí* e do *e*<sup>56</sup> levando em conta sua não realização. Silva e Macedo (1992) tomam *aí* como variante da abertura de tópicos na fala, opondo a presença do conector nessa função à sua ausência - contextos de abertura de tópicos em que poderia ter sido empregado, mas não foi. Ou seja, as variantes são *aí* e a ausência de *aí* (0). Tomam o *e* também como variante da abertura de tópicos na fala, opondo-o a sua não realização. Analisam cada conector separadamente (em comparação com a sua não realização) e, posteriormente, efetuam uma análise comparativa entre os dois (*aí* e *e*). Semelhantemente, Abreu (1992) toma *aí* como variante na articulação textual, opondo-o a sua não realização, seguindo igual procedimento com *e*, para, por fim, comparar os dois conectores.

No entanto, considerar a não realização de um elemento conectivo como variante traz sérios problemas para a análise. Em primeiro lugar, tomar duas ou mais formas que exercem a mesma função e analisá-las independentemente uma da outra, opondo inicialmente cada forma a sua não realização, para só depois compará-las implica a separação de duas variantes de uma variável. Entretanto, as variantes costumam ser consideradas juntas, sob o mesmo envelope de variação. Há ainda outro problema: como diferenciar os 0 (contextos possíveis de realização que não foram preenchidos) de *e* dos 0 de *aí*, e dos 0 de *então* e de *daí*? Podemos considerar os mesmos 0 tanto para um quanto para outro conector quando os analisamos separadamente? Uma possibilidade seria considerar o conjunto completo das formas que realizam a articulação textual seqüenciadora, por exemplo, *aí*, *daí*, *então* e *e*, mais o 0. Nesse caso, a não realização da marca de conexão, isto é, o 0, seria variante tanto de *aí* quanto de *daí*, *então* e *e*<sup>57</sup> - seria a quinta variante.

Todavia, a inclusão do 0 na análise demandaria o tratamento de um número imenso de dados (os contextos 0) difíceis de serem delimitados: como especificar todos os lugares em que poderia ter havido um seqüenciador e não houve? *Aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores são empregados no início de orações, frases, subtópicos, tópicos, entidades lingüísticas igualmente difíceis de delimitar (cf. seção 1.3.1 do quarto capítulo). Os conectores seqüenciadores textuais são empregados até mesmo antes de outros conectores, como os subordinativos, isto é, a presença de uma marca formal de conexão não inibe o emprego da outra, aumentando o número de contextos possíveis para o uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*:

<sup>56</sup> Não temos notícias de estudos variacionistas envolvendo *então* e *daí*.

<sup>57</sup> Em estudos sobre preenchimento da primeira pessoa do plural, por exemplo, a não realização do pronome sujeito implica na seguinte seleção de variantes: *nós*, a *gente*, não realização de *nós* e não realização de a *gente*. No caso dos conectores, isso seria impossível: como determinar e diferenciar a não realização de *aí*, a não realização de *daí*, etc? Assim, o 0 teria de ser a não realização de conector, independentemente de um conector específico.

(18) Minha avó queria que todos fossem, assim, impecáveis, de rabinho-de-cavaio direitinho. Mas eu não gostava de pentear o cabelo. ENTÃO quando eu estava [muito]- muito despenteada, [aí]- Aí o meu primo cantava assim: “Um dia, certa vez lá em Curva, dançando na rua, disseram que a J. era arrepiada.” (FLP 01, L 1308)

Há ainda outro empecilho para a inclusão do não preenchimento do conector como variante: o significado-função retroativo-propulsor. Embora possa haver seqüenciação de informações sem a presença de um conector, não parece haver, nesse caso, o “apontamento para trás” que acontece quando o conector é empregado. Além disso, a presença do conector restringe as possibilidades de interpretação do como a informação antecedente relaciona-se com a subsequente. Vejamos:

(19) “Ela está lá na casa da Maria dos Anjos”, disse uma outra amiga minha. Aí ela foi lá na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava na casa da Maria dos Anjos. (FLP 08, L 831)

(19i) “Ela está lá na casa da Maria dos Anjos”, disse uma outra amiga minha. Ela foi lá na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava na casa da Maria dos Anjos.

(20) É que ele trabalha com malote, então [eles <distribui->]- deram umas dez pra ele, pra ele mandar pro- Vai ser sorteado no Programa do Faustão, né? dia dezoito. Então vamos ver, né? ENTÃO [<a gen->]- ele ganhou umas dez, mas a gente colocou o nome do pai, nome do cunhado, que é só um pra cada, né? (FLP 09, L 1234)

(20i) É que ele trabalha com malote, então [eles <distribui->]- deram umas dez pra ele, pra ele mandar pro- Vai ser sorteado no Programa do Faustão, né? dia dezoito. Então vamos ver, né? [<a gen->]- Ele ganhou umas dez, mas a gente colocou o nome do pai, nome do cunhado, que é só um pra cada, né?

(21) Então eles chamavam: “Ó, vem o Delegado Astrogildo.” Então o Delegado Astrogildo, ele pegava uma cinta. Ele não andava armado, mas era com uma cinta. ENTÃO ele pegava a gente, dava uma surra. Quem fosse pra cadeia, levava surra. (FLP 18, L 840)

(21i) Então eles chamavam: “Ó, vem o Delegado Astrogildo.” Então o Delegado Astrogildo, ele pegava uma cinta. Ele não andava armado, mas era com uma cinta. Ele pegava a gente, dava uma surra. Quem fosse pra cadeia, levava surra.

(22) Eu estava, assim, bem indignada com ele por esse motivo. [Que ele tinha que dar um]- Lógico, ele fez bem, porque ele trancou E não teve o fracasso que teve no Plano Cruzado. (FLP 16, L 1045)

(22i) Eu estava, assim, bem indignada com ele por esse motivo. [Que ele tinha que dar um]- Lógico, ele fez bem, porque ele trancou. Não teve o fracasso que teve no Plano Cruzado.

## 2.4 Posição

A posição ocupada por *aí*, *daí*, *então* e *e* como conectores que apontam simultaneamente para frente e para trás no seqüenciamento de informações é a

posição de margem esquerda, isto é, entre o final de uma sentença ou parte maior do texto e o início de outra, em 100% dos nossos dados. Essa rigidez é um indício de que esses conectores passaram pelo processo de gramaticalização. Conforme Heine e Reh (1984, apud Heine et alii, 1991a:15), quanto mais gramaticalizada uma unidade lingüística, mais sua variabilidade sintática decresce, isto é, a posição na frase se torna mais fixa.

Há alguns poucos usos do *aí* em posição não inicial, mas não se tratam de usos seqüenciadores e sim de anafóricos temporais, como em (23), em que *aí*, que poderia ser confundido com um introdutor de efeito ou mesmo com um seqüenciador conjugado “e mais *aí*” interrompido pelo sujeito da oração “eu”, refere-se, na verdade, ao momento em que o médico diz “nós já fizemos de tudo, mas...”.

(23) Bem. *Aí* ele disse: “Ó, M., o problema é o seguinte: eu quero te prevenir porque dessa noite essa menina não passa.” Eu disse: “Pô, mas porque A.? O que que está havendo que não se descobre? Não é possível não se descobrir.” “Não, M., nós já fizemos de tudo, mas-” (...) E eu *Aí* fiquei meio cabisbaixo, né? Já tinha três filhos, né? Que era o M., o R., [e a <ma->- e a M. E tinha essa que depois de sete anos- (FLP 23, L 1161)

Do mesmo modo, a posição ocupada pelo *então* no exemplo a seguir revela que não se trata de um conector seqüenciador, mas sim um uso peculiar em que o *então* marca a etapa final de listagens de itens ou de descrições de processo, com valor semelhante a *finalmente*. O *então* com valor de *finalmente* é também um intensificador. No exemplo a seguir, ressalta a casa da praia, conseguida com o FGTS, em oposição às outras duas, herdadas.

(24) E: Tu e tua esposa fazem planos pros seus filhos?

F Mas é claro, querida. Muito, muito plano. Pelo menos eu tenho três casas e o plano é esse: é dividir essas casas mais tarde pra eles, né? Tenho essa, tenho uma nos fundos e essa da praia. É.

E: E aí cada um vai ficar com uma?

F: [Cada uma]- o plano meu é cada um ficar com uma casa.

E: Então tu trabalhou bastante na vida pra ter três casa, né?

F: Não, não trabalhei muito, não. Esta é uma herança do meu pai, certo? E a outra de madeira é em terreno ainda da minha mãe, que está nos fundos. E a da praia **ENTÃO** foi o fundo de garantia. (FLP 12, L 1194)

## 2.5 Substituição

Através da substituição verificamos a impossibilidade de usar o e no início de uma oração conseqüente antecedida de uma oração condicional, não havendo restrições para o uso de *aí*, *daí* e *então* em tal contexto. Cremos que isso se deva ao fato de o conector que introduz a conseqüente ter uma forte carga anafórica ou mesmo ser um anafórico temporal, com valor de *nesse momento*, ou ser um anafórico discursivo, com valor de *nessa situação/nesse caso*. Tais dados foram descartados da análise variacionista. Alguns exemplos:

(25) Se ela tentasse dançar, AÍ/\*e o pau comia. (FLP 15, L 1082)

(26) Agora, se tu fores uma patroa boa, DAÍ/\*e tu dás, né? (FLP 03J, L 1602)

(27) Justamente a gente ia por causa dos imprevistos, por causa dos buracos. Então- Se chovia, ENTÃO/\*e era um fim de mundo, né? (FLP 24, L 1408)

Excluimos da análise também os casos de *então* alternativo, pois *aí*, *daí* e *e* não são aceitos na estrutura “ou mais *então*”, que pode ser considerada uma expressão cristalizada:

(28) São sete gatos, a minha mãe adora gato, dorme tudo com ela, OU ENTÃO dorme tudo comigo, sempre assim. (FLP 05J, L 953)

Os *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores de informação podem ser substituídos entre si sem que haja alteração do sentido referencial das proposições que conectam, nem alteração do significado retroativo-propulsor que carregam. As subfunções semântico-discursivas desempenhadas também permanecem as mesmas. Vejamos um exemplo:

(29) Eles estão pagando essa mordomia, ENTÃO eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é? (FLP 22, L 144)

(29i) Eles estão pagando essa mordomia, AÍ eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é?

(29ii) Eles estão pagando essa mordomia, DAÍ eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é?

(29iii) Eles estão pagando essa mordomia, E eles têm um pouquinho [de]- de independência, não é?

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

Foram aprovados pelas restrições de seqüencialidade, continuidade e consonância, presença de marca formal, posição e substituição os empregos seqüenciadores retroativo-propulsores de *aí*, *daí*, *então*, *e*, o uso conjugado desses conectores e o conector *depois*. Entretanto, *depois* é pouco recorrente como seqüenciador (cerca de trinta dados nas trinta e seis entrevistas), o que prejudica uma análise quantitativa comparando-se *depois* com os bastante recorrentes *aí*, *daí*, *então* e *e*, razão pela qual o excluimos de nossa amostra. Vejamos um exemplo de *depois* como seqüenciador retroativo-propulsor:<sup>58</sup>

(30) Um dos meus sonhos é ir no Pantanal. DEPOIS conhecer o Rio, conhecer a Bahia, lá em cima, no Nordeste. DEPOIS conhecer um pouquinho aqui do Brasil, né? Eu preferia, né? la pro exterior. (FLP 10, L 1357)

<sup>58</sup> *Depois* também é usado como conjunção subordinativa temporal (*depois que*), como advérbio de tempo (com valor de *mais tarde*, em oposição a *antes*, *inicialmente*), como locução prepositiva (*depois de*) e como conector (= “além disso”), por exemplo, em “E: Foi difícil criar os filhos? / F: Não, não foi muito difícil. / E: Obedientes? / F: Eram. E DEPOIS a gente, naquele tempo, a gente não trabalhava fora, né? A gente criava os filhos, né?” (FLP 15, L 1200)



Também excluimos da análise quantitativa o uso conjugado de dois dos seqüenciadores devido ao pouco número de dados: sessenta e quatro, distribuídos nas seguintes combinações: *e aí* (26 dados); *então aí* (13 dados); *e então* (12 dados); *e daí* (7 dados); *aí então* (4 dados); *daí então* (1 dado); *então daí* (1 dado).

### 3. A variável dependente e as variáveis independentes

Uma vez estabelecida como variável dependente a seqüenciação retroativo-propulsora de informações, e selecionadas suas variantes - *aí*, *daí*, *então* e *e* -, buscamos averiguar contextos favorecedores para cada uma das variantes. Consideramos sete grupos de fatores condicionadores lingüísticos ou variáveis independentes e três sociais. Seguem-se os fatores lingüísticos:

- ❖ Função discursiva: seqüenciação temporal, introdução de efeito, finalização seqüenciação textual, retomada.
- ❖ Tipo de discurso: narração, procedimentos, descrição de vida, descrição, argumentação.
- ❖ Tempo verbal: presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, outros.
- ❖ Aspecto verbal: perfectivo, imperfectivo.
- ❖ Traço Semântico: ação/movimento, ação/transformação, ação/dicendi, processo, processo mental, estado, existência, relação.
- ❖ Nível de articulação discursiva: inter-oracional, intratópico, intertópico.
- ❖ Conexão do discurso: grau 1 a grau 8.

E os fatores sociais:

- ❖ Sexo: feminino, masculino.
- ❖ Idade: de 15 a 24 anos, de 25 a 49 anos, mais de 50 anos.
- ❖ Escolaridade: primário, ginásio, colegial.

Os grupos de fatores listados acima serão detalhados no capítulo seguinte.

### 4. O *corpus* e a análise quantitativa

Para a realização desta pesquisa, utilizamos dados referentes ao *corpus* da região urbana do município de Florianópolis, um dos *corpora* integrantes do Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região

Sul). O Projeto VARSUL, que envolve quatro Universidades do Sul do país (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS), constituiu um Banco de Dados através da documentação do português falado em áreas urbanas dos estados da Região Sul, com o objetivo de investigar fenômenos de variação e mudança lingüística.

Analizamos trinta e seis entrevistas de trinta e seis informantes, distribuídos homogeneamente em relação às variáveis sociais sexo, idade e escolaridade:

Quadro 4: Distribuição dos informantes de acordo com as células sociais

	FEMININO			MASCULINO		
	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos	15 a 24 anos	25 a 49 anos	+ de 50 anos
Primário	2	2	2	2	2	2
Ginásio	2	2	2	2	2	2
Colegial	2	2	2	2	2	2

Como os conectores seqüenciadores retroativo-propulsores *aí*, *daí*, *então* e *e* são bastante recorrentes na fala, consideramos apenas os trinta minutos finais das entrevistas, que têm cada uma cerca de sessenta minutos de duração.<sup>59</sup> Obtivemos, após a eliminação dos casos que não passaram pela seleção das variantes, um total de 2922 dados: 781 *aí*, 201 *daí*, 675 *então* e 1265 *e*.

A fim de analisar os contextos favorecedores de cada uma das formas codificadoras da seqüenciação retroativo-propulsora, empregamos o programa VARBRUL (Pintzuk, 1988), que fornece o peso relativo dos fatores de cada variável independente (ou grupo de fatores condicionadores) em relação à variável dependente, indicando a influência de cada um desses fatores sobre o uso de cada uma das variantes. Realiza também a seleção estatística dos grupos de fatores por ordem de relevância.

Givón (1984:10-11) salienta a importância de estudos quantitativos:

"Tais investigações (o estudo de textos e o estudo da distribuição funcional de diferentes estruturas morfossintáticas dentro do texto), que amiúde implicam em quantificação e em análises estatístico-probabilísticas, são o *sine qua non* para descobrir as condições comunicativas segundo as quais se dão várias estruturas sintáticas - ou "regras". No primeiro momento, a análise de uma cláusula só diz ao linguista que algumas estruturas são possíveis, podem ocorrer. Não diz, com efeito, nada acerca do contexto e do propósito de sua aparição, ou de quão freqüentemente essas estruturas aparecem em comparação com outras que aparentemente cumprem "a mesma" ou semelhante função. Finalmente, o estudo sistemático e quantificado da sintaxe no discurso serve como uma transição necessária e natural para relacionar a língua e a comunicação com os processos cognitivos."

<sup>59</sup> Alguns dos exemplos dados no primeiro capítulo desta dissertação para as funções não ligadas à seqüenciação retroativo-propulsora foram extraídos dos trinta minutos iniciais das entrevistas.

## CAPÍTULO IV - RUMOS DA VARIAÇÃO: ESPECIALIZAÇÃO OU DESAPARECIMENTO?

Recuperamos aqui brevemente algumas das principais idéias desenvolvidas nos capítulos anteriores. Temos por hipótese que *aí*, *daí*, *então* e *e* vêm sofrendo um processo de gramaticalização, que os transporta de empregos dêitico-anafóricos espaço-temporais para empregos diversos. Da multiplicidade de funções dos itens sob enfoque que encontramos em nosso *corpus*, algumas são desempenhadas por dois ou mais deles, sendo, então, passíveis de um estudo variacionista. São elas: a anáfora temporal, a anáfora discursiva, a modificação de sintagma nominal, a seqüenciação retroativo-propulsora, a adversão, a adição e o preenchimento de pausa. Delimitamos como objeto central de nosso estudo uma dessas funções, a seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala.

Neste capítulo, analisamos, a partir de tratamento estatístico, o fenômeno de variação lingüística entre as formas codificadoras da função de seqüenciação retroativo-propulsora. Como pretendemos averiguar o que motiva a escolha variável de *aí*, *daí*, *então* e *e* para o desempenho dessa função, levantamos fatores condicionadores de natureza lingüística e social. Pelo controle de tais fatores, podemos caracterizar os contextos de emprego preferenciais de cada uma das formas, e, assim, buscar indícios de sua especialização. Segundo Hopper e Traugott (1993:114), a especialização é manifestada por preferências textuais, condicionadas por tipos semânticos, contextos sociolingüísticos, gêneros discursivos, e outros fatores. Ou seja, as preferências de contexto - seja de natureza lingüística, seja de natureza social - que se revelarem para cada conector podem ser indícios de uma especialização por parte deles. Verificamos ainda se o fenômeno investigado se comporta como variação estável ou se é possível caracterizá-lo como mudança em tempo aparente.

Iniciamos a análise das correlações entre a variável dependente e as variáveis independentes pelas variáveis lingüísticas, passando, a seguir, às sociais.

### 1. Variáveis lingüísticas

Com base no funcionalismo givoniano, concebemos a gramática como instrumento de codificação lingüística da semântica proposicional e da pragmática discursiva, o que nos permite considerar juntamente os níveis em que se manifesta a seqüenciação retroativo-propulsora: oracional (semântica proposicional) e textual (pragmática discursiva). O fenômeno em estudo situa-se, então, na interface sintaxe-semântica-discurso. O uso de *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores decorre de motivações que podem ser distribuídas nos seguintes níveis: (a) sintático-semântico-discursivo, que envolve a função semântico-discursiva específica dos conectores, o tipo de discurso, o nível de articulação discursiva e a (des)continuidade referencial e de

tempo-aspecto, esta medida pelos graus de conexão; (b) morfo-sintático-semântico, que abrange o traço semântico do verbo e categorias verbais (tempo e aspecto).

Como estamos tratando de um fenômeno de natureza fluida, envolvendo categorias não discretas, temos por hipótese que o condicionamento de vários dos fatores lingüísticos elencados acima sobre o emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e* evidencie uma distribuição escalar dos resultados associados a essas formas. Essa distribuição escalar pode ser relacionada ao princípio meta-icônico da marcação, que prevê que as categorias que são cognitivamente marcadas (isto é, complexas) tendem a ser marcadas estruturalmente. Há três critérios básicos de marcação:

- “(a) **Complexidade estrutural:** a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou maior) que a não marcada;
- (b) **Distribuição de frequência:** a categoria marcada tende a ser menos freqüente que a não marcada;
- (c) **Complexidade cognitiva:** a categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa, em termos de demandar maior atenção, mais esforço mental e tempo de processamento, que a não marcada” (Givón, 1995:28).

Portanto, o elemento marcado tende a exigir mais memória, mais esforço de atenção e mais tempo de processamento, e tende a ser menos freqüente, mais elaborado e/ou mais longo. Propomos, para os itens sob enfoque, uma distinção baseada nesses critérios, distribuindo-os em uma escala de menos a mais marcado:<sup>60</sup>

Quadro 5: Distribuição de *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto à marcação

<i>e</i>	<i>aí</i>	<i>daí</i>	<i>então</i>
- marcado			+ marcado

Entre os retroativo-propulsores, *e* e *aí* aparentam ser as formas menos marcadas: são as mais recorrentes (respectivamente 1265 e 781 dados do total de 2922 seqüenciadores). Destas, cremos que *e* seja a mais fácil de processar: é a menor, além de ser átona, em oposição a *aí*, *daí* e *então*, que são formas tônicas. *Então* e *daí* são as formas mais longas e menos freqüentes em nosso corpus (675 e 201 dados, respectivamente), possivelmente exigindo mais atenção e tempo de processamento do que *aí* e *e*.

<sup>60</sup> A proposta de distinção entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir do princípio de marcação não implica a existência de diferenças de significado entre tais itens lingüísticos: eles apresentam o mesmo significado retroativo-propulsor, constituindo-se em variantes da seqüenciação retroativo-propulsora. O fato de um conector ser menos marcado indica que será mais provável em certos contextos, em detrimento de outros conectores de mesmo ou semelhante significado.

Nossa proposta de marcação para os elementos em estudo é semelhante à de Votre (1992:33), para quem um "(...) bom exemplo do caráter relativo da marcação está associado ao canal de comunicação: no canal oral espontâneo a presença de *aí*, *daí* é não marcada, e a de *então*, *portanto*, *por conseguinte* é marcada, enquanto na escrita verifica-se o contrário." Ressaltamos, porém, que *daí* parece ser mais marcado do que *aí* na fala de Florianópolis: além de ser ligeiramente maior, é o seqüenciador menos freqüente.

Acreditamos que, embora independentes entre si, os grupos de fatores condicionadores lingüísticos<sup>61</sup> estejam correlacionados no que diz respeito ao fenômeno de marcação. Os resultados para cada grupo de fatores condicionadores devem apontar contextos lingüísticos menos marcados como favorecedores de formas menos marcadas, cujo ápice é o *e*, e contextos lingüísticos mais marcados como favorecedores de formas mais marcadas, cujo ápice é o *então*. Ou seja, esperamos, para cada variável lingüística, resultados que evidenciem distribuições escalares, situando-se em um lado da escala a forma menos marcada *e*, no lado oposto, a forma mais marcada.

Ressalvamos, entretanto, que a marcação é uma noção relativa, dependendo do contexto considerado. Segundo Givón (1995:27), a comunicação oral cotidiana é o contexto de comunicação não marcado e as formas não marcadas *aí* são as formas não marcadas na comunicação humana em geral, pois são mais freqüentes e mais salientes cognitivamente, sendo menos complexas quanto ao processamento. Já as formas marcadas na comunicação oral cotidiana são as formas marcadas em geral. Contudo, tais formas podem ser consideradas como não marcadas quando empregadas nos contextos discursivos que as favorecem, isto é, nos quais elas são mais prováveis de ocorrer. Ilustrando: se dissermos que um contexto tido como marcado (por exemplo, o discurso acadêmico) favorece seqüenciadores geralmente mais marcados, como o *então* (cf. quadro 5), deveremos entender que nesse contexto tal seqüenciador é a forma menos marcada. Paralelamente, os seqüenciadores menos marcados seriam considerados como formas mais marcadas nesse contexto.

Nas próximas seções, a discussão da influência de cada grupo de fatores condicionadores será organizada nas seguintes etapas: caracterização do grupo de fatores e formulação das hipóteses, a que se segue a apresentação e discussão dos resultados. As variáveis independentes controladas são expostas na seguinte ordem: função semântico-discursiva específica, tipo de discurso, nível de articulação tópica, graus de conexão, traço semântico verbal e aspecto verbal. Essa ordenação é baseada nos seguintes critérios: grupos selecionados para o maior número de variantes e ordem de relevância decrescente, conforme a seleção do pacote VARBRUL. Realizamos rodadas binárias distintas do programa considerando cada variante como aplicação da regra, *versus* as demais, além de rodadas eneárias.

<sup>61</sup> A distribuição dos fatores lingüísticos relativamente ao critério de marcação será discutida quando da apresentação de cada grupo de fatores, nas seções a seguir.

## 1.1 Função semântico-discursiva específica

### 1.1.1 Caracterização e hipóteses

Como já mencionamos, a seqüenciação retroativo-propulsora é um significado-função básico, envolvendo subtipos em que há a presença de traços de significado mais específicos, que denominamos “funções semântico-discursivas específicas”. Como essas funções já foram descritas e exemplificadas no primeiro capítulo, são rapidamente apresentadas abaixo, seguindo-se apenas um exemplo de cada uma delas.

✱ **Seqüenciadores temporais:** *Aí, daí, então* e *e* seqüencializam temporalmente eventos, introduzindo-os na ordem de ocorrência no tempo.

(1) *Aí* eu sei que, a cabo de três, *aí* ele apareceu aqui, *Aí* nós fomos lá, lá no reitor, [*daí*]- *Aí* ele passou já o cheque (inint), *Aí* fui no banco, já recebi um dinheiro. (FLP 05, L 418)

✱ **Introdutores de efeito:** *Aí, daí, então* e *e* introduzem informações que representam consequência, conclusão ou resultado em relação ao que foi dito anteriormente.

(2) F: Assim, como eu também tenho- Eu tenho uns tios que [não]- não chamo de tios, que chamo pelo nome. Por isso que eu entendo ela, não consigo chamar eles de tios, *então* entendo.

E: Está muito próxima.

F: É que eu já era a mais velha, *DAÍ* não consegui. (FLP 07J, L 871)

✱ **Finalizadores:** *Aí, daí, então* e *e* introduzem uma oração que marca o final de um tópico ou subtópico, podendo manifestar idéia de conclusão (como um introdutor de efeito). Seguem-se os exemplos:

(3) Levava uma surra danada. *Então* o Coronel A. foi um coronel assim que fez uma limpa na cidade, sabe? negócio [*de*]- de roubo. *ENTÃO* tinha isso. (FLP 18, L 872)

✱ **Seqüenciadores textuais:** *Aí, daí, então* e *e* assinalam a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas no texto, indicando a progressão destas para frente.

(4) É, era dura. Agora está tudo bom, tudo fácil, né? [O]- [o tempo]- O tempo que eu me criei não era fácil, não, era fogo. *E* a gente, às vezes, ainda tinha que buscar lenha até no mato. Às vezes não tinha lenha. O homem que a gente comprava lenha não trazia. (FLP 08, L 1144)

✱ **Retomadores:** *Aí, daí, então* e *e* recuperam o assunto interrompido por digressões, permitindo sua continuação.

(5) É que ele trabalha com malote, então [eles <distribuí->]- deram umas dez pra ele, pra ele mandar pro- { Vai ser sorteado no Programa do Faustão, né? dia dezoito. } Então vamos ver, né? **ENTÃO** [<a gen->]- ele ganhou umas dez, mas a gente colocou o nome do pai, nome do cunhado, que é só um pra cada, né? (FLP 09, L 1234)

Há uma forte interligação entre essas cinco nuances semânticas ou subfunções da seqüenciação retroativo-propulsora, o que impede sua diferenciação categórica. Na classificação de muitos de nossos dados não pudemos afirmar, por exemplo, que se tratavam unicamente de introdutores de efeito, pois não raro a introdução de efeito é fortemente marcada pela idéia de seqüenciação temporal, como em (6) e (7):

(6) Aí eu sei que [numa <de->]- num desses círculos eu fui sozinha, e chegou num determinado ponto [eu]- eu vi que nunca eu ia conseguir fazer a volta. **Aí** ele veio pra me ajudar. Eu me lembro que eu me agarrei [nos <bra->]- assim, no pescoço do homem e larguei o guidom da bicicleta. (FLP 01, L 1178)

(7) Ela olhou pra mim, eu gostei dela, **Aí** ficamos namorando. (FLP 04, L 693)

Também não podíamos afirmar que muitos conectores eram unicamente seqüenciadores textuais, pois a seqüenciação textual pode se confundir com a seqüenciação temporal ou com a introdução de efeito ou com ambas, como no exemplo a seguir, em que, além de promover a propulsão da narrativa rumo à sua continuidade, é possível que o *então* de “então ele ensinou a profissão de tratorista pro meu pai” evidencie uma leve consequência em relação a “o meu avô era tratorista da prefeitura há muito tempo” e/ou indique uma leve seqüência cronológica em relação a “se aposentou pela prefeitura”.

(8) Então teve que dar os terrenos pras pessoas que ele teve uma (“falta”). Então tu vê, o pai voltou a nada. E o meu avô era tratorista da prefeitura há muito tempo. Se aposentou pela prefeitura. **ENTÃO** ele ensinou a profissão de tratorista pro pai. Aí o pai começou trabalhar como tratorista e começou a levantar tudo novamente. (FLP 13, L 756)

Foram muitos os dados de difícil classificação relativamente à função semântico-discursiva específica: há inúmeros casos de conectores situados entre uma e outra das funções. A categorização em subtipos de seqüenciação retroativo-propulsora exigiu critérios como:

(a) Identificação do traço de significado predominante: mais seqüenciador temporal, mais introdutor de efeito, mais finalizador, mais seqüenciador textual;

(b) Considerar como traço mais representativo dos retomadores o movimento de retomada. Assim, a categoria engloba conectores seqüenciadores temporais e textuais que recuperam, respectivamente, a linearidade da narrativa e uma informação antes mencionada (evento, argumento), ambas interrompidas por digressões.

Esses critérios auxiliaram na decisão sobre a classificação de cada dado, mas temos de considerar a existência de uma certa margem de erro, o que não representa problema: a fluidez e a interligação entre as funções seqüenciadoras impede qualquer distinção categórica. A despeito disso, nossa subdivisão em nuances retroativo-propulsoras fornece indícios dos contextos preferenciais de cada forma.

É possível distinguir os subtipos da seqüenciação retroativo-propulsora de acordo com a marcação:

**Quadro 6: Distribuição das funções semântico-discursivas quanto à marcação**

seqüenciador textual - marcado	seqüenciador temporal	introdutor de efeito	finalizador	retomador + marcado
-----------------------------------	-----------------------	----------------------	-------------	------------------------

Consideramos como critérios para a distinção dos subtipos da seqüenciação retroativo-propulsora quanto à marcação: (i) a complexidade cognitiva em termos do processamento das informações e (ii) os traços semântico-discursivos característicos de cada tipo de seqüenciador, isto é, a natureza da cronologia estabelecida pelo conector (temporal e/ou discursiva) e a presença ou não da idéia de introdução de efeito.

O seqüenciador textual é o subtipo de seqüenciação menos marcado, pois indica apenas a cronologia do discurso, assinalando a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas (com valor de *continuando*). O seqüenciador temporal tem um traço de significado a mais, se comparado com o seqüenciador textual: indica a cronologia dos eventos narrados, colocando em evidência não apenas a ordenação discursiva, mas também a ordenação temporal cronológica. É o subtipo de seqüenciação mais saliente do ponto de vista perceptual, indicando relações de natureza mais concretas.

O introdutor de efeito indica seqüenciação cronológica temporal e/ou discursiva. Evidencia fortes traços de seqüenciação temporal quando interliga eventos que se sucedem temporalmente, sendo o primeiro a causa e o segundo sua consequência. Quando interliga argumentos, manifesta uma seqüenciação lógico-discursiva: a causa precede logicamente a consequência.<sup>62</sup> Entretanto, a despeito da semelhança com o seqüenciador textual (cronologia discursiva) e com o seqüenciador temporal (cronologia temporal), o introdutor de efeito apresenta um grau de complexidade maior, pois introduz informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. Desse modo, é mais marcado cognitivamente que o seqüenciador temporal, por sua vez mais marcado que o seqüenciador textual.

<sup>62</sup> A respeito da relação de causa-consequência, conferir Paiva (1991b).



O finalizador assemeiha-se ao introdutor de efeito pelo traço conclusivo, pondo em evidência a cronologia discursiva (a conclusão segue-se logicamente a informações anteriores). Esse traço conclusivo muitas vezes está fortemente presente, assemelhando-se o conector finalizador a *portanto*, mas é possível também que esteja enfraquecido, assemelhando-se o conector a *enfim*. A despeito disso, a característica principal do finalizador é o destaque à informação que introduz como representando o final do tópico ou subtópico em andamento até então. Trata-se de um movimento complexo, que exige maior atenção do interlocutor.<sup>63</sup>

Mais complexo ainda é o movimento de recuperação de informações anteriores levado a cabo pelo retomador. Este conector é um misto de seqüenciador temporal e textual, indicando seqüência cronológica temporal (quando da recuperação da linearidade da narrativa) ou discursiva (quando da recuperação de informações dadas anteriormente para permitir a continuação do discurso). Sua característica definidora é o movimento de retomada, fornecendo pistas para o interlocutor acerca da volta da seqüência linear temporal da narrativa ou da seqüência discursiva que vinha sendo desenvolvida, ambas interrompidas por digressões. Devido à complexidade das indicações dadas pelo finalizador e pelo retomador, consideramos que sejam os retroativo-propulsores mais marcados.

A frequência de cada subtipo da seqüenciação retroativo-propulsora em nosso *corpus* também é uma indicação do grau de marcação: os mais frequentes são aqueles que consideramos os menos marcados: seqüenciador textual (1288 dados) e seqüenciador temporal (796 dados), e os menos frequentes são os mais marcados: introdutor de efeito (467 dados), retomador (297 dados) e finalizador (74 dados).

Nossa hipótese para a influência dos traços semântico-discursivos específicos da seqüenciação retroativo-propulsora sobre o emprego dos seqüenciadores consiste em relacionar funções tidas como menos marcadas a conectores menos marcados e funções consideradas mais marcadas a conectores mais marcados. Como a seqüenciação textual é menos complexa cognitivamente, deve favorecer o *e*, o conector menos marcado. Ressalvamos, porém, que o *e* é conhecido por sua multifuncionalidade, podendo se manifestar fortemente em qualquer função,<sup>64</sup> o que torna difícil previsões a respeito de seu uso. O *então*, forma mais marcada, deve ser condicionado em especial pela retomada, a subfunção mais marcada. É possível que *aí* e *daí*, intermediários entre *e* e *então* quanto à marcação, sejam favorecidos por funções também intermediárias quanto à marcação.

---

<sup>63</sup> No caso da entrevista, por exemplo, a percepção de uma estrutura de finalização de tópico na fala do informante é um sinal para o entrevistador de que deverá tomar alguma atitude (como fazer uma nova pergunta) para que a entrevista prossiga.

<sup>64</sup> Conforme Cunha (1994:536-537), *e* pode ter os seguintes valores: adversativo, concessivo, conclusivo, conseqüencial, de finalidade e interjectivo, bem como introduzir explicação enfática e "(...) facilitar a passagem de uma idéia a outra, mesmo que não relacionadas, quando vem repetido ritmicamente em fórmulas paralelísticas que imitam o chamado estilo bíblico."

1.1.2 Resultados e discussão

A função semântico-discursiva específica dos conectores foi o segundo grupo de fatores lingüísticos (terceiro no geral, considerando-se variáveis lingüísticas e sociais) selecionado como mais relevante para o *aí* e o primeiro para *daí*, *então* e *e*. Para os dois últimos, é também o primeiro geral, e para o *daí* é o terceiro geral (os dois primeiros apontados como mais relevantes pelo programa estatístico para este conector são de natureza social). A função semântico-discursiva constitui-se, portanto, no grupo de fatores mais significativo a influenciar o emprego dos conectores seqüenciadores em geral.

Tabela 1: Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Seqüenciação temporal	796/340	43%	.69
Introdução de efeito	467/119	25%	.59
Retomada	297/80	27%	.45
Seqüenciação textual	1288/237	18%	.38
Finalização	74/5	7%	.20
TOTAL	2922/781	27%	

A seqüenciação temporal condiciona favoravelmente o uso do *aí* (peso relativo de .69). Ambos, função e conector, são menos marcados se comparados aos conectores e subfunções que se encontram a sua direita nas escalas de marcação (quadros 5 e 6), o que confirma nossa hipótese de que seqüenciadores menos marcados relacionam-se a contextos menos marcados. Também representa contexto favorecedor para o *aí* a introdução de efeito (peso relativo de .59), função que, na nossa escala de marcação, segue-se logo após a seqüenciação temporal (quadro 6).

É possível que o componente temporal dessas duas funções favorecedoras seja fator motivador do aparecimento do *aí*: ambas apresentam traços de temporalidade mais fortes se comparadas às demais funções, com destaque para a seqüenciação cronológica de eventos, que deve estar bastante correlacionada ao uso do *aí*. Já as funções que não manifestam traços de seqüenciação temporal, a seqüenciação textual e a finalização, inibem-no fortemente.

Tabela 2: Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *daí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Finalização	74/8	11%	.70
Introdução de efeito	467/48	10%	.66
Seqüenciação temporal	796/61	8%	.53
Retomada	297/18	6%	.50
Seqüenciação textual	1288/66	5%	.41
TOTAL	2922/201	7%	

*Daí* é favorecido por funções retroativo-propulsoras mais marcadas, a finalização (.70) e a introdução de efeito (.66). Como já mencionamos, é possível que o *daí* seja um conector mais marcado que o *aí*, por ser mais complexo formalmente e por ser mais recorrente. Corrobora com essa hipótese acerca da marcação do *daí* o fato de suas funções favorecedoras serem mais complexas que as do *aí*.

**Tabela 3: Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *então***

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Finalização	74/47	74%	.85
Introdução de efeito	467/198	42%	.78
Retomada	297/113	38%	.70
Seqüenciação textual	1288/277	22%	.49
Seqüenciação temporal	796/40	5%	.24
TOTAL	2922/675	23%	

Esperávamos que a função mais marcada, a retomada, favorecesse o *então*, o que se confirmou, com um peso relativo de .70. Entretanto, outras funções também o condicionam favoravelmente: finalização (.85) e introdução de efeito (.78), respectivamente segunda e terceira em ordem decrescente de marcação (cf. quadro 6). Há, portanto, uma forte correlação entre as funções mais marcadas e o emprego desse item lingüístico. Por outro lado, *então* é inibido pela seqüenciação temporal (.24) e pela seqüenciação textual (.49).

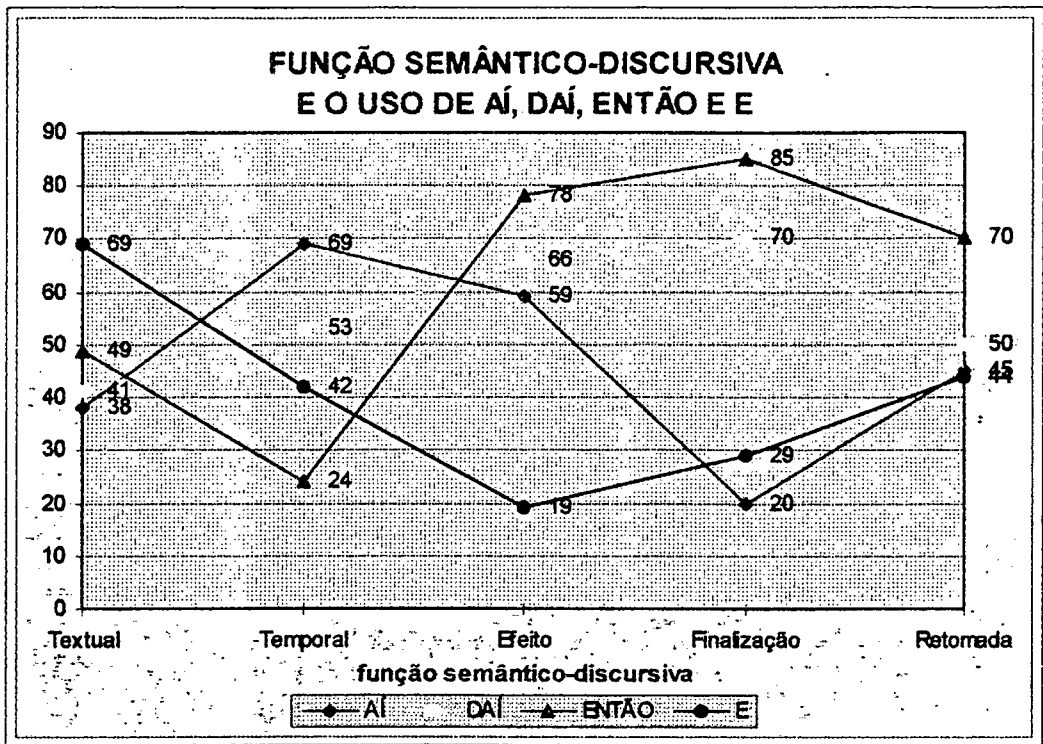
**Tabela 4: Influência da função semântico-discursiva na escolha da variante *e***

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Seqüenciação textual	1288/708	55%	.69
Retomada	297/86	29% <sup>65</sup>	.44
Seqüenciação temporal	796/355	45%	.42
Finalização	74/14	19%	.29
Introdução de efeito	467/102	22%	.19
TOTAL	2922/1265	43%	

Prevíamos que o *e*, forma menos marcada, seria favorecido pela função seqüenciadora menos marcada, a seqüenciação textual. Tal previsão foi confirmada: o peso relativo associado ao emprego do *e* na função em questão é de .69, o que favorece largamente esse conector.

<sup>65</sup> Note-se que há um viés entre o peso relativo e as porcentagens atribuídas às funções de retomada (porcentagem menor e peso relativo mais alto) e de seqüenciação temporal (porcentagem maior e peso relativo mais baixo). Cremos que isso se deva à influência do grupo de fatores nível de articulação discursiva (segunda lingüística e geral na ordem de relevância dos grupos de fatores para o *e*), pois, nas rodadas sem esse grupo de fatores, o peso da seqüenciação temporal sobe para .57 e o peso da retomada desce para .35.

Gráfico 1: Comparação da influência da função semântico-discursiva no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*



Como podemos observar no gráfico 1, a seqüenciação textual associa-se a *e*; a seqüenciação temporal a *aí*; a introdução de efeito a *aí*, *daí* e *então*; a finalização a *daí* e *então*; e, finalmente, a retomada associa-se a *então*. Esses resultados aproximam *daí* de *então*, configurando-os como formas fortemente influenciadas por funções seqüenciadoras mais complexas: a introdução de efeito e a finalização. Contudo, embora mais próximo de *então*, *daí* não se distancia de *aí*, considerando-se as funções condicionadoras de cada um deles: a introdução de efeito é a segunda função mais favorecedora para os dois e a seqüenciação temporal, maior condicionadora para *aí*, está entre neutra a levemente favorecedora para *daí* (.53). Os resultados ressaltam, portanto, a posição de *daí* entre *aí* e *então* na escala de marcação.

Também cumpre ressaltar que o *e* é altamente desfavorecido pela introdução de efeito e pela finalização, opondo-se, desse modo, a *daí* e *então*, e é condicionado favoravelmente pela seqüenciação textual, a menos complexa das funções. É possível que esse comportamento seja motivado pelo fato de ser o *e* a forma menos marcada, pouco indicada para funções mais complexas, caso da introdução de efeito e da finalização.<sup>66</sup>

<sup>66</sup> Abreu (1992:96) toma *aí* como variante de *e* na articulação textual. Seus resultados corroboram os nossos resultados para o *aí*: "(...) a oração com valor seqüenciador é o contexto que mais favorece o uso do elemento conjuntivo *Aí*" (.63), mas não para o *e*: "Os mais fortes condicionadores para esta variante são o valor causal e o valor aditivo da oração com probabilidades muito próximas (.72 e .69, respectivamente)" (op. cit., p. 100). O valor causal como definido por Abreu inclui nosso introdutor de efeito: "Orações causais: estão aqui reunidas as orações que expressam idéia de causa/conseqüência,

Com base nos resultados associados à influência das funções semântico-discursivas específicas sobre as formas concorrentes, organizamos o quadro comparativo abaixo, em que se destaca a distribuição escalar de *aí*, *daí*, *então* e *e*: quanto mais marcada a função, mais marcada a(s) forma(s) que a desempenha(m).

**Quadro 7: Distribuição de *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto às funções semântico-discursivas específicas**

seqüenciador textual <i>e</i> - marcado	seqüenciador temporal <i>aí</i>	introdutor de efeito <i>aí/daí/então</i>	finalizador <i>daí/então</i>	retomador <i>então</i> + marcado
---	------------------------------------	---	---------------------------------	--

Apresentamos a seguir os resultados para o grupo de fatores “função semântico-discursiva específica” oriundos de uma rodada eneária, em que obtivemos os pesos relativos das quatro variantes, para que possamos comparar tais resultados com aqueles pertinentes às rodadas binárias individuais que fizemos para cada conector. Nessas rodadas binárias, cujos resultados fornecemos nas tabelas e no gráfico acima, tomamos cada variante como aplicação da regra, *versus* as demais.

**Tabela 5: Rodada eneária para a função semântico-discursiva específica de *aí*, *daí*, *então* e *e*<sup>67</sup>**

FUNÇÃO	CONECTORES			
	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Seqüenciação temporal	.423	.231	.064	.282
Introdução de efeito	.324	.298	.286	.092
Retomada	.238	.168	.322	.273
Seqüenciação textual	.195	.159	.168	.478
Finalização	.089	.295	.462	.154

A rodada eneária revela que a seqüenciação temporal favorece o *aí*, a introdução de efeito o *aí*, o *daí* e o *então*, a retomada o *então*, a seqüenciação textual o *e* e a finalização o *daí* e o *então*. Ou seja, não há grandes diferenças entre os resultados das rodadas eneária e binária para o grupo de fatores função semântico-discursiva específica do conector.

razão, finalidade” (op. cit., p. 78). Todavia, uma vez que estão incluídos sob o valor causal outros valores além da consequência, uma comparação de resultados torna-se difícil. Silva e Macedo (1996:26) também apontam *aí* como indicador de seqüências temporais.

<sup>67</sup> Os gráficos que apresentamos em seguida a tabelas individuais dos conectores combinam os pesos relativos das rodadas binárias de cada conector para que possamos compará-los. Não são, portanto, frutos de rodadas eneárias. Quando a tabela traz resultados de rodadas eneárias, como é o caso da tabela 5, essa informação consta em seu título.

## 1.2 Tipo de discurso

### 1.2.1 Caracterização e hipóteses

Na entrevista, tipo de discurso que se constitui a fonte de nossos dados, é possível identificar e isolar outros tipos de discurso:

- ✱ **Narrativa:** Relato verbal em que o informante conta um ou mais fatos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo determinados personagens, geralmente no pretérito perfeito.

(9) **ENTÃO** [às vezes]- quebramos uma telha da vizinha, a vizinha foi fazer queixa pro pai. Mas a mãe não fez nada, não. [Ele]- ela veio fazer queixa pra mãe, mas a mãe não contou nada. Mas ela sabia que a mãe não fazia nada, ela foi fazer queixa pro pai. **AÍ** o pai deu uma surra em nós tão grande, que só vendo. (FLP 18, L 1242)

- ✱ **Procedimentos:** Descrição das etapas necessárias à realização de alguma tarefa ou processo, caracterizando-se por exposição dos eventos em ordem cronológica e ênfase na ação.

(10) **E** tem o molho também pra salada que é: meia xícara de maionese, sabes? Tu pegas a maionesezinha, o suco de meio limão, sal, pimenta e um pouquinho de açúcar, tá? Isso é o que vai. **AÍ** tu ferves o macarrão, né? Normalzinho. Temperas tudo direitinho com sal, não tem nada de especial. (FLP 01, L 607)

- ✱ **Descrição de vida:** Relato de fatos habituais, no imperfeito.

(11) Naquela época não havia empregada. Era só assim como eu estou falando. A gente achava uma pessoa pra ficar com a gente, uns tempos, pra ajudar. A gente pagava, **AÍ** a pessoa ficava ali, né? Não é dizer que era uma empregada. Era uma pessoa pra serviço. A gente mandava fazer aquilo (inint) pra fazer. Dois, três ou quatro meses **E** ia embora. (FLP 08, L 1053)

- ✱ **Descrição:** Trecho em que um fato, um objeto ou uma pessoa são expostos detalhadamente em suas peculiaridades e contornos.

(12) F: **ENTÃO** o uniforme de gala era aquela saia vermelha pregueada- **ENTÃO** o uniforme de gala, né? com aquela blusa branca manga comprida, boina e luva.

E: E que cor era, bege também?

F: Não! O uniforme de gala era [saia vermelha]- saia bordô, né? a blusa branca, mas todos compridos. Tudo pela canela, viu? (FLP 24, L 676)

- ✱ **Argumentação:** O informante tece considerações a respeito de determinado tema, evidenciando sua opinião acerca do mesmo, como no exemplo a seguir.

(13) Agora têm muitas que estão nessa vida porque gostam disso aí, gostam de zoeira, essas coisas, e muitas estão ali obrigadas, tá? **ENTÃO**, eu respeito todo ser humano, agora, pra mim, eu acho isso assim, pra mim, a minha índole, eu acho errado. Que eu acho tem tanto serviço que a pessoa, né? podia ter mais- [São]- todo ser humano é capaz a qualquer coisa que quer na vida. (FLP 16, L 1186)

Nossa hipótese acerca da influência do tipo de discurso sobre o uso de *aí*, *daí*, *então* e *e* também é baseada no princípio da marcação. Qual dos tipos de discurso entre os considerados é o mais marcado e qual é o menos marcado? Para tentar responder a essa questão, comparamos a seguir a narrativa, o discurso de procedimentos, a descrição de vida, a descrição e a argumentação. Salientamos, porém, que tal comparação é baseada em características gerais de cada tipo de discurso, não se aprofundando em detalhes.

A narrativa caracteriza-se pela seqüenciação cronológica de eventos passados, temporalmente delimitados, correlacionando-se ao pretérito perfeito, seqüencial e ancorado no evento, e ao aspecto perfectivo, compacto e completo. Tratam-se do tempo e aspecto menos marcados (Givón, 1993a:179). Podemos opor à narrativa a argumentação, caracterizada pela exposição de opiniões atuais acerca de determinado fato ou idéia, correlacionando-se com o tempo presente, não seqüencial e ancorado na fala, e o aspecto imperfectivo, durativo e incompleto. São estes um dos tempos e o aspecto verbal mais marcados (op. cit., p. 179). Como a argumentação envolve a exposição de pontos de vista, o que é relativamente complexo em nível de processamento e interpretação, bem como envolve o uso de tempo e aspecto marcados, podemos considerá-la como um tipo de discurso mais marcado. Diferentemente, na narrativa predominam verbo e aspecto não marcados e a seqüenciação de eventos delimitados, completos, por isso, mais salientes, mais facilmente processáveis. A narrativa é, portanto, menos marcada.

Na descrição de vida ocorre a seqüenciação temporal ou textual de eventos durativos no pretérito imperfeito,<sup>68</sup> tempo verbal também marcado, por apresentar os traços de duratividade e incompletude. No discurso de procedimentos ocorre a seqüenciação das etapas de um processo geralmente no presente. Esses dois tipos de discurso, embora aproximem-se da narrativa pelo traço de seqüenciação temporal, estão ligados a tempos verbais mais marcados e seqüenciam eventos não delimitados, durativos, conseqüentemente, mais complexos quanto ao processamento. Assim, consideramos que sejam mais marcados que a narrativa. A descrição também parece mais complexa que a narrativa, por envolver a exposição das características de certo elemento no pretérito imperfeito ou no presente, tempos verbais marcados.

---

<sup>68</sup> Para uma melhor diferenciação entre narrativa e descrição de vida, conferir Silva & Macedo (1996), autoras em que nos baseamos para estabelecer a distinção entre os tipos de discurso.

Propomos, na escala a seguir, um contínuo de marcação dos tipos de discurso que vai desde a seqüenciação de eventos passados, delimitados temporalmente e não durativos, o que é típico da narrativa, passando pela seqüenciação de eventos não delimitados e durativos, como no discurso de procedimentos e descrição de vida, até a não seqüenciação de eventos, que caracteriza a descrição e a argumentação, considerando esta, por envolver a manifestação de opiniões, mais complexa que aquela, em que ocorre a exposição de características de um ser ou objeto.

**Quadro 8: Distribuição dos tipos de discurso quanto à marcação**

narrativa - marcado	procedimentos	descrição de vida	descrição	argumentação + marcado
------------------------	---------------	-------------------	-----------	---------------------------

Ressaltamos que, na escala acima, opomos a narrativa, menos marcada, à argumentação, mais marcada, considerando os discursos de procedimentos, descrição de vida e descrição como intermediários quanto à marcação. Contudo, como não realizamos uma análise aprofundada das características de cada tipo de discurso, pois levamos em conta, para distingui-los, somente o tempo, o aspecto e o tipo de seqüenciação predominantes (se de eventos, de idéias ou de outro tipo de informação), não podemos afirmar que a ordem crescente de marcação dos tipos de discurso situados em nível intermediário seja necessariamente 'procedimentos → descrição de vida → descrição'. Embora não possamos apontar quais dentre esses discursos são mais ou menos marcados, consideramos que se tratam de discursos mais marcados que a narrativa e menos marcados que a argumentação.

Passemos à hipótese. A narrativa, que definimos como menos complexa relativamente aos demais tipos de discurso considerados, deve privilegiar os seqüenciadores menos marcadas, *aí* e *e*, ao passo que a argumentação deve favorecer as formas mais marcadas, *daí* e *então*.

**1.2.2 Resultados e discussão**

O tipo de discurso foi o primeiro grupo de fatores selecionado para *aí*, o terceiro lingüístico e sexto geral (considerando-se variáveis lingüísticas e sociais) para *daí* e o quarto lingüístico para *então* e *e*. Para este, foi também o quarto grupo de fatores selecionado no geral e para aquele foi o sétimo grupo selecionado no geral.



Tabela 6: Influência do tipo de discurso na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Narrativa	1177/484	41%	.62
Procedimentos	177/54	31%	.58
Descrição	71/13	18%	.52
Descrição de vida	984/178	18%	.44
Argumentação	513/52	10%	.31
TOTAL	2922/781	27%	

A narrativa condiciona o aparecimento do *aí*, com peso relativo de .62. Esse resultado confirma nossa hipótese acerca da influência do tipo de discurso sobre o emprego dos seqüenciadores: o discurso menos marcado favorece um seqüenciador menos marcado. O discurso de procedimentos também favorece o *aí*, com peso relativo de .58. A predominância do *aí* nesses tipos de discurso assim como na função de seqüenciação temporal revela uma tendência desse conector para interligar eventos que se sucedem temporalmente. A descrição exerce sobre o *aí* uma atuação entre neutra a levemente favorecedora (.52). A argumentação (.31), mais marcada, desfavorece-o,<sup>69</sup> configurando-o como elemento de articulação pouco inclinado a aparecer em contextos mais complexos, em que predominam a exposição de pontos de vista.

Tabela 7: Influência do tipo de discurso na escolha da variante *daí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Procedimentos	177/27	15%	.68
Narrativa	1177/83	7%	.55
Argumentação	513/31	6%	.48
Descrição de vida	984/59	6%	.44
Descrição	71/1	1%	.28
TOTAL	2922/201	7%	

Os pesos relativos mostram que os discursos considerados por nós como menos marcados (cf. quadro 8) condicionam favoravelmente o *daí*: o discurso de procedimentos (.68) e a narrativa (.55). Esses resultados aproximam *daí* de *aí*, também favorecido pelo discurso de procedimentos e pela narrativa.

<sup>69</sup> Os resultados obtidos por Silva e Macedo (1996:29) acerca da influência do tipo de discurso sobre a utilização do *aí* assemelham-se aos nossos resultados quanto à ordem de relevância dos pesos relativos: narrativa → .80; receita (procedimentos) → .80; descrição de vida → .60; descrição → .50; argumentação → .30. As autoras consideraram ainda outros dois tipos de discurso: diálogo e citação, que alcançaram pesos relativos de .30 e .10 respectivamente.

Tabela 8: Influência do tipo de discurso na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Argumentação	513/189	37%	.56
Descrição de vida	984/274	28%	.55
Procedimentos	177/25	14%	.55
Descrição	71/19	27%	.46
Narrativa	1177/168	14%	.42
TOTAL	2922/675	23%	

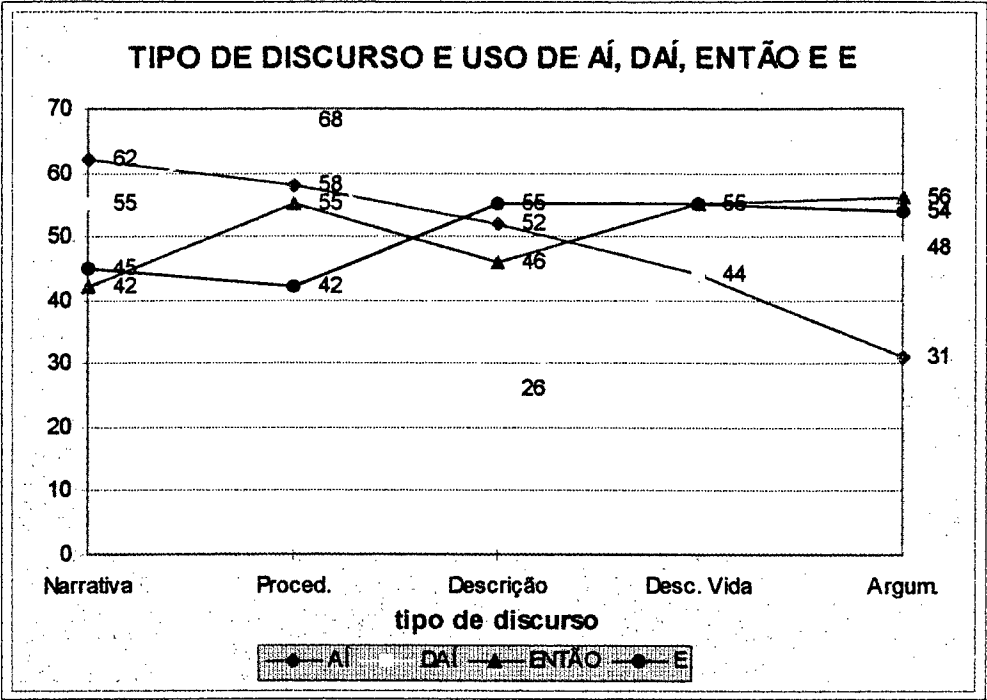
Como esperávamos, *então* é favorecido em discursos complexos: argumentação (.56) e descrição de vida (.55), embora também seja favorecido pelo discurso de procedimentos (.55), considerado por nós o segundo em ordem crescente de marcação. A narrativa tende a desfavorecer o *então* (.42), isto é, mais uma vez o contexto menos marcado inibe o seqüenciador mais marcado.

Tabela 9: Influência do tipo de discurso na escolha da variante *e*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Descrição	71/38	54%	.55
Descrição de vida	984/473	48%	.55
Argumentação	513/241	47%	.54
Narrativa	1177/442	38%	.45
Procedimentos	177/71	40%	.42
TOTAL	2922/1265	43%	

A hipótese para *e* não foi confirmada: os discursos mais marcados apresentam os pesos relativos favoráveis para o uso dessa forma menos marcada: descrição (.55), descrição de vida (.55) e argumentação (.54). É possível que esse resultado se deva à predominância do *e* na função de seqüenciação textual, cuja propriedade definidora é a indicação de seqüenciação discursiva (não cronológica), tipo de seqüenciação característico dos discursos favorecedores do *e*, em oposição à narrativa e ao discurso de procedimentos, que manifestam seqüenciação cronológica. Destaca o papel da função semântico-discursiva específica sobre o emprego do *e* o fato de ter sido o primeiro grupo de fatores selecionado pelo VARBRUL para esse conector, enquanto o tipo de discurso foi o quarto. A função é, então, mais influente sobre o emprego do *e* que o tipo de discurso.

Gráfico 2: Comparação da influência do tipo de discurso no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*



Tínhamos por hipótese que os tipos de discurso mais complexos representariam os contextos favorecedores para o *então*. Os resultados que obtivemos apontam nessa direção, pois destacam-se como condicionadores principais do *então* a argumentação, a descrição de vida e o discurso de procedimentos. Este último, de acordo com o quadro 8, é menos marcado que os anteriores, porém, comparando-se com a narrativa, contexto inibidor para *então*, é mais marcado. Os resultados para *daí* revelam que os discursos menos complexos, narrativa e procedimentos, favorecem-no, semelhantemente ao que ocorre com *aí*. Dessa maneira, em relação ao tipo de discurso, *daí* se aproxima mais de *aí*, a sua esquerda na escala de marcação (cf. quadro 5), do que de *então*, ao contrário do que ocorre em relação à função semântico-discursiva específica.

Nossas esperanças para o *e* falharam, pois os discursos mais marcados deveriam ser inibidores do *e*, conector menos marcado, o que não se verificou. Tal resultado pode ter sido motivado pela natureza da função de seqüenciação textual, função condicionadora do *e* (cf. 1.1.2). Essa função prima por apenas indicar a seqüenciação discursiva entre informações, sem estabelecer entre elas outras relações, favorecendo, então, o uso do *e* nos tipos de discurso em que impera a seqüenciação discursiva: descrição, descrição de vida e argumentação.

Destacamos, na tabela a seguir, os resultados para o grupo de fatores “tipo de discurso” fornecidos pela rodada eneária:

Tabela 10: Rodada eneária para o tipo de discurso

TIPO DE DISCURSO	CONECTORES			
	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Narrativa	.340	.286	.173	.201
Procedimentos	.238	.450	.166	.146
Descrição	.314	.089	.320	.276
Descrição de vida	.210	.264	.257	.269
Argumentação	.133	.235	.350	.281

Conforme a tabela, a narrativa e o discurso de procedimentos condicionam favoravelmente o *aí* e o *daí*; a descrição o *aí*, o *então* e o *e*; a descrição de vida o *então* e o *e*; a argumentação o *então* e o *e*. Com exceção do *então*, os contextos favorecedores para cada conector são os mesmos evidenciados pela rodada binária.

A rodada eneária aponta como um dos contextos favorecedores do *então* a descrição e não relaciona o discurso de procedimentos entre esses contextos, enquanto a rodada binária aponta como contexto favorecedor o discurso de procedimentos e não a descrição. A tabela 8, que traz os resultados da rodada binária para o *então* apresenta um viés semelhante: o discurso de procedimentos recebe peso relativo maior que a descrição, mas esta recebe porcentagem maior que aquele. cremos que o responsável por esses vieses seja a variável “traço semântico verbal”, pois, nas rodadas binárias que não incluem essa variável, o peso relativo da descrição é de .46 e o do discurso de procedimentos é de .55, ao passo que, nas rodadas binárias que a incluem, o peso relativo da descrição sobe para .52 e do discurso de procedimentos desce para .46. Como a variável “traço semântico verbal” não foi selecionada como relevante pelo VARBRUL para o *então*, optamos por considerar como mais significativas para efeitos de análise as rodadas binárias que não a incluem.

### 1.3 Nível de articulação discursiva

#### 1.3.1 Caracterização e hipóteses

No discurso, o fluxo de informações é organizado em tópicos. Cada tópico representa, grosso modo, um assunto sobre o qual se fala. Segundo Jubran et alii (1993:361), os tópicos se manifestam “(...) mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem”. Suas características principais são a centração e a organicidade. A primeira envolve os seguintes traços:

“a) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados (...) pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis;

b) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos;

c) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem.”

A organicidade refere-se às relações de interdependência que se verificam tanto no plano hierárquico, conforme as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos; quanto no plano seqüencial, de acordo com as articulações intertópicas em termos de adjacências ou interposições na linha discursiva (Jubran et alii, 1993:362-63). As relações de interdependência que se verificam entre os tópicos possibilitam o estabelecimento de níveis de hierarquização, cada um deles recoberto por um superior e constituído por um inferior. Ou seja, unidades hierárquicas do mesmo nível somam-se para constituir uma unidade de nível mais alto; várias dessas unidades, conjuntamente, formarão outra unidade de nível superior e assim por diante. Cada uma delas, em seu nível próprio, é um tópico. Koch (1992:72) propõe a denominação de *segmentos tópicos* para as unidades de nível mais baixo; cujo conjunto formará um *subtópico*; diversos subtópicos constituirão um *quadro tópico*; e, se houver um tópico superior que englobe vários tópicos, teremos um *supertópico*.<sup>70</sup>

Para analisar os níveis de articulação discursiva preferencias de *aí*, *daí*, *então* e *e*, fragmentamos as entrevistas integrantes do *corpus* selecionado para esta pesquisa de acordo com os níveis hierárquicos elencados acima. Contudo, como cada nível de hierarquização é recoberto por um posterior e é constituído por outro inferior, recortes diferentes daqueles pelos quais optamos poderiam ter sido feitos. Por exemplo, aquilo que consideramos como tópico (quadro tópico, na denominação de Koch) poderia ser considerado subtópico, o que transformaria nossos supertópicos em tópicos, podendo se identificar, assim, um nível hierárquico mais alto como supertópico. A divisão de um texto em níveis de articulação depende do grau de refinamento pretendido em relação às unidades recortadas: há possibilidades de que se estabeleçam distinções maiores ou menores.

Mostramos, no quadro a seguir, com as subdivisões que fizemos em parte de uma das entrevistas (os trinta minutos finais, tempo de entrevista que consideramos para a coleta dos dados), como distinguimos tópicos, subtópicos e segmentos tópicos, entidades em relação de inclusão: a unidade mais à direita adjungindo-se a unidades do mesmo nível, constitui a unidade mais à esquerda.

---

<sup>70</sup> A respeito da subdivisão do discurso em diferentes níveis de articulação, conferir também Görski (1994).

Quadro 9: Fragmentação em tópicos, subtópicos e segmentos tópicos de parte da entrevista FLP 18<sup>71</sup>

Tópicos	Subtópicos	Segmentos tópicos
família	<ul style="list-style-type: none"><li>• família do informante antigamente</li><li>☆ família do informante hoje</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• onde morava a família do informante</li><li>• tempo que o informante morou com a mãe</li><li>☆ onde mora a mãe</li><li>☆ o que fazem os irmãos</li></ul>
cidade antigamente e hoje	<ul style="list-style-type: none"><li>• tipo de residências</li><li>☆ hospitais</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• casarões</li><li>• favelas</li><li>• prédios</li><li>☆ hospitais que existiam</li><li>☆ hospitais que surgiram mais tarde</li></ul>
o mato do Seu D.	<ul style="list-style-type: none"><li>• localização do mato</li><li>☆ Seu D.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>☆ quem é Seu D.</li><li>☆ repreensão de Seu D. às caçadas</li></ul>
Delegado A.	<ul style="list-style-type: none"><li>• quem é o delegado A.</li><li>☆ o medo que as pessoas tinham do delegado</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>☆ surras de cinto</li><li>☆ cidade com pouca criminalidade</li></ul>
morros da cidade	<ul style="list-style-type: none"><li>• Morro do Mocotó</li><li>☆ Morro das Pedras</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• como era o Morro do Mocotó</li><li>• onde o informante morava</li><li>☆ localização do Morro das Pedras</li><li>☆ piqueniques no Morro das Pedras</li></ul>
Florianópolis	<ul style="list-style-type: none"><li>• prédios</li><li>☆ nome da cidade</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• prédios antigamente</li><li>• prédios hoje</li><li>☆ origem do nome</li><li>☆ quem foi Floriano Peixoto</li><li>☆ a questão da mudança do nome hoje</li></ul>
namoro	<ul style="list-style-type: none"><li>• namoro antigamente</li><li>☆ namoro do informante</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• namoro dentro de casa</li><li>• controle dos pais</li><li>☆ relação do informante com os pais da namorada</li><li>☆ o noivado</li></ul>
controle dos pais sobre os filhos	<ul style="list-style-type: none"><li>• o pai do informante</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• surras</li><li>• reação às queixas dos vizinhos</li><li>• proibição de possuir bola de futebol</li></ul>

<sup>71</sup> A segmentação dos níveis de articulação discursiva de toda a entrevista FLP 18 encontra-se em anexo, bem como a transcrição de um trecho da referida entrevista, constituído por dois tópicos: o mato do Seu D. e Delegado A.

	☆ o informante	☆ educação mais liberal dos filhos
divertimentos infância	da <ul style="list-style-type: none"> <li>• futebol</li> <li>☆ cinema</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• onde era jogado</li> <li>☆ localização dos cinemas</li> <li>☆ sessão das moças</li> <li>☆ gazeirado para ir ao cinema</li> <li>☆ surra</li> </ul>
irmãs informante	do <ul style="list-style-type: none"> <li>• educação dada às irmãs</li> <li>☆ namoro das irmãs</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• as moças não apanhavam</li> <li>• tarefas de casa</li> <li>☆ proibição ao namoro pelo pai</li> <li>☆ namoro após a morte do pai</li> </ul>
brincadeiras infância	de <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Come on Boy</i></li> <li>☆ Queimada</li> <li>◇ estilingue</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• regras do jogo</li> <li>☆ regras do jogo</li> <li>☆ quem perdia</li> <li>◇ nomes dados ao estilingue</li> <li>◇ quando o informante quebrou a telha de um vizinho</li> </ul>
trabalho infância	na <ul style="list-style-type: none"> <li>• dificuldades da infância por causa do trabalho</li> <li>☆ trabalho dos filhos do informante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• acordar de madrugada</li> <li>• pouco divertimento</li> <li>☆ mais tempo dependentes do pai</li> <li>☆ independência conquistada há pouco tempo</li> </ul>
educação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• antigamente x hoje</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• educação rígida x educação liberal</li> <li>• o uso de "o senhor" x "tu" em referência aos pais</li> </ul>

Como supertópicos tratados pelo informante na entrevista em análise, apontamos: educação, família, cidade de Florianópolis, infância, namoro. Esses supertópicos englobam todos os tópicos da entrevista. É possível apontar ainda a existência de uma unidade bastante geral que engloba todas as outras: aspectos da vida da cidade e do informante antigamente e hoje.

Consideramos como níveis de articulação possíveis de serem marcados por *aí*, *daí*, *então* e *e* os níveis intertópico, intratópico e inter-oracional.

- \* **Intertópico:** O conector estabelece uma interligação entre um tópico e outro, ocupando a posição inicial do tópico. É o nível mais alto de articulação, caracterizado por maior ruptura entre as informações: o falante muda o foco de um "conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si" (Jubran et alii, 1993:361) para um novo conjunto do mesmo tipo, este introduzido pelo conector.
- \* **Intratópico:** O conector interliga as partes constituintes do tópico e ocupa a posição inicial de subtópicos e segmentos tópicos ou ainda de unidades menores integrantes dos segmentos tópicos. Temos assim estipulados dois espaços de atuação possíveis para os itens sob investigação: entre e dentro de tópicos.
- \* **Inter-oracional:** Como tratamos juntamente conectores oracionais e textuais, consideramos também o nível de articulação inter-oracional, em que o conector interliga orações, dentro de um segmento tópico.

Podemos relacionar esses três níveis de articulação discursiva à questão da coerência. Segundo Givón (1995:343), enquanto propriedade observável no texto, a coerência pode ser definida como continuidade ou recorrência de algum(ns) elemento(s) sobre um determinado espaço textual. Dentre tais elementos, seis são apontados pelo autor como melhores indícios para a avaliação da coerência, por serem de natureza mais concreta e, por isso, mais facilmente mensuráveis. São eles: referência, temporalidade, aspectualidade, modalidade/modo, localização e ação/*script*. Esses sub-componentes da coerência podem se estender seja localmente, entre orações adjacentes, seja globalmente, ao longo de estruturas textuais maiores (Givón, 1993b:287).

Os níveis de articulação discursiva - conexão inter-oracional, conexão intratópica e conexão intertópica - podem ser considerados etapas crescentes da coerência, de mais local, com maior continuidade referencial, temporal, etc, cujo grau máximo ocorre na articulação inter-oracional, à coerência mais global, com maior descontinuidade entre os sub-componentes da coerência, cujo grau máximo ocorre na articulação intertópica.

A definição de coerência enquanto propriedade observável no texto é de natureza heurístico-metodológica. De acordo com Givón (1995:343), a coerência também pode ser definida, do ponto de vista cognitivo, como um processo que se dá na mente de quem produz e compreende textos. Trata-se,



portanto, de um fenômeno de face dupla: pode ser abordado do ponto de vista de seus reflexos mensuráveis no texto, como a (des)continuidade referencial, temporal, aspectual, etc, e do ponto de vista dos processos mentais envolvidos em sua produção. A coerência no texto, isto é, suas marcas e pistas expressas materialmente, é reflexo de sua contraparte cognitiva, dos processos mentais responsáveis pela organização coerente do texto.

Nessa perspectiva, a articulação inter-oracional pode ser considerada como reflexo de processamento mental menos complexo. Isso se motiva pelo fato de tal articulação ser ligada à coerência local, que presumivelmente envolve maior facilidade de processamento, uma vez que é caracterizada por maior continuidade dos sub-componentes da coerência: referencialidade, temporalidade, etc. A continuidade desses elementos resulta em um maior amarramento entre as informações interligadas, o que permite um processamento mais automático das mesmas, tanto do ponto de vista da elaboração quanto da compreensão. Diferentemente, os níveis mais globais de coerência são reflexos de processamentos mais complexos, cujo grau máximo é verificado na articulação intertópica, em que ocorre mudança de um tópico para outro, recebendo evidência a grande descontinuidade entre as informações dadas num dado tópico e no que o segue.

Ou seja, quanto maior a descontinuidade entre as informações na fala, maior a complexidade cognitiva necessária para processá-las e interpretá-las, o que leva à necessidade de maior marcação lingüística. Assim, *então*, a forma que consideramos a mais marcada, deve ser bastante propenso a marcar a articulação intertópica, caracterizada por grande ruptura entre informações anteriores e posteriores. Já *e*, a forma menos marcada, deve predominar na articulação inter-oracional, nível que demanda processamento menos complexo.

1.3.2 Resultados e discussão

O nível de articulação discursiva foi selecionado pelo programa estatístico como terceira variável lingüística e quarta geral para *aí*, segunda lingüística e quarta geral para *daí*, terceira lingüística e quinta geral para *então* e, finalmente, segunda lingüística e geral para *e*.

Tabela 11: Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Intratópico	2295/675	29%	.55
Intertópico	108/21	19%	.52
Inter-oracional	519/85	16%	.29
TOTAL	2922/781	27%	

O nível de articulação intratópico é o que mais favorece o *aí*, ou seja, o nível de articulação intermediário relaciona-se a um conector intermediário

quanto à marcação. O nível intertópico também tende a favorecer o *aí*, com peso relativo de .52. Diferentemente, o nível inter-oracional apresenta forte restrição ao uso desse item lingüístico, com peso relativo de .29. Portanto, há uma forte propensão a que *aí* ocorra em níveis de articulação mais globais, inter e intratópicos.

Tabela 12: Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *daí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Intratópico	2295/173	8%	.54
Intertópico	108/3	3%	.43
Inter-oracional	519/25	5%	.33
TOTAL	2922/201	7%	

O nível de articulação intratópico se constitui em um contexto favorecedor para o *daí*, que é desfavorecido pelos níveis intertópico e, especialmente, inter-oracional. Novamente, o nível de articulação intermediário favorece um conector intermediário, de acordo com a escala de marcação dos conectores proposta no quadro 5.

Tabela 13: Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Intertópico	108/30	28%	.56
Intratópico	2295/592	26%	.54
Inter-oracional	519/53	10%	.31
TOTAL	2922/675	23%	

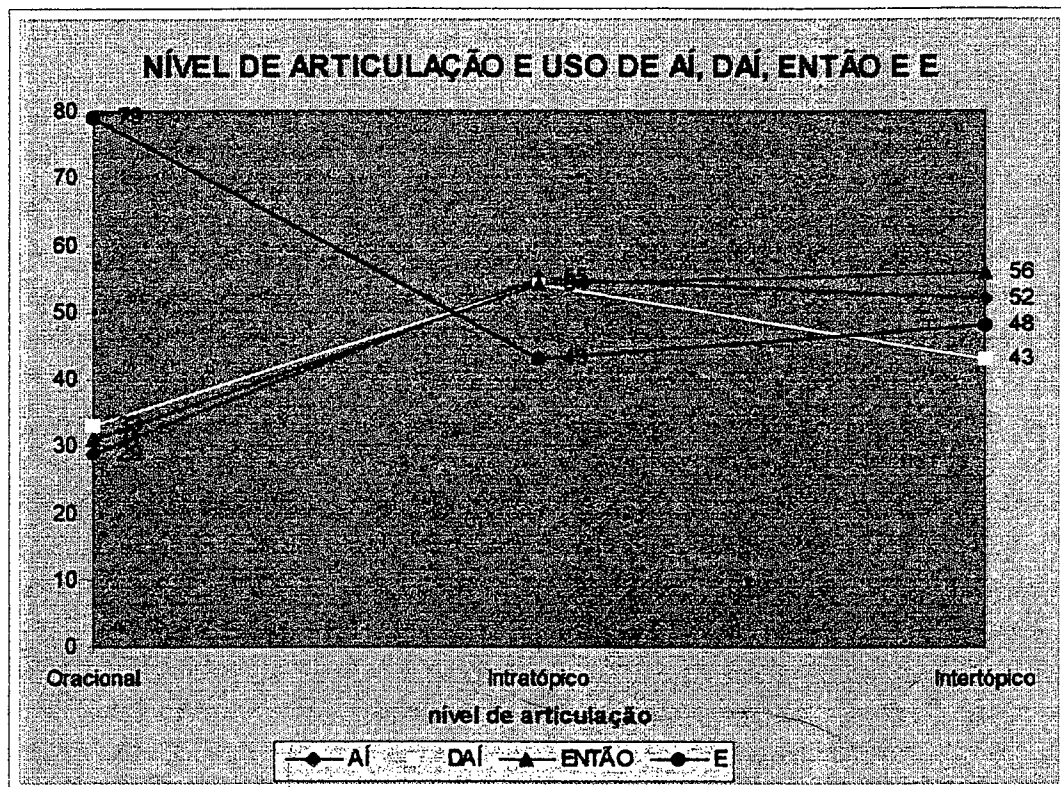
O nível de articulação intertópico inclina-se positivamente em direção ao *então*, o que vai ao encontro da hipótese de ser esta forma, a mais marcada em nossa escala de marcação, propensa a ocorrer no nível de articulação mais global, caracterizado por grande ruptura entre informações anteriores e posteriores. A articulação intratópica, igualmente caracterizada pela manifestação de rupturas entre informações, embora em grau menor do que a articulação intertópica, também favorece a utilização do *então*.

Tabela 14: Influência do nível de articulação discursiva na escolha da variante *e*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Inter-oracional	519/356	69%	.79
Intertópico	108/54	50%	.48
Intratópico	2295/855	37%	.43
TOTAL	2922/1265	43%	

Confirmando nossa hipótese, o nível de articulação inter-oracional, menos complexo quanto ao processamento, favorece, com peso relativo de .79, o aparecimento do e, o conector menos complexo. Em oposição, os níveis de articulação mais globais desfavorecem o conector em questão.

**Gráfico 3: Comparação da influência do nível de articulação discursiva no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e***



O gráfico acima revela que *aí* e *então* são condicionados positivamente tanto pelos níveis de articulação intratópico quanto intertópico, ao passo que o *daí* parece estar mais especializado para o nível intratópico e o *e* para o nível inter-oracional. Ou seja, de acordo com os resultados para o grupo de fatores articulação discursiva, é *aí* e não *daí* que manifesta um comportamento semelhante ao do *então*, diferentemente do que ocorre com os resultados do grupo de fatores “função específica do conector”, que ressaltam semelhanças entre *daí* e *então*. Essa flutuação de resultados parece reforçar nossa hipótese de *aí* e *daí* ocuparem posição intermediária na escala de marcação dos seqüenciadores retroativo-propulsores, ora aproximando-se mais do *então*, ora aproximando-se mais do *e*.

A despeito disso, os resultados para o nível de articulação evidenciam uma oposição entre *aí*, *daí* e *então*, condicionados favoravelmente pelos níveis de articulação mais globais, e *e*, favorecido pelo nível de articulação inter-oracional, o mais local. Frente a isso, decidimos amalgamar os níveis inter e intratópico para compará-los com o nível inter-oracional relativamente ao

condicionamento das formas sob enfoque. Tal amalgamento não alterou nem a ordem de seleção estatística das variáveis lingüísticas nem a ordem de seleção da variável nível de articulação discursiva para cada variante. Os resultados obtidos foram:

- *aí*: tópico: .55; inter-oracional: .29;
- *daí*: tópico: .54; inter-oracional: .33;
- *então*: tópico: .54; inter-oracional: .31;
- *e*: tópico: .43; inter-oracional: .80.

Esses pesos relativos confirmam a oposição entre o condicionamento dos níveis maiores que o inter-oracional, os quais tendem a favorecer *aí*, *daí* e *então* e inibir o *e*, e o condicionamento do nível inter-oracional, que favorece fortemente o *e*, desfavorecendo as outras formas concorrentes.

Abaixo, seguem os resultados de uma rodada eneária para o grupo de fatores em análise, fornecidos pelo VARBRUL:

Tabela 15: Rodada eneária para o nível de articulação discursiva

NÍVEL DISCURSIVO	CONECTORES			
	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Intratópico	.278	.326	.251	.145
Intertópico	.326	.198	.325	.151
Inter-oracional	.131	.183	.145	.541

Conforme mostra a tabela, o nível intratópico favorece o *aí*, o *daí* e o *então*, o nível intertópico o *aí* e o *então* e o nível inter-oracional o *e*. Ou seja, os níveis de articulação condicionadores de cada seqüenciador são os mesmos, tanto na rodada binária quanto na eneária. Entretanto, destacamos que a rodada eneária aponta como maior favorecedor do *aí* o nível intertópico (peso relativo de .326), sendo o segundo maior favorecedor o nível intratópico (peso relativo de .278), ao passo que a rodada binária aponta como maior favorecedor do *aí* o nível intratópico (peso relativo de .55), sendo o segundo maior favorecedor o nível intertópico (peso relativo de .52).<sup>72</sup>

1.4 Graus de conexão

1.4.1 Caracterização e hipóteses

Conforme já apontamos na apresentação do grupo de fatores nível de articulação discursiva, é possível medir a coerência no texto observando-se a continuidade ou recorrência de certos elementos, entre os quais destacam-se a referencialidade, o tempo, o aspecto, a modalidade/modo, a localização e a ação/script. Esses elementos, índices da coerência no texto, podem atuar em

<sup>72</sup> Não apresentamos rodadas eneárias para os grupos de fatores lingüísticos discutidos a seguir, pois tais grupos não foram selecionados pelo VARBRUL para todas as variantes.

diferentes estratos - do mais local (cujo ápice é o nível inter-oracional) ao mais global (cujo ápice é o nível intertópico) -, estratos que controlamos ao analisar a influência dos níveis de articulação discursiva sobre o emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e*. A variável graus de conexão representa um controle mais local do que a variável níveis de articulação, pois implica, basicamente, relações de (des)continuidades entre orações contíguas ou próximas.

Analisamos essas relações de (des)continuidades através de um critério escalar, a conexão do discurso, estabelecido por Paredes da Silva (1991b). A conexão do discurso como estipulada pela autora compreende seis graus, atribuídos ao sujeito de cada oração analisada, conforme sua posição nessa escala. Os graus de conexão levam em conta também outros elementos do contexto discursivo, como tempo, aspecto, modo; possíveis elementos interferentes, como orações impessoais; mudança de plano ou mesmo de tópico discursivo, enfim, elementos capazes de afetar a conexão do discurso e, talvez, influir na escolha de um ou outro dos conectores sob pesquisa. Aos seis graus propostos por Paredes da Silva acrescentamos dois, enumerados a seguir como graus 3 e 7:

- ✱ **Grau 1:** Representa o nível mais alto de conexão: o referente é o mesmo da oração anterior, com manutenção do mesmo tópico discursivo, do mesmo tempo e aspecto verbais, etc:

(14) O meu avô quando sabia dos possuídos, ora, né? [Tirava]- acabava com a história na hora, né? O Tirava a cinta E O despossuía na hora: “Faz o favor de despossuir.” (FLP 01, L 846)

- ✱ **Grau 2:** Evidencia uma pequena queda na conexão: o referente do sujeito ainda é o mesmo, mas há mudança de tempo, aspecto e/ou modo verbais, o que se relaciona à mudança de plano discursivo, com passagem de figura à fundo.

(15) Nas horas vagas eu pegava as crianças aqui do bairro, três, quatro, cinco crianças e trazia pra minha casa. ENTÃO sempre tive aquela noção, aquela vontade de ser professor. (FLP 12, L 1201)

- ✱ **Grau 3:** A oração introduzida pelo conector é uma oração impessoal. O sujeito da oração que a segue tem por referente um participante mencionado na oração anterior à oração impessoal em questão. Esta reflete, portanto, mudança de plano discursivo.

(16) E eu e a Shirley, a gente se perdeu lá, porque a gente andava sempre junta, né? ENTÃO têm duas descidas e a gente não sabia qual a descida que é pra gente sair, e eles não dão informação, tu sabes? (FLP 09, L 815)

- ✱ **Grau 4:** Entre o sujeito da oração introduzida pelo conector e sua menção prévia ocorre uma ou mais orações impessoais de curta extensão, que não chegam a representar um corte, uma interrupção na seqüência do discurso. O sujeito conecta-se com uma menção mais distante.

(17) E eu e a Shirley, a gente se perdeu lá, porque a gente andava sempre junta, né? Então têm duas descidas E a gente não sabia qual a descida que é pra gente sair, e eles não dão informação, tu sabes? (FLP 09, L 815)

- ✱ **Grau 5:** O sujeito da oração introduzida pelo conector teve sua última menção em outra função sintática, passando de um papel secundário para o central nessa oração.

(18) Fiquei meio apavorada, aí eu fui nessa minha amiga que é a Ana, perguntei de sexo pra ela. Aí ela estava apavorada, não tem? Aí ela [ficou]- me aconselhou que eu tirasse. (FLP 20, L 1001)

- ✱ **Grau 6:** Há outro participante na função de sujeito, entre o sujeito da oração introduzida pelo conector e sua última menção no texto, representando um interferente em potencial. A volta do sujeito é compreendida como retomada.

(19) Um mês dava, um mês não dava, aí eu ia lá no serviço dele [e]- e brigava com ele. *Ele* trabalhava aqui na Macarronada Italiana. Aí eu fui lá um dia, briguei com ele de manhã. (FLP 03, L 844)

- ✱ **Grau 7:** O referente da oração introduzida pelo conector é um participante não mencionado antes, mas inferível:

(20) Então ele pegava, me arrastava aqui desde o Morro da Mariquinha até o Grupo. Então eu chegava mais ou menos lá oito e meia, nove horas da manhã. Aí ela às vezes mandava voltar, eu era expulso, mandava pra casa, porque eu nunca chegava no horário certo. (FLP 18, L 1105)

- ✱ **Grau 8:** O nível de conexão que evidencia a maior descontinuidade entre as informações, com mudança do tópico discursivo.

(21) Há quem ache muito melhor esses bailes de hoje. Não sei. Por isso que eu digo: cada um tem a sua época. [Uns]- (hes) futuramente (hes) as crianças de hoje vão achar que a época delas é que era boa. Não é época de- **ENTÃO** aqui, por exemplo, a Othon Gama D'Eça, isso aqui não existia, (hes) a Avenida Othon Gama D'Eça [não]- não existia. Isso aqui era uma chácara. (FLP 24, L 1037)

Os graus de conexão, portanto, avaliam com maior detalhe as continuidades e descontinuidades entre a informação introduzida pelo conector e informações anteriores quanto ao referente do sujeito, tempo, aspecto, localização e ação (o grau 8 evidencia uma grande ruptura que geralmente traz em seu bojo a mudança de localização e ação, entre outras).<sup>73</sup>

<sup>73</sup> Os grupos de fatores nível de articulação discursiva e graus de conexão avaliam fenômenos diferenciados, embora próximos, quais sejam a mudança maior ou menor da centração em um conjunto de referentes concernentes entre si e a manutenção ou não do referente do sujeito, tempo, aspecto e outros sub-componentes da coerência. Contudo, um dos níveis de articulação discursiva, o intertópico, sobrepõe-se a um dos graus de conexão, o grau 8. O nível intertópico é o do conector que introduz um novo tópico e o grau 8 relaciona-se à quebra máxima da continuidade referencial, ocorrida com a mudança de tópico. Portanto, os dados de um e de outro são os mesmos.

Assim como os níveis de articulação discursiva, os graus de conexão relacionam-se ao processamento mental. Quanto menor a conexão, isto é, quanto maior a descontinuidade do referente do sujeito, tempo, aspecto, etc, mais complexo o processamento e maior a marcação lingüística. Dessa forma, os graus mais baixos, cujo ápice é o grau 8, devem favorecer o *então*, o conector mais marcado.

Distintamente, a manutenção de maior número de elementos entre a oração introduzida pelo conector e informações anteriores é mais saliente perceptualmente, sendo mais fácil de processar. Por isso, quanto maior a conexão, maior o uso de conector menos marcado. Por conseguinte, os graus mais altos da escala de conexão, cujo ápice é o grau 1, devem favorecer o *e*, o conector menos marcado. *Aí* e *daí* devem ser condicionados favoravelmente por graus intermediários.

### 1.4.2 Resultados e discussão

O fator grau de conexão foi considerado significativo somente para *aí* e *e*. Para o primeiro, foi a quinta variável lingüística e sexta geral em ordem de relevância, e, para o segundo, a terceira lingüística e geral.

**Tabela 16: Influência dos graus de conexão na escolha da variante *aí***

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Grau de conexão 7	274/91	33%	.61
Grau de conexão 4	132/46	35%	.59
Grau de conexão 8	108/21	19%	.58
Grau de conexão 3	379/78	21%	.56
Grau de conexão 2	160/53	33%	.53
Grau de conexão 6	910/289	32%	.53
Grau de conexão 5	155/51	33%	.50
Grau de conexão 1	804/152	19%	.37
<b>TOTAL</b>	<b>2922/781</b>	<b>27%</b>	

Os graus 3, 8, 4 e 7 favorecem o *aí*, com pesos relativos entre .56 a .61. Os graus 6 e 2 apresentam pesos relativos entre neutros e levemente condicionadores do emprego da forma *e* e o grau 5 mostra-se neutro (peso relativo de .50). Como evidenciado pela tabela, a ordenação dos graus de acordo com a influência de cada um, daquele que condiciona o *aí* mais favoravelmente àquele que o desfavorece, revela uma mescla entre os graus ligados a maior e menor continuidade do referente. Entretanto, estabelece-se uma oposição entre o grau 1 e os demais graus: todos os graus que refletem alguma descontinuidade em relação ao referente do sujeito, tempo, aspecto, etc, tendem ao uso do *aí* ou *lhe* são neutros, enquanto o grau 1, contexto mais contínuo de conexão, desfavorece-o.

Tabela 17: Influência dos graus de conexão na escolha da variante e

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Grau de conexão 1	804/483	60%	.62
Grau de conexão 5	155/64	41%	.55
Grau de conexão 2	160/61	38%	.48
Grau de conexão 3	379/138	36%	.48
Grau de conexão 4	132/47	36%	.46
Grau de conexão 6	910/312	34%	.44
Grau de conexão 7	274/106	39%	.43
Grau de conexão 8	108/54	50%	.39
TOTAL	2922/1265	43%	

O grau 1, ligado à maior continuidade referencial, tende fortemente ao emprego do *e*, que também é favorecido pelo grau 5. O grau que mais o inibe é o que representa a maior ruptura da continuidade, o grau 8. Portanto, nossa hipótese é confirmada: o grau mais alto da escala de conexão, que envolve menor complexidade de processamento, isto é, o grau 1, favorece o *e*, o conector menos marcado. Excetuando-se o grau 5, a ordenação dos pesos relativos observada na tabela mostra que a inibição para o uso do *e* aumenta gradualmente do grau 1 ao 8, isto é, do grau que revela maior continuidade referencial ao que revela menor continuidade referencial. Portanto, quanto mais complexa a conexão, menor o uso do *e*.

Esse resultado opõe *e* a *aí*, pois o grau que favorece o *e*, aquele ligado à maior manutenção da referencialidade, desfavorece o *aí*, ao passo que os graus que favorecem o *aí*, ligados a alguma quebra da continuidade, desfavorecem o *e*. A exceção é o grau 5, que apresenta descontinuidades, mas favorece o *e*, manifestando um comportamento neutro em relação ao *aí*.

É interessante notar que o grau 5, relacionado à oração cujo sujeito recupera um referente mencionado anteriormente em outra função sintática, foi selecionado para o *aí*, com peso relativo que evidencia influência neutra (.50), imediatamente antes do grau 1, o grau desfavorecedor do aparecimento do conector em questão. Já para o *e*, foi selecionado logo depois do grau 1, o grau da conexão máxima, seu maior favorecedor. Ou seja, por ser o grau 5 mais próximo ao grau 1 tanto para o *aí* quanto para o *e*, é possível levantarmos a hipótese de que esteja ligado a uma maior continuidade entre informações do que os graus 2, 3 e 4, da mudança de tempo e aspecto, introdução de oração impessoal e oração impessoal interveniente respectivamente. Talvez isso se deva ao fato de termos considerado conjuntamente como grau 5 três opções diferentes, expostas a seguir.



- \* O sujeito da oração introduzida pelo conector teve sua última menção em outra função sintática, e não houve mudança de tempo e aspecto nem material interveniente (uma oração impessoal, por exemplo).
- \* O sujeito da oração introduzida pelo conector teve sua última menção em outra função sintática, e houve mudança de tempo e aspecto, mas não há material interveniente.
- \* O sujeito da oração introduzida pelo conector teve sua última menção em outra função sintática, com mudança de tempo e aspecto e presença de material interveniente.

Se desmembrássemos o grau 5 nessas opções, teríamos três graus ao invés de um, o primeiro indicando ruptura menor entre as informações e o último ruptura maior. Uma mudança apenas da função sintática do referente, sem alteração de tempo e aspecto, traduzida pela primeira opção elencada acima, pode representar um grau mais alto de conexão que o grau 2, que implica alteração de tempo e aspecto. Assim, é possível que a inclusão dessa primeira opção junto às outras duas sob o rótulo de 'grau 5' seja responsável pela posição ocupada por este grau em nossos resultados, sempre próxima ao grau 1.

A oposição entre *aí* e *e* quanto aos graus de conexão favorecedores de cada um põe em relevo o fato de que determinados contextos lingüísticos aproximam mais algumas das variantes, enquanto outros as diferenciam. Por exemplo, quanto à subfunção seqüenciadora, *e* e *aí* aproximam-se, priorizando subfunções menos marcadas. Quanto a tipo de discurso, *aí* assemelha-se mais a *daí*, ambos favorecidos pela narrativa e pelo discurso de procedimentos. Quanto à articulação discursiva, *aí* revela-se mais próximo a *então*, condicionado favoravelmente pelos níveis intra e intertópico. A flutuação dos resultados obtidos por *aí*, ora semelhantes aos resultados de um dos seqüenciadores, ora semelhante aos resultados de outro, ressalta seu caráter intermediário quanto à marcação.

Para o grupo de fatores em análise, tínhamos a hipótese de que os resultados revelariam uma oposição entre *então* e *e*, relacionando o primeiro, mais marcado, a graus de conexão mais baixos, e o segundo, menos marcado, a graus de conexão mais altos, relativos a maior interligação entre as informações. Por sua vez, *aí* e *daí*, intermediários quanto à marcação, seriam associados a graus intermediários. Todavia, os resultados indicam a oposição entre *aí* e *e*, únicas variantes para as quais os graus de conexão foram julgados relevantes pelo VARBRUL. Ou seja, nem todos os grupos de fatores influem no emprego de todas as variantes: os graus de conexão, ao menos do modo como os operacionalizamos, não se mostraram relevantes para *daí* e *então*, isto é, não influem ou pouco influem no emprego dessas formas. Portanto, os mecanismos de coerência em nível mais local (continuidade de referência, tempo, aspecto, etc) não são tão relevantes para as variantes em investigação quanto os mecanismos mais gerais, controlados pela variável "nível de

articulação discursiva”, que foi considerada pelo VARBRUL como significativa para todas as variantes.

## 1.5 Traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector<sup>74</sup>

### 1.5.1 Caracterização e hipóteses

De acordo com o traço semântico, distinguimos os verbos da oração introduzida por *aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores em: verbos de ação/movimento, como *vir*, *ir*, verbos de ação/transformação, como *fazer*, *congelar*, verbos de ação/dicendi, como *dizer*, *perguntar*, verbos de processo, como *ferver*, *começar*, verbos de processo mental, como *pensar*, *recrear*, verbos de estado, como *ser*, *estar*, verbos de existência, como *haver*, *existir*, verbos de relação,<sup>75</sup> como *durar*, *determinar*.

É possível que *aí* e *e* sejam condicionados favoravelmente pelos verbos de ação/movimento, ação/transformação e ação/dicendi, verbos mais relacionados à narrativa, o tipo de discurso que, conforme hipótese em 1.2.1, julgávamos favorecedores de *aí* e *e*. Já *daí* e *então* deveriam ser mais recorrentes junto a verbos de processo mental e relação, verbos mais ligados à argumentação, tipo de discurso que considerávamos possível favorecedor dessas formas.

### 1.5.2 Resultados e discussão

A variável traço semântico do verbo da oração introduzida pelo conector foi selecionada como relevante apenas para *aí* e *e*, na seguinte ordenação: quarta lingüística e quinta no geral para *aí* e quinta lingüística e também no geral para *e*. Os resultados referentes à influência desse grupo de fatores sobre o emprego de *aí* e *e* encontram-se nas tabelas a seguir.

<sup>74</sup> Nossa classificação de traços semânticos baseia-se na proposta de Silva e Macedo (1996) e na proposta de Lage (1997). Silva e Macedo propõem os seguintes tipos de verbos: ação (*ir*, *trocar*), estado (*ser*, *estar*), processo (*ferver*, *trabalhar*), processo mental (*raciocinar*, *gostar*), dicendi (*dizer*, *responder*), sentido (*ver*, *ouvir*) e ter/existir. Lage propõe a classificação dos verbos nas seguintes categorias ou classes: existência (*haver*, *existir*), ligação (*estar*, *parecer*), relação (*igualar*, *ter*, *causar*), ação objetiva, com os subtipos deslocamento (*ir*, *chegar*), transformação (*fazer*, *destruir*) e enunciação (*dizer*, *ordenar*), controle (*poder*, *crer*), ação subjetiva (*lembrar*, *notar*).

<sup>75</sup> Verbos de relação representam relações assinaladas pelos homens em seu processo de percepção da realidade. Podem indicar identidade, pertinência, analogia, comparação, dimensão, duração, instrumento, posse, causa, finalidade, consequência, etc (cf. Lage, 1997).

Tabela 18: Influência do traço semântico verbal na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Ação/Dicendi	206/104	50%	.68
Ação/Movimento	503/170	34%	.59
Ação/Transformação	641/187	29%	.54
Processo	362/119	33%	.52
Estado	571/96	17%	.42
Processo mental	326/53	16%	.40
Existência	152/24	16%	.40
Relação	161/28	17%	.39
TOTAL	2922/781	27%	

Os contextos caracterizados pela presença de verbos de ação/dicendi e ação movimento são altamente favorecedores para o uso do *aí*. Verbos de ação/transformação e verbos de processo inclinam-se a favorecê-lo. Esses resultados vão ao encontro da hipótese proposta para a influência do grupo de fatores traço semântico verbal sobre o uso do *aí*.

Tabela 19: Influência do traço semântico verbal na escolha da variante *e*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Existência	152/76	50%	.57
Estado	571/256	45%	.57
Processo mental	326/151	46%	.55
Relação	161/73	45%	.54
Ação/Transformação	641/299	47%	.51
Processo	362/142	39%	.49
Ação/Movimento	503/209	42%	.43
Ação/Dicendi	206/59	29%	.32
TOTAL	2922/1265	43%	

Os verbos que favorecem o *e* são verbos de existência e estado, e aqueles que prevemos como condicionadores mais favoráveis para o *então*: verbos de processo mental e relação. De acordo com esses resultados, *e* não equivale a *aí* quanto à influência dos traços semânticos verbais. Na verdade, *e* opõe-se a *aí*, pois os verbos que mais o favorecem são os que inibem o *aí*.

É possível que *e* ocorra mais com os tipos de verbo acima relacionados devido a sua predominância na função de seqüenciação textual, caracterizada por indicar seqüenciação discursiva. Esse tipo de seqüenciação é característico da descrição, da descrição de vida e da argumentação, os discursos favorecedores do *e*, em que encontramos o maior número de verbos de processo mental, relação, estado e existência.

As relações entre os diferentes traços semânticos verbais e o emprego de *aí* e *e* reforçam os resultados obtidos para essas formas quanto ao tipo de discurso (seção 1.2.2). Na narrativa e no discurso de procedimentos, em que há o favorecimento do *aí*, predominam verbos de ação e processo, igualmente favorecedores do *aí*. Os tipos de discurso em que *e* predomina, argumentação, descrição de vida e descrição, são aqueles caracterizados pelos verbos que condicionam positivamente esse conector: processo mental, relação, estado e existência.

## 1.6 Aspecto verbal da oração introduzida pelo conector<sup>76</sup>

### 1.6.1 Caracterização e hipóteses

Conforme Comrie (1976:05), os aspectos são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna da situação denotada pelo verbo, isto é, sua duração, início, conclusão. Relativamente ao aspecto, um verbo pode ser perfectivo ou imperfectivo. O aspecto perfectivo apresenta o evento como temporalmente compactado, delimitado, terminado, enquanto o aspecto imperfectivo o apresenta como não delimitado temporalmente, em curso, revelando frações de tempo ocorridas dentro de seus limites. Segundo Comrie, a “perfectividade indica a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das fases que a constituem”, enquanto o “imperfectivo presta especial atenção à estrutura temporal interna da situação” (*op. cit.*, p. 16). Tomemos alguns exemplos:

(22) *Aí ele marcou tudo isso aí na quarta-feira. E quinta-feira ele me levou na Carmela Dutra [pra]- pra fazer o parto, tirar a água. (FLP 20, L 818)*

(23) *Tinha um pau grosso e pendurava uma porção de fitinha, cada pessoa segurava numa fitinha, né? Moças e moços, E ali eles dancavam, em roda daquilo. (FLP 15, L 955)*

A situação codificada por *levou*, em (22), é vista como um todo único, sem distinção de fases, enquanto, em (23), a situação codificada por *dancavam* é durativa, podendo ser separada em fases. Temos, no primeiro caso, um verbo perfectivo e, no segundo, um verbo imperfectivo.

Travaglia (1981:150-153) apresenta uma proposta de classificação dos verbos da língua portuguesa quanto ao aspecto, vinculando essa noção com a de tempo. Para o autor, o presente do indicativo e o pretérito imperfeito do indicativo geralmente expressam aspecto imperfectivo e o pretérito perfeito do indicativo normalmente marca o aspecto perfectivo. O futuro do presente e o

<sup>76</sup> O tempo da oração introduzida pelo conector também foi controlado como variável independente. Entretanto, não foi selecionado pelo VARBRUL em nenhuma das rodadas, o que nos levou a optar por apresentar apenas os resultados obtidos para a categoria verbal aspecto, selecionada como relevante para o emprego de *aí* e *então*, portanto, mais significativa para o fenômeno investigado do que a categoria tempo. Contudo, o tempo não deixa de ser controlado, ainda que indiretamente, através de outros fatores lingüísticos, como aspecto e tipo de discurso.

futuro do pretérito não marcam qualquer aspecto, pois esses verbos “(...) marcam o tempo futuro que atribui à situação uma realização virtual, até certo ponto abstrata”, o que anula ou dificulta a percepção das noções aspectuais. Nos tempos do subjuntivo é rara a marcação de aspecto, pois as situações são apresentadas como irreais, incertas. Seguindo essa proposta, tratamos os tempos verbais futuros e os tempos do subjuntivo como não apresentando aspecto.

Em termos gerais, o aspecto imperfectivo, não delimitado e durativo, é o marcado, e o aspecto perfectivo, delimitado e compacto, é o não marcado. Este tende a ser mais freqüente no discurso humano e é mais saliente perceptual e cognitivamente (Givón, 1993a:179). Temos por hipótese que contextos de verbos no aspecto perfectivo devem inclinar-se ao aparecimento de *aí* e *e*, formas menos marcadas, enquanto contextos de verbos no aspecto imperfectivo devem inclinar-se ao emprego de *daí* e *então*, formas mais marcadas. Os aspectos se relacionam ao tipo de discurso: “Os aspectos perfectivo e compacto se manifestam mais na narrativa, enquanto a argumentação se caracteriza mais pelos traços imperfectivo e durativo” (Votre, 1992: 39). Isso reforça nossa hipótese acerca da influência do aspecto no uso dos seqüenciadores: na narrativa esperávamos mais *aí* e *e*, e na argumentação mais *daí* e *então*.

1.6.2 Resultados e discussão

O grupo de fatores aspecto verbal da oração iniciada pelo conector foi considerado relevante somente para *aí* e *então*. Para este foi o segundo lingüístico e terceiro geral na ordem de seleção, para aquele foi o sexto lingüístico e sétimo geral.

Tabela 20: Influência do aspecto verbal na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Perfectivo	1079/449	42%	.55
Imperfectivo	449/42	18%	.47
TOTAL	2842/770 <sup>77</sup>	27%	

O peso relativo de .55 atribuído ao aspecto perfectivo indica que este favorece o *aí*, o que confirma a hipótese de esse conector correlacionar-se com o aspecto menos complexo, típico da narrativa, tipo de discurso que condiciona positivamente o *aí*. Novamente um conector menos marcado é favorecido por um contexto de menor marcação.

<sup>77</sup> Com relação a este grupo de fatores há um número menor de dados porque não consideramos os tempos verbais futuros e os tempos do subjuntivo como tendo aspecto, conforme proposta de Travaglia (1981).

Tabela 21: Influência do aspecto verbal na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Imperfectivo	1763/504	29%	.55
Perfectivo	1079/148	14%	.41
TOTAL	2842/652	23%	

A presença do aspecto imperfectivo tende a favorecer o *então*. Esse resultado também confirma nossa hipótese: a forma mais marcada correlaciona-se ao aspecto mais marcado, assim como correlaciona-se aos tipos de discurso mais marcados, descrição de vida e argumentação, em que predomina o aspecto imperfectivo.

2. Variáveis sociais

A discussão da influência dos grupos de fatores sociais na escolha das variantes em estudo seguirá a mesma organização das seções anteriores: iniciamos com a caracterização do grupo de fatores e formulação das hipóteses, prosseguindo com a apresentação e discussão dos resultados. As variáveis independentes sociais controladas são expostas na seguinte ordem: idade, sexo e escolaridade, observando-se nessa ordenação o critério de iniciar pelo grupo selecionado para o maior número de variantes, bem como o critério de seguir a ordem de relevância decrescente das variáveis, conforme a seleção do pacote VARBRUL.

2.1 Idade

2.1.1 Caracterização e hipóteses

Na busca da influência da idade dos informantes sobre o uso dos sequenciadores retroativo-propulsores, consideramos três faixas etárias, as mesmas controladas pelo Projeto VARSUL: entre quinze e vinte e quatro anos, entre vinte e cinco e quarenta e nove anos e mais de cinquenta anos. Partimos da hipótese de que informantes mais jovens (de 15 a 24 anos) empregam mais o *aí* e o *daí*, ao passo que os informantes de mais idade empregam mais o *então* e o *e*.

Essa hipótese se motiva no fato de *aí* e *daí* costumeiramente serem considerados formas de menor *status*, em especial o *aí*, conforme aponta Abreu (1992:11): “Constatamos ser muito freqüente o uso da partícula *aí*, característica predominante na língua oral. No entanto, há um caráter estigmatizante quanto à utilização dessa partícula. Ou seja, apesar do uso deste elemento tanto por adultos quanto por crianças ser um fato até certo ponto natural, a sociedade culta, a escola o rejeita.” Formas estigmatizadas geralmente são mais recorrentes na fala de pessoas mais jovens, menos

influenciadas pela escola e/ou pelas exigências do mercado de trabalho.<sup>78</sup> Por outro lado, *então* e *e* não costumam ser considerados formas de menor *status*, devendo predominar na fala de indivíduos de mais idade, de 25 a 49 anos e mais de 50 anos.

2.1.2 Resultados e discussão

Em ordem de relevância, a idade foi o segundo grupo de fatores sociais e oitavo no geral para o *aí*, primeiro social e geral para o *daí*, primeiro social e segundo geral para o *então* e segundo social e sétimo geral para o *e*.

Tabela 22: Influência da idade na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
15 a 24 anos	1004/310	31%	.54
25 a 49 anos	966/283	29%	.52
mais de 50 anos	952/188	20%	.44
TOTAL	2922/781	27%	

O peso relativo de .54 atribuído à faixa etária de 15 a 24 anos indica um condicionamento favorável relativamente ao emprego do *aí*, confirmando a hipótese inicial. No entanto, informantes de 25 a 49 anos, faixa etária em que esperávamos o favorecimento de *então* e *e*, também inclinam-se ao emprego do *aí*. É possível que, se houvesse duas faixas intermediárias ao invés de uma, por exemplo, com informantes de 25 a 35 anos e de 36 a 50, a predominância do *aí* em relação às faixas etárias intermediárias ocorresse na faixa de 25 a 35 anos, de indivíduos mais jovens, sendo menos recorrente junto a indivíduos de meia idade, de 36 a 50 anos. O peso relativo de .44 referente à faixa etária mais de 50 anos mostra uma atuação inibidora por parte desse fator.

Tabeia 23: Influência da idade na escolha da variante *daí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
15 a 24 anos	1004/160	16%	.83
25 a 49 anos	966/27	3%	.32
mais de 50 anos	952/14	1%	.28
TOTAL	2922/201	7%	

Analisando a influência da idade no emprego do *daí*, verifica-se uma acentuada polarização entre os pesos relativos .83 e .32/.28, atribuídos a pessoas de 15 a 24 anos e a pessoas de mais de 25 anos respectivamente. Ou seja, falantes mais jovens tendem largamente ao uso da forma em enfoque,

<sup>78</sup> Corrobora com a hipótese de o *aí* ser mais recorrente na fala de pessoas mais jovens o estudo relativo a essa forma levado a cabo por Silva e Macedo (1989), que concluíram que quanto mais jovem o falante, maior é o uso do *aí*. As autoras obtiveram os seguintes pesos relativos para as faixas etárias que analisaram: 7/14 = .70; 15/25 = .60; 26/50 = .40; mais de 50 anos = .30.

enquanto falantes mais velhos (de 25 a 49 e mais de 50 anos) inclinam-se fortemente a seu desfavorecimento.

Tabela 24: Influência da idade na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
mais de 50 anos	952/289	30%	.61
25 a 49 anos	966/273	28%	.59
15 a 24 anos	1004/113	11%	.32
TOTAL	2922/675	23%	

Acreditávamos que houvesse uma forte correlação entre a idade dos informantes e o uso do *então*, no sentido de esse conector, não estigmatizado, predominar na fala dos informantes de mais de 25 anos, o que foi confirmado. É interessante ressaltar a polarização entre as faixas de 15 a 24 anos, com peso relativo de .32, e as faixas de 25 a 49 anos e mais de 50 anos, com pesos relativos de .59 e .61 respectivamente. Essa polarização evidencia que a faixa etária mais jovem desfavorece bastante o uso do *então*.

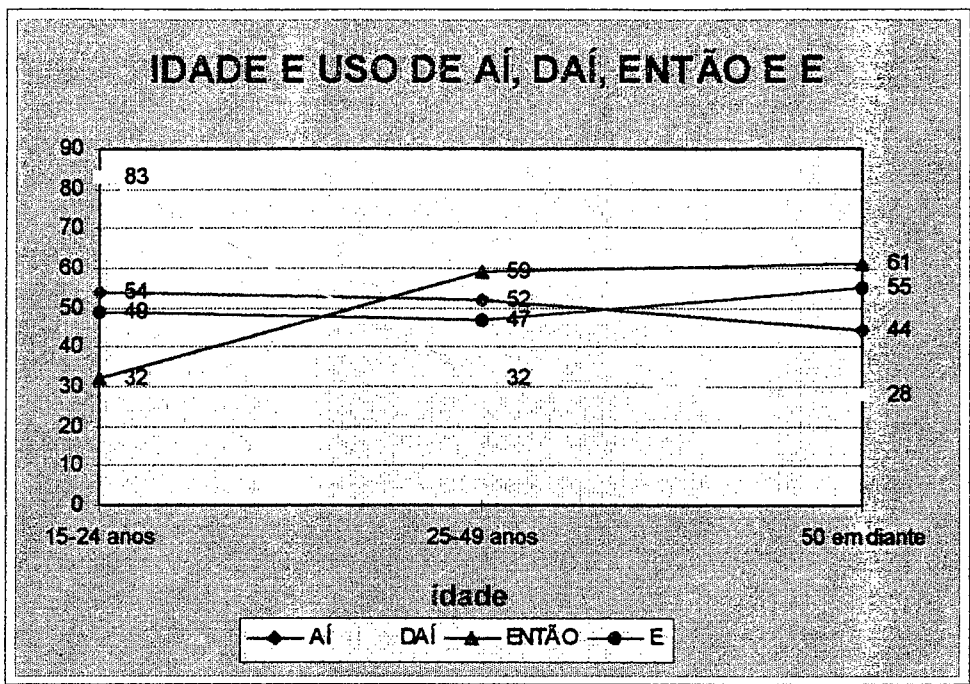
Tabela 25: Influência da idade na escolha da variante *e*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
mais de 50 anos	952/461	48%	.55
15 a 24 anos	1004/421	42%	.49
25 a 49 anos	966/383	40%	.47
TOTAL	2922/1265	43%	

Falantes de mais idade tendem à utilização do *e*, ao passo que falantes de 15 a 24 anos (.49) e de 25 a 49 (.47) mostram uma atuação praticamente neutra referente à forma em questão.



Gráfico 4: Comparação da influência da idade no uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*



Em relação à influência da idade sobre o uso dos seqüenciadores retroativo-propulsores, ressaltamos a oposição entre *daí* e *então*, cujos resultados estão bastante polarizados. De sua parte, *daí* é francamente favorecido na fala de indivíduos de 15 a 24 e bastante desfavorecido na fala de indivíduos de mais de 25 anos. Diferentemente, *então* é condicionado positivamente pelas faixas etárias correspondentes a indivíduos de mais de 25 anos, e desfavorecido pela faixa etária de 15 a 24 anos. Parece, portanto, que os mais velhos preferem o *então* ao *daí*, e os mais jovens o *daí* ao *então*. *Aí* e *e* não apresentam resultados tão polarizados, embora o primeiro predomine nas faixas mais jovens e o segundo entre pessoas de mais idade.

A partir desses resultados, é possível estabelecer o seguinte quadro comparativo:

Quadro 10: Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* quanto ao fator idade

15 - 24 anos	25 - 49 anos	mais de 50 anos
<i>daí/aí</i>	<i>aí/então</i>	<i>então/e</i>

Observamos que o emprego das quatro variantes está correlacionado à faixa etária: *daí* é mais empregado por indivíduos de 15 a 24 anos, *aí* por indivíduos de 15 a 24 e de 25 a 49 anos, *então* por indivíduos de 25 a 49 e mais de 50 anos e *e* por indivíduos com mais de 50 anos de idade. Se considerarmos que *e* e *então* são, dentre os conectores sob investigação, os mais antigos a

desempenhar a função de seqüenciação retroativo-propulsora, sendo os mais recentes *aí* e *daí*, é possível interpretar os resultados relativos ao fator idade como indícios da ocorrência de mudança em andamento no sentido de as formas mais recentes estarem ocupando pouco a pouco o espaço das formas mais antigas, o que pode levar à mudança lingüística: as formas mais inovadoras podem vir a predominar na função seqüenciadora retroativo-propulsora, em detrimento das formas mais antigas.

Para averiguar essa hipótese, faz-se necessário controlar uma faixa etária de crianças, por exemplo, de 6 a 13 anos, esperando aí um grande uso de *aí* e *daí*, o que reforçaria a idéia de que indivíduos mais jovens tendem à inovação. Além disso, faz-se necessária uma pesquisa diacrônica, com o intuito de averiguar a precedência temporal entre as formas no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora, bem como suas relações de variação em épocas passadas.

Realizamos uma rodada eneária com *aí*, *daí*, *então* e *e* para verificar se a influência das diferentes faixas etárias manifestar-se-ia de modo semelhante ao verificado nas rodadas binárias, cujos pesos relativos são apresentados no gráfico 4. Os resultados obtidos na rodada eneária revelam os mesmos condicionamentos apontados pelas rodadas binárias, isto é, indivíduos de 15 a 24 anos tendem a favorecer o uso de *aí* e *daí*, indivíduos de 25 a 49 o uso de *aí* e *então* e indivíduos com mais de 50 anos o uso de *então* e *e*.

Tabela 26: Rodada eneária para o fator “idade”

IDADE	CONECTORES			
	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
15 a 24 anos	.212	.602	.071	.115
25 a 49 anos	.262	.140	.364	.234
mais de 50 anos	.179	.132	.374	.315

2.2 Sexo

2.2.1 Caracterização e hipóteses

Em relação às influências do fator social sexo, prevemos um maior uso de *então* e *e* por parte das mulheres, pois trata-se de conectores não estigmatizados, opondo-se a um maior uso por parte dos homens de *aí* e *daí*, conectores considerados de menor *status* social. Nossa previsão é baseada na constatação de Fischer (1958, apud Paiva, 1991a) de que formas de maior prestígio social são mais freqüentemente utilizadas pelas mulheres do que pelos homens. O autor conclui também que o sexo é significativo nos processos de variação e mudança: se a mudança for em direção a uma forma prestigiada, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Se, ao contrário, for em direção a uma forma desprestigiada, os homens tomam a ponta do processo de mudança.

2.2.2 Resultados e discussão

O sexo foi a terceira variável independente social selecionada como mais relevante para o *aí*, a segunda para *daí* e a terceira para *então*. Para este, é a sexta geral, e, para aquele, é segunda geral. Para o *aí*, é a nona e última geral. Não foi selecionada para o e.

Tabeia 27: Influência do sexo na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Masculino	1352/385	28%	.53
Feminino	1570/396	25%	.47
TOTAL	2922/781	27%	

Falantes do sexo masculino tendem à utilização do *aí*, a forma tida como mais estigmatizada, o que vai ao encontro da hipótese delineada acima, segundo a qual homens utilizam mais freqüentemente as formas menos prestigiadas.

Tabela 28: Influência do sexo na escolha da variante *daí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Feminino	1570/171	11%	.73
Masculino	1352/30	2%	.24
TOTAL	2922/201	7%	

Prevíamos um maior uso do *daí* por parte dos homens, com a hipótese de ser esse conector uma forma estigmatizada, do mesmo modo que o *aí*. No entanto, *daí* é favorecido largamente na fala de indivíduos do sexo feminino, sendo desfavorecido na fala de indivíduos do sexo masculino.

Tabela 29: Influência do sexo na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Masculino	1352/358	26%	.56
Feminino	1570/317	20%	.45
TOTAL	2922/675	23%	

Em relação às influências do fator social sexo, esperávamos uma maior utilização do *então* por parte das mulheres, por se tratar de um conector não estigmatizado. Contudo, os resultados não confirmam essa hipótese, apontando a inclinação do *então* a ocorrer na fala dos homens. Como a forma de menor prestígio e a de maior prestígio são mais recorrentes na fala dos homens, decidimos realizar um cruzamento entre sexo e idade, com a hipótese de que homens mais velhos devem tender ao uso do *então*, forma não estigmatizada, e homens mais jovens devem tender ao uso do *aí*, forma de menor *status* social.

O que está por trás dessa hipótese é a idéia de que formas mais estigmatizadas relacionam-se à fala de pessoas mais jovens, como sugerido na seção 2.1.2.

Tabela 30: Cruzamento entre sexo e idade para o *aí*

IDADE	SEXO			
	FEMININO		MASCULINO	
	TOTAL/APLIC.	%	TOTAL/APLIC.	%
15 a 24 anos	492/87	18%	512/223	44%
25 a 49 anos	646/228	35%	320/55	17%
mais de 50 anos	432/81	19%	520/107	21%
TOTAL	1570/396	25%	1352/385	28%

Conforme a tabela, dois grupos privilegiam mais fortemente o uso do *aí*: 35% das mulheres de 25 a 49 anos e 44% dos homens de 15 a 24 anos. Do total de 396 *aí* encontrados na fala das mulheres, 228 ou 58% estão na faixa etária de 25 a 49 anos. Muitos estudos têm revelado que indivíduos de faixas etárias mais ligadas ao mercado de trabalho, caso de nossa faixa intermediária, costumam preferir formas não estigmatizadas. No entanto, o *aí*, forma estigmatizada, é mais recorrente justamente entre mulheres de 25 a 49 anos.

Do total de 385 *aí* encontrados na fala dos homens, 223 ou 58% estão na faixa mais jovem e 162 ou 42% nas outras duas faixas. Esses resultados vão ao encontro da hipótese de que formas mais estigmatizadas relacionam-se à fala de pessoas mais jovens. Os homens mais jovens também usam mais o seqüenciador em questão do que as mulheres da mesma faixa etária: do total de 310 dados referentes à faixa mais jovem, os homens são responsáveis por 223 ou 72%.

Tabela 31: Cruzamento entre sexo e idade para o *então*

IDADE	SEXO			
	FEMININO		MASCULINO	
	TOTAL/APLIC.	%	TOTAL/APLIC.	%
15 a 24 anos	492/63	13%	512/50	10%
25 a 49 anos	646/130	20%	320/143	45%
mais de 50 anos	432/124	29%	520/165	32%
TOTAL	1570/317	20%	1352/358	26%

São três grupos os maiores favorecedores do *então*: homens de 25 a 49 anos (45%), homens de mais de 50 anos (32%) e mulheres de mais de 50 anos (29%). Do total de 317 *então* na fala das mulheres, 130 ou 41% estão na faixa intermediária e 124 ou 39% estão na faixa de informantes mais velhos. Portanto, mulheres com mais de 25 anos usam mais o conector em questão, num total de 80% dos dados referentes à fala dos indivíduos do sexo feminino.

Do total de 358 *então* encontrados na fala dos homens, 165 ou 46% estão na faixa mais velha e 143 ou 40% na intermediária. Somando-se essas duas faixa, obtemos uma concentração de 308 ou 86% dos *então* referentes à fala dos homens na faixa acima de 25 anos, em oposição a 50 ou 14% na faixa de 15 a 24 anos. Ou seja, conforme esperávamos, homens mais velhos usam mais o *então*, forma não estigmatizada.

Destacamos ainda que homens e mulheres comportam-se de modo semelhante ao concentrar o *então* nas duas faixas etárias referentes a indivíduos mais velhos, com mais de 25 anos. Assim, parece que o fator sexo não é tão relevante para o uso do *então* quanto o fator idade, cujos resultados ressaltam a oposição entre pessoas mais jovens e pessoas mais velhas. Corroborar com essa hipótese o fato de que, para o *então*, o fator sexo foi selecionado pelo VARBRUL em sexto lugar e o fator idade em segundo lugar, considerando-se fatores lingüísticos e sociais.

Tabela 32: Comparação da influência do sexo no uso de *aí*, *daí* e *então*

SEXO	CONECTORES		
	AÍ	DAÍ	ENTÃO
Masculino	.53	.24	.56
Feminino	.47	.73	.45

Há um contraste entre homens, que tendem a privilegiar *aí* e *então*, e mulheres, que tendem a privilegiar o *daí*. Anteriormente levantamos a hipótese de mudança lingüística em favor do predomínio das formas mais inovadoras, *aí* e *daí*. Nesse caso, os resultados para o fator sexo indicam que os homens lideram o processo de mudança em direção ao *aí*, forma estigmatizada, o que confirma a constatação de Fischer apontada acima. A liderança das mulheres em relação ao *daí* ou vai de encontro a essa constatação ou o conceito de estigmatização não se aplica a esse conector. É indício para esta última posição o fato de que o fator escolaridade não foi selecionado para o *daí* (cf. 2.3).

2.3 Escolaridade

2.3.1 Caracterização e hipóteses

Em relação à influência do fator escolaridade no uso dos seqüenciadores retroativo-propulsores, esperamos que *aí* e *daí* sejam condicionados favoravelmente na fala de pessoas de nível de escolaridade primário, pois os empregos não adverbiais dessas formas costumam ser considerados vício de linguagem pelos professores de língua portuguesa em geral, e, à medida que a escolarização avança, sua recorrência deve diminuir.<sup>79</sup> Assim, *então* e e seriam

<sup>79</sup> Silva e Macedo (1989:72), em seu estudo sobre o *aí*, apontam nessa direção: "(...) quanto menor for o nível de escolaridade, maior é o uso do conectivo *aí*". Os pesos relativos referentes à influência da escolaridade sobre o emprego do *aí* obtidos pelas autoras foram: .55 para o primário, .50 para o ginásio, .45 para o colegial.

mais recorrentes junto a pessoas de nível de escolaridade colegial, como alternativas não estigmatizadas de seqüenciar informações.

2.3.2 Resultados e discussão

A variável escolaridade foi selecionada pelo programa estatístico como primeira variável social e segunda geral para o *aí*, segunda social e quarta geral para o *então* e primeira social e sexta geral para o *e*. Não foi selecionada para o *daí*.

Tabeia 33: Influência da escolaridade na escolha da variante *aí*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Primário	1133/444	39%	.64
Ginásio	908/171	19%	.42
Colegial	881/166	19%	.40
TOTAL	2922/781	27%	

Conforme a tabela, há uma forte inclinação para que o *aí* ocorra na fala de pessoas de nível de escolaridade primário, paralelamente ao desfavorecimento a seu emprego na fala de pessoas mais escolarizadas, do ginásio e do colegial. Verifica-se, portanto, que a escola influencia o uso do *aí*: seu uso diminui bastante com o avanço da escolarização. Esperávamos que o mesmo acontecesse com o *daí*. Contudo, o fator escolaridade não foi selecionado para esse conector, o que pode ser uma indicação de que o *daí* é uma forma menos estigmatizada que o *aí* no estabelecimento da seqüenciação retroativo-propulsora ou mesmo de que não sofre avaliações referentes a valor social.

Tabela 34: Influência da escolaridade na escolha da variante *então*

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Colegial	881/265	30%	.59
Ginásio	908/246	27%	.56
Primário	1133/164	14%	.39
TOTAL	2922/675	23%	

Tínhamos por hipótese que *então* seria mais recorrente junto a informantes de nível de escolaridade colegial, como uma alternativa não estigmatizada de seqüenciar informações, o que é confirmado pelos resultados acima: o nível de escolaridade colegial é o que mais favorece a forma em questão, que também é influenciada favoravelmente pelo nível de escolaridade ginásial. Na fala de informantes do nível de escolaridade mais baixo, o primário, constata-se uma tendência á inibição do *então*, indicada pelo peso relativo de .39.

Tabela 35: Influência da escolaridade na escolha da variante e

FATORES	TOTAL/APLIC.	%	P.R.
Colegial	881/406	46%	.55
Ginásio	908/422	46%	.51
Primário	1133/437	39%	.46
TOTAL	2922/1265	43%	

Para o emprego do e tínhamos as mesmas expectativas manifestadas em relação ao emprego do *então*, isto é, uma maior recorrência junto a informantes de nível de escolaridade mais altos, o que se confirmou. O nível colegial favorece o e, com peso relativo de .55. Além desse favorecimento, também há uma leve tendência ao emprego do e na fala de informantes de escolaridade ginásial. O nível de escolaridade primário mostra atuação neutra sobre a forma em enfoque.

Tabela 36: Comparação da influência da escolaridade no uso de *aí*, *então* e e

ESCOLARIDADE	CONECTORES		
	AÍ	ENTÃO	E
Primário	.64	.39	.46
Ginásio	.42	.56	.51
Colegial	.40	.59	.55

A comparação entre a influência do nível de escolaridade sobre cada um dos conectores em estudo revela uma oposição entre o *aí*, a forma de menor *status*, que predomina na fala de indivíduos do primário, e *então* e e, formas não estigmatizadas, que predominam nos níveis de escolaridade mais altos, ginásio e colegial.

3. Conclusões parciais

Apresentamos abaixo um quadro comparativo entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir dos resultados obtidos para os fatores de natureza lingüística:

Quadro 11: Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir dos resultados obtidos na análise dos grupos de fatores lingüísticos

Grupos de Fatores	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Função Semântico-discursiva Específica	seq. temporal introd. de efeito	finalizador introd. de efeito	finalizador introd. de efeito retomador	seq. textual
Tipo de Discurso	(2) narrativa procedimentos descrição (1)	(1) procedimentos narrativa (3)	(1) argumentação descrição de vida procedimentos (4)	(1) argumentação descrição de vida descrição (4)
Nível de Articulação Discursiva	intratópico intertópico (3)	intratópico (2)	intertópico intratópico (3)	inter-oracional (2)
Graus de Conexão	graus 2, 3, 4, 6, 7 e 8 (5)			graus 1 e 5 (3)
Traço Semântico Verbal	dicendi movimento transformação processo (4)			existência estado processo mental relação (5)
Aspecto	perfectivo (6)		imperfectivo (2)	

O quadro acima mostra os contextos lingüísticos preferenciais para o uso de *aí*, *daí*, *então* e *e* e enumera a ordem de relevância dos grupos de fatores para cada uma das variantes, de acordo com a seleção feita pelo VARBRUL. Observamos que, quanto à subfunção semântico-discursiva, *aí* é favorecido pela seqüenciação temporal; *então* pela retomada e *e* pela seqüenciação textual. *Daí* disputa com *então* as funções de introdução de efeito e de finalização, marcadas pelo predomínio da seqüenciação não cronológica de informações e pelo traço de introdução de efeito, que é mais saliente na primeira do que na segunda. *Aí* também disputa a introdução de efeito. Em relação ao tipo de discurso, há uma oposição entre *aí* e *daí*, que são condicionados favoravelmente pela narrativa e pelo discurso de procedimentos, e *então* e *e*, que predominam na argumentação e na descrição de vida, embora *então* também manifeste tendência a ser utilizado no discurso de procedimentos.



Considerando-se a influência dos níveis de articulação discursiva, verifica-se um contraste entre *aí*, *daí* e *então*, cujo emprego é favorecido nos níveis maiores que o inter-oracional, e *e*, que é fortemente favorecido pelo nível inter-oracional. Em relação aos graus de conexão e traços semânticos verbais, evidencia-se a contraposição entre *aí* e *e*. O primeiro correlaciona-se aos graus de conexão que representam alguma descontinuidade relativa ao referente do sujeito, tempo/aspecto, presença de material interveniente ou mesmo mudança de tópico (graus 2 a 8), enquanto o segundo é esperado em contextos de máxima integração entre as informações, o grau 1. *Aí* é condicionado favoravelmente pelos traços verbais dicendi, movimento, transformação e processo, ao passo que *e* é condicionado pelos traços verbais existência, estado, processo mental e relação. Finalmente, quanto ao aspecto, há um contraste entre *aí* e *então*, o primeiro predominando em contextos de aspecto perfectivo e o segundo em contextos de aspecto imperfectivo.

**Quadro 12: Comparação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir dos resultados obtidos na análise dos grupos de fatores sociais**

Grupos de Fatores	AÍ	DAÍ	ENTÃO	E
Idade	15 a 24 anos 25 a 49 anos (2)	15 a 24 anos (1)	mais de 50 anos 25 a 49 anos (1)	mais de 50 anos (2)
Sexo	masculino (3)	feminino (2)	masculino (3)	
Escolaridade	primário (1)		colegial ginásio (2)	colegial ginásio (1)

A partir dos resultados para os fatores sociais, enumerados acima de acordo com sua ordem de relevância para cada uma das variantes, podemos apontar algumas tendências em relação ao uso de *aí*, *daí*, *então* e *e*. *Aí* e *então* são favorecidos na fala de indivíduos do sexo masculino, em oposição a *daí*, que é mais recorrente na fala de indivíduos do sexo feminino. Quanto à escolaridade, o contraste se dá entre *aí*, condicionado favoravelmente pelo nível primário, e *então* e *e*, condicionados pelos níveis colegial e ginásio. A faixa etária mais jovem tende a optar por *daí* e *aí*, a faixa intermediária inclina-se em direção a *aí* e *então*, e a faixa mais velha tende á utilização do *então* e do *e*. Conforme já apontamos, é possível tomar os resultados relativos ao fator idade como pistas da ocorrência de um processo de mudança lingüística em andamento, pelo qual formas mais recentes no desempenho da função retroativo-propulsora estariam gradualmente predominando sobre as formas mais antigas.

A influência das variáveis independentes lingüísticas e sociais sobre o uso dos conectores seqüenciadores retroativo-propulsores indica que não os empregamos simplesmente porque estão disponíveis na gramática: pressões semântico-discursivas e sociais estão fortemente correlacionadas a sua

utilização. Portanto, o uso dos seqüenciadores é intercambiável, mas não aleatório: trata-se de um fenômeno de variação lingüística. De acordo com o princípio de estratificação (Hopper, 1991), quando mais de uma forma gramatical está disponível para servir a funções similares ou idênticas, é possível que as formas concorrentes coexistam por grande período de tempo, durante o qual a variação pode ser solucionada por (i) especialização das formas para funções e/ou contextos distintos ou (ii) especialização no sentido de uma das formas passar a predominar sobre as demais na função que disputam, assumindo talvez um significado mais geral, envelopante das especificações de significado e/ou preferências contextuais que por ventura sejam manifestadas pelas formas concorrentes.<sup>80</sup>

As tendências relativas ao emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e*, evidenciadas pelos resultados apresentados nos dois quadros anteriores, são indícios da especialização das formas em contextos sociolingüísticos e dos rumos que podem estar sendo tomados por elas em seu processo de gramaticalização. Ao considerarmos a hipótese (ii) de solução da variação, que se refere ao predomínio de uma forma sobre as demais, temos a possibilidade de que a forma predominante acabe por substituir as outras completamente. Embora não possamos afirmar acerca dos itens lingüísticos sob pesquisa se um deles irá substituir os outros no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora, os resultados para o fator idade parecem apontar nessa direção: *aí* e *daí* (por hipótese, as formas mais inovadoras) podem vir a ocupar o espaço de *então* e *e* (por hipótese, as formas mais antigas) como seqüenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis, pois, quanto mais jovem o falante, maior o emprego de *aí* e *daí*.

Em um estudo levado a cabo por nós acerca das funções desempenhadas pelo *então* nos séculos XIV, XVI e XVII,<sup>81</sup> constatamos um maior uso desse conector como seqüenciador temporal no século XIV em relação ao uso como introdutor de efeito, o que se inverte nos séculos posteriores. Embora os dados encontrados tenham sido poucos, deixam emergir a possibilidade de especialização em curso: *então*, em nosso *corpus* atual, é fortemente condicionado pela introdução de efeito (.78), e pouco recorrente como seqüenciador temporal (.24). Seu lugar parece estar sendo ocupado pelo *aí*, que, além de ser o conector favorecido pela seqüenciação temporal (.69), destaca-se também na introdução de efeito (.59). Assim, o *aí* pode estar assumindo um significado mais geral, desempenhando diversas funções, em detrimento das outras formas. Novos estudos sincrônicos, com a inclusão de uma faixa etária de crianças, e diacrônicos, para o acompanhamento da evolução dos empregos das formas, seriam mais esclarecedores a esse respeito.

<sup>80</sup> A esse respeito, reporte-se ao caso da partícula negativa *pas* em francês, comentado na seção 1.1.3 do segundo capítulo.

<sup>81</sup> Nesse estudo, intitulado *Então no túnel do tempo: um estudo das funções do então nos séculos XIV, XVI e XVIII*, obtivemos os seguintes resultados:

- \* século XIV: *então* seqüenciador temporal: 55%; *então* introdutor de efeito: 45% (total de dados: 32);
- \* século XVI: *então* seqüenciador temporal: 40%; *então* introdutor de efeito: 60% (total de dados: 22);
- \* século XVI: *então* seqüenciador temporal: 33%; *então* introdutor de efeito: 67% (total de dados: 09).

A hipótese (i), mencionada acima para a solução da variação entre formas gramaticais, diz respeito não à vitória de uma das formas com a eliminação das concorrentes, mas sim à especialização de cada forma para uma função distinta. Temos indícios da especialização do *e* para a seqüenciação textual, do *então* para a retomada e do *aí* para a seqüenciação temporal. *Daí* e *então* disputam a introdução de efeito e a finalização. A especialização de cada forma para uma subfunção diferente da seqüenciação retroativo-propulsora eliminaria a variação. No entanto, nossos resultados apenas ressaltam tendências de emprego dos itens averiguados, não sendo constatado o uso categórico de nenhum deles em uma das referidas subfunções. Portanto, embora o pêndulo, dependendo da função seqüenciadora considerada, aponte ora para um ora para outro dos conectores seqüenciadores, estes estão disputando um lugar ao sol no desempenho de todas as subfunções retroativo-propulsoras.

As preferências de *aí*, *daí*, *então* e *e* para tipo de discurso, nível de articulação discursiva, graus de conexão, traço semântico e aspecto verbal também são indícios de especialização. *Aí* e *e* parecem estar se especializando para contextos distintos, opondo-se quanto a tipo de discurso, nível de articulação discursiva, traço semântico verbal e graus de conexão, além de predominarem em subfunções seqüenciadoras distintas. Já o *então* se aproxima do *e* quanto ao tipo de discurso e do *daí* quanto à subfunção. Por sua vez, *daí* assemelha-se ao *então* relativamente à subfunção e ao *aí* relativamente ao tipo de discurso. *Aí*, *daí* e *então* contrastam com o *e* em relação ao nível de articulação. E, quanto ao aspecto, *aí* se opõe ao *então*.

A influência dos fatores sociais sobre o emprego dos elementos sob pesquisa também revela tendências de especialização: *aí* é favorecido pela faixa etária mais jovem, como o *daí*, e pela faixa intermediária, como o *então*. Este é também favorecido pela faixa etária mais velha, como o *e*. *Aí* assemelha-se a *então* quanto à influência do sexo dos informantes (ambos favorecidos na fala dos homens), diferindo de *daí*. Já quanto à escolaridade, *aí* é condicionado positivamente pelo nível primário, distinguindo-se de *então* e *e*, favorecidos pelos níveis ginásial e colegial.

A especialização não se manifesta, portanto, tão somente através da subfunção condicionadora de cada conector, mas através de todos os contextos sociolinguísticos preferenciais das formas. Isso resulta em uma rede de relações bastante complexa. Por exemplo, o *então* e o *daí* são favorecidos pelas mesmas subfunções, introdução de efeito e finalização. Em contraparte, são favorecidos por tipos de discurso diferentes, além do que predominam na fala de indivíduos de sexo e idade diferentes. Contrariamente, *aí* e *daí* tendem a ocorrer no mesmo tipo de discurso, porém são favorecidos por subfunções distintas. É a combinação de motivações variadas, lingüísticas e sociais, que condiciona o uso das formas e, em consequência, sua especialização para dado contexto. E é pelo estudo dessas motivações, objetivo desta pesquisa, que podemos averiguar as tendências de especialização das formas em

investigação e, assim, buscar conhecer melhor o processo de mudança lingüística pelo qual elas passam, o processo de gramaticalização.

Ambas as hipóteses consideradas para a resolução da variação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* representam possibilidades para os percursos de gramaticalização desses itens: (i) cada item especializa-se para uma (ou mais de uma) subfunção e/ou contexto sociolingüístico; (ii) um ou mais itens passam a predominar sobre os outros, até a eliminação desses últimos (que chegariam, desse modo, ao grau zero da onda cíclica de gramaticalização proposta por Givón). Dessa guisa, os resultados quantitativos obtidos pela aplicação da metodologia variacionista indicam rumos que os processos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* podem vir a tomar, mas, mais importante, mostram como está delineado atualmente o fenômeno de variação entre os seqüenciadores retroativo-propulsores e seus percursos de gramaticalização na fala de Florianópolis.<sup>82</sup> Ressaltamos que, por ser a gramaticalização um processo contínuo, o quadro de condicionamentos que temos hoje é diferente dos quadros passados (cf. Tavares, 1996, para o *então*) e deverá se alterar no futuro.

Cumpre mencionar que, quando da elaboração de várias de nossas hipóteses referentes à influência dos grupos de fatores lingüísticos sobre o uso dos itens sob enfoque, demos destaque ao fenômeno de marcação lingüística. Cremos que a marcação seja reflexo da especialização, no sentido de que uma forma mais especializada para certo contexto provavelmente será a forma menos marcada neste contexto. Por exemplo, para o estabelecimento da seqüenciação temporal, a forma menos marcada, mais esperada, é o *aí* (peso relativo de .69), enquanto o *então* é a mais marcada, menos esperada (peso relativo de .24). No século XIV, o *então* deveria ser menos marcado do que atualmente para a seqüenciação temporal, pois, como mencionamos acima, era bastante recorrente nessa função. Assim, é provável que a marcação das formas varie paralelamente à especialização das mesmas ao longo do tempo. Ou seja, as formas mudam, especializam-se, e o rótulo de mais ou menos marcada para certo contexto sociolingüístico muda também.

Ainda quanto ao fenômeno de marcação das formas seqüenciadoras retroativo-propulsoras, ressaltamos que nossa hipótese de o condicionamento dos fatores lingüísticos sobre o emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e* evidenciar uma distribuição escalar dos resultados associados a essas formas (cf. seção 1) foi confirmada. Em um lado da escala, temos *e*, o seqüenciador menos marcado, em geral favorecido por fatores menos marcados, como a função de seqüenciação textual, o nível de articulação inter-oracional, o grau de conexão 1. Do outro lado da escala, temos *então*, o seqüenciador mais marcado, condicionado favoravelmente por fatores mais marcados, como a função de retomada, o nível de articulação intertópico, o discurso argumentativo, o aspecto imperfeito. *Aí* e *daí*, como já mencionamos anteriormente, ora aproximam-se mais do *e*, figurando em contextos menos marcados, ora do

<sup>82</sup> Questões acerca dos percursos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* também são discutidas no quinto capítulo, a seguir.

*então*, figurando em contextos mais marcados, o que deixa em relevo seu caráter intermediário quanto à marcação. Ou seja, parece haver, no caso do fenômeno em estudo, relações de marcação/especialização do tipo 'forma mais complexa  $\Rightarrow$  contexto mais complexo', 'forma menos complexa  $\Rightarrow$  contexto menos complexo'.

## CAPÍTULO V: ONDE IRÃO PARAR *AI*, *DAÍ*, *ENTÃO* E *E*?

A gramaticalização é um processo de mudança lingüística pelo qual itens e construções lexicais passam a desempenhar, em certos contextos lingüísticos, funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, podem desenvolver novas funções gramaticais. As múltiplas funções de *ai*, *daí*, *então* e *e* (descritas no primeiro capítulo), com suas interrelações fluidas e contínuas, constituem-se em índices de que esses elementos sofreram gramaticalização, migrando de empregos adverbiais para empregos gramaticais diversos. O estudo da gramaticalização coloca em evidência o surgimento e o uso das formas gramaticais, a não-discretude das categorias lingüísticas, a mudança e a variação, questões que, como já observamos nos capítulos anteriores e ressaltamos a seguir, manifestam-se relativamente às formas sob pesquisa.

Pretendemos ora analisar mais aprofundadamente os possíveis percursos seguidos por *ai*, *daí*, *então* e *e* em sua passagem pelo processo de gramaticalização, discutindo as mudanças por que passam esses itens até seu uso como seqüenciadores retroativo-propulsores de informações na fala, objeto mais específico deste trabalho, bem como mudanças que ocorrem a partir desse uso seqüenciador. Abordamos também o percurso de discursivização de *ai*, *daí*, *então* e *e*, que se segue ao seu percurso de gramaticalização.

### 1. Percursos de mudança

Entendemos os estágios de mudança de *ai*, *daí*, *então* e *e* de itens lexicais a itens gramaticais como um percurso ao longo do qual essas formas evoluem, percurso caracterizado por Hopper & Traugott (1993:06) como um tipo de “inclinação escorregadia” que guia o desenvolvimento de itens lingüísticos. Tal percurso pode ser pensado como um contínuo: uma organização de formas ao longo de uma linha imaginária. Nesse contínuo, há certos pontos focais (aqueles a que se atribui rótulos como advérbio, preposição, conjunção, afixo), que são de certo modo arbitrários, pois, nas palavras de Heine & Reh (1984, apud Heine et alii, 1991a:15), “Gramaticalização é um contínuo evolutivo. Toda tentativa de segmentá-lo em unidades discretas é necessariamente arbitrária em alguma extensão”.

Assim, embora apontemos diversos pontos focais nos percursos ilustrados nos quadros 13, 14, 15, 16 e 17 a seguir, ressaltamos que há um contínuo evolutivo entre esses pontos. Essa perspectiva põe em questão a existência de classes discretas de palavras, pois a idéia de que itens lingüísticos surgem uns dos outros por percursos de mudança que os transportam gradualmente de uma função a outra tem por consequência que “uma boa parte do comportamento lingüístico acontece entre categorias lingüísticas, não dentro” (Heine et alii, 1991b:179).

Destacamos ainda que alguns casos de gramaticalização desenvolvem-se ao longo de dois ou mais trajetos distintos, fenômeno que Craig (1991) denomina de poligramaticalização: uma forma singular desenvolve funções gramaticais diferentes em diferentes construções, o que se verifica em relação ao *aí* e ao *daí*. Podemos apontar para o *aí* três percursos distintos, que ocorrem a partir da mesma fonte: em direção à modificação de sintagmas nominais, em direção aos usos como conectores e em direção à anáfora discursiva (cf. quadro 13). Os dois últimos também se verificam para o *daí*.

Para organizar os possíveis percursos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, tomamos seus diferentes empregos como conexões em uma cadeia, uma dando origem a outra (ou a mais de uma outra). Partimos da hipótese de que, mesmo na ausência de evidência direta da fonte de um item gramatical, esta pode ser reconstruída a partir de dados sincrônicos. Conforme Bybee et alii (1994:18), é possível utilizarem-se os usos múltiplos e a retenção de especificidades lexicais como diagnósticos da história do material gramatical, mesmo em línguas cuja evidência histórica é esparsa ou não existente, o que nos permite recobrir e reconstruir não apenas informações acerca das construções lexicais fonte dos vocábulos gramaticais, mas também os estágios ao longo de seu percurso de desenvolvimento.

Analisamos as possibilidades do desenvolvimento de *aí*, *daí*, *então* e *e* de advérbios a outros empregos utilizando em especial os dados de nosso *corpus*. Baseamo-nos nas propriedades comuns a duas ou mais das funções das formas sob enfoque (por exemplo, a presença de traços dêitico-anafóricos (espaço-temporais), de traços de seqüenciação cronológica, etc), e principalmente nas relações de abstração entre as funções. Um dos mecanismos do processo de gramaticalização, a transferência metafórica, implica em conceitos mais complexos e abstratos serem descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Assim, traçamos uma trajetória de abstração crescente entre as funções desempenhadas pelos itens em estudo, partindo dos usos mais concretos aos usos mais abstratos. Tal trajetória segue os passos descritos na escala de derivação de conectores proposta por Heine et alii (1991a:182): 'espaço → (tempo) → texto'. Considerando-se o processo de discursivização como etapa final do percurso de mudança das formas sob análise, abordamos também a trajetória dessas formas até usos como interjeições e preenchedores de pausa, resultantes do referido processo.

Além da metáfora, outro mecanismo tem sido apontado como responsável pela gramaticalização: a pressão de informatividade ou metonímia. Esta é caracterizada como um contínuo de pequenas mudanças motivadas pelas relações de contigüidade entre fontes e alvos, enquanto a metáfora envolve a projeção de um domínio mais concreto sobre um menos concreto, isto é, ocorre a transferência de um item lingüístico de um domínio a outro. De acordo com Heine et alii (1991b:165-166), a relação entre domínios mais descontínuos, como espaço, tempo ou qualidade, que é metafórica, pode ser entendida como envolvendo uma série de pequenas extensões metonímicas,

perspectiva que ressalta a compatibilidade entre os dois mecanismos de mudança.

Contudo, Bybee et alii (1994:296) crêem que a metáfora só é possível nos estágios iniciais da gramaticalização, quando o conteúdo semântico é bastante específico, ao passo que a metonímia ocorre quando os significados já são mais abstratos, nas etapas posteriores do processo. Já para Traugott & Köning (1991:190), diferentes tipos de inferência atuam, dependendo do tipo de função gramatical que está envolvida. O desenvolvimento de marcadores de tempo, aspecto, caso, etc, envolveria primariamente a inferência metafórica, pois conceitos mais complexos são apresentados por meio de conceitos concretos ou menos complexos. Já o tipo de inferência dominante no desenvolvimento de conectores seria um mecanismo ligado à metonímia, o reforço da informatividade, pelo qual uma implicatura conversacional se torna convencionalizada. De qualquer forma, como resultado da atuação de ambos os mecanismos, é prevista uma trajetória de abstratização crescente e/ou generalização de significados, hipótese na qual nos baseamos para a elaboração dos percursos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* discutidas a seguir.

Em ao menos duas das etapas do percurso de gramaticalização dos elementos sob pesquisa, a referente ao espaço e a referente ao texto, há mais de uma função para cada item: no plano adverbial locativo, *aí* é dêitico e anafórico, e no plano da conexão textual, *aí*, *daí*, *então* e *e* atuam como seqüenciadores temporais, textuais, introdutores de efeito, retomadores, entre outros. Portanto, além da relação de abstração crescente manifestada pelas formas nos papéis de indicadores de espaço, tempo e interligadores textuais, encontramos relações de abstração mais específicas de significado entre os usos locativo-temporais e conectivos.

Nas seções seguintes, ilustramos as possíveis trajetórias de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e*:

### 1.1 O percurso de gramaticalização do *aí*

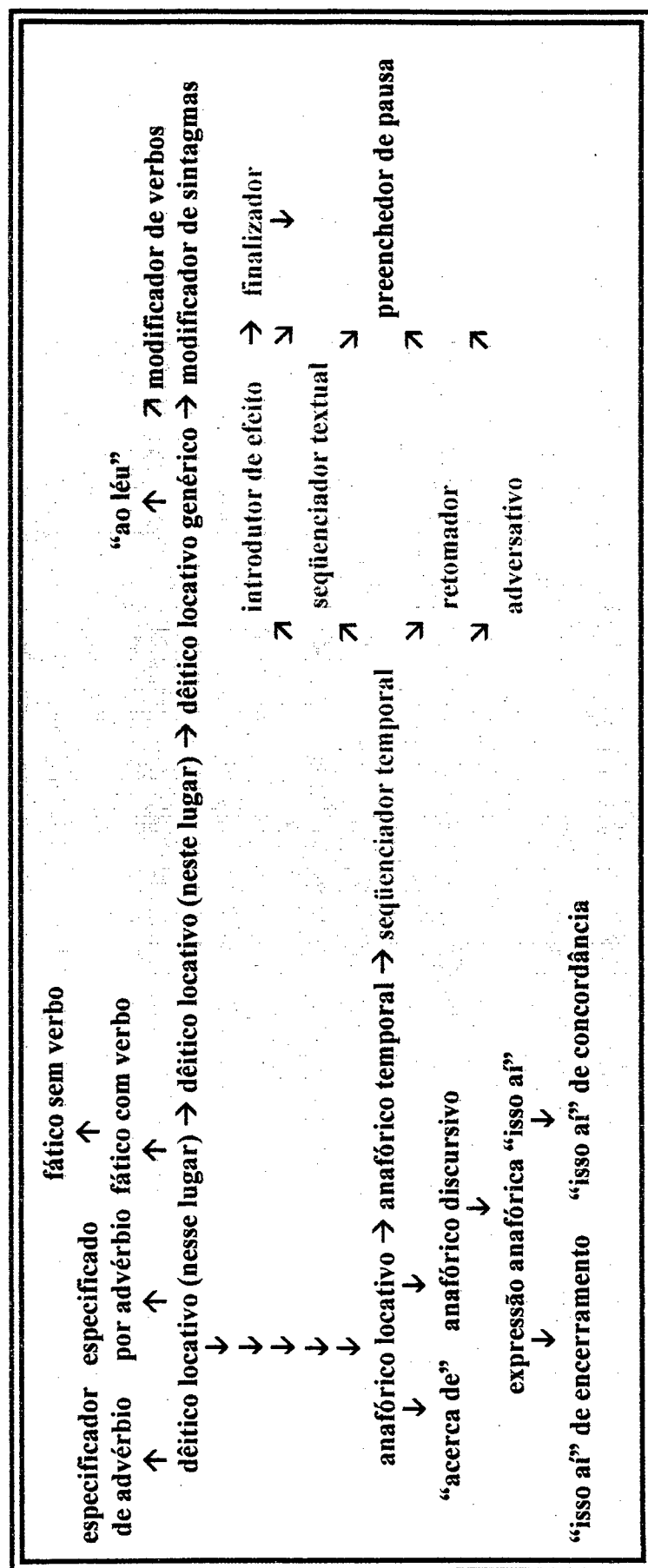
O quadro a seguir ilustra possíveis passos do processo de gramaticalização sofrido pela forma *aí*.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> As funções em destaque no quadro 13 representam o uso do *aí* no plano da conexão textual.



### Quadro 13: Percorso de gramaticalização do *ai*



A gramaticalização do *aí* transcorre ao longo de três percursos principais, cujo ponto inicial é o uso dêitico locativo e cujos pontos culminantes, a princípio,<sup>84</sup> são: (i) modificação de sintagmas nominais;<sup>85</sup> (ii) conexão textual; (iii) anáfora discursiva.

### 1.1.1 *Aí* rumo à modificação de sintagmas nominais

Tratamos primeiramente do percurso que resulta na modificação de sintagmas, no decorrer do qual o *aí* dêitico locativo torna-se cada vez mais genérico. Inicialmente, perde seu traço original de indicação de proximidade em relação ao ouvinte (*nesse lugar* próximo ao ouvinte), podendo fazer então referência ao espaço em que falante e ouvinte estão (sinônimo de *aqui*, *neste lugar*). Passa, a seguir, a apontar genericamente para qualquer lugar (*em qualquer lugar do mundo*) ou mesmo para eventos quaisquer. Daí deriva o emprego do *aí* como modificador de sintagma nominal: ele se torna tão genérico que podemos interpretá-lo como somente acrescentando uma carga modificadora a um outro elemento. Neste caso, apenas indica que o elemento ao qual modifica é um membro qualquer de um certo conjunto de itens existentes. Os exemplos abaixo ilustram essa gradual generalização dos empregos dêiticos locativos do *aí* motivada pelo processo de gramaticalização: de dêitico locativo (exemplo 1) a modificador de sintagmas nominais (exemplos 5 e 6).

(1) Mesmo assim ele ainda ficou em casa um mês e pouco, mas o Henrique dormia Aí, e ele dormia aqui." (FLP 03, L 982)<sup>86</sup>

(2) Outra vez trouxemos Aí o pessoal [da]- do Conselho Estadual de Entorpecentes, com vários técnicos. Inclusive trouxemos aqui a professora I., lá da Universidade, e outro pessoal da área social pra participar também. (FLP 21, L 1012)

(3) F: É, mas se você souber [a cau-->]- a causa disso, [o]- o mundo hoje estava-

E: Seria outra coisa, né?

F: Seria outra coisa. Não poderíamos, de jeito nenhum, a transformação que a gente está vendo Aí. Então não há mais respeito por mais nada. (FLP 13, L 1250)

<sup>84</sup> Como a gramaticalização é um processo contínuo, novas funções podem surgir daquelas que apresentamos como pontos culminantes de cada um dos percursos do *aí*, do *daí*, do *então* e do *e*. Semelhantemente, consideramos o uso dêitico locativo do *aí* como ponto inicial dos percursos de gramaticalização mencionados acima no sentido de ser o uso mais antigo preservado na língua. É provável que o dêitico locativo tenha se originado de usos anteriores da forma em questão.

<sup>85</sup> Consideramos a modificação de sintagmas nominais desempenhada pelo *aí* como função gramatical, pois essa função é caracterizada por um enrijecimento posicional em relação ao uso fonte adverbial: advérbios de lugar podem, a princípio, ocupar mais de uma posição na oração, ao passo que encontramos *aí* modificador de sintagmas nominais em uma só posição: logo após o sintagma nominal por ele modificado. A fixação da posição é uma consequência típica da gramaticalização (cf. Heine & Reh, apud Heine et alii, 1991a:15). Entretanto, não nos aprofundamos, neste trabalho, na questão da diferenciação entre itens lexicais e gramaticais.

<sup>86</sup> Grande parte dos exemplos que ilustram este capítulo constam também no primeiro capítulo.

(4) O Nelson Wedekin e Wilson Kleinübing são o páreo duro Aí [na]- nas eleições. (FLP 02, L 382)

(5) Hoje, se você vai numa festinha Aí, numa festinha de rua Aí, a gente vê é safadeza, é avacalhação. (FLP 04, L 594)

(6) Eu [dizia pra eles]- chegava pra eles, dizia: “Não, eu peguei um bicozinho Aí pra uma pintura de uma casa, são dois pintores” “Sim, e o outro?” “O outro está aí.” (FLP 13, L 977)

Em (1), *aí* dêitico locativo indica lugar próximo ao ouvinte e, em (2), indica lugar em que falante e ouvinte estão (o bairro em que mora o informante). No exemplo seguinte, refere-se ao mundo em geral. Em (4), *aí* não faz mais referência espacial, mas remete a um evento, eleições. Ou seja, o item lingüístico em questão pode fazer de eventos lugares passíveis de serem apontados. Finalmente, em (5) e (6), *aí*, penetrando no sintagma nominal, modifica os nomes *festinha* e *lugar*, indicando que se tratam respectivamente de uma festinha de rua comum e de um lugar qualquer.

O percurso delineado acima diz respeito ao possível caminho seguido pelo *aí* da função de indicação espacial dêitica à função de modificação ou qualificação. A primeira é mais concreta, mais próxima da experiência humana do que a segunda, considerando-se a escala de derivação de itens lexicais a itens gramaticais proposta por Heine et alii (1991a:48), em que a qualidade é a última etapa do processo, portanto, a mais abstrata: ‘pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade’. O gradual aumento da generalização de significado sofrido pelo *aí* dêitico locativo no decorrer da mudança rumo à modificação de sintagmas representa um percurso de abstratização crescente, que se desenrola de um uso mais concreto a usos cada vez mais abstratos.

Todavia, embora *aí* refira-se a cada novo emprego a um espaço mais amplo, menos delimitado, o traço de designação espacial dêitica é preservado: *aí* aponta para espaço próximo ao ouvinte (exemplo 1 acima) → para espaço em que falante e ouvinte estão (exemplo 2) → para o mundo (exemplo 3) → para um evento tomado como um lugar (exemplo 4) → para um objeto ou evento qualquer que existe em algum lugar (exemplos 5 e 6). Neste último caso, o *aí* modifica sintagmas nominais atribuindo-lhes a idéia de generalidade, um valor como *qualquer*, *comum*, ao mesmo tempo em que aponta para sua localização: os objetos ou eventos denotados pelos sintagmas nominais modificados existem em algum lugar do mundo. Por exemplo, em (5), o falante não se refere a uma festinha de rua específica, mas a uma festinha qualquer, que pode acontecer em qualquer lugar.

Parece que o *aí* dêitico locativo genérico, assim como se torna um modificador de sintagmas nominais, pode tornar-se um modificador de verbos, com um valor semelhante a “no geral”, “de qualquer modo”, como em (7).

(7) Pelo que eu sei assim, né? porque pode ter outros cursos que eu não estou sabendo. As universidades é que estão se agüentando Aí, né? E, assim, é um país [que não]- realmente, pode-se dizer, que não aplica em educação. (FLP 01J, L 1301)

O *aí* dêitico locativo genérico dá origem ainda a um *aí* com valor de “ao léu”, “abandonado em qualquer lugar”, como em (8):

(8) Ela sempre avisava pra mim: “Porque depois eles te arranjam um filho e te deixam Aí, tu ficas Aí, precisas de nós. Com filho, com criança pequena e sozinha Aí.” (FLP 08, L 771)

O *aí* dêitico locativo pode ser empregado como especificador de outro locativo, como em (9), ou mesmo ser especificado por outro locativo, como em (10):

(9) Não, [aqui tem]- aqui tem, mas tem que tomar cuidado. A senhora não vai (inint) andar com um mundo de dinheiro (inint) dentro DESSA BOLSA AÍ. Tem que segurar a bolsa. (FLP 06, L 510)

(10) Eles estavam fazendo renda, daqui a pouco saía aquela barulhada, aquelas gargalhadas, aí ela diz que ia (inint): “Quem que está AÍ NA RUA?” (FLP 08, L 500)

### 1.1.2 *Aí* rumo à conexão textual

Outro percurso seguido pelo *aí* desemboca nos usos conectivos (seqüenciadores retroativo-propulsores e adversativos), também partindo do uso dêitico locativo. Conforme Heine et alii (1991a:179), itens dêíticos tendem a assumir função anafórica, tendência manifestada pelo *aí*. Na primeira etapa do percurso rumo à conexão de partes do texto, o *aí* dêitico locativo (em (11)), que aponta para um lugar do mundo externo, origina o *aí* anafórico locativo (em (12)), que aponta para um lugar já mencionado no texto. Dessa forma, a organização espaço-temporal do mundo concreto é passível de ser utilizada, por transferência metafórica, para caracterizar o universo mais abstrato do texto.

(11) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto. Eu disse: “Meu filho, [não]- não senta Aí que tu não estás com equilíbrio bom.” (FLP 13, L 831)

(12) Onze e pouco da noite. Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. Aí procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, Aí que ele estava. (FLP 03, L 889)

O *aí* anafórico locativo dá origem ao *aí* anafórico temporal (como em (13)), seguindo o percurso ‘espaço → tempo’.

(13) Depois que ele morreu, né? Que Aí elas já eram mais ou menos moças, né? Tinham os seus quinze, dezesseis anos, Aí que começaram a namorar. (FLP 18, L 1161)

Do *aí* anafórico temporal deriva o *aí* conector seqüenciador temporal, que coloca em evidência a ordenação temporal cronológica dos eventos narrados. A passagem do *aí* de anafórico temporal para conector seqüenciador temporal representa o percurso 'tempo → conexão textual', percurso pelo qual formas indicadoras de tempo tornam-se indicadoras da interligação entre partes do texto. A seqüenciação temporal, primeira das subfunções seqüenciadoras retroativo-propulsoras a surgir, preserva traços de indicação temporal anafórica, caracterizadores do uso anafórico temporal, pois indica que o evento introduzido segue-se temporalmente ao evento anterior. Vejamos um exemplo do *aí* como seqüenciador temporal:

(14) "Ela está lá na casa da Maria dos Anjos", disse uma outra amiga minha. Aí ela foi lá na casa da Maria dos Anjos, ver se eu estava na casa da Maria dos Anjos. (FLP 08, L 831)

Esse *aí* constitui a fonte de diversas funções conectivas:

(i) Introdutor de efeito: O percurso que dá origem ao conector introdutor de efeito é 'seqüenciação temporal → seqüenciação temporal/introdução de efeito → introdução de efeito' (conseqüência ou conclusão). Quando interliga dois eventos que se sucedem cronologicamente, o primeiro deles representando a causa e o segundo a conseqüência, o introdutor de efeito apresenta bastante evidenciado o traço anafórico temporal típico do seqüenciador temporal que lhe dá origem, isto é, trata-se de um emprego ambíguo, situado entre seqüenciação temporal e lógico-discursiva (cf. exemplo 15). O traço anafórico temporal aparece reduzido quando o conector interliga informações que não evidenciam relação de sucessão temporal, mas sim sucessão lógico-discursiva: a causa precede logicamente a conseqüência (cf. exemplo 16). Neste caso, temos um emprego mais gramaticalizado do introdutor de efeito, comparando-se com o que ainda manifesta seqüenciação cronológica.

(15) Eles botaram ela, assim, num monte de aparelhos, sabe? Aí ela deu uma melhorazinha. (FLP 03, L 1222)

(16) E: A que horas você vai pra cama?

F: Não tem muito o que fazer à noite, Aí geralmente é oito horas estou deitado já. (FLP 10, L 1091)

(ii) Seqüenciador textual: O *aí* adquire um significado mais abstrato ao deixar de indicar sucessão cronológica temporal e passar a indicar sucessão discursiva, assinalando a ordem seqüencial pela qual as informações são apresentadas e desenvolvidas. Trata-se de um percurso 'seqüenciação temporal → seqüenciação discursiva'. Exemplo a seguir.

(17) É, ali tinha o Rox, Cine Rox, e tinha o Cine Ritz também. Mas só o Cine Ritz também. (inint) hoje, né? existia naquela época também. Aí o Cine Ritz só [<ti->]- tinha cinema pra criança, mas era só durante a tarde, e à noite não podia ir, né? É porque naquela época a censura não era dezoito anos, era vinte e um anos. (FLP 18, L 1109)

(iii) Retomador: O conector retomador recupera informações interrompidas por digressões de proporções variadas. Pode indicar seqüência cronológica temporal (quando da recuperação da linearidade dos eventos narrados) ou discursiva (quando da recuperação de informações dadas anteriormente para permitir a continuação do discurso). Ao indicar seqüência cronológica, como em (18), o retomador aproxima-se do uso que o origina, o seqüenciador temporal, ao passo que, ao indicar seqüência discursiva, como em (19), afasta-se do uso fonte, assemelhando-se mais ao seqüenciador textual, por apenas marcar a seqüência discursiva. Está, portanto, mais gramaticalizado como retomador neste último emprego. Trata-se de um percurso 'seqüenciação temporal → retomada temporal de informações → retomada textual de informações'.

(18) Bom, eu tentaria ajudar, né? desaconselharia, né? Mandaria parar, que eu já tive uma colega que ela queria fumar [um]- [um]- um Bali. { Porque [<Ba->]- Bali é cinco por cento de não sei quanto, cinco por cento de não sei quanto. É mais ervas assim, né? } Aí eu disse: "Não, tu não és maluca de tentar botar isso na boca." (FLP 17J, L 1058)

(19) Aí elas espiaram pelo buraquinho da porta, apagaram a luz de dentro de casa, { que era luz de querosene, e eles tratavam pomboca, aquela lamparina grande eles tratavam pomboca, porque não tinha luz elétrica. } Aí elas apagaram a tal de pomboca e aí ficaram espiando, assim, pela janela, diz que era [um]- [umas]- umas sete mulheres, uma vestida de branco, [outra]- outras sem roupas pegando uma canoa. (FLP 08, L 505)<sup>87</sup>

(iv) Adversativo: O conector adversativo transmite a idéia de contraste entre uma informação dada e uma que está por vir. Muitos dos empregos dos conectores adversativos são seqüenciais - os eventos ou argumentos contrapostos sucedem-se temporal ou textualmente. Assim, devem surgir em um percurso como 'seqüenciação → seqüenciação/adversão → adversão'.

(20) Se já tinha morrido lá, já estava lá, [era assim]- nem precisava isso, né? Era só liberar, né? Aí não podiam liberar sem o médico chegar. (FLP 03, L 1349)

O *aí* finalizador, que marca a conclusão de narrativas ou de argumentações, resulta do emprego como introdutor de efeito, pondo em evidência a cronologia lógico-discursiva, pois a conclusão segue-se logicamente a informações anteriores. O traço conclusivo pode estar bastante presente, assemelhando-se o conector finalizador a *portanto*, mas pode estar enfraquecido, assemelhando-se o conector a *enfim*. É possível considerar o emprego que se aproxima do *enfim* mais gramaticalizado do que o que se

<sup>87</sup> O símbolo {, acrescentado nos exemplos por nós, marca o início da digressão feita por F, e } marca o seu final.

aproxima do *portanto*, pois o traço de seqüenciação lógico-discursiva é mais forte neste do que naquele. Dessa forma, o uso com valor de *portanto* assemelha-se mais ao uso introdutor de efeito, que dá origem ao finalizador, ao passo que o uso com valor de *enfim* distancia-se mais do introdutor de efeito. Trata-se, então, de um percurso 'introdução de efeito → introdução de efeito/finalização → finalização'.

(21) É "Mulheres sem dono". É prostituição mesmo, assim. É mulher que- Até está lá em casa. Até vou trazer pra tu leres um dia. Deixa eu terminar que ainda não terminei o livro. Mas é baseado em prostituição, não tem? A mulher do cara viaja, ele vai encontrar com ela. Aí ela estava [no]- [no]- [tipo]- Como é que [ela]- ela veste? Aí é baseado nisso aí. (FLP 16, L 1019)

### 1.1.3 Aí rumo à anáfora discursiva

Um terceiro percurso de gramaticalização do *aí* origina os empregos anafóricos discursivos da forma. Como já mencionamos, o *aí* dêitico locativo (exemplo 22 a seguir) torna-se um anafórico locativo (exemplo 23). Do uso anafórico locativo, que aponta para um lugar mencionado anteriormente no texto, deriva o uso como anafórico discursivo (exemplos 24 e 25), que aponta para um ponto no discurso, seja um evento ou um argumento mencionado anteriormente. Trata-se de um percurso 'anáfora espacial → anáfora discursiva', em que a primeira categoria representa um uso mais concreto que a segunda. A migração de uma função de indicação espacial diretamente para um papel na organização textual sem a necessidade de passar por uma função de indicação temporal é prevista por Heine et alii (1991a:182).

(22) Eu cheguei em casa, eles estavam sentados no muro, né? num muro alto. Eu disse: "Meu filho, [não]- não senta Aí que tu não estás com equilíbrio bom." (FLP 13, L 831)

(23) Onze e pouco da noite. Não tinha um hotel, não tinha nada pra dormir, que o único hotel da cidade estava fechado. Aí procuramos, procuramos, batemos nesse hospital, que é um hospital e maternidade, Aí que ele estava. (FLP 03, L 889)

(24) Ah, gosto. Gosto sim. Principalmente [com]- salgado com fruta. Aí, eu gosto. Gosto mesmo. (FLP 01, L 648)

(25) A dificuldade que eu vejo, hoje, é o tipo de boate, o tipo de baile hoje, que é tudo fechado, tudo trancado. Eu acho isso um absurdo, porque Aí é que está as maldades. Aí é que está, vou dizer, o sem-vergonhismo de determinadas pessoas, que, às vezes, levam o tóxico lá pra dentro. (FLP 04, L 567)

No primeiro capítulo, apontamos que o emprego do *aí* junto a pronomes demonstrativos como *isso*, *essa*, *nisso* constitui uma expressão anafórica discursiva que põe em foco um ponto do texto antes referido, por exemplo, um argumento, um fato. O *aí*, neste caso, reforça o caráter focalizador do pronome demonstrativo. O uso conjunto de dois itens na função anafórica discursiva

possivelmente é posterior ao uso de cada um deles separadamente na referida função, ou seja, é uma etapa mais tardia no percurso de gramaticalização do *aí* como anafórico discursivo, conforme ilustra o quadro 13 (cf. seção 1.1). Vejamos alguns exemplos:

(26) Tu queres ver, [outro]- outro canal, mostrar um filme [mais]- mais forte, aí a [outra]- outra novela é mais forte pra trazer o público. ISSO AÍ, eu acho que está muito errado, que ela está pensando no público que analisa a televisão, e não no público infantil, que vê a coisa totalmente diferente. Eu acho que alguém teria que mexer NISSO AÍ. (FLP 14, L 321)

(27) Eu até- Eu [dou]- dou apoio (hes) nessa situação, no caso, os dois trabalharem juntos. Mas têm muitos que não admitem ISSO AÍ. Eu admito, mas muitos não admitem. (FLP 19, L 1328)

A expressão anafórica discursiva *isso aí* dá origem à expressão *é isso aí*, empregada com duas funções distintas: encerrar um tópico até então em curso na fala, como em (28), e indicar concordância do falante relativamente a algo dito por seu interlocutor, como em (29). *É isso aí* de encerramento e *é isso aí* de concordância são também expressões anafóricas discursivas: a primeira, ao encerrar o tópico, aponta para tudo o que foi dito anteriormente, e a segunda aponta para a informação com a qual o falante está concordando.

(28) E a carne, tu compras um quilo e tu comes duas vezes, né? e o peixe não. O peixe é aquilo ali, num instantinho vai e pronto. É ISSO AÍ. (FLP 11, L 1117)

(29) E: Todo mundo trabalha junto.

F: É ISSO AÍ. É, assim, na cozinha, pra mexer ali mais na coisa de cozinha tem só um moço ali. (FLP 07, L 1118)

Assim como o *aí* anafórico discursivo, o *aí* com valor de “acerca de” deve ser oriundo do *aí* anafórico locativo. Os dois primeiros têm em comum o fato de colocar em foco um ponto no discurso, mas o *aí* “acerca de” é catafórico: aponta para um ponto não localizado anteriormente no texto, mas sim posteriormente. É possível ainda que derive do *aí* anafórico temporal, pois aquilo para o qual aponta, nos exemplos que temos, é uma indicação temporal:

(30) (...) a vida, AÍ uns setenta, [<an->]- cem anos atrás era dura. (FLP 08, L 1137)

(31) Na década de sessenta, ou seja, AÍ entre sessenta e quatro a setenta, o Saco dos Limões construiu o Clube Cultural e Recreativo Limoense. (FLP 21, L 770)



#### 1.1.4 Preenchedores de pausa e fáticos: discursivização<sup>88</sup>

Os usos do *aí* como preenchedor de pausa podem advir de qualquer uma das funções conectivas ou mesmo de todas elas. Os preenchedores de pausa têm significado bastante abstrato. Na verdade, apenas indicam que o falante pretende dar prosseguimento ao turno, sendo empregados com o intuito de evitar-se o silêncio enquanto um novo trecho de fala é estruturado. Como atuam no processamento da fala e na manutenção de turnos, possuem forte carga interacional. Segue-se um exemplo:

(32) *Aí* eu levei a cachaça, cheguei de noite, esquentei o chá e botei. *Aí*- Mas a minha irmã e a minha prima dormiam comigo, *aí* elas perguntaram porque que eu estava tomando aquilo. (FLP 20, L 1054)

O processo de discursivização, pelo qual itens lexicais ou gramaticais adquirem funções relativas à interação entre os participantes da conversação, bem como funções ligadas ao processamento da fala, deve estar relacionado ao aparecimento do *aí* preenchedor de pausa, que desempenha esse tipo de funções. Conforme Martelotta et alii (1996:74), o preenchimento de pausa reflete estágios avançados de discursivização, por manter poucos traços dos usos originais. Destacamos como traço ainda presente no *aí* preenchedor de pausa a indicação de que o falante pretende dar continuidade a sua fala, isto é, a parte “propulsora” dos conectores seqüenciadores é manifestada, ainda que mais suavemente, pelos preenchedores de pausa.

O *aí* também é empregado junto a verbos no imperativo, constituindo expressões de caráter fático com valores diversos:

- preste atenção: *olha aí*

(33) Eu, depois da guerra, ganhei uma viagem como prêmio, volta ao mundo. Pra conhecer, a gente fazia, quando chegava num lugar desse, a gente fazia- O comandante dizia: “OLHA AÍ, eu quero que vocês façam [o]- o que vê pra contar, pra escrever.”, né? (FLP 06, L 98)

<sup>88</sup> Martelotta (1994), a partir de dados sincrônicos e diacrônicos, propõe percursos de gramaticalização para duas das formas sob investigação, *aí* e *então*, bem como propõe um percurso de discursivização para o *aí*, os quais descrevemos a seguir. Segundo o autor, o *aí*, em seu processo de gramaticalização, passa por duas trajetórias diferentes. A primeira trajetória tem seu ponto de partida no uso dêitico espacial do *aí*, que gera os usos anafóricos espacial e temporal. Este, por sua vez, constitui-se na fonte do uso seqüencial. O uso seqüencial dá origem ao uso conclusivo e ao uso introdutor de informações livres (p. 109). A segunda trajetória parte também do emprego dêitico espacial, que, do valor original de “nesse lugar”, adquire o valor de “aqui”, “neste lugar”, a que se segue um valor como “por aí”, “pelas redondezas”. Por fim, passa a indicar a própria realidade dos fatos que estão diante dos interlocutores, assumindo uma espécie de função modificadora (p. 116). O percurso de discursivização do *aí*, segundo Martelotta, parte da expressão *olha aí*, que assume um valor fático, usada como um aviso. Em seguida, *aí* perde este valor semântico e passa a ser usado de modo mais livre e espontâneo, como em “*Aí*, não fala alto comigo não, heim!” (p. 117). O emprego do *então* como anafórico temporal gera o valor seqüencial (de base temporal), que pode manifestar-se como introdutor de informações livres, como retomador de assunto ou como conclusivo. Este último gera os usos alternativo e intensificador (p. 147).

- expressão de um pedido: *fala aí, diz aí, conta aí*

(34) Uma vez nós estávamos pegando carona com uns amigos, assim, quer dizer, eram amigos de uma amiga minha. E elas (inint), olha só: “CONTA AÍ, conta”. (FLP 01, L 916)

- denotação de contrariedade por parte do falante: *espera aí, para aí*

(35) “Tudo o que é teu já está tudo arrumado, você pode pegar tudo que é teu e ir-se embora porque eu não lhe quero mais aqui dentro de casa.” Porque, além de tudo ele ainda me chamava das piores coisas. Ah, ESPERA AÍ, (inint) estava trabalhando honestamente, nunca pensei em enganar ele, ainda [eu recebendo um monte]- dizendo um monte de coisa (FLP 03, L 726)

- tentativa de manutenção do turno enquanto a fala é processada: *espera aí*

(36) (...) aí bota o óleo, bota o sal, aí bota o arroz. Deixa eu ver o que mais. É assim que a minha mãe faz. ESPERA AÍ. Mas acontece que tem que deixar cozinhar, eu não suporto aqueles arroz papa, sabe? Tem que deixar cozinhando e deu, não pode ficar mexendo. (FLP 17J, L 1158)

O próprio *aí*, sem a necessidade de presença de um verbo no imperativo, pode ter uso fático, solicitando a atenção do interlocutor:

(37) F: É, o meu avô tinha, não era relho, [como é que eles]- como é que se diz- Aquelas varas, mas não é vara de marmelo. Aquelas varinhas [de]- [aquelas]- AÍ, como é que falam?

E: Chicote. (FLP 01, L 407)

Os usos fáticos do *aí* junto a verbos devem ser oriundos do *aí* dêítico locativo pelo processo de discursivização. cremos que resultem da discursivização por terem caráter interacional, atuando na troca de informações entre os interlocutores, na organização de pedidos do falante para o ouvinte, na manutenção de turnos e no processamento da fala. O uso fático do *aí* (exemplo 37) pode ter sua origem em expressões fáticas do tipo *espera aí* e *olha aí*, a partir de perda da estrutura fonética: *olha aí* → *aí*; *espera aí* → *peraí* → *aí*.

Expressões como *aí tá*, *aí passou-se* (em (38)), que revelam traços de seqüenciação temporal ou textual, indicando a passagem do tempo, devem ter como fonte os empregos seqüenciadores temporais ou textuais do *aí*. Já o *aí* (em (39)) de expressões como *estamos aí* (“estamos à disposição para o que você precisar”) e *não estou nem aí* (“não tenho interesse nisso”, “isso não me importa”) devem ter base adverbial, surgindo possivelmente do dêítico locativo.<sup>89</sup>

<sup>89</sup> Não nos aprofundamos na análise das expressões compostas pelas formas sob investigação somadas a outros vocábulos para não ocuparmos espaço demasiado com tal análise. Os empregos que nos interessam mais diretamente são os seqüenciadores retroativo-propulsores e suas fontes, e a estes dedicamos maior espaço.

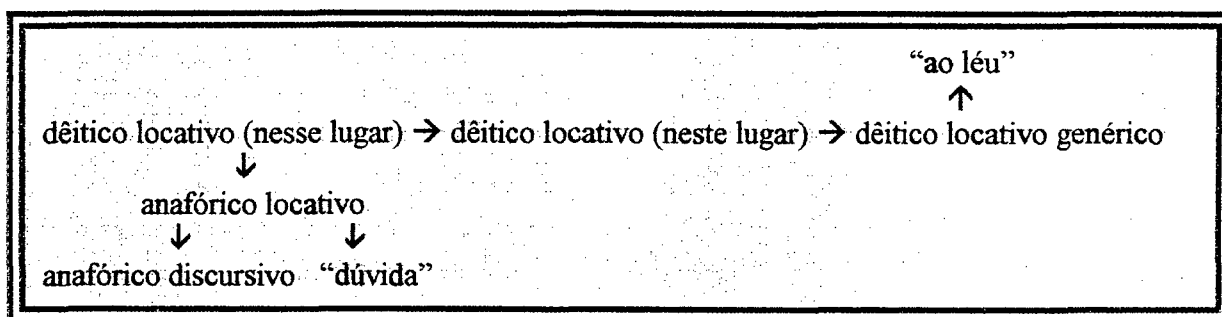
(38) Aí eu peguei, olhei pra ele e disse: “Olha, J., eu vou te dizer uma coisa: se tu, algum dia, quiseres ir ver teus filhos, tu podes ir, mas pra viver mais lá dentro de casa eu não te quero mais”. **AÍ PASSOU-SE**. Isso foi em janeiro, depois de dezembro, que eu já tinha dado aquela chance dele vir pra casa. Aí, quando [na]- estava naquelas épocas de carnaval, e dou de cara com ele dentro de casa. (FLP 03, L 962)

(39) Então no outro dia ela chorou uma porção porque a mãe dela não quis deixar ela ir para o mesmo clube que eu ia. Eu não sabia disso. Aí ela depois é que vai- Com tempo, ela vai contando pra gente [como é que vai]- como é que foi, né? a história. Eu **NÃO ESTAVA NEM AÍ**. Eu sabia que ela queria namorar comigo ou não queria? Depois a outra colega dela é que disse. (FLP 04, L 680)

## 1.2 O percurso de gramaticalização do *por aí*

O quadro abaixo apresenta possíveis trajetórias do processo de gramaticalização da expressão *por aí*:

**Quadro 14: Percurso de gramaticalização do *por aí***



Decidimos tratar separadamente o emprego do *aí* junto à preposição *por*, cujo percurso de gramaticalização origina algumas funções diferentes das desempenhadas pelo *aí*. Em linhas gerais, o percurso de gramaticalização do *por aí* é semelhante ao do *aí*, partindo de empregos dêiticos locativos com valor de “nesse lugar” a dêiticos locativos genéricos, e de dêiticos locativos a anafóricos discursivos, passando intermediariamente pelo uso anafórico locativo. Vejamos com maior detalhe:

*Por aí* dêitico locativo indica um percurso que se inicia em algum ponto situado próximo ao ouvinte ou próximo a falante e ouvinte (exemplo 40), dando origem à indicação de um percurso ou lugar genérico, com valor de “por qualquer lugar”, “por qualquer caminho” (exemplo 41):

(40) Pra ir pra praia é **POR AÍ**. Segue esta rua, que chega lá num instante. (dado nosso)

(41) Eu não te quero mais aqui dentro de casa, e, se não saíres tu, saio eu. Eu passo a mão nas crianças e saio, saio **POR AÍ**. Nós vamos dormir até debaixo [de um]- da ponte. (FLP 03, L 745)

Há usos de *por aí* com o significado de “abandonado”, “ao léu”, derivados do emprego dêitico locativo genérico da forma, como em (42).

(42) Ela assim: “Tu não vens namorar com esses mata-cachorros aí, com esses mata-cachorros, (inint) filho, vão te deixar POR AÍ.” (FLP 08, L 793)

Como já salientamos, há uma tendência para que elementos dêiticos constituam-se em fonte de elementos anafóricos, em um percurso ‘dêixis → anáfora’, percurso que ocorre com o *por aí*: seu emprego dêitico locativo, ilustrado em (40), gera o emprego ilustrado em (43), em que *por aí* é anafórico locativo, apontando para um percurso já referido. O *por aí* anafórico locativo pode revelar incerteza por parte do falante quanto a certa localização antes nomeada (em (44)), o que representa uma nova função da expressão lingüística em questão.

(43) Pega a SC 401 e segue, entra no túnel. Após passar o túnel, dobra à direita, chegando na Estrada Geral do Cacupé. Então segue essa Estrada até a primeira rua à direita. No centro dessa rua fica a Colônia de Férias do SESC. POR AÍ é mais fácil chegar no SESC do que passando por Santo Antônio. (dado nosso)

(44) F: (...) mas nós éramos muito pequenos, a gente ia pra lá assim- Então [não]- não lembro. E hoje ela não tem mais, né?

E: É lá pro lado [do]- da Enseada de Brito, depois?

F: É, eu acho que é mais ou menos POR AÍ. (FLP 01, L 1095)

O percurso ‘anáfora espacial → anáfora discursiva’ presente na gramaticalização do *aí* também é verificado na gramaticalização do *por aí*: seu uso anafórico locativo, que aponta para um lugar antes mencionado, permite o surgimento do uso como anafórico discursivo, que indica um ponto no discurso antes referido (como em (45)) ou aponta para tudo o que foi dito anteriormente (como em (46)), com valor de *o que eu penso é* (ou *não é*) *por aí*.

(45) Acho que melhorou bastante. (inint) Melhorou em tudo, tudo, tudo. Melhorou no trabalho, que as mulheres não trabalhavam, né? Começando POR AÍ. (FLP 08, L 1026)

(46) E: Aí também pode ficar um ciclo, né? Eu mato alguém, alguém me mata.

F: É claro. Pra matar alguém porque ele matou o meu irmão, não tem? Mas (hes) coisa vem do lado de lá, porque eu matei ele- Então isso aí não é POR AÍ. (FLP 14, L 390)

Há ainda o *por aí* com valor de “acerca de”, “por volta de”, indicando incerteza do falante quanto à duração de determinado evento, uso provavelmente oriundo do *por aí* anafórico locativo, do qual mantém o traço de focalização anafórica.

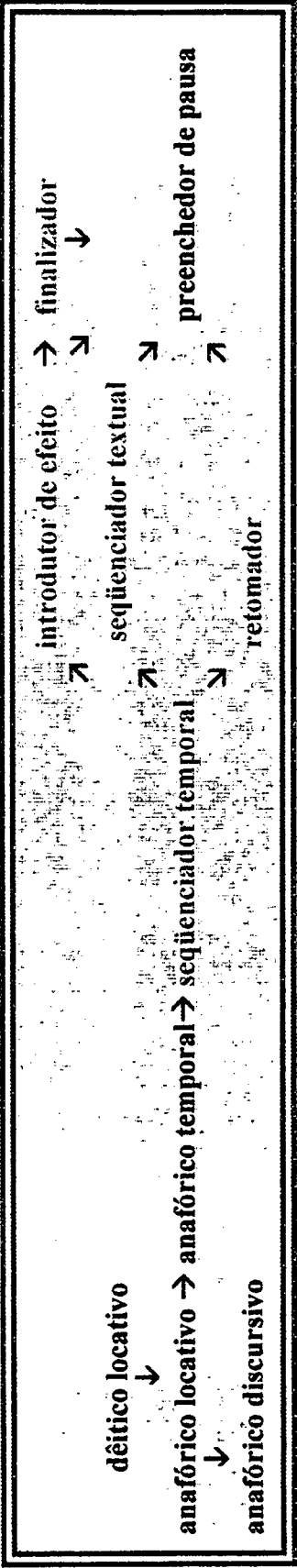
(47) Até crescer, depois tem que- Já está [com]- com recheio, daí ainda cresce ainda, acho que é por uma hora, POR AÍ. (FLP 07J, L 1039)

### 1.3 O percurso de gramaticalização do *daí*

Mostramos no quadro 15 a seguir possíveis passos do processo de gramaticalização sofrido pelo *daí*.<sup>90</sup>

<sup>90</sup> As funções em destaque no quadro 15 representam o uso do *daí* no plano da conexão textual.

Quadro 15: Percurso de gramaticalização do *dai*



O item lingüístico *daí*, constituído pela junção da preposição *de* mais o advérbio de lugar *aí*, passa por dois percursos de gramaticalização. Parte, em ambos, do uso dêitico locativo e chega, no final de um dos percursos, na função de anafórico discursivo e, no final do outro, na função de conector. Iniciamos pelo percurso do qual derivam os usos conectivos. Não encontramos em nosso *corpus* dados de *daí* como dêitico ou anafórico locativo e temporal, existentes na língua portuguesa.<sup>91</sup> Apresentamos, então, alguns exemplos que criamos com *daí* dêitico locativo (48) e anafórico locativo (49):

(48) Sai DAÍ, guri! (dado nosso)

(49) Olha, ela mexeu nessa gaveta e tirou DAÍ umas fotos. (dado nosso)

O *daí* anafórico temporal parece ser possível em alguns contextos de uso do *aí* anafórico temporal:

(50) Depois que ele morreu, né? Que AÍ elas já eram mais ou menos moças, né? Tinham os seus quinze, dezesseis anos, AÍ que começaram a namorar. (FLP 18, L 1161)

(50i) Depois que ele morreu, né? Que DAÍ elas já eram mais ou menos moças, né? Tinham os seus quinze, dezesseis anos, DAÍ que começaram a namorar.

É também anafórica temporal a expressão “daí em diante”, abaixo em exemplo nosso:

(51) A Renata encontrou o Carlos no dia de Natal e os dois brigaram feio. DAÍ EM DIANTE ela não falou mais com ele. (dado nosso)

No percurso rumo à articulação de partes do discurso, o *daí* dêitico locativo, que indica proximidade em relação ao ouvinte (com valor de *desse lugar*), isto é, que aponta para um lugar externo ao texto, origina o *daí* anafórico locativo, que aponta para um lugar referido anteriormente no texto. Trata-se da passagem ‘dêixis → anáfora’, também verificada no percurso de gramaticalização do *aí*. Por sua vez, o anafórico locativo deve servir de fonte para o surgimento do anafórico temporal, uso em que *daí* põe em foco um tempo mencionado anteriormente no texto. É a passagem ‘espaço → tempo’.

<sup>91</sup> Talvez o tipo de *corpus* que analisamos não favoreça a ocorrência de usos dêitico-anafórico das formas sob pesquisa. Por exemplo, encontramos 781 *aí* seqüenciadores retroativo-propulsores, 584 *aí* em empregos diversos, como anafóricos discursivos, fáticos, adversativos, preenchedores de pausa, e somente 23 dados do *aí* como advérbio dêitico-anafórico, somando-se os locativos e os temporais. Encontramos poucos dados do *daí* em geral: 201 como seqüenciador retroativo-propulsor, 30 em empregos diversos e nenhum como advérbio. De qualquer forma, é esperado que as formas mais gramaticalizadas, caso dos conectores em oposição aos advérbios, sejam mais freqüentes na língua, o que se deve a sua generalidade semântica, que lhes permite ocorrer num grande número de contextos, mesmo naqueles em que são redundantes (cf. Bybee et alii, 1994:08).

O *daí* possivelmente adquire suas funções conectivas seguindo o mesmo caminho percorrido pelo *aí*. Oriundo do uso anafórico temporal através do percurso 'tempo → conexão textual', o *daí* seqüenciador temporal (em (52)) destaca a sucessão temporal existente entre eventos narrados. Do seqüenciador temporal, surgem o introdutor de efeito (em (53)), que introduz informações representando consequência ou conclusão relativamente a informações anteriores, com traço anafórico temporal mais ou menos marcado; o seqüenciador textual (em (54)), que indica seqüenciação discursiva; o retomador (em (55)), que retoma informações (eventos, argumentos) anteriormente interrompidas, também apresentando traço anafórico temporal mais ou menos marcado. O introdutor de efeito gera o finalizador (em (56)), que indica a conclusão de tópicos ou subtópicos.

(52) Daí a gente não ficou nem cinco minutos no shopping. Aí na porta a gente viu um monte de gente assim, polícia parada, o corpo de bombeiros, ambulância. DAÍ a gente parou o carro e atravessou pra ver o que era, né? pegando a Via Expressa, perto do Angeloni. (FLP 08J, L 1067)

(53) Daí cada semana, porque é toda segunda-feira, aí cada segunda um aluno que dá aula. DAÍ vai ficando uma coisa diferente, vai ficando legal, não vai ficando uma coisa chata, monótona. (FLP 08J, L 659)

(54) Quando eu estava [na]- acho que era no primeiro ano, teve uma campanha por causa da carteira de estudante, pra pagar meia entrada no cinema, teatro, essas coisas. Esse movimento [até]- até que a gente participou bastante. Talvez porque eu estudava aqui no Colégio de Aplicação e sempre foi universidade. O Colégio de Aplicação sempre foi meio revolucionário nessas coisas. DAÍ a gente foi até a Câmara [lá]- lá no centro tudo, fomos- A gente fez um monte de coisas, né? (FLP 07J, L 1198)

(55) F: Entramos debaixo [da]- da pilha de madeira e virou. Era desse tamanho assim, (inint). Eu quebrei o fêmur. A mãe quase se matando, gritando. A mãe do outro também, berrando a mãe do outro, porque eram [dois]- dois irmãos, né?

E: Eram os vizinhos?

F: Daí estávamos todos juntos. Sei que me levaram. } Naquele tempo tinha o SANDU, no Estreito. Hoje não existe mais o SANDU. SANDU é órgão do INPS. Ele ficava (hes) bem ali, próximo, ali no- Como é que eles chamam ali, assim? A SANDU ficava [um]- mais um pouco [à]- à frente. Nós passávamos muito pelo Estreito, né? } DAÍ parece que me levaram, só me deram calmante lá, um- Não sei, fiquei [<chap->]- dopado, no caso, chapado, né? Isso marcou. (FLP 19, L 1177)

(56) Tem que ir bem correndo, assim, né? Daí os carros atrapalham a gente, dão muita volta, tem que esperar. DAÍ isso é ruim, né? (FLP 03J, L 1313)

O *daí* preenchedor de pausa pode ter sua origem em todas as funções seqüenciadoras, por discursivização. Representa um emprego bastante abstrato dessas funções, isto é, com carga semântica fortemente reduzida, servindo somente para evidenciar que o falante pretende dar prosseguimento ao turno. Segue-se um exemplo:

(57) (...) aí nós fomos lá, lá no reitor, **DAÍ**- Aí ele passou já o cheque (inint), aí fui no banco. (FLP 05, L 420)

Do segundo percurso realizado pelo *daí* resultam anafóricos discursivos (em (58)), que apontam para uma informação mencionada anteriormente, colocando-a em destaque (valor de *nessa situação, nesse caso*). Os *daí* anafóricos discursivos provêm dos anafóricos locativos, por meio de um percurso 'anáfora espacial → anáfora discursiva'.

(58) É, o certo seria dar uma educação pra essas pessoa, né? e mostrar [que]- que se eles quiserem não adianta só [pegar]- [é]- [um monte]- pegar e tirar a água do poço, deixar o poço secar, tem que tirar aos poucos, [tem que]- tem que, no caso- Tinha que ter um preço mais baixo, porque **DAÍ** ganhava agora, todo mundo ganhava e no ano que vem ganhava também. (01J, L 1216)

O *daí* anafórico discursivo tem usos peculiares, com valor de *dessa questão/argumento/fato segue-se que/vem*:

(59) I: Agora, A., o fechamento sempre existiu. Porque eu digo pelo casamento (inint) tanto a N.

F: A irmã do meu avô.

I: A irmã do teu avô. Tanto a N. como a mamãe, que era a irmã, elas foram mais marcadas.

F: Ah, isso foi, é. Discriminação.

I: [Aceitação]- aceitação da família. Mamãe sempre dizia: "Vocês casem (inint)."

F: [É daí]- **DAÍ** também esse ("entroncamento") que houve, né? na família. **DAÍ** veio isso. Eles não procuravam pessoas assim estranhas, porque as que tinham procurado tinham levado na cabeça. (FLP 22, L 769)

(60) [A]- a mulher não tem, nem pai nem mãe, não tem autoridade sobre os filhos. **DAÍ** que vai se formando essa geraçãozinha cada vez [mais]- mais (hes) perversa, né? perversa, perversidade. (FLP 22, L 1188)

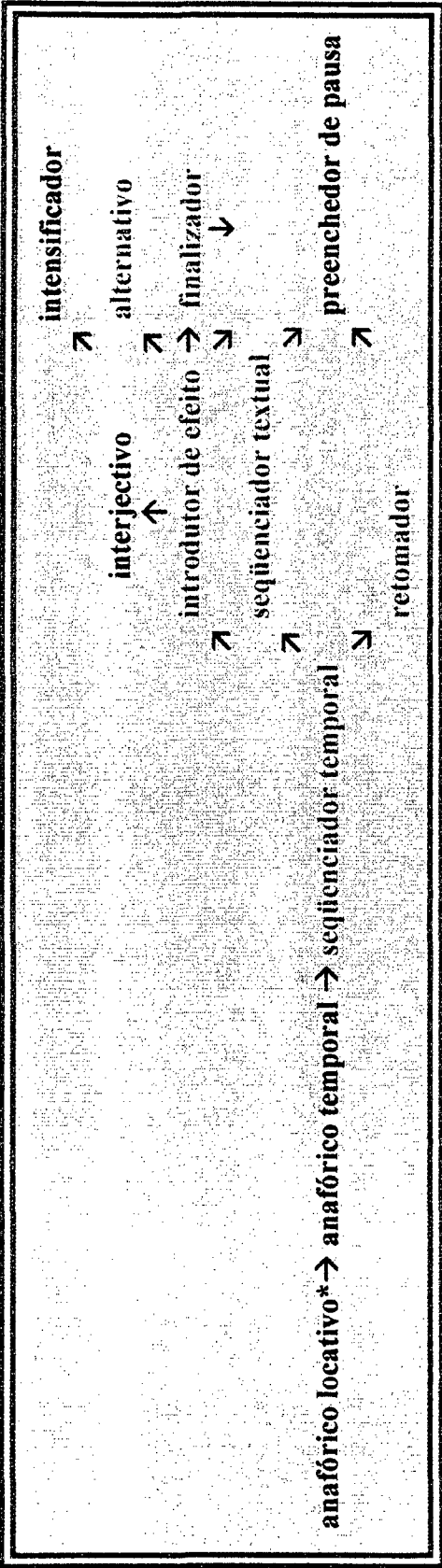
#### 1.4 O percurso de gramaticalização do *então*

Apresentamos no quadro 16 a seguir possíveis percursos da trajetória de gramaticalização do *então*.<sup>92</sup>

<sup>92</sup> As funções em destaque no quadro 16 representam o uso do *então* no plano da conexão textual.



Quadro 16: Percurso de gramaticalização do *então*



Um processo de transferência metafórica semelhante ao de *aí* e *daí* pode ser proposto para o *então*: o anafórico temporal (exemplo 61 e 62), a primeira das funções do *então* que temos em nosso *corpus*, origina o seqüenciador temporal (63), resultando na transferência 'tempo → conexão textual'. O seqüenciador temporal, por sua vez, deixa derivar o introdutor de efeito (64), o seqüenciador textual (65) e o retomador (66). O finalizador (67) tem sua origem no introdutor de efeito.

(61) Fui até o DETRAN, ele me levou, chegou lá, me mostrou, não me apresentou, me mostrou como é que tinha que fazer a papelada. "Ó, é assim, é assado", e coisa. Que eu também era marinheiro de primeira viagem [até]- até **ENTÃO**. (FLP 02, L 1269)

(62) Na infância, entre os catorze, quinze anos, **ENTÃO** a gente não tinha, assim, como [essas<crian->]- essas pessoas que têm malícia na cabeça, né? (FLP 10, L 775)

(63) Botava o espetinho, assim, dentro do fogão à lenha, que na época não existia fogão a gás. Botava, assim, deixava assar aquela manta de carne seca. **ENTÃO** ela passava a mão, dividia aquele alguidar em- Lógico, ela não botava até em cima, botava até certa altura. (FLP 02, L 1081)

(64) Ah, tu estás com fome, tu estás olhando, **ENTÃO** agora tu vais comer. Agora tu vais comer tudo. (FLP 01, L 488)

(65) Então eles acham que a gente tem que dar freqüência pra criança, porque a criança estava trabalhando. Mas não, a escola é uma coisa e o trabalho da casa é outro, né? **ENTÃO** foi assim, muito difícil de hospedagem. Primeiro ano me hospedei com meus tios, o segundo ano já me hospedei com a ex-diretora. (FLP 12, L 1254)

(66) E dei um livro que eu ganhei dum amigo meu em São Paulo e ele levou pra lê-lo. { Então ali explica muita coisa: adolescente, (hes) tudo. Tudo assim pra uma criança [estava]- dos [<tre->]- doze, treze anos em diante pra, né? } **ENTÃO** isso aí eu dei pra ele. Ele leu, foi lá, conversou. (FLP 16, L 803)

(67) Eu, por exemplo, tinha uma senhora de uns setenta anos que comprava comigo, era minha cliente. Não comprava com outra pessoa a não ser comigo. Ela acostumou. (...) Pessoa de idade é assim: ela gosta duma pessoa, e se pega a firmeza naquela pessoa, ela- **ENTÃO** o comércio era assim. (FLP 04, L 985)

Outro uso conectivo do *então*, o alternativo, introduz, juntamente com a conjunção *ou*, uma informação que representa uma opção em relação a uma informação dada anteriormente. Como já mencionamos, Risso (1996:430) considera que o *então* alternativo traz implícita a mesma relação estabelecida pelo *então* conclusivo: "ou x, ou se não x, então y". Considerando-se essa hipótese, podemos apontar a origem do *então* alternativo como sendo o *então* introdutor de efeito.

(68) São sete gatos, a minha mãe adora gato, dorme tudo com ela, OU ENTÃO dorme tudo comigo, sempre assim. (FLP 05J, L 953)

*Então* interjectivo é usado como expressão denotativa de espanto ou admiração, podendo manifestar atenção ou assentimento do ouvinte ao falante.

(69) E: Que sorte, menina!

F: ENTÃO! Na época, no dia que eu fui ver, que eu meti a cara, estava [seis <bi->]- seis e quinhentos. Ele deixava por cinco e quinhentos pra mim. (FLP 20, L 658)

Talvez o *então* interjectivo venha do *então* seqüenciador textual, pois não manifesta traços temporais ou de conclusão/conseqüência, mas somente um apontamento para trás, para o que disse o interlocutor, a fim de denotar espanto ou concordância, como no exemplo acima, em que *então* parece significar algo como “é verdade o que você disse: eu tive sorte”. Assim, o único traço da fonte seqüenciadora retroativo-propulsora mantido seria a “retroação”. O processo em jogo aqui parece ser a discursivização, uma vez que o significado do *então* interjectivo é altamente abstraído em relação aos usos anafóricos e seqüenciadores da forma. Além disso, a função interjectiva possui caráter interacional, atuando na troca de informações entre os participantes da conversação, o que é típico de itens discursivizados.

*Então* intensificador (exemplos 70 e 71) ressalta uma informação acerca do elemento que possui por escopo, relativamente a outros elementos, com valor de *mais ainda/ainda mais* ou *principalmente*. É possível que derive do seqüenciador textual, devido ao traço que ambas as funções possuem em comum, qual seja, dar continuidade ao texto: além de o item que é intensificado ser aquele que, dentre outros possíveis, apresenta mais marcada alguma característica, representa mais um item introduzido em uma lista de itens, dando continuidade ao tópico tratado. O intensificador tem também traços do *então* finalizador: o item que modifica é o último de uma série de itens semelhantes.

(70) Minha mãe às vezes não gostava muito não, mas o meu pai achava lindo, maravilhoso. O meu avô ENTÃO achava maravilhoso, coisa mais linda do mundo. (FLP 01, L 245)

(71) Aqueles profissionais lá ganhavam três por um. E ainda têm condução. Iam, voltavam, iam e voltavam, condução: ônibus, microônibus, né? carros ENTÃO, credô! (FLP 06, L 486)

Finalmente, dos conectores seqüenciadores surge, por discursivização, o *então* preenchedor de pausa:

(72) F: Era praia, mas era mar, era um mar fundo, sabe? Era profundo aquilo ali. [ENTÃO]-

E: [Que a gente vê] agora, a beira-mar assim, parece assim-

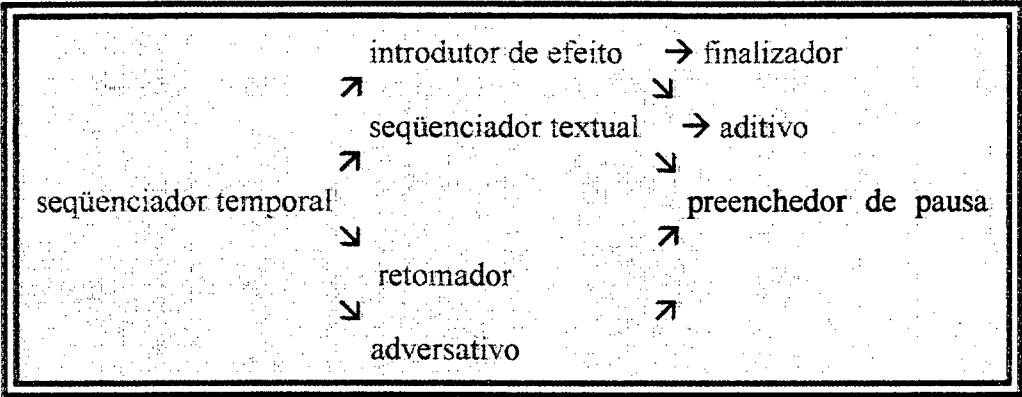
F: É. Mas a gente só pescava, só no trapiche mesmo. (FLP 18, L 186)

Salientamos ainda que, embora não tenhamos encontrado dados referentes a *então* anafórico locativo, é possível que esse emprego, que já existiu na língua (cf. Tavares, 1996), seja a fonte do uso anafórico temporal, valendo o percurso 'espaço → tempo' realizado pelo *ai* também para o *então*.<sup>93</sup>

1.5 O percurso de gramaticalização do *e*

O quadro 17 a seguir ilustra possíveis passos do processo de gramaticalização da forma *e*.<sup>94</sup>

Quadro 17: Percurso de gramaticalização do *e*



Encontramos o *e* apenas nos papéis de conector e preenchedor de pausa, que devem ser oriundos de uma fonte adverbial, à semelhança de *aí*, *daí* e *então* conectores e preenchedores de pausa. Contudo, o percurso de advérbio a conector foi realizado pelo *e* há muito tempo, não restando usos adverbiais do elemento sob enfoque na língua atual.<sup>95</sup>

Consideramos como primeira função conectiva de *aí*, *daí* e *então* a seqüenciação temporal, que preserva traços do uso desses itens lingüísticos como advérbios anafóricos temporais. Embora tenhamos poucos indícios de que a atuação do *e* na conexão textual derive de um emprego anafórico temporal, mantemos o paralelismo com as demais formas aqui analisadas, considerando como primeira função no plano da conexão textual desempenhada pelo *e* a seqüenciação temporal (em (73)), da qual surgem as funções de introdução de efeito (74), seqüenciação textual (75), retomada (76)

<sup>93</sup> Retomamos aqui o exemplo de *então* anafórico locativo que consta no segundo capítulo: “O rio Baures, que conflue no Guaporé pela margem austral e na distância de quatro léguas e três quartos para cima do forte do Príncipe da Beira, é navegável em botes de mediana grandeza pela distância de cem léguas, pouco mais ou menos: cheguei somente até este termo porque os matos, por entre os quais desde *então* corre o rio formando várias bocas ou canais estreitos, me obstaram a continuação da viagem (...)” (*Coletânea de textos de Francisco José Lacerda e Almeida*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944:111).

<sup>94</sup> As funções em destaque no quadro 17 representam o uso do *e* no plano da conexão textual.

<sup>95</sup> Barreto (1992:38) aponta que o *e* é derivado da conjunção latina *et*, por sua vez oriunda de um advérbio indo-europeu.

e adversão (77). A introdução de efeito é a fonte da finalização (78). É possível que, por terem adquirido diversas funções conectivas em comum, *aí*, *daí*, *então* e e conectores provenham de fontes comuns ou semelhantes.

(73) *Aí* a gente vai costurando assim: “Mas eu quebrei aqui a perna, machucada assim.” Que a gente botava nem (inint). “Carne quebrada, que foi?” E a pessoa responde, a pessoa que está machucada: “Carne quebrada”, né? “Carne quebrada eu coso, eu descoso, em nome de Deus e de São Bertuoso.” (FLP 08, L 619)

(74) A população nativa, do interior da Ilha, não foi alertada pra isso, não foi educada pra isso. E hoje assistimos várias famílias nativas de Florianópolis na miséria porque venderam [o seu]- as suas terras por preços insignificantes, né? (FLP 21, L 702)

(75) Jogo do Palmeiras, esse que teve agora, o Palmeiras Júnior, não dos grandão não, dos adolescentes que tem Júnior, teve aquela briga, que tem um garoto do Palmeiras em coma, levou [uma <pau->]- uma paulada. E tem outro também que está sendo procurado porque deu uma paulada na cabeça de outro rapaz. Outro rapaz está com os lábios enormes, enorme, está com um negócio enfaixado na cabeça. (FLP 05J, L 1179)

(76) Contar o filme? Contar uma coisa só, né? Uma moça que ela era freira, era noviça, né? { Eu adoro filmes assim. Realmente é dois- Eu gosto de filmes assim. Lá uma vez ou outra eu gosto [de <assis->]- de filmes de guerra, assim como Rambo, essas coisas assim. Mas não é filme que me atrai, né? } E ela é noviça. [E ela]- [ela]- onde ela estava, que ela foi estudar, ela queria sair, ela queria conhecer a vida fora. (FLP 11, L 1325)

(77) Eu gosto de fazer tricô, crochê. Só é pouco tempo porque [eu gosto]- (hes) [eu sou]- eu gosto, assim, de começar e terminar, e ver terminar. E falta tempo pra isso. (FLP 17, L 1173)

(78) F: Ela até tinha um irmão que tocava, tocava bandolim. E ele gostava muito de serenata, então diz que amanheciam na rua fazendo aquelas serenatas.

E: Mas era qualquer pessoa?

F: É, mas decerto não iam, assim, na casa de um amigo, né? Os moços faziam pras namoradas. E era assim. (FLP 15, L 978)

Além de nos basearmos nos percursos de *aí*, *daí* e *então*, formas que desempenham muitas funções idênticas às do e no plano da interligação textual, também levamos em conta para a elaboração do percurso do e a escala de gramaticalização de conectores proposta por Heine et alii (1991a:182), segundo a qual há uma passagem do tempo ao texto. Consideramos, portanto, como primeira função conectiva do e a seqüenciação temporal, que possui os traços de temporalidade mais fortes, comparando-se às demais funções. Há ainda a questão da relação de abstratização crescente manifestada entre as funções do e, sendo a mais concreta a seqüenciação temporal e a mais abstrata o preenchimento de pausa. O fenômeno de abstratização crescente, com a conseqüente perda de propriedades das fontes lexicais (redução

semântica), é característico dos processos de gramaticalização e discursivização.

É por discursivização que advém o *e* preenchedor de pausa, a partir de empregos seqüenciadores:

(79) Só o que ia dar luz [é]- é a vela benta, a vela benta que podia dar luz, senão ia ser escuridão plena mesmo, total. E- E foi isso que eu escutei, né? (FLP 11J, L 871)

Uma outra função conectiva também bastante abstrata, que guarda poucos traços dos conectores seqüenciadores, é a adição entre orações.<sup>96</sup> Sem acrescentar ou destacar traços de significado como seqüência temporal, conseqüência, conclusão, finalização, etc, o *e* aditivo apenas liga duas orações. O uso aditivo pode vir do seqüenciador textual, que também possui poucos traços de significado, apenas o traço retroativo e o traço propulsor, indicando a propulsão do texto para frente a partir do que foi dito anteriormente. O *e* aditivo perderia ou teria ainda mais suavizada, então, a propriedade de seqüenciação propulsora de informações, pois o intercâmbio das orações interligadas pelo aditivo não altera o significado que expressam. Exemplo abaixo:

(80) Mesmo assim ele ainda ficou em casa um mês e pouco, mas o H. dormia aí E ele dormia aqui. (FLP 03, L 982)

O significado do *e* aditivo torna-se tão esvaziado que esse item lingüístico pode funcionar como elemento de ligação não só entre orações, mas também entre sintagmas (em (81) e (82)), indicando a soma, a inclusão de um elemento junto a outro, ambos partilhando determinada propriedade; e entre termos cuja adição constitui expressões diversas, como *isso e aquilo*, *aqui e ali*, *pra lá e pra cá*, *pra um lado e pra outro*, *umas coisas e outras*, *virou e mexeu*.

(81) Eu gosto [da praia]- da Praia Mole, dos Ingleses E da Joaquina, da Armação também. (FLP 08J, L 747)

(82) Outro dia estava eu, a minha irmã E o meu tiozinho sentado no chão. (FLP 17J, L 1176)

Mapeamos em nosso *corpus* algumas expressões constituídas pelo *e* junto a outros vocábulos, como *e coisa*, *e não sei o quê*, *e pa-ra-ra*, *e pronto*, *e tal*, *e tudo*, que são classificadas por Silva e Macedo (1996:12) como marcadores discursivos resumidores, por encerrar uma lista de itens e resumir o que se considera ser de conhecimento do interlocutor. Tais expressões podem

<sup>96</sup> Se a função de adição representa uma etapa de maior abstratização, maior gramaticalização de um item lingüístico, é possível que outros conectores além do *e* adquiram essa função como uma nova etapa em seu desenvolvimento rumo a funções cada vez mais gramaticais, com traços do significado lexical fonte mais erodidos, o que pode estar ocorrendo com o *então*. Vejamos um exemplo do *então* aditivo: "Aí oito horas eu tinha que estar na aula, né? Então era uma dificuldade muito grande. Então- Que eu tinha um irmão mais velho- Eu era muito preguiçoso na aula, ENTÃO meu irmão mais velho era o mais estudioso, sabe? estudava mais". (FLP 18, L 091)

ser oriundas dos conectivos seqüenciadores, pois assemelham-se ao conector finalizador pelo movimento que realizam, qual seja, a finalização da informação que vinha em curso, através de uma conclusão resumidora representada pela própria expressão. Como são marcadores discursivos, bastante voltados para a organização da troca de informações entre interlocutores, o processo que os origina deve ser a discursivização. Tomemos um exemplo:

(83) Depois também [por]- por não gostar também, desisti, não quis mais. Daí, peguei o dinheiro, comprei roupa pra revender **E COISA**, fiquei só de vaivém. Vende, compra, leva, faz, **E COISA**. (FLP 23, L 920)

## 1.6 Os empregos conjugados de *aí*, *daí*, *então* e *e*

*Aí*, *daí*, *então* e *e* seqüenciadores retroativo-propulsores podem ser usados combinados, dois a dois, nas funções de seqüenciação temporal, seqüenciação textual, retomada de informações, introdução de efeito e finalização. Como surgem esses usos conjugados? De acordo com Bybee et alii (1994:07), ao passar pela gramaticalização, o item lingüístico torna-se mais reduzido e dependente semanticamente, o que ocasiona um aumento na rigidez de sua posição sintática e em suas relações de escopo com outros elementos. Relacionado à fixação do escopo, está o desenvolvimento de exclusividade mútua entre membros de uma classe, o que permite seu emprego simultâneo, como ocorre com os auxiliares modais no inglês (por exemplo, em "You might should go now"). A redução semântica pode, então, explicar o uso conjunto de *aí*, *daí*, *então* e *e*, que não ocorre no plano adverbial, em que o significado é menos eroso, mas apenas no da conexão textual, etapa posterior da gramaticalização, em que os traços de significado estão mais abstratos, o que possibilita a coocorrência de itens do mesmo tipo. Essa coocorrência é mais um sintoma de que *aí*, *daí*, *então* e *e* sofrem gramaticalização.

Encontramos as seguintes combinações entre seqüenciadores conjugados: *e aí*, *e daí*, *e então*, *então aí*, *então daí*, *aí então*, *daí então*. Como podemos observar, o *e* é o único que ocupa apenas a posição inicial da expressão resultante da junção dos conectores. *Aí*, *daí* e *então* podem ocupar a primeira ou a segunda posição. Talvez isso signifique que o *e* está mais gramaticalizado que as outras três formas, ocupando obrigatoriamente a posição inicial do enunciado. Seguem-se alguns exemplos dos empregos conjugados:

(84) Então a gente se reunia, três, quatro, ia de tarde buscar lenha. Então eu era menina, assim [com]- com os seus treze, catorze anos, eu ia também. **ENTÃO AÍ** [os]- eles faziam molhinho mais leve, diziam assim: "Esse aqui é pra ti." (FLP 08, L 1163)

(85) Aí ele mandou dar banho de alho, banho de arruda, e fazer um monte de coisas lá, **E AÍ** a menina ficou boa. (FLP 08, L 553)

(86) F: Tinha esta casa aqui, ali pelo Seu Vadico se encontrava mais uma base de umas três casas, depois da minha casa se encontrava mais umas duas e pronto. Depois eram só pastos, sapos, muito espinheiro. Não sei se tu conheces o que é espinheiro?

E: Não.

F: É uma árvore que contém muito espinho. **E ENTÃO** se encontrava isso aí. (FLP 12, L 859)

## 1.7 Conectores interacionais

No primeiro capítulo, propusemos a divisão dos conectores em três subtipos, baseados na natureza da unidade tida por escopo: oracionais, textuais e interacionais. Os conectores interacionais, além de interligarem informações à semelhança dos conectores oracionais e textuais, atuam na interação dialógica, colaborando na organização das trocas entre os participantes da conversação e na manutenção ou tomada de turnos. Destacamos como funções interacionais de *aí*, *daí*, *então* e *e* mapeadas em nosso *corpus* a seqüenciação temporal ou textual a partir das palavras do interlocutor (em (87)), a retomada entre turnos (em (88)) e a adversão (em (89)).

(87) F: A gente perdoa em termos, né? Não tem [aquela]- aquele amor [que Deus tem]- que Deus tem. Embora nós não mereçamos, né? [Nós]- nós não merecemos, mas ele nos dá.

E: **E** nos dá também a opção de escolher o caminho.

F: De escolher o caminho, de escolha. **Aí** é que está. (FLP 22, L 25)

(88) F: **Aí** eu cheguei lá: o quilo da galinha, setenta paus. Coxa de peru, quarenta e cinco. { O que que a senhora vai comprar?

E: Coxa de peru.

F: Pois então. (Inint) É. } **Aí** eu disse assim pra mulher: "Eu comprei coxa de peru". Ela: "Não, mas quanto está hoje?" (FLP 06, L 842)

(89) E: O problema é que não se pode obrigar as pessoas a trabalhar, né?

F: **E** eles têm que trabalhar. Não vão obrigar, não. Eles são obrigados a trabalhar. Se não trabalhar, não come. Só isso. (FLP 06, L 578)

Há uma função desempenhada apenas pelo *então*: a introdução de inferência (em (90)), que ocorre somente no nível interacional. O *então* inferidor diferencia-se do conclusivo oracional e textual, o introdutor de efeito, por introduzir conclusão inferencial, isto é, baseada não apenas no que foi dito, mas na gama de conhecimentos em comum entre os interlocutores.

(90) E: A senhora tem filhos?

F: Tenho. Tenho cinco filhos.

E: É? Qual a idade deles?

F: Olha, eu tenho uma filha [com]- [ela vai fazer]- é, não, eu acho que ela fez trinta e oito anos. E tenho um filho com trinta e seis, tenho outra filha com trinta e quatro, outro filho com trinta. Eu já disse quatro, né? e tem o mais moço [com]- vai fazer vinte e nove anos.



E: **ENTÃO** a senhora já tem netos?

F: Ah, já. Tenho nove netos. Eu tenho um neto com doze anos. (FLP 15, L 076)

É possível levantarmos a hipótese da ocorrência de um percurso de gramaticalização 'conector oracional → conector textual → conector interacional'. Assim, os conectores oracionais derivariam dos anafóricos temporais (ambos possuem escopo menor, se comparados aos conectores textuais e interacionais), dos conectores oracionais surgiriam os textuais e destes os interacionais. Por exemplo, o uso oracional do seqüenciador temporal seria a fonte de seu uso textual, por sua vez fonte do uso interacional. Do uso oracional do introdutor de efeito derivaria seu uso textual, do qual originar-se-ia o uso como inferidor.

Ou seja, defendemos a existência de um desenvolvimento crescente dos usos em direção à interação, com o acréscimo de papéis voltados ao ajuste entre os interlocutores. Baseamo-nos em Traugott (1982, apud Heine et alii, 1991a:14), que, a partir da distinção hallidiana tripartida das funções da linguagem (ideacional, textual e interacional), sugere que a maior mudança envolvida no processo de gramaticalização é do componente semântico-funcional proposicional via o textual para o interpessoal-expressivo: "Se ocorre, no processo de gramaticalização, uma troca de significado que implica troca de um componente semântico a outro, então tal troca é mais provável de ser do proposicional através do textual para o expressivo do que na direção inversa".

Assim, além do percurso de gramaticalização pelo qual ocorre a migração de *aí*, *daí*, *então* e *e* de uma função para outra, por exemplo, do anafórico temporal para o seqüenciador temporal e daí para o introdutor de efeito e demais funções conectivas, temos um percurso<sup>97</sup> que transporta os empregos conectivos das formas sob enfoque do nível de atuação oracional para o interacional passando pelo textual. É possível que, à medida em que o item avança rumo à conexão interacional, haja um aumento da abstração, da generalização ou mesmo da perda de significado, pois cada novo uso distancia-se mais da fonte adverbial, hipótese que pode ser melhor averiguada a partir de um *corpus* que conte com mais conectores interacionais do que o utilizado para esta pesquisa.

## 2. O destino de "apontar para"

Conforme Lichtenberk (1991:76), as categorias conjuntivas, ao mesmo tempo em que exibem novas propriedades formais, retêm algumas das propriedades - funcionais e/ou formais - de suas fontes. Quais as propriedades dos usos fontes que são mantidas por *aí*, *daí*, *então* e *e* conectivos? Independentemente da subdivisão entre conectores oracionais, textuais e

<sup>97</sup> O surgimento dos conectores interacionais não parece ser um caso de discursivização, pois, apesar do papel interacional desempenhado por eles, sua função dominante é a interligação entre informações ao longo do discurso, o que consideramos estar à cargo da codificação gramatical, assim como a interligação oracional (cf. quadro 2 no segundo capítulo).

interacionais, temos, ao lado das mudanças de traços de significados sofrida por tais formas, a manutenção, em suas funções conectivas, de uma propriedade presente já nos usos adverbiais originais. Essa propriedade é o traço de “apontar para”: apontar para o espaço externo ao texto, como dêiticos locativos; apontar para o espaço interno, como anafóricos locativos e temporais, recuperando um local ou tempo antes referidos; e, finalmente, como conectores, apontar para uma informação fornecida anteriormente no discurso, que se relaciona de algum modo com a nova informação introduzida pelo próprio conector. Ou seja, *aí*, *daí*, *então* e *e* conectores apontam para trás para impulsionar o discurso rumo a sua continuidade.

No percurso do *aí* rumo à modificação de sintagmas nominais também é preservado o traço de apontamento. O significado do dêitico locativo, ponto inicial desse percurso, generaliza-se até chegar ao uso como modificador de sintagmas nominais, mas a idéia de apontamento dêitico permanece: o dêitico locativo indica espaço próximo ao ouvinte ou em que o falante e o ouvinte estão, o dêitico anafórico genérico aponta para o mundo em geral e, finalmente, o modificador de sintagmas aponta para um objeto ou evento que existe em algum lugar, atribuindo-lhe a idéia de generalidade, um valor como *qualquer*, *comum*.

Esse apontamento dêitico também manifesta-se quando *aí* é especificado ou é o especificador de outro locativo, usos em que o item lingüístico em questão e o locativo por ele especificado ou do qual ele é o especificador apontam para um lugar exterior ao texto, bem como nos usos fáticos, em que *aí* aponta genericamente para o mundo, indicando um pedido, uma ordem: *conta aí*, *espera aí*. No percurso do *aí* e do *daí* em direção à anáfora discursiva, é mantido o traço de apontamento anafórico, presente no emprego anafórico locativo, que indica um lugar mencionado anteriormente no texto. Dele deriva o anafórico discursivo, que aponta para algum ponto do discurso anteriormente referido. Portanto, o traço de “apontar para” é caracterizador de diversos usos de *aí*, *daí*, *então* e *e*.

Como podemos observar, a presença de propriedades em comum entre as funções de *aí*, *daí*, *então* e *e*, como o apontamento dêitico ou anafórico (espacial ou temporal), e outras propriedades mais específicas como a indicação de seqüenciação cronológica, de seqüenciação discursiva ou de introdução de efeito, são indícios dos possíveis percursos de gramaticalização e discursivização das formas em investigação, para os quais também constituem-se em indícios as relações de abstratização crescente entre as funções desempenhadas por essas formas. Todavia, fazem-se necessários estudos mais aprofundados, envolvendo *corpora* de diferentes naturezas, inclusive diacrônicos, com a intenção de averiguarmos se existem outros usos de *aí*, *daí*, *então* e *e* além dos mapeados em nosso *corpus*, e de buscarmos maiores indícios confirmadores ou não das trajetórias de derivação obtidas pela análise dos usos sincrônicos.

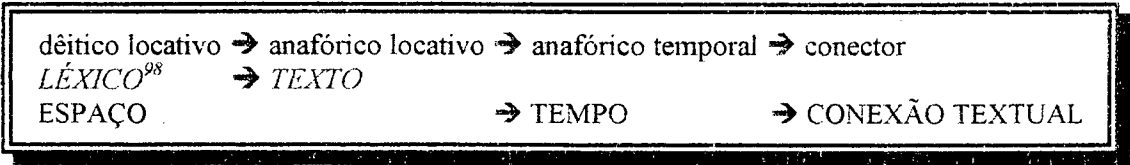
3. Do espaço externo para o espaço textual

A já bastante mencionada escala 'espaço → (tempo) → texto' representa passos comuns do desenvolvimento de conectores a partir de elementos espaciais, caso de *aí*, *daí*, *então* e talvez *e*. Segundo essa escala, um item lingüístico indicador de espaço pode migrar para funções textuais, como a anáfora discursiva e a conexão entre orações ou partes maiores do discurso, podendo passar intermediariamente por funções de indicação temporal. Ou seja, ocorre a passagem de um elemento que aponta para algo do mundo exterior, como espaço e tempo, para um elemento que desempenha funções textuais.

Contudo, cabe uma ressalva: a passagem dos itens em exame da função dêitica locativa para a anafórica locativa, isto é, do espaço dêítico para o espaço anafórico, representa a passagem para o nível textual, pois as anáforas têm forte papel na articulação textual, por recuperarem elementos mencionados anteriormente. Sendo assim, o desenvolvimento dos usos anafóricos temporais e conectivos de *aí*, *daí* e *então* desenrola-se já no âmbito textual, diferentemente do que aponta a escala, segundo a qual poderíamos interpretar que apenas os usos como conectores ocorreriam em âmbito textual.

Em substituição à escala 'espaço → (tempo) → texto', propomos as escalas a seguir, que representam de modo mais detalhado as etapas da mudança das formas sob pesquisa rumo às funções conectivas. Essas escalas foram elaboradas a partir dos percursos de gramaticalização ilustrados nas seções anteriores:

Quadro 18: Etapas da gramaticalização de *aí*, *daí* e *então* rumo à conexão textual



<sup>98</sup> É possível que o advérbio dêitico locativo não seja um item lexical, mas já gramatical ou ao menos intermediário, como propõem Hopper e Traugott (1993:104), ao dividir as palavras em três categorias: "Categoria maior [Nome, Verbo, Pronome] > Categoria mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria menor [Preposição, Conjunção]". Neste caso, teríamos, ao invés do percurso 'léxico → texto' apontado no quadro 19, talvez um percurso como 'proposição → texto', considerando-se o item dêitico locativo como desempenhando função em nível proposicional, isto é, ligando a proposição ao mundo exterior, ao momento da fala, e o item anafórico locativo como desempenhando função em nível textual, interligando partes do texto pelo apontamento a um tempo antes referido.

#### 4. O percurso no plano da conexão textual: rumo à abstratização

No capítulo anterior, analisamos, a partir de tratamento estatístico, o fenômeno de variação lingüística entré as formas codificadoras da função de seqüenciação retroativo-propulsora, buscando seus fatores condicionadores de natureza lingüística e social. Embora não tenha sido constatado o uso categórico de nenhum dos conectores seqüenciadores retroativo-propulsores nos contextos averiguados, há indícios de sua especialização para diferentes subfunções seqüenciadoras: e para a seqüenciação textual, *então* para a retomada e *aí* para a seqüenciação temporal. *Daí e então* disputam a introdução de efeito e a finalização. Essas especializações podem ser vistas como indícios do percurso de abstratização crescente seguido pelos itens sob pesquisa, revelando que cada um deles, apesar de desempenhar e competir por todas as subfunções retroativo-propulsoras, predomina em diferentes etapas do percurso rumo a funções mais abstratas em seu emprego como conector.

Distribuímos, no quadro abaixo, as subfunções seqüenciadoras retroativo-propulsoras de acordo com seu grau de complexidade (cf. quadro 6, no capítulo anterior) e, em especial, de acordo com seu grau de abstração (o que resulta em modificações no quadro 6):

#### Quadro 19: Distribuição das funções semântico-discursivas quanto à abstração e à complexidade

seqüenciação temporal + concreto	→	introdução de efeito → + complexo/abstrato	→	finalização	→	retomada	→	seqüenciação textual → + abstrato
-------------------------------------	---	---	---	-------------	---	----------	---	--------------------------------------

A seqüenciação temporal indica a ordenação temporal cronológica entre eventos narrados. É a subfunção seqüenciadora que apresenta o traço de significado mais concreto, o temporal, o qual representa um domínio de conceituação mais ligado às experiências humana básicas, de acordo com a escala de Heine et alii: 'pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade'. A última etapa dessa escala, a qualidade, é, conforme os autores, uma categoria difusa, entendida como englobando aquilo que é mais complexo e abstrato que o tempo. Os demais subtipos de seqüenciação podem, então, ser relacionados à categoria qualidade. No entanto, apesar de situarem-se todos, a princípio, na última etapa da escala, é possível distingui-los entre si e em relação ao seqüenciador temporal quanto aos traços de significado.

Assim, a introdução de efeito, embora apresente traços de temporalidade quando envolve a indicação de sucessão temporal, evidencia um grau de complexidade e abstração maior do que a seqüenciação temporal, pois introduz informações que representam conclusão ou consequência em relação ao que foi dito anteriormente. A finalização aproxima-se da introdução de efeito pelo traço conclusivo, por vezes fortemente presente, manifestando o conector

finalizador o valor de *portanto*, mas por vezes enfraquecido, manifestando o conector o valor de *enfim*, que representa um grau mais alto de abstração em relação ao uso como *portanto*. Levando em conta esses dois valores, consideramos a finalização como uma função mais abstrata do que a introdução de efeito. Além disso, o destaque dado pelo conector finalizador à informação que introduz como representando o final do tópico ou subtópico em andamento até então parece ser um movimento mais complexo que o de simples introdução de efeito, exigindo maior atenção do interlocutor.

A subfunção de retomada de informações anteriores marca seqüência cronológica ou discursiva. Apesar de poder manifestar seqüenciação temporal, é mais complexa que a subfunção de seqüenciação temporal e mesmo que as subfunções de introdução de efeito, de finalização e de seqüenciação textual, pois implica o movimento de recuperação de informações anteriores, indicando para o interlocutor, após uma digressão, a volta da seqüência linear temporal da narrativa ou da seqüência discursiva que vinha sendo desenvolvida. Contudo, a seqüenciação textual é mais abstrata que a retomada, pois não envolve traços de significado temporais ou de consequência/conclusão, presentes nos demais usos seqüenciadores retroativo-propulsores. A seqüenciação textual indica apenas a cronologia do discurso, assinalando que novas informações serão apresentadas e desenvolvidas. É, portanto, o subtipo de seqüenciação mais abstrato, que preserva poucas das propriedades presentes em sua fonte, a seqüenciação temporal.

Ressaltamos que as subfunções seqüenciadoras foram distribuídas no quadro 19 combinando-se o seu grau de complexidade e o seu grau de abstração. As novas funções adquiridas por itens lingüísticos no decorrer do processo de gramaticalização geralmente são mais complexas do que as funções anteriores, evidenciando significados cada vez mais distantes das categorias codificadoras das experiências humanas mais básicas, como pessoa, espaço, tempo, etc. Essas funções mais complexas, como a introdução de efeito, a finalização e a retomada em relação à seqüenciação temporal, menos complexa, são também mais abstratas. Entretanto, é possível que, nos últimos estágios da gramaticalização, os itens gramaticais adquiram significados tão abstratos (a gramaticalização pode ser definida como um processo de abstratização crescente) que possam ser caracterizados como significados menos complexos do que aqueles que lhes deram origem. Nesse caso, a função fonte seria mais complexa cognitivamente que a função derivada, a qual, por seu alto grau de abstração, de perda semântica, passaria quase despercebida, não exigindo muito esforço de processamento. Esse pode ser o caso da seqüenciação textual em relação a sua fonte, a seqüenciação temporal.

A possibilidade de a função derivada ser menos complexa em nível de processamento mental do que a função fonte explica a diferença entre o quadro 6 (cf. capítulo anterior), baseado apenas no grau de complexidade de cada função, e o quadro 19 acima, baseado no grau de complexidade e no grau de abstração, este último o critério preponderante. No quadro 6, a seqüenciação textual, função menos complexa, ocupa a primeira posição. No quadro 19, que

inclui, além do percurso em direção à complexificação, o percurso rumo a uma maior abstratização, a seqüenciação textual, função mais abstrata, ocupa a última posição, ressaltando a tendência do processo de gramaticalização originar formas cada vez mais abstratas.<sup>99</sup>

Segundo Bybee et alii (1994:300-301), como o desenvolvimento de itens gramaticais individuais é independente, não é estranho encontrarmos alguma sobreposição na função de tais itens, caso de *aí*, *daí*, *então* e *e*, que partilham funções conectivas. Segundo os autores, as formas que apresentam funções sobrepostas podem estar em diferentes estágios do mesmo percurso. Ou seja, é possível que os conectores sob pesquisa estejam em estágios distintos do percurso rumo a funções mais abstratas, isto é, em diferentes estágios do processo de gramaticalização. Neste caso, *e* estaria em uma etapa bastante avançada do processo,<sup>100</sup> pois, conforme os resultados obtidos em nossa análise estatística, é favorecido pela função seqüenciadora mais abstrata, a seqüenciação textual. Em oposição, *aí* estaria menos gramaticalizado como conector, por ser mais recorrente como seqüenciador temporal, a função mais concreta, mais próxima do uso adverbial anafórico temporal. Contudo, *aí* poderia estar a caminho de uma maior gramaticalização, pois, além da seqüenciação temporal, é condicionado pela introdução de efeito, a próxima na escala de abstratização (cf. quadro 19). *Daí* e *então* estariam em níveis intermediários do processo, predominando nas funções intermediárias quanto ao grau de abstração: introdução de efeito e finalização, apontando-se a possibilidade de o *então* estar mais gramaticalizado que o *daí* por ser favorecido pela quarta função em ordem crescente de abstração, a retomada.

Além do predomínio na seqüenciação temporal, também constitui-se em indício de que o *e* é o conector mais gramaticalizado o fato de ser usado como conector aditivo entre orações e sintagmas, um uso ainda mais abstrato que a seqüenciação textual, pois não apresenta ou apresenta bastante suavizado o traço de propulsão caracterizador desta, sendo possível a inversão das informações interligadas pelo *e* aditivo sem alterações de significado. Acrescente-se também como indício a maior rigidez quanto à posição ocupada pelo *e* nos empregos conjugados: é o único a ocupar apenas a posição inicial da expressão resultante da junção dos conectores. O *então* deve ser o segundo seqüenciador retroativo-propositor mais avançado na trajetória de gramaticalização, pois é condicionado favoravelmente por funções complexas (introdução de efeito, finalização e retomada), além de apresentar alguns usos suspeitos de serem aditivos, de forte grau de abstração. Dados de séculos

<sup>99</sup> Relacionando-se ao percurso '+ concreto → + complexo/abstrato → + abstrato' percorrido pelas formas sob análise, está sua classificação como mais ou menos marcadas. *Aí*, ligado à função mais concreta, e *e*, ligado à função mais abstrata, são os menos marcados, enquanto *daí* e *então*, ligados às funções mais complexas, são os mais marcados. Portanto, ao relacionarmos o rótulo de mais abstrato a uma função com poucos traços de significado, caso da seqüenciação textual, temos uma função abstrata, porém menos marcada.

<sup>100</sup> Sobre a evolução do *e*, Pereira (1923:563), corroborando nossa hipótese, afirma que "Dá-se com as conjunções o mesmo fenômeno evolutivo que se observa nas preposições, o qual consiste no esvaziamento paulatino de seu conteúdo adverbial, no movimento histórico de seu valor primitivo concreto para um sentido abstrato ou de mera relação. Nesta evolução histórica, a aproximativa *e* e a subordinativa *que* são as que têm chegado ao máximo grau de abstração".

passados indicam que o *então* já foi mais freqüente como seqüenciador temporal (cf. Tavares, 1996), função mais concreta que não o condiciona favoravelmente na fala de Florianópolis. Isso vai ao encontro da hipótese da existência de um percurso em direção à maior abstratização: da seqüenciação temporal à seqüenciação textual e talvez adição, passando por funções intermediárias como introdução de efeito, finalização e retomada.

O quadro a seguir mostra nossa proposta de distribuição dos conectores e subfunções seqüenciadoras em estudo quanto a seu grau de gramaticalização:

**Quadro 21: Distribuição dos conectores e subfunções seqüenciadoras em estudo quanto ao grau de gramaticalização**

seqüenciador temporal	→	introdutor de efeito	→	finalizador	→	retomador	→	seqüenciador textual
<i>ai</i>		<i>dai - então</i>		<i>dai - então</i>		<i>então</i>		<i>e</i>

Esse estabelecimento de relações entre os indícios acerca dos passos do percurso de gramaticalização de *ai*, *dai*, *então* e *e* - ilustrados nos quadros 13, 14, 15, 16 e 17 - e os resultados acerca da influência das subfunções seqüenciadoras retroativo-propulsoras sobre o emprego dos conectores pode nos auxiliar a compreender os rumos de seu processo de gramaticalização. No entanto, salientamos que são necessárias outras investigações, analisando-se *corpora* mais variados, inclusive diacrônicos, a fim de esclarecermos mais detalhes a respeito desse processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguir, recuperamos de forma sintética os principais tópicos tratados nos capítulos anteriores e apontamos as contribuições que cremos terem sido alcançadas por esta pesquisa. Destacamos também questões que necessitam de um maior aprofundamento, sugerindo desdobramentos para trabalhos futuros.

No primeiro capítulo, descrevemos e ilustramos as várias funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* que mapeamos em nosso *corpus*, decidindo pelo estudo mais aprofundado de uma delas, a seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala. Em seguida, discutimos as definições e denominações que se têm atribuído a itens lingüísticos que desempenham a função de seqüenciação retroativo-propulsora, optando por considerá-los conectores, indiferentemente de seu nível de atuação ser oracional, textual ou interacional. Propomos a gramaticalização como processo responsável pela migração de *aí*, *daí*, *então* e *e* de empregos adverbiais para empregos gramaticais diversos e apontamos o uso variável de dois ou mais desses itens em mais de um ponto do percurso de gramaticalização.

No segundo capítulo, apresentamos o quadro teórico em que se insere esta pesquisa, que combina pressupostos do Funcionalismo Lingüístico e da Teoria da Variação para estudar o fenômeno de mudança por gramaticalização e discursivização de *aí*, *daí*, *então* e *e* e seu uso variável quando codificadores da função de seqüenciação retroativo-propulsora. Na seqüência, discutimos a questão do significado dos conectores e, a partir disso, estabelecemos critérios para a delimitação das variantes, eliminando da amostra dados ambíguos. Comentamos características do *corpus* e do programa estatístico que utilizamos para a execução deste trabalho.

Depois, analisamos os resultados fornecidos pelo programa estatístico, destacando possibilidades de especializações de cada uma das formas sob enfoque para contextos sociolingüísticos específicos. Aventamos a possibilidade de mudança em andamento, no sentido das formas mais recentes no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora virem a substituir as formas mais antigas. No quinto capítulo, organizamos as múltiplas funções de *aí*, *daí*, *então* e *e* que encontramos em nosso *corpus* em diferentes etapas dos percursos de gramaticalização e discursivização, refletindo sobre qual função poderia ser a fonte de qual, de acordo com a escala 'espaço → (tempo) → texto' e o critério de abstratização crescente entre as funções.



As contribuições que julgamos de maior relevância por parte deste trabalho são:

- \* O destaque dado para as dificuldades de diferenciação entre as múltiplas funções de *aí*, *daí*, *então* e *e*, que manifestam interrelações fluidas, havendo inclusive diversos casos de empregos das formas em estudo ambíguos entre uma e outra das funções. É possível que essa ambigüidade seja consequência da trajetória de gramaticalização seguida pelas formas, em que a passagem de um uso a outro não ocorre de forma abrupta, mas sim gradual. Daí advém a impossibilidade de estabelecerem-se classes de palavras fechadas. A dificuldade de diferenciação também esteve presente no caso da classificação dos conectores entre oracionais, textuais e interacionais, com diversos usos entre um e outro desses níveis de articulação textual.
- \* A reflexão sobre as possibilidades de definição e denominação dos itens seqüenciadores retroativo-propulsores. São marcadores discursivos? São conectores? São conjunções? Optamos por considerá-los conectores, tanto oracionais, quanto textuais e interacionais, mas outras soluções poderiam ser propostas.
- \* O recorte de um ponto do percurso de gramaticalização individual de *aí*, *daí*, *então* e *e*, o da seqüenciação retroativo-propulsora, para a realização de um estudo variacionista envolvendo as quatro formas. A variável que analisamos representa um dos passos da trajetória de mudanças por que passam *aí*, *daí*, *então* e *e*, e mantém relações fluidas com os empregos que a originaram e os empregos que dela advieram, do que resultou que usos situados entre a seqüenciação e empregos anteriores ou posteriores das formas tiveram de ser descartados por meio de critérios cuidadosos, quando da seleção das variantes.
- \* O estabelecimento da função de seqüenciação retroativo-propulsora como variável, englobando cinco subfunções seqüenciadoras: a seqüenciação temporal, a introdução de efeito, a finalização, a seqüenciação textual e a retomada. Tomar como variável uma função maior, envelopante de subfunções de naturezas semelhantes, foi a forma encontrada para dar conta dos usos ambíguos entre uma e outra das subfunções e da fluidez existente entre estas.
- \* A proposta de restrições, como traços de significado (seqüencialidade, continuidade e consonância), presença de marca formal e posição, além de substituição, para a delimitação das variantes de uma função complexa, de natureza sintático-semântico-discursiva, a seqüenciação retroativo-propulsora. O terreno da interface sintaxe-semântica-discurso é bastante incerto e escorregadio. Entretanto, com o rigor no controle da variável dependente e das variáveis independentes, por meio de critérios objetivos, mostramos ser possível lidar com variação envolvendo fenômenos situados nesse terreno complexo. A margem razoável de confiança nos resultados

possibilitada por esse controle rigoroso, presente em todas as etapas do trabalho, permitiu-nos chegar a conclusões e interpretações melhor fundamentadas.

- ✱ O descarte de contextos em que o uso dos seqüenciadores seria possível, mas não ocorreu. As motivações para esse descarte foram a quantidade excessiva de dados a serem acrescentados na análise, extremamente difíceis de serem delimitados, pois são inúmeros os contextos de uso possíveis para os seqüenciadores. Optamos por trabalhar somente com marcas, portadoras do significado retroativo-propulsor. Consideramos todas as marcas seqüenciadoras que encontramos, com exceção do *depois*, do qual havia poucos dados. Estudos variacionistas envolvendo formas seqüenciadoras costumam envolver apenas duas delas, por exemplo, *aí* e *e*, e considerar os contextos desprovidos de marcas. Nesse sentido, nosso trabalho parece ser inovador.
- ✱ A obtenção de evidências de que o fenômeno investigado é um fenômeno de variação lingüística, condicionado por fatores de natureza lingüística e social.
- ✱ A discussão das possibilidades de solução para a variação entre *aí*, *daí*, *então* e *e*: especialização de cada forma para diferentes contextos ou uso de um dos conectores para cobrir o maior número de funções, talvez levando ao desaparecimento dos outros conectores. Essas possibilidades ressaltam as relações entre gramaticalização e variação: a solução da variação pode representar mais um passo na trajetória de gramaticalização das formas.
- ✱ Os resultados acerca da influência do fator idade trazem indícios de mudança em andamento. *Daí* é mais empregado por indivíduos de 15 a 24 anos, *aí* por indivíduos de 15 a 24 e de 25 a 49 anos, *então* por indivíduos de 25 a 49 e mais de 50 anos e *e* por indivíduos com mais de 50 anos de idade. Podemos interpretar essas preferências de uso como indícios de mudança em direção ao predomínio de formas seqüenciadoras por hipótese mais recentes, *daí* e *aí*, em detrimento das formas mais antigas, *então* e *e*.
- ✱ A reflexão sobre o princípio da marcação lingüística, que serviu de base para hipóteses acerca da influência de vários dos grupos de fatores lingüísticos sobre o emprego de *aí*, *daí*, *então* e *e*, permitindo-nos correlacionar tais fatores à proposta de marcação escalar das formas em questão, que destaca o *e* como seqüenciador menos marcado e o *então* como seqüenciador mais marcado. Nossos resultados apontam para as relações entre marcação e gramaticalização, no sentido em que a marcação é um fenômeno relativo, isto é, o rótulo de mais ou menos marcado atribuído a um item lingüístico pode mudar à medida que esse item lingüístico movimenta-se em seu percurso de gramaticalização, adquirindo funções diversas e especializando-se para determinados contextos.

- \* A busca de pistas acerca do desenrolar dos percursos de gramaticalização e discursivização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, mostrando a possibilidade de encontrar pistas sincrônicas, através da observação dos traços de significado em comum entre as funções desempenhadas pelas formas - por exemplo, o traço de “apontar para” - e das relações de abstratização crescente entre essas funções.
- \* A complementação entre a análise dos passos dos percursos de gramaticalização e discursivização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, levada a cabo no quinto capítulo, e a análise variacionista desses itens na codificação da seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala, realizada no quarto capítulo. A primeira permitiu-nos situar nosso fenômeno de estudo, a seqüenciação retroativo-propulsora, na linha geral de seu percurso de desenvolvimento: surgiu de usos anafóricos temporais e pode resultar em usos como conexão adversativa, conexão aditiva e preenchimento de pausa. Já a análise variacionista quantitativa trouxe o detalhamento das semelhanças e diferenças relativamente às preferências contextuais das formas sob investigação no desempenho da seqüenciação retroativo-propulsora, apontando para possíveis especializações. Investigando os percursos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, observamos pontos em comum entre as funções desempenhadas por eles, mas não nos detemos em minúcias do uso de cada forma em cada função, o que fizemos a partir do estudo variacionista.

Há algumas questões que necessitam de maiores aprofundamentos, o que pode resultar em novos estudos. Por exemplo:

- ☆ Realizar uma análise comparativa entre os resultados que obtivemos neste estudo e resultados obtidos em outras regiões do país para o fenômeno de variação na função de seqüenciação retroativo-propulsora de informações na fala.
- ☆ Averiguar a hipótese de mudança em andamento, pelo controle de novas faixas etárias, em especial uma faixa de crianças, esperando *aí* um grande uso de *aí* e *daí*, as formas mais inovadoras.
- ☆ Estudar os percursos de gramaticalização de *aí*, *daí*, *então* e *e* a partir de dados diacrônicos, para a obtenção de indícios confirmadores ou não dos passos das trajetórias de gramaticalização e discursivização que propusemos através da análise dos usos sincrônicos. Os dados diacrônicos também podem auxiliar a verificar quando ocorre o início do fenômeno de variação entre as formas seqüenciadoras, bem como auxiliar na identificação das relações de precedência temporal entre essas formas: *aí* e *daí* devem ser as mais recentes e *então* e *e* as mais antigas.
- ☆ Utilizar outros *corpora* de fala sincrônicos, pertencentes ao Banco de Dados VARSUL ou a outros bancos, e também *corpora* de natureza diferente do considerado para este trabalho, por exemplo, de conversação, de fala mais

formal, etc, com a intenção de mapear outros usos de *aí*, *daí*, *então* e *e* além dos encontramos por nós e de investigar com mais detalhe a questão da especialização desses itens lingüísticos em diferentes contextos sociolingüísticos. Um *corpus* mais voltado para a conversação também permitiria o aprofundamento do estudo dos conectores interacionais, pouco recorrentes em nosso *corpus*.

- ☆ Verificar como se dá a variação na função de seqüenciação retroativo-propulsora na escrita, modalidade em que o uso de *aí* e *daí* deve ser pouco recorrente, por serem possivelmente formas mais recentes (além de serem por vezes estigmatizadas), e em que pode haver o uso de outras formas seqüenciadoras.
- ☆ Aprofundar estudos dos processo de gramaticalização e discursivização de *aí*, *daí*, *então* e *e*, em especial a discursivização, que tratamos aqui de modo superficial. Também é interessante estudar com mais vigor a origem das expressões diversas constituídas por *aí* e *e* junto a outros vocábulos e os usos fáticos e anafóricos de *aí*, *daí* e *então*.
- ☆ Mencionamos no decorrer do trabalho que a variação entre *aí*, *daí*, *então* e *e* pode acontecer também em outros pontos de seus percursos de gramaticalização e discursivização, além da seqüenciação retroativo-propulsora. Esses pontos também podem ser recortados a fim de sofrerem tratamento variacionista.
- ☆ Outros estudos variacionistas envolvendo funções do plano da conexão textual podem ser realizados. Como exemplo, citamos a função adversativa.

Enfim, há muito a fazer, em um terreno pouco trilhado e bastante rico para a realização de pesquisas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. T. V. (1992) *Elementos conjuntivos: sua variação em narrativas orais e escritas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, UFRJ, mimeo.
- BARRETO, T. M. M. (1992) *Conjunções: aspectos de sua constituição e funcionamento na história do português*. Dissertação de mestrado. Salvador, UFBA, mimeo.
- BECHARA, E. (s/d) *Moderna gramática portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Nacional.
- BENTIVOGLIO, P. (1987) A variação nos estudos sintáticos. *Estudos Lingüísticos XIV. Anais do Seminário do GEL*. Campinas, UNICAMP.
- BRAGA, M. L. (1991) Os condicionamentos discursivos. In: MOLLICA, M. C. (org.).
- BYBEE, J. et alii. (1994) *The evolution of grammar*. Chicago: The University of Chicago Press.
- CAMACHO, R. G. & PEZATTI, E. G. (1998) Repetição e coordenação. In: *D.E.L.T.A.* Vol. 14, nº Especial.
- CASTILHO, A. T. & BASÍLIO, M. (orgs.) (1996) *Gramática do português falado*. Vol. IV. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP.
- CASTILHO, A. T. (1997) A gramaticalização. *Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, UFBA.
- CEGALLA, D. P. (1977) *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*. 17ª ed. São Paulo: Nacional.
- CEDERGREN, H. J. (1983) *Sociolingüística*. En H. López Morales (ed.).
- COMRIE, B. (1981) *Aspect*. Great Britain: Cambridge University Press.
- CRAIG, C. (1991) Ways to go in Rama: a case study in polygrammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.).
- CUNHA, C. F. da. (1994) *Gramática da Língua Portuguesa*. 12ª ed. Rio de Janeiro: MEC-FAE.
- DIK, S. (1968) *Coordination*. Amsterdam: North-Holland.
- DU BOIS, J. (1984) *Competing motivations*. UCLA, mimeo.

- FILLMORE, C. & LANGENDOEN, D. T. (eds.) (1971) *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- FISCHER, J. L. (1958) Social influences on the choice of a linguistic variant. *Word* n° 14.
- GIVÓN, T. (1979) From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: GIVÓN, T. (ed.).
- \_\_\_\_\_ (ed.) (1979) *Syntax and semantics, Vol. 12: discourse and syntax*. New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_ (1984) *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol 1. Amsterdam: J. Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1993a) *English grammar: a functional based introduction*. Vol. I. Philadelphia: J. Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1993b) *English grammar: a functional based introduction*. Vol. II. Philadelphia: J. Benjamins.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Functionalism and grammar*. Philadelphia: J. Benjamins.
- GÖRSKI, E. M. (1994) *O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita*. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutorado.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, H. (1976) *Cohesion in English*. London: Longman.
- HEINE, B & REH, M. (1984) *Grammaticalization and reanalysis in African languages*. Hamburg: Helmut Buske.
- HEINE, B. et alii. (1991a) *Grammaticalization: a conception framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- \_\_\_\_\_ (1991b) From cognition to grammar: Evidence from African languages. In TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.).
- HOPPER, P. (1987) Emergent grammar. *Berkeley Linguistic Society, Papers of the Thirteenth Annual Meeting*.
- \_\_\_\_\_ (1991) On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.).
- HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. (1993) *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.

- ILARI, R. (org.) (1993) *Gramática do português falado*. Vol. II. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP.
- KOCH, I. G. V. (1992) *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto.
- \_\_\_\_\_ (org.) (1995) *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. nº 28. Campinas.
- \_\_\_\_\_ (org.) (1996) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. da UNICAMP/FAPESP.
- KOCH, I. G. V. & BARROS, K. S. M. (orgs.) (1997) *Tópicos em Lingüística de Texto e Análise da Conversação*. Natal: EDUFRN.
- JUBRAN, C. C. A. S. & URBANO, H. (1993) Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.).
- LABOV, W. (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- \_\_\_\_\_ (1978) Where does the linguistic variable stop? A response to B. Lavandera. *Sociolinguistic Working Paper*, 44.
- \_\_\_\_\_ (1994) *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell.
- LAGE, N. (1997) The computability of some portuguese verbs. *Working Papers em Lingüística*, nº 1, jul./dez. Florianópolis, CPGLL, UFSC.
- LAKOFF, R. (1971) If's, and's and but's about conjunction. In: FILLMORE, C. & LANGENDOEN, D. T. (eds.).
- LAVANDERA, B. (1978) Where does the sociolinguistic variable stop? *Language Society*, 7, Great Britan.
- LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.) (1968) *Directions in Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press.
- \_\_\_\_\_ (eds.) (1982) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: Benjamins.
- LICHTENBERCK, F. (1991) On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.).
- MACEDO, A. T. et alii (orgs.) (1996) *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MARCUSCHI, L. M. (1997) "A dêixis discursiva como estratégia de monitoração cognitiva". In: KOCH, I. G. V. & BARROS, K. S. M. (orgs.).

- MARTELOTTA, M. E. T. (1994) *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo.
- MARTELOTTA, M. E. T. (1996) Gramaticalização em operadores argumentativos. In: MARTELOTTA, M. E. T. et alii (orgs.).
- MARTELOTTA, M. E. T. et alii. (orgs.) (1996) *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MEILLET, A. (1912) L'évolution des formes grammaticales. *Scientia* 12, nº 26, 6. Reimpresso em MEILLET, A. (1958) *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris. Champion.
- MOLLICA, M. C. (org.) (1991) *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, UFRJ.
- NARO, A. J. (1996) Variação e funcionalidade. *I Encontro de Variação Lingüística do Cone-Sul*. Porto Alegre, inédito.
- NEVES, M. H. de M. (1997) *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- OLIVEIRA, M. A. (1987) Variação lingüística: conceituação, problemas de descrição gramatical e implicações para a construção de uma teoria gramatical. *D.E.L.T.A.* Vol. 3, nº 1.
- PAIVA, M. C. (1991a) Sexo. In: MOLLICA, M. C. (org.).
- \_\_\_\_ (1991b) *Ordenação das cláusulas causais: forma e função*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. Tese de doutorado.
- PAREDES da SILVA, V. L. (1991a) A relevância dos fatores internos. In: MOLLICA, M. C. (org.).
- \_\_\_\_ (1991b) Por trás das freqüências. *Organon*. Vol. 5, nº 18. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras.
- PEREIRA, E. C. (1923) *Grammatica Historica*. 4ª ed. São Paulo: Monteiro Lobato.
- PINTZUK, S. (1988) *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. mimeo.
- PRETI, D. (org) (1997) *Análise de textos orais*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLHC/USP.
- RISSE, M. S. (1996) O articulador discursivo "então." In: CASTILHO, A. T. & BASÍLIO, M. (orgs.).



- RISSE, M. S, SILVA, G. M. O. & URBANO, H. (1996) Marcadores discursivos: traços definidores. In KOCH, I. G. V. (org.).
- ROCHA LIMA, C. H. (1972) *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- RODRIGUES, A. (1995) Os níveis de atuação do MAS no discurso. In: KOCH, I. G. V. (org.).
- SACCONI, L. A. (1976) *Gramática em tempo de comunicação*. 4ª ed. São Paulo: Nacional.
- SAID ALI, M. (1969) *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8ª ed. São Paulo: Melhoramentos.
- SAVIOLI, F. P. (1980) *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática.
- SCHIFFRIN, D. (1987) *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SILVA, G. M. de O. & MACEDO, A. T. (1989) *Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais - V Relatório de Pesquisa: Projetos Mecanismos Funcionais de Uso Lingüístico*. Rio de Janeiro, UFRJ, mimeo.
- \_\_\_\_ (1992) *Os marcadores conversacionais em português*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- \_\_\_\_ (1996) *Análise sociolingüística de alguns maroadores conversacionais*. In: MACEDO, A. T. Et alii (orgs.).
- SILVA, G. M. de O, TARALLO, F. & BRAGA, M. L. (1996) Preenchimento discursivo em fronteiras sintáticas. In: CASTILHO, A. T. & BASÍLIO, M. (orgs.).
- SILVEIRA BUENO, F. da (1963) *Gramática normativa da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva.
- SWEETSER, E. (1980) *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects on semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TARALLO, F. (1985) *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática.
- TAVARES, M. A. (1996) *Então no túnel do tempo: um estudo das funções do então nos séculos XIV, XVI E XVIII*. Florianópolis, UFSC, mimeo.
- TAYLOR, J. (1989) *Linguistic categorization. Prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press.

- TRAUGOTT, E. C. (1982) From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatics aspects of grammaticalization. In: LEHMANN, W. P. & MALKIEL, Y. (eds.).
- TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (1991) (eds.) *Approaches to grammaticalization. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues.* Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins Publishing Company.
- TRAUGOTT, E. & KÖNING, E. (1991) The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.).
- TRAVAGLIA, L. C. (1981) *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão.* Uberlândia, Gráfica da UFU.
- URBANO, H. (1997) Marcadores Conversacionais. In: PRETI, D. (org.)
- VINCENT, D, VOTRE, S. & LAFOREST, M. (1993) Grammaticalisation et post-grammaticalisation. *Langues et Linguistique.* Québec: Université Laval, n° 19.
- WEINER, J. & LABOV, W. (1983) Constraints on the agentless passive. *Journal of Linguistics.*
- WEINREICH, U, LABOV, W. & HERZOG, M. (1968) Empirical foundations for a theory of linguistic change. In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds.)

# ANEXOS

## ANEXO 1

Divisão da entrevista FLP 18 em tópicos, subtópicos e segmentos tópicos:

Tópicos	Subtópicos	Segmentos tópicos
escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>• cursos feitos pelo informante</li> <li>☆ localização das escolas em que o informante estudou</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• primário</li> <li>• ginásio</li> <li>• colegial</li> <li>☆ localização do Grupo Escolar São José</li> <li>☆ localização do Grupo Escolar Dias Velho</li> <li>☆ localização do Instituto Estadual de Educação</li> </ul>
infância pobre	<ul style="list-style-type: none"> <li>• dificuldade para estudar</li> <li>☆ trabalho na infância</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• analfabetismo dos pais</li> <li>• esforço próprio para estudar</li> <li>☆ ida à padaria durante a madrugada</li> <li>☆ venda de salgados</li> <li>☆ dificuldade para chegar na escola no horário</li> </ul>
pai pescador	<ul style="list-style-type: none"> <li>• local de trabalho do pai</li> <li>☆ espera pela chegada do pai</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• trapiche</li> <li>• navios que atracavam</li> <li>• trabalho na lancha São Francisco</li> <li>☆ ida ao trapiche</li> <li>☆ pescaria</li> </ul>
Florianópolis antigamente	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o mar</li> <li>☆ a ponte Hercílio Luz</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• até onde ia o mar</li> <li>• Miramar</li> <li>• vento sul</li> <li>• aterramento</li> </ul>
viuvez da mãe	<ul style="list-style-type: none"> <li>• mãe obrigada a trabalhar</li> <li>☆ pensão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• um irmão cuidando os outros</li> <li>• quantos irmãos eram</li> <li>☆ salário mínimo de pescador</li> <li>☆ dificuldade de alimentação</li> </ul>
escola: ontem e hoje	<ul style="list-style-type: none"> <li>• facilidade de estudo hoje</li> <li>☆ merenda</li> <li>◇ professoras</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• tipos de escola de hoje</li> <li>• material escolar hoje</li> <li>• material escolar antigamente</li> <li>☆ dificuldades de hoje</li> <li>☆ melhor sabor da merenda de antigamente</li> <li>☆ louça em que era servida a merenda</li> <li>◇ professoras mais severas de antigamente</li> <li>◇ opinião dos pais sobre essa severidade</li> </ul>



	☆ nome da cidade	☆ origem do nome
		☆ quem foi Floriano Peixoto
		☆ a questão da mudança do nome hoje
namoro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• namoro antigamente</li> <li>☆ namoro do informante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• namoro dentro de casa</li> <li>• controle dos pais</li> <li>☆ relação do informante com os pais da namorada</li> <li>☆ o noivado</li> </ul>
controle dos pais sobre os filhos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• o pai do informante</li> <li>☆ o informante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• surras</li> <li>• reação às queixas dos vizinhos</li> <li>• proibição de possuir bola de futebol</li> <li>☆ educação mais liberal dos filhos</li> </ul>
divertimentos da infância	<ul style="list-style-type: none"> <li>• futebol</li> <li>☆ cinema</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• onde era jogado</li> <li>☆ localização dos cinemas</li> <li>☆ sessão das moças</li> <li>☆ gazejar aula para ir ao cinema</li> <li>☆ surra</li> </ul>
irmãs informante	do <ul style="list-style-type: none"> <li>• educação dada às irmãs</li> <li>☆ namoro das irmãs</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• as moças não apanhavam</li> <li>• tarefas de casa</li> <li>☆ proibição ao namoro pelo pai</li> <li>☆ namoro após a morte do pai</li> </ul>
brincadeiras infância	de <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Come on Boy</i></li> <li>☆ Queimada</li> <li>◇ estilingue</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• regras do jogo</li> <li>☆ regras do jogo</li> <li>☆ quem perdia</li> <li>◇ nomes dados ao estilingue</li> <li>◇ quando o informante quebrou a telha de um vizinho</li> </ul>
trabalho infância	na <ul style="list-style-type: none"> <li>• dificuldades da infância por causa do trabalho</li> <li>☆ trabalho dos filhos do informante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• acordar de madrugada</li> <li>• pouco divertimento</li> <li>☆ mais tempo dependentes do pai</li> <li>☆ independência conquistada a pouco tempo</li> </ul>
educação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• antigamente x hoje</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• educação rígida x educação liberal</li> <li>• o uso de "o senhor" x "tu" em referência aos pais</li> </ul>

## ANEXO 2

Abaixo, estão transcritos dois tópicos da entrevista FLP 18: "o mato do Seu D." e "Delegado A.", delimitados pelos símbolos { e }:

F: Ali o Hospital de Caridade atendia tudo a gente, né? E-

E: Hospital de Caridade é esse aqui do morro mesmo?

F: É esse aqui, esse aqui do morro, é. { E no lado do hospital aqui, que existia antigamente, existia ali [o]- [que o mato existia]- [o]- o mato do Seu D. Seu D. antigamente era o dono do Hospital de Caridade, então ele que mandava naquilo tudo ali, que era tudo matagal e-

E: É um médico?

F: Não, não. Era o dono ali. Era um dono, um que criou, né? da Irmandade ali naquela época. É, então chama-se- A gente chamava 'o mato do Seu D.', que era um mato que ninguém podia ir me caçar nada, que ele mandava [<de->]-

E: Era do lado do hospital?

F: É, no lado do hospital. Ele mandava prender a gente e tudo. Então ele andava só com espingarda. Ele largava o hospital e ia só pelo mato pra ver se tinha alguém ali caçando alguma coisa, que ele dava tiro! Não pra matar, mas pra assustar, né? Então a gente tinha um medo dele. Então- Né? A gente tinha um medo danado. } } Então na época também existia [um]- um delegado de polícia que foi famoso, chamado A. A. [era o homem que]- era o [último delegado]- único policial que tinha na cidade [que]- que comandava toda aqui Florianópolis. Então tinha a gente [medo]- medo dele. Hoje [ele]- até te falarem assim de história e tudo. Não existe mais, já morreu. Então eles chamavam: "Ó, vem o Delegado A." Então o Delegado A., ele pegava uma cinta. Ele não andava armado, mas era com uma cinta. Então ele pegava a gente, dava uma surra. Quem fosse pra cadeia, levava surra. É! Então não existia naquela época- Não existia assim, por exemplo, ladrões de alta peculiaridade, né? De criminoso não existia, não existia. A [<nota->]- A nossa penitenciária aqui, ela era assim: [existia]- ela era habitada, mas por poucos presos, né? Porque não tinha- Porque antigamente era uma cidade pacata. Não existiam assim pessoas de posse, pessoas ricas, onde podiam ser

roubadas, esse negócio todo aí. Então [<nota->]- A nossa penitenciária era vazia, né? E nós tínhamos esse Delegado A. que ele levava pra delegacia [só pra]- e dava uma surra e já mandava embora. Despachava na hora, imediatamente. Não mandava prender, nada. Então todo mundo tinha medo dele.

E: Ah, ele dava surra e mandava embora?

F: É, dava surra e mandava embora. Aí o pessoal já ficava com medo dele. Então [não era]- já não cometia outra, né? A- Por exemplo, não roubava ou não fazia outra façanha pra poder- Porque se pegasse, se ele botasse a mão, [era]- apanhava.

E: Tu chegaste a levar alguma surra?

F: Ah, não, aí era de cinta. Levava uma surra danada. Então o Coronel A. foi um coronel assim que fez uma limpa na cidade, sabe? Negócio [de]- de roubo (inint). Então tinha isso. Seu D. também que cuidava do mato aí. É, mas- } Então o Morro do Mocotó não existia, [é um]- era um mato cerrado, né? Como não existia a Laura Caminha Meira. Existiam umas casas e outras quando a gente morava lá. (FLP 18, L 806 a 881)